

Parábolas e Ensinos de Jesus



Cairbar Schutel




Cairbar Schutel

Nascido no dia 22 de setembro de 1868, na cidade do Rio de Janeiro, então sede da Corte Imperial do Brasil, tendo como pais Anthero de Souza Schutel e Rita Tavares Schutel. Sua desencarnação ocorreu em Matão, após breve enfermidade, no dia 30 de janeiro de 1938.

No Rio de Janeiro praticou em diversas farmácias e aos 17 anos se transferiu para o Estado de São Paulo, exercendo sua profissão em Piracicaba, Araraquara e Matão, a partir do ano de 1896. Foi o 1º Intendente de Matão, cargo hoje equivalente ao de Prefeito, a partir de 28 de março de 1899.

O Bandeirante do Espiritismo
– Católico romano por tradição, mas como essa religião não respondia às perguntas íntimas que Cairbar fazia com respeito aos constantes sonhos com seus falecidos pais, porque ele ficara órfão de ambos com menos de 10 anos de idade, passou a procurar informações sobre o assunto em outras fontes fora da Igreja. Nesse tempo residiam aqui em Matão seus amigos Calixto Prado e Quintiliano José Alves, que convidados por Cairbar Schutel, fizeram com ele sessões com o tripóide (tiptologia). Foi então que, reconhecendo que a vida continuava além do túmulo, estudou e abraçou o Espiritismo

PARÁBOLAS E
ENSINOS DE JESUS



Digitized by the Internet Archive
in 2023 with funding from
No Sponsor

SONIA, NOAN & FAMILIA.
"QUE DEUS ABENÇOE TODA VIDA
VOCÊS."

COM MUITA PAZ.
DE SEU IRMÃO

Paul

NEW YORK - 20 SET. 2000

PARÁBOLAS E ENSINOS DE JESUS

CAIRBAR SCHUTEL

PARÁBOLAS E ENSINOS DE JESUS

- 15ª edição – 5000 exemplares – janeiro/2000**
– Revisada e impressa no formato 14x21cm
– Planejamento gráfico: Equipe “O Clarim”
– Capa: Equipe “O Clarim” – (Montagem sobre o
pôr do sol na praia do Jacaré, Cabedelo, PB.)
Foto de A. Belvedere

Composto e Impresso:

Gráfica da Casa Editora O Clarim

(Propriedade do Centro Espírita “Amantes da Pobreza”).

Fone: (0XX16) 282-1066 – Fax: (0XX16) 282-1647

C.G.C. 52313780/0001-23 - Inscr. Est. 441002767116

Rua Rui Barbosa, 1070 - Cx. Postal, 09

CEP 15990-000 - Matão - SP

home page: <http://www.oclarim.com.br>

e-mail: oclarim@oclarim.com.br

PARÁBOLAS E ENSINOS DE JESUS

Dados para catalogação na editora

133.901

Schutel, Cairbar (22/09/1868 – 30/01/1938)

Parábolas e Ensinos de Jesus

1ª edição: janeiro de 1928

Matão/SP: Casa Editora "O Clarim"

416 páginas – 14 x 21 cm

ISBN 85-7357-006-7

CDD – 133.9

Índice para catálogo sistemático:

- | | |
|---------|---------------------|
| 133.9 | Espiritismo |
| 133.901 | Filosofia e Teoria |
| 133.91 | Mediunidade |
| 133.92 | Fenômenos Físicos |
| 133.93 | Fenômenos Psíquicos |

Impresso no Brasil

Presita en Brazilo

Agradecimentos:

A Editora agradece a valiosa colaboração que nos permitiu a reedição revisada desta obra:

Prof^a Regina Tamanaha – Revisão ortográfica a partir da 13^a edição.

E aos nossos funcionários.

Casa Editora O Clarim
— Janeiro do ano 2000 —

A MEUS GUIAS E PROTETORES ESPIRITUAIS

Como poderia eu escrever
os ditames contidos nesta obra,
sem o vosso paternal auxílio?
Aceitai, como uma homenagem
de amor que me ensinastes
a cultivar, os meus melhores
préstimos ao vosso labor.

Cairbar

**Preito de sincera amizade
e gratidão ao meu bom companheiro
LUIZ CARLOS DE OLIVEIRA BORGES**

**e sua digna esposa
MARIA ELIZA DE OLIVEIRA BORGES**

Cairbar Schutel, Matão, janeiro de 1928

ÍNDICE

Epístola a Jesus	17
Preâmbulo	19

Primeira parte **PARÁBOLAS DE JESUS**

As Parábolas e a sua interpretação	29
Parábola do Semeador	33
Parábola do Joio	36
Parábola do Grão de Mostarda	38
Parábola do Fermento	40
Parábola do Tesouro Escondido	41
Parábola da Pérola	43
Parábola da Rede	45
Parábola da Ovelha Perdida	47
Parábola do Credor Incompassivo	49
Parábola dos Trabalhadores da Vinha	53
Parábola da Figueira Estéril	56
Parábola dos Dois Filhos	62
Parábola dos Lavradores Maus ou dos Rendeiros Infiéis	64
Parábola das Bodas	71
Parábola da Figueira em Vegetação	76
Parábola dos Servos Bons e Maus	78
Parábola das Virgens Prudentes e das Néscias	80
Parábolas dos Talentos e das Minas	85
Parábola da Semente	91
Parábola da Candeia	93
Parábola da Figueira que Secou	96
Parábola do Cego que Guia outro Cego	100
Parábola do Bom Samaritano	102
Parábola do Amigo Importuno	106
Parábola do Avarento	109
Parábola do Servo Vigilante	112
Parábola dos Primeiros Lugares	114

Parábola da Grande Ceia	117
Parábola da Dracma Perdida	120
Parábola do Filho Pródigo	122
Parábola do Administrador Infiel	128
Parábola do Rico e Lázaro	132
Parábola do Servo Trabalhador.....	143
Parábola do Juiz Iníquo.....	146
Parábola do Fariseu e do Publicano	148

Segunda parte

ENSINOS DE JESUS

Os Apóstolos	150
As Bem-Aventuranças – Um Trecho do Sermão do Monte ...	156
Pobres de Espírito e Espíritos Pobres	160
Mansidão e Irritabilidade	162
Resignação e Indiferença	164
Higiene do Coração	166
Luz Mortiça e Sal Insípido.....	168
Os Dois Testamentos e a Revogação da Lei.....	170
O Juramento	173
A Religião dos Homens e a Religião de Deus	175
A Vida na Terra e a Vida Eterna	179
As Duas Estradas e as Duas Portas.....	182
Os Dois Fundamentos	184
Jesus e o Centurião.....	187
As Duas Mortes	194
A Tempestade Acalmada	196
O Maior Profeta.....	198
O Espírito de Sistema e as Novas Verdades	200
O Sábado e o Templo	204
O Ensino da Religião	206
Jesus Anda Sobre o Mar – o Pedido de Pedro	209
A Tradição e o Mandamento.....	211
Exame das Religiões	214
O Fermento dos Fariseus e dos Saduceus	217
Imortalidade e Religião	221
Reencarnação ou Pluralidade das Existências Corpóreas	224
Pedra Rejeitada	228

Tríade Devastadora – Ai de Vós que Negligenciais os Preceitos da Lei!	234
Odres Novos – Vinho Novo – Odres Velhos – Panos Novos e Vestidos Velhos	237
A Fé e o Amor	240
A Transfiguração no Tabor	242
A Prova da Riqueza	244
Deveres Espíritas – O Grande Mandamento	246
Os Sinais dos Tempos	249
A Ceia Pascoal	256
O Precursor do Cristianismo	262
Maria de Magdala	272
Monogenia Diabólica	280
Explosão da Mediunidade	284
Salvação pela Fé	286
Provas da Imortalidade que Jesus Deu a Seus Discípulos	290
A Explosão de Pentecostes	294
O Verbo de Deus	298
O Batismo de Jesus e o Batismo das Igrejas	301
Ascensão Espiritual	312
Colóquio de Jesus com Nicodemos	317
Os Ensinos de Jesus à Mulher Samaritana	328
O Paralítico da Piscina	331
A Ressurreição – O Espírito – A Fé	339
O Pão da Terra e o Pão do Céu	347
Reconhecimento e Gratidão	349
A Palavra de Vida Eterna	353
Buscai a Verdade e a Liberdade	356
O Cego de Siloé	358
Vida e Destino	369
As Conversões na Hora da Morte	371
Nas Pegadas de Jesus	374
O Sermão do Cenáculo	380
Comunhão de Pensamento	384
Cruz e Cruzes	386
Cristianismo e Imortalidade	388
Demonstração da Imortalidade – A Pesca Maravilhosa	392
A Incredulidade e a Realidade do Espírito	395
O Apóstolo Paulo – O Brado da Imortalidade	397
A Ressurreição de Lázaro	401
Conclusão	409

EPÍSTOLA A JESUS

Mestre e Senhor:

Após longos anos de lutas e de esforços dedicados à difusão da tua palavra redentora, chegamos a realizar uma das nossas maiores aspirações – dar à publicidade esta despreziosa obra, que cremos encerrar os princípios doutrinários que motivaram a tua vinda a este mundo, e cujo único escopo é dar uma interpretação clara e sucinta da tua inigualável doutrina.

O tempo, esse grande iconoclasta que derrui monumentos e devasta metrópoles; que assiste ao ritmo cadenciado do camartelo do progresso, à sucessão das gerações e à transformação da mais sublimada ciência que ao homem foi dado conhecer, não teve, até agora, poder contra a tua doutrina sem mácula. Tudo tem passado nestes dois mil anos, na Terra quanto no Céu – mas a tua palavra brilha como um Sol sem ocaso, guiando as ovelhas tresmalhadas, os cordeiros perdidos do rebanho de Israel à porta do aprisco, para restituí-los ao bom pastor.

De década em década, as religiões, que não são de tua autoria, sentem diminuir o seu poder, ante os embates da verdade, que lhes estreita as veredas; as Ciências, de concepção humana, também vêem esboroar-se, no decorrer do tempo, os seus mais aprimorados dogmas; tudo tem passado como os ventos, as águas e as nuvens que se desvanecem, mas a tua palavra permanece, os teus ensinamentos tomam vulto, os teus feitos se rememoram, mesmo após séculos e séculos da tua estadia neste mundo.

E ainda, Senhor, o que mais admirável nos parece, é a difusão do *espírito* dessa doutrina, no seu monumental

complemento, erguendo a nossa Humanidade das regiões das trevas para as amenas paragens da luz da imortalidade!

Mas, todos esses fatos grandiosos, todo esse movimento acelerador do progresso humano constam dos teus vaticínios, estão previstos no teu Evangelho. Aquelas letras memoráveis com que teus discípulos traduziram o teu pensamento, a eles confiado para que o fizessem repercutir através dos séculos e das gerações, aí estão, gravadas nas páginas do Livro da Vida, escritas em todos os idiomas e reclamando a atenção de todos, porque, na verdade, chegaram os tempos de cumprir-se a tua palavra em toda a linha, auxiliada com todo o poder, pela manifestação categórica dos teus servidores.

Senhor, sabemos que, como prometeste, continuas entre nós, não em matéria corruptível, mas em Espírito vivificante, a selecionar as ovelhas do teu rebanho, deixando, à esquerda, as que parecem ovelhas, porém, mais não são que lobos devoradores. Sentimos a força da tua grandeza e o poder do teu amor inesgotável!

Precisamos continuar a receber os influxos das tuas graças, pois, sem eles, nada seremos.

Que o Espírito consolador, sob teus auspícios, se venha consubstanciar nas elucidações deste livro, para que ele produza os efeitos desejados.

Que a vida estenda seus horizontes àqueles que nos lerem, para que possam entrever seus destinos imortais. Ajuda-os a vencer os abismos, resguarda-os dos inimigos! Que a milícia apocalíptica, montada em alvos corcéis, os auxilie a abater barreiras, a vencer dificuldades, a destruir empecilhos, para que gozem do teu imaculado aconchego!

Recebe, Senhor e Mestre, o mais intenso tributo de gratidão e de amor.

Cairbar

PREÂMBULO

A luta entre o Espírito e a matéria, parece vir de tempos imemoriais.

Basta passar um relance de vistas na História para que nos convençamos das transformações sucessivas por que vem passando o nosso mundo, acionado sempre pelas potestades superiores, às quais está afeta a direção do nosso planeta.

E é justamente quando o jugo se torna mais pesado, quando o caráter se deprime, quando a materialidade invade e domina a família e a sociedade, que os seres invisíveis acentuam a sua ação, para ganharmos, na senda do progresso, o tempo perdido em vãos holocaustos, que só serviram para assinalar nosso atraso espiritual!

Foi numa época semelhante à nossa, em que a Humanidade havia descambado para o terreno acidentado do fanatismo, da superstição e do materialismo, que o Céu se fez ouvir pelo seu maior expoente, pelo seu mais lídimo representante.

Foi nessa época que se encarnou entre nós o grande Espírito que conhecemos por *Jesus Cristo*.

Enviado com determinada missão, o divino Messias, desde o seu nascimento, manifestou poderes superiores, que o exalçaram, – nos momentos de dúvidas e vacilações quanto à sua real grandeza, – aos olhos dos que o cercavam.

Todos esses fatos, tidos como miraculosos pela ignorância popular e pelo autoritarismo clerical, não eram mais do que provas objetivas dos atributos do Espírito, magnificamente sintetizadas no Filho do Homem.

As vozes dos augúrios, os cânticos, as revelações, as manifestações em sonhos, as materializações, as maravilhas

diversas, os fatos de ordem psíquica e extra-sensorial narrados nos Evangelhos, constituem o caráter positivo da religião de Jesus Cristo.

A palavra do Cristo, em todos os seus princípios e sancionada pelo Espírito, afirma a vida além-túmulo, a sobrevivência do Homem após a transição que chamamos *morte*.

É por este distintivo que ela se tornou querida e respeitada até mesmo dos negadores mais renitentes.

Não é o timbre moral da doutrina que faz os adversários curvarem a cerviz ante a palavra de Jesus, mas, sim, os fenômenos de ordem física e intelectual que reluzem nas páginas dos Evangelhos, fatos que, digamos de passagem, com maior ou menor intensidade, nunca deixaram de se produzir, desde tempos imemoriais até à época em que nos achamos.

Na verdade, que seria do Cristianismo sem as curas, sem as manifestações diversas, sem as aspirações? Não passaria de uma religião como as demais, cultuais, dogmáticas, especulativas. Que seria do Cristianismo sem o cântico dos Espíritos, anunciando aos pastores das cercanias de Belém, o nascimento do Menino Jesus; sem os sonhos proféticos de José; sem a transmutação da água em vinho nas bordas de Caná; sem a multiplicação dos pães e dos peixes; sem a dominação dos elementos no Mar da Galiléia; sem as aparições de Moisés e Elias no Tabor? Que seria do Cristianismo sem as manifestações físicas e consecutivas de Jesus por quarenta dias após a sua morte, sem a explosão do Pentecostes e as portentosas manifestações que se deram por intermédio dos apóstolos, segundo narram os *Atos*, desde a primeira à última página? Que seria do Cristianismo sem o resplendor do caminho de Damasco?

A religião não pode ser manifestação platônica a serviço dos cultos ou dos dogmas de qualquer igreja; não é monopólio de determinado povo ou raça; é um apelo à razão e ao sentimento, e conduz o Espírito a destinos ignotos, mas imortais.

A religião não se limita a um só mundo, a um só planeta; tem caráter universal, é muito mais do que os sacerdotes proclamam, muito mais do que as igrejas concebem! Está fora do tempo e do espaço, sem deixar, contudo, de abranger os mundos e sóis que se equilibram no éter. Para que tenha caráter eterno, precisa conter o infinito, sem a dependência da vontade humana e sem estar circunscrita a uma família, a um povo, a uma nação, a um mundo.

Uma religião que circunscreve a existência das almas a um mundo como o nosso, criadas ao nascer dos corpos e com o seu futuro fixado entre as alternativas de um Inferno perpétuo, e de um estado paradisíaco num Céu abstrato, não pode orientar aqueles que sentem o coração palpitar para a imortalidade, não pode ser verdadeira!

A verdadeira religião desperta altas aspirações e torna-se um liame entre as almas e Deus; por isso não pode deixar de ter caráter permanente, no tempo e fora do tempo, no espaço e fora do espaço!

Como explicar a permanência da religião nos reinos de Plutão, onde as almas, dissuadidas de toda a misericórdia, sem mais esperança de salvação, permanecem no sofrimento mais atroz, em meio a dores e lamentações, choros e gemidos?!

A religião, cuja insígnia é o amor, demonstra atributos divinos de bondade, de misericórdia, de sabedoria; portanto, não pode sancionar as concepções absurdas e ilusórias com que pretendem apresentá-la aqueles que se adstringem aos dogmas de concílios, às resoluções de uma maioria ocasional, cujos artigos de fé constituem a antítese da Revelação do Sinai, da Revelação Messiânica e da Revelação Espírita, exemplificando os ascendentes da verdade, livre de todas as obliterações humanas.

De fato, se nos dermos ao trabalho de recorrer à história religiosa dos povos em sua feição primitiva, quer se tratem dos povos do Oriente ou do Ocidente, nos convenceremos de que toda essa gente, que com o seu trabalho e sacrifício preparou o nosso mundo, para que nele se estabelecessem

grandes empresas e nobres cometimentos, vivia na religião natural, religião, alias, revelada em sua forma progressiva, como acontece nos demais ramos do saber humano, religião baseada na imortalidade, revestida de substanciosos fenômenos demonstrativos da sobrevivência, – num mundo além do nosso, – daqueles que aqui viveram e que pelo seu trabalho e sentimentos afetivos constituíram famílias, ou, ao menos, se acharam entrelaçados entre si por vínculos de amizade.

E é esse fato que se vem produzindo permanentemente, de geração em geração, e tem servido para alimentar nos corações, a fé no futuro, a confiança em nossos destinos promissores; é esse fato que abre clareiras à nossa esperança e impulsiona, embora lentamente, o princípio de fraternidade, que nos faz voltar as vistas para o incomensurável, para Deus!

Excluamos da História todos esses fenômenos supranormais e psíquicos, essas aparições e vozes, esses augúrios, essas manifestações variadas, e a religião desaparecerá, porque toda essa fenomenologia, estando dentro da Natureza e revelando-se sob o domínio da Lei Natural, é que dá o caráter divino à religião, sob cujos influxos se produzem os fatos – letras vivas, cartas escritas pelo dedo de Deus como todas as outras manifestações da criação, para que nos instruamos e nos engrandeçamos com as suas lições. Por isso disse sabiamente o filósofo; “A religião não se baseia unicamente na teoria, mas, sim, na História, na Filosofia, nos fatos”.

Os fatos são o “tudo” da Religião, como também da Ciência e da Filosofia. Que é a Ciência sem fatos? Como conceber a Química sem a reação probante dos seus princípios? A Física sem fenômenos de equilíbrio, atração, etc.? a Botânica sem as plantas? a Zoologia sem os animais? a Fisiologia sem o corpo humano? a Astronomia sem as estrelas, os planetas, os asteróides, os cometas?!

Assim também, como conceber a religião sem os fatos que lhe servem de arrimo, e que vêm demonstrar a existência e sobrevivência da alma, o seu progresso, a sua evolução contínua, os seus grandiosos surtos para a sabedoria e o amor?

Encarando, sob todos os aspectos, os fatos chamados *supranormais* – metafísicos e metapsíquicos – todos eles são outras tantas pedras fundamentais que sustentam o grande edifício a que chamamos *religião*.

Sejam quais forem os nomes com que os fatos se apresentem, em suas múltiplas modalidades, não deixam de ser *fenômenos*, efeitos cuja causa não pode ser outra senão a *alma*, princípio inteligente que (está fartamente provado) atua independentemente do corpo carnal.

E aí estão os estudos do magnetismo, do hipnotismo, do sonambulismo lúcido – provocados ou espontâneos – que falam bem alto, confirmando o que apenas era um vislumbre à nossa inteligência acanhada.

Cientificamente falando, não há um só fato de caráter inteligente que seja alheio ao domínio do Espírito, ou, em outros termos, que não possa ser explicado pelo Animismo ou pelo Espiritismo.

Mas não são só estes fatos positivos que vêm em apoio da nossa tese. Também as manifestações inteligentes, de qualquer natureza, ainda as que se apresentam como fenômenos mínimos, por exemplo, a sabedoria precoce das chamadas *crianças-prodígio*, denunciando a preexistência do Espírito, dão muito que pensar àqueles que já cogitam do motivo real das coisas e se esforçam por sondar os enigmas da psique.

Se penetrarmos, então, nesse labirinto das manifestações espíritas – aparições dos mortos, comunicações dos Espíritos – como resolver esses eternos problemas, esses enigmas, sem a religião da imortalidade, essa mensageira que nos vem guiar para vermos tudo como em verdade devemos ver, que nos esclarece com todas as suas vozes?

Repetimos o conceito do filósofo: “*Hipoteses nom fingo*” – não formulamos hipóteses, pois não se deve fazê-lo em matéria de religião.

Respingando nesta seara, sem dúvida a mais profícua de todas as que foram legadas à Humanidade, é de nosso dever aproveitar toda a substância que a mesma contém, para com

ela, saciar a fome de saber que devora os Espíritos, concorrendo para o cumprimento dos seus mais altos deveres.

Parece-nos que foi este o escopo de Jesus, o expoente máximo da verdade. Em todos os seus trabalhos, durante toda a sua vida, sem descanso, o seu ideal foi demonstrar a existência do Espírito e sua sobrevivência à desagregação corpórea. Não será o *Sermão do Monte* uma consequência da vida do além? Se a concepção da moral mais pura que os homens receberam nessa magistral peça oratória estivesse circunscrita ao espaço que vai do berço ao túmulo, ou se se restringisse às alternativas de: Mundo, Purgatório, Inferno, Paraíso, sua palavra seria vã, passaria como a flor da erva, como o vento que ruge e cessa!

Os gonzos das portas da morte não se podem abrir para a eterna condenação, mas, sim, para um incessante progresso e para uma visão mais clara do infinito!

E estas perspectivas se revelam através da transfiguração no Tabor, das aparições de Moisés e Elias, das Parábolas do Filho Pródigo, da Ovelha Perdida, da Dracma Perdida, enfim, do conjunto harmonioso dos seus ensinoss admiráveis, que giram sobre o eixo inquebrantável deste ditame exarado no Evangelho de João (XII, 50): “E sei que o mandamento de Deus é vida eterna”.

Vida eterna, unindo pais e filhos, parente a parente, amigo a amigo e facultando-nos os meios de aperfeiçoamento para a felicidade! Vida eterna desdobrando, às nossas vistas, os panoramas dos mundos terrestres e siderais, que teremos de percorrer para bem estudarmos os enigmas do Universo!

Vida eterna, como fator de felicidade sempre crescente, interminável!

E para demonstrar a ação permanente, o efeito ininterrupto que a sua doutrina teria de produzir nas almas, Jesus não limitou a sua tarefa, como sói acontecer a todos os missionários; a sua ação tornou-se ainda mais preponderante após a sua passagem para o mundo dos Espíritos, após essa mudança que chamamos *morte*.

Cada evangelista dedica um capítulo do seu livro às aparições e conversações de Jesus depois da morte, sendo que o evangelista João prende nossa atenção com dois longos capítulos sobre esse fato.

Paulo, um dos maiores gênios que a História menciona, em suas Epístolas insiste tenazmente sobre as aparições de Jesus, fato que, como ele próprio afirma, o converteu ao Cristianismo.

Nos *Atos dos Apóstolos* – o historiador Lucas, que também era médico, refere-se a todas as manifestações do divino Mestre, a começar da ascensão até as suas mais familiares aparições àqueles que o secundaram em sua missão de redimir a Humanidade, pela crença na vida vindoura, na existência da eternidade espiritual.

João Evangelista escreveu o seu Apocalipse sob a inspiração de Jesus, que lhe apareceu em sua forma gloriosa para selar com fatos o que os ultramontanos chamam *sobrenaturais* e os saduceus de todos os tempos negam sistematicamente, a puríssima doutrina que ele fundou.

A intenção predominante de Jesus, não cansemos de repeti-lo, foi libertar os homens do jugo do dogma e excluir dos corações o espírito da dúvida que obsidia os relutantes, os indecisos e os que não sabem donde vieram, quem são e para onde vão.

Inúmeras são as passagens em que Jesus exorta seus ouvintes a *seguirem-no para viverem eternamente, porque Deus é o Deus dos vivos e não dos mortos!*

Os fatos produzidos por Jesus ressuscitado é que dão valor à sua doutrina, combatida impiedosamente pela classe sacerdotal e os grandes da sua época.

A Doutrina de Jesus, oferecida a fanáticos e negadores, não lhes conseguiu curvar a cerviz nem abrandar o coração. Uns diziam que ele tinha o demônio; outros, que havia enlouquecido! Escarneciam-no, injuriavam-no, e, por fim, conseguiram assassiná-lo barbaramente, como quem exclui da sociedade um grande celerado.

Os instigadores do crime, coligados ao governo daquele tempo, chegaram a ponto de colocarem guardas no sepulcro para que, diziam eles, “os discípulos não roubassem o corpo de Jesus e dissessem depois que ele ressuscitara!”

Essas almas pequeninas, essas almas de barro, fizeram o possível para anular a idéia da imortalidade, que é a base da Doutrina do Cristo, e, dando-lhe a morte, julgaram ter conseguido seus intentos, no pressuposto de que a palavra do Mestre, sem ação permanente, não poderia subsistir! Mas a morte foi vencida, e não teve outro resultado senão demonstrar a vida! Havia mister da negação, da mentira, da descrença, do erro, para que a verdade se firmasse!

A ressurreição de Jesus é, por isso, o fato mais extraordinário da História. Sem ela, os discípulos, já dispersados, não se teriam juntado novamente para levar às nações, aos povos, à sociedade e à família, as novas vivificadoras da imortalidade, a certeza da vida eterna demonstrada por seu Mestre redivivo.

O sacrifício e a morte de Jesus eram a véspera do triunfo, da vitória do seu ideal, da sua religião.

Submetendo-se a todas as torturas, à sanha tigrina de seus terríveis inimigos, Jesus quis provar cabalmente, categoricamente, que não há potestades nem elementos capazes de destruir a vida, e que essa vida, que se manifesta temporariamente na Terra, tem prosseguimento além do túmulo; que a morte não é o fim do homem; que a inteligência, a vontade, a razão são invulneráveis à espada, ao veneno e ao canhão; que o sentimento e a vida individual não dependem das células orgânicas, pois estas não são mais que instrumentos de ação exterior!

Muitos missionários vieram à Terra, mas um só se conta que aliou a palavra aos fatos, os fenômenos conseqüentes e subseqüentes da vida eterna aos princípios da moral mais pura,

CAIRBAR SCHUTEL

mais tocante, mais elevada, e, ao mesmo tempo, mais simples que se pode conceber.

A Doutrina de Jesus, por isso mesmo, é a sanção do amor em sua mais ampla expressão; do progresso moral e espiritual; da imortalidade da alma; da vida eterna que ele não se cansava de anunciar, quer antes, quer depois de seus mais encarniçados inimigos lhe terem dado a morte acintosa na cruz.

Publicando este livro, cujos ensinios provêm das nossas relações com os espíritos que dirigem o movimento Espírita, que se opera no mundo todo, temos por escopo esclarecer os homens de boa vontade, indicando-lhes a senda do Cristianismo, até agora conspurcado e vilipendiado por aqueles que se constituíram seus emissários e únicos representantes na Terra.

Oxalá que os Espíritos ávidos de luz e de verdade possam encontrar nestas páginas a esperança que consola, a caridade que ampara e a fé que salva.

Primeira parte

AS PARÁBOLAS E A SUA INTERPRETAÇÃO

Na acepção geral do termo, *parábola* é uma narrativa que tem por fim transmitir verdades indispensáveis de serem compreendidas.

As parábolas dos Evangelhos são alegorias que contêm preceitos de moral.

O emprego contínuo, que durante o seu ministério Jesus fez das parábolas, tinha por fim esclarecer melhor seus ensinamentos, mediante comparações do que pretendia dizer com o que ocorre na vida comum e com os interesses terrenos. Sugeriu, assim o Mestre, figuras e quadros das ocorrências cotidianas, para facilitar mais aos seus discípulos, por esse método comparativo, a compreensão das coisas espirituais.

Aos que o ouviam ansiosamente, procurando compreender seus discursos, a parábola tornava-se-lhes excelente meio elucidativo dos temas e das dissertações do grande pregador.

Mas os que não buscavam na parábola a figura que compara, a alegoria que representa a idéia espiritual, e se prendiam à forma, desprezando o fundo, para estes a doutrina nem sequer aparecia, mas conservava-se oculta, como a noz dentro da casca.

Daí a resposta de Jesus aos discípulos que lhe inquiriram a razão dele falar por parábolas: “Porque a vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, mas a eles não lhes é isso dado. Pois ao que tem, dar-se-lhe-á e terá em abundância; mas ao que não tem, até aquilo que tem ser-lhe-á tirado”.

“Por isso lhes falo por parábolas, porque vendo não vêem; e ouvindo não ouvem, e nem entendem. E neles se está cumprindo a profecia de Isaías, que diz: Certamente ouvireis, e de nenhum modo entenderéis. Porque o coração deste povo se faz pesado, e os seus ouvidos se fizeram tardos, e eles fecharam os olhos; para não suceder que vendo com os olhos e ouvindo com os ouvidos, entendam no coração e se convertam e eu os cure”.

Pelo trecho se observa claramente que os fariseus e a maioria dos judeus, em ouvindo a exposição da parábola, só viam a figura alegórica que lhes era mostrada, assim como, quem não quebra a noz, só lhe vê a casca.

Ao passo que com seus discípulos não acontecia a mesma coisa; eles viam e ouviam o ensino, o sentido espiritual que permanece para sempre; não se prendiam à figura ou à palavra sonora, que se extingue e desvanece.

De modo que os fariseus ouviam, mas não ouviam; viam, mas não viam (*); porque uma coisa é ver e ouvir com os olhos e ouvidos do corpo, e outra coisa é ver e ouvir com os olhos e ouvidos do Espírito.

A condição que Jesus expõe, como sendo indispensável “para nos ser dado e possuirmos em abundância” é, como diz o texto, de “nós termos” – Mas “termos” o que? Certamente algum princípio doutrinário unido à boa vontade para recebermos a verdade – “Àquele que tem ser-lhe-á dado e terá em abundância”.

E o obstáculo à recepção da sua doutrina é o indivíduo “não ter” – não ter a mais ligeira iniciação espiritual e não ter boa vontade para receber a Nova da Salvação.

De modo que a parábola evangélica é uma instrução alegórica, exposta sempre com um fim moral, como um meio fácil de fazer compreender uma lição espiritual. É, pelo menos, a opinião do evangelista Mateus quando diz: “Todas estas coisas falou Jesus ao povo em parábolas, e nada lhes falava sem parábolas; para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Abrirei em parábolas a minha boca, e publicarei coisas escondidas desde a criação”. (Mateus, XIII, 34-35).

Finalmente, as parábolas têm pouca importância para os que as tomam como foram escritas; demais, o sentido nunca deve ser desnaturado ou transviado, sob pena de prejudicar a idéia cristã. Por exemplo, ao que vê na parábola do “tesouro escondido” um meio de enriquecer materialmente, ou na parábola do “administrador infiel” uma lição de infidelidade, lhe será preferível fechar os Evangelhos e continuar a tratar de seus negócios materiais.

A inteligência dos Evangelhos explica perfeitamente a interpretação espiritual que Jesus dá aos seus ensinamentos. Se os Evangelhos fossem um amontoado de alegorias sem significação espiritual, nenhum valor teriam.

(*) Em outros termos: ouviam, mas não escutavam; viam, mas não enxergavam.

PARÁBOLA DO SEMEADOR

Afluindo uma grande multidão e vindo ter com ele gente de todas as cidades, disse Jesus em parábola:

“Saiu o sementeiro para semear a sua semente. E quando semeava, uma parte caiu à beira do caminho; foi pisada, e as aves do Céu a comeram. Outra caiu sobre a pedra; e tendo crescido, secou, porque não havia umidade. Outra caiu no meio dos espinhos; e com ela cresceram os espinhos, e sufocaram-na. E outra caiu na boa terra, e, tendo crescido, deu fruto a cento por um. Dizendo isto clamou: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

Os seus discípulos perguntaram-lhe o que significava esta parábola. Respondeu-lhe Jesus: A vós vos é dado conhecer os mistérios do Reino de Deus, mas aos outros se lhes fala em parábolas, para que vendo não vejam; e ouvindo não entendam”.

O sentido da parábola é este:

“A semente é a palavra de Deus. Os que estão à beira do caminho são os que têm ouvido; então vem o diabo e tira a palavra dos seus corações, para que não suceda que, crendo, sejam salvos. Os que estão sobre a pedra são os que, depois de ouvirem, recebem a palavra com gozo; estes não tem raiz e crêem por algum tempo, mas na hora da provação voltam atrás. A parte que caiu entre os espinhos, estes são os que ouviram, e, indo seu caminho, são sufocados pelos cuidados, riquezas e deleites da vida e o seu fruto não amadurece. E a que caiu na boa terra, estes são os que, tendo ouvido a palavra com coração reto e bom, a retêm e dão frutos com perseverança”.

(Mateus, XIII, 1-9 – Marcos, IV, 1-9 – Lucas, VIII, 4-15.)

A Parábola do Semeador é a parábola das parábolas: sintetiza os caracteres predominantes em todas as almas, ao mesmo tempo que nos ensina a distingui-las pela boa ou má vontade com que recebem as novas espirituais.

Pelo enredo do discurso vemos aqueles que, em face da palavra de Deus, são “beiras de caminho” onde passam todas as idéias grandiosas como gentes nas estradas, sem gravarem nenhuma delas; são “pedras” impenetráveis às novas idéias, aos conhecimentos liberais; são “espinhos” que sufocam o crescimento de todas as verdade, como essas plantas espinhosas que estiolam e matam os vegetais que tentam crescer nas suas proximidades.

Mas se assim acontece para o comum dos homens, como para a grande parte terra improdutiva, que faz parte do nosso mundo, também se distingue, dentre todos, uma plêiade de espíritos de boa vontade, que ouvem a palavra de Deus, põe-na por obra, e dessa semente bendita resulta tão grande produção que se pode contar a “cento por uma”.

De maneira que a “semente” é a palavra de Deus, a lei do amor que abrange a Religião e a Ciência, a Filosofia e a Moral, inclusive os “profetas” e se resume no ditame cristão: “Adora a Deus e faz o bem até aos teus próprios inimigos.”

A palavra de Deus, a “semente”, é uma só, quer dizer, é sempre a mesma que tem sido apregoada em toda parte, desde que o homem se achou em condições de recebê-la. E se ela não atua com a mesma eficácia em todos, deriva esse fato da variedade e da desigualdade de Espíritos que existem na Terra; uns mais adiantados, outros mais atrasados; uns propensos ao bem, à caridade, à liberalidade, à fraternidade; outros propensos ao mal, ao egoísmo, ao orgulho, apegados aos bens terrenos, às diversões passageiras.

A terra que recebe as sementes, representa o estado intelectual e moral de cada um: “beira do caminho, pedregal, espinhal e terra boa”.

Acresce ainda que nem todos os pregoeiros da palavra a apregoam tal como ela é, em sua simplicidade e despida de

formas enganosas. Uns revestem-na de tantos mistérios, de tantos dogmas, de tanta retórica; ornem-na com tantas flores que, embora a “palavra permaneça”, fica obscurecida, enclausurada na forma, sem que se lhe possa ver o fundo, o âmago, a essência!

Muitos a pregam por interesse, como o “mercenário que semeia”; outros por vanglória, e, grande parte, por egoísmo.

Nestes casos não dissipam as trevas, mas aumentam-nas; não abrandam corações, mas endurecem-nos; não anunciam a palavra, mas dela fazem um instrumento para receber ouro ou glórias.

Para pregar e ouvir a palavra, é preciso que não a rebaixemos, mas a coloquemos acima de nós mesmos; porque aquele que despreza a palavra, anunciando-a ou ouvindo-a, despreza o seu instituidor, e como disse ele: “Quem me despreza e não recebe as minhas palavras, tem quem o julgue; a palavra que falei, esta o julgará no último dia: *Sermo, quem locutus sum, ille judicabit eum in novissimo dia*”. (João, XII, 48.)

Que belíssimo quadro apresenta-se às nossas vistas, quando, animados pelo sentimento do bem e da nossa própria instrução espiritual, lemos, com atenção, a Parábola do Semeador! À nossa frente desdobra-se vasto campo, onde aparece a extraordinária figura do excelso semeador, o maior exemplificador do amor de todas as idades, e aquele monumental sermão ressoa aos nossos ouvidos, convidando-nos à prática das virtudes ativas, para o gozo das bem-aventuranças eternas!

O Espiritismo, Filosofia, Ciência, Religião, independente de todo e qualquer sectarismo, é a doutrina que melhor nos põe a par de todos esses ditames, porque, ao lado dos salutares ensinamentos, faz realçar a sobrevivência humana, base inamovível da crença real que aperfeiçoa, corrige e felicita!

Que os seus adeptos, compenetrados dos deveres que assumiram, semelhantes ao semeador, levem a todos os lares e plantem em todos os corações, a semente da fé que salva, erguendo bem alto essa luz do Evangelho, escondida sob o alqueire dos dogmas e dos falsos ensinamentos que tanto têm prejudicado a Humanidade!

PARÁBOLA DO JOIO

“O Reino dos Céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo. Mas enquanto os homens dormiam, veio um inimigo dele, semeou joio no meio do trigo e retirou-se. Porém, quando a erva cresceu e deu fruto, então apareceu também o joio. Chegando os servos do dono do campo, disseram-lhe: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Pois donde vem o joio? Respondeu-lhes: Homem inimigo é quem fez isso. Os servos continuaram: Queres, então, que vamos arrancá-lo? Não, respondeu ele; para que não suceda, que, tirando o joio, arranqueis juntamente com ele também o trigo. Deixai crescer ambos juntos até a ceifa; e no tempo da ceifa direi aos ceifeiros: ajuntai primeiro o joio e atai-o em feixes para os queimar, mas recolhei o trigo no meu celeiro”.

(Mateus, XIII; 24-30)

O homem tem sido, em todos os tempos, o eterno inimigo da verdade.

A todos os jactos da sua luz, opõe uma sombra para obscurecê-la ou desnatura-la.

O joio está para o trigo, assim como o juízo humano está para as manifestações superiores.

Uma doutrina, por mais clara e pura que seja, no mesmo momento em que é concedida ao homem, suscita inimigos que a trucidam, interesseiros e interessados em manter a ignorância que a desvirtuam, revestindo-a de falsas interpretações e desnaturando completamente sua essência puríssima! São como o joio, que amesquinha, transforma, envenena e até mata o trigo!

A Doutrina de Jesus, embora de nitidez incomparável, de lógica e clareza sem igual, não podia deixar de sofrer essa malsinada “transubstanciação”, que a tornou esquecida, ignorada e incompreendida das gentes.

Embora resumindo-se a religião do Cristo no amor a Deus e ao próximo, no merecimento pelo trabalho, pela abnegação, pelas virtudes ativas, os sacerdotes dela fizeram um princípio de discórdia; degeneraram-se em partidos religiosos que se digladiam numa luta tremenda de desamor, de ódio, de orgulho, de egoísmo, destruindo todos os princípios de fraternidade estabelecidos pelo Cristo.

Em vez da religião imaculada do filho de Maria, aparecem as religiões aparatosas de sacerdotes preconizando e mantendo cultos pagãos, exterioridades grotescas, dogmas, mistérios, milagres, exaltando o sobrenatural, escravizando a razão e a consciência das massas!

Este joio já agora de milênios, e que começou a surgir por ocasião da sementeira do bom trigo, nasceu, cresceu, abafou a bendita semente porque, segundo diz a parábola, quando o Cristo falou, os homens não lhe deram atenção, mas dormiram, deixando de prestar o necessário raciocínio às suas palavras redentoras!

E como depois, pela mescla da palavra do Cristo com as exterioridades com que a revestiram, se fizesse confusão idêntica à do joio e do trigo, logo após nascerem, o senhor deliberou esperar a ceifa, quer dizer, o fim dos tempos, que deveria apresentar o produto da sua palavra e os resultados das religiões sacerdotais, com as suas pompas, para que os ceifeiros ficassem encarregados de queimar o “joio” e recolher o “trigo” ao celeiro.

É o que estamos fazendo, e estes escritos elucidativos não têm por fim elucidar a Doutrina do Cristo, que é toda luz, mas queimar com a chama sagrada da verdade, o joio malfazejo, reduzi-lo a cinzas, a fim de que o Cristianismo domine, estabelecendo no coração humano o amor a Deus e fazendo prevalecer o espírito de fraternidade, único capaz de resolver as questões sociais e estabelecer a paz no mundo.

PARÁBOLA DO GRÃO DE MOSTARDA

“O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e lançou no seu campo; o qual grão é, na verdade, a menor de todas as sementes, mas depois de crescida é a maior das hortaliças e faz-se árvore, de tal modo que as aves do céu vêm pousar nos seus ramos”.

(*Mateus, VIII, 31-32 – Marcos, IV, 30-32 – Lucas, XIII, 18-19.*)

Consideremos aqui, o Reino dos Céus como tudo o que está acima e abaixo, à direita e à esquerda de nós, todo esse espaço imenso, infinito, incomensurável, onde se balançam os astros e fulgem as estrelas (*); todo esse éter que nos parece vazio, mas que, na verdade, encerra multidões de seres e de mundos, onde se ostentam maravilhas da Arte e da Ciência de Deus.

Para quem o vê da Terra, com os olhos da carne, parece o seu conhecimento insignificante, como o é uma semente de mostarda.

Mas, depois que o estudamos, assim como depois que se planta a semente, nossa inteligência se dilata, como se dilata a semente quando germina; transforma-se o nosso modo de pensar, como sói acontecer à semente modificada já em erva; e o conhecimento do Reino dos Céus cresce em nós como cresce a mostarda, a ponto de nos tornarmos um centro de apoio em torno do qual voluteiam os Espíritos, bem assim os homens que sentem a necessidade desse apoio moral e espiritual, da mesma forma que os pássaros, para o seu

(*) *Vide também O Espírito do Cristianismo.*

descanso, procuram as árvores mais exuberantes para gozarem a sombra benéfica das suas ramagens!

O grão de mostarda serviu duas vezes para as comparações de Jesus: uma vez comparou-o ao Reino dos Céus; outra, à fé.

O grão de mostarda tem substância e uma semente faz efeito revulsivo. Essa mesma substância se transforma em árvore; dá, depois, muitas sementes e muitas árvores e até suas folhas servem de alimento.

Mas é necessária a fertilidade da terra, para que trabalhe a germinação, haja transformação, crescimento e frutificação do que foi semente; e é necessário, a seu turno, o trabalho da semente e da planta no aproveitamento desse elemento que lhe foi dado.

Assim acontece com o Reino dos Céus na alma humana; sem o trabalho dessa “semente”, que é feito pelos Espíritos do Senhor; sem o concurso da boa vontade, que é a maior fertilidade que lhe podemos proporcionar; sem o esforço da pesquisa, do estudo, não pode aumentar e engrandecer-se em nós, não se nos pode mostrar tal como é, assim como a mostarda não se transforma em hortaliça sem o emprego dos requisitos imperiosos para essa modificação.

A fé é a mesma coisa: parece-se com um grão de mostarda quando já é capaz de “transportar montanhas”, mas a sua tendência é sempre para o crescimento, a fim de operar mudança para campo mais largo, mais aberto, de mais dilatados horizontes.

A fé verdadeira estuda, examina, pesquisa, sem espírito preconcebido, e cresce sempre no conhecimento e na vivência do Evangelho de Jesus.

O Espiritismo, com seus fatos positivos, vem dar um grande impulso à fé, desvendando a todos o Reino dos Céus.

Assim como o reinado celeste abrange o infinito, a fé é tudo e dela todos precisam para crescer no conhecimento da vida eterna!

PARÁBOLA DO FERMENTO

“O Reino dos Céus é semelhante ao fermento, que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar toda ela levedada”.

(Mateus, XIII, 33 – Lucas, XIII, 20-21.)

Não há quem ignore o processo da panificação. Lança-se um tanto de fermento na massa de farinha, mistura-se e espera-se que fique toda levedada, para o que muito concorre o calor.

Aparentemente, quem vê a massa não diz que tem fermento; entretanto, depois de algumas horas, a própria massa levedada acusa a presença do mesmo.

Assim é o Reino dos Céus: o homem não se pode transformar, de simples e ignorante, em elevado e sábio de um momento para outro, como o levedo não transforma a farinha na mesma hora em que nela é posto.

Aos poucos, à medida que ouve a voz dos profetas, a palavra dos emissários do Alto, a inteligência do homem se vai esclarecendo e o seu Espírito se transforma: ele assimila o Reino dos Céus, que à *prima facie* lhe pareceu um enigma, mas depois se lhe apresentou positivo, racional, lógico.

Quem diria que uma só medida de fermento, em três medidas de farinha, leveda a mesma? É preciso, porém, lembrar que o calor, não só na farinha para o pão, como também no homem, para a transformação de Espíritos, é indispensável. E este calor pode traduzir-se na atividade que empregamos para o progresso que somos chamados a conquistar.

PARÁBOLA DO TESOURO ESCONDIDO

“O Reino dos Céus é semelhante a um tesouro que, oculto no campo, foi achado e escondido por um homem, o qual, movido pelo gozo, foi vender tudo o que possuía e comprou aquele campo”.

(*Mateus, XIII, 44.*)

O homem tem resumido a sua tarefa na Terra a procurar “tesouros”, e achar tesouros, a esconder tesouros, a vender o que possui para comprar campos que tenham tesouros. Assim tem acontecido, assim está acontecendo.

Para que trabalha o homem na Terra? Para que estuda? Para que luta, a ponto de matar o seu semelhante?

Para possuir tesouros!

Jesus, sabendo dos artifícios que o homem emprega na conquista dos tesouros, fez do “tesouro escondido” uma parábola, comparando-o ao Reino dos Céus; fê-lo, naturalmente, para que os que recebessem esses conhecimentos, também empregassem todo o seu talento, todos os seus esforços, todo o seu trabalho, toda a sua atividade, todos os seus sacrifícios na conquista deste outro “tesouro”, ao qual ele chamou *imperecível*, lembrando que “a traça e a ferrugem não o corrompem, e os ladrões não o roubam”.

O Reino dos Céus é um tesouro oculto ao mundo, porque os grandes, os nobres, os guias e os chefes de seitas religiosas não querem fazê-lo aparecer à Humanidade. Mas, graças à Revolução, aos ensinamentos espíritas, aos Espíritos do Senhor, hoje é muito fácil ao homem achar esse tesouro. Mais difícil lhe

pode ser, “vender o que tem e comprar o campo”, isto é, desembaraçar-se das suas velhas crenças, do egoísmo, do preconceito, do amor aos bens terrestres, para possuir os bens celestes.

Materializado como está, o homem prefere sempre os bens aparentes e perecíveis, porque os considera positivos; os bens reais e imperecíveis ele os julga abstratos.

A Parábola do Tesouro Escondido é significativa e digna de meditação: o homem terreno morre e fica sem seus bens; o homem espiritual permanece para a vida eterna e o tesouro do Céu, que ele adquiriu é de sua posse permanente.

A PARÁBOLA DA PÉROLA

“O Reino dos Céus é semelhante a um negociante que buscava boas pérolas; e tendo achado uma de grande valor, foi vender tudo o que possuía e a comprou”.

(*Mateus, XIII, 45-46.*)

As pérolas constituem enfeites para a gente fina; são raras, por isso são caras. Quem possui grandes e finas pérolas possui tesouro, possui fortuna.

Além disso, são jóias muito apreciadas no seu todo, pela sua estrutura, pela sua composição.

Os porcos não apreciam as virtudes das pérolas; preferem milho ou alfarrobas. Se lhes dermos pérolas, eles pisam-nas e submergem-nas no lamaçal em que vivem; por isso disse Jesus: “Não deis pérolas aos porcos”.

Certamente já havia o Senhor do Verbo Divino comparado o Reino dos Céus a uma pérola de raro valor, quando propôs aquela recomendação a um discípulo que deliberara anunciar a sua doutrina a um homem-suíno.

Na verdade, há homens que são Homens, e há homens que se parecem muito com suínos.

O suíno vive exclusivamente para o estômago e para a lama. Os homens-suínos também vivem de lama e para o estômago. A estes as “pérolas” nada significam: as alfarrobas melhor lhes sabem.

O Reino dos Céus, nos tempos atuais, é incompatível com o Reino do Mundo.

Para a aquisição da pérola o homem vendeu tudo o que possuía; para a aquisição da pérola do Reino dos Céus o homem precisa vender o Reino do Mundo.

Há Reino do Mundo, e há Reino dos Céus. Aquele desaparece com as revoluções, ao chamado da morte, ou sob o guante da miséria.

O Reino dos Céus permanece na alma daquele que souber possuí-lo.

PARÁBOLA DA REDE

“Finalmente, o Reino dos Céus é semelhante a uma rede que foi lançada ao mar e apanhou peixes de toda espécie; e depois de cheia, os pescadores puxaram-na para a praia; e sentados, puseram os bons em cestos, mas deitaram fora os ruins. Assim será no fim do mundo: sairão os anjos e separarão os maus dentre os justos, e lançá-los-ão na fornalha do sofrimento; ali haverá choros e ranger de dentes”.

(Mateus, XIII, 47-50)

O fim do mundo é o característico dos tempos em que estamos, destes tempos em que a própria fé é encontrada com muita dificuldade nos corações; tempos em que a lealdade, a sinceridade, a verdadeira afeição, o amor, a verdade, andam obscurecidas nas almas; tempos de discórdias, de ódios, de confusão tal, que até os próprios “escolhidos” periclitam (*).

É o fim do mundo velho, é o advento do mundo novo; é uma fase que se extingue para dar lugar a outra que vem nascendo.

Não é o fim do mundo, como alguns o têm entendido, mas, sim, o fim dos costumes com os seus usos, suas praxes, seu convencionalismo, sua ciência, sua filosofia, sua religião.

É uma fase do nosso mundo, que ficará gravada nas páginas da História com letras indeléveis, encerrando um ciclo de existência da Humanidade e abrindo outra página em branco mas trazendo no alto o novo programa de vida.

A rede cheia de peixes de toda a espécie representa a Lei Suprema, que ministrada a todos, sem exceção, sejam gregos ou gentios, vem trazendo ao Tribunal de Cristo gente de toda a espécie, bons, medianos e maus, para serem julgados de acordo com as suas obras.

Os anjos são os Espíritos Superiores, a quem está afeto o poder do julgamento; a fornalha de dor é o símbolo dos mundos inferiores, onde os maus têm de se depurar entre lágrimas e dores, para atingirem uma esfera melhor.

Contudo, não se julgue que esta parábola seja para os “outros”, que não os espíritas, ou os *crentes* no Espiritismo.

Parece-nos, até, que os afeta primeiro que a todos os demais, pois que se acham dentro da rede tecida pela pregação dos Espíritos no mundo todo.

Quer dizer que não vale só conhecer, é preciso também *praticar*; não vale estar dentro da rede; é indispensável ser bom!

Os que conhecem o amor e não têm amor; os que exigem a lealdade e a sinceridade, mas não as praticam; os que clamam por indulgência e não são indulgentes; os que anunciam a humildade, mas se elevam aos primeiros lugares, deixando o banco do discípulo para se sentarem na cadeira do mestre; todos estes, e ainda mais os perjuros, os convencionalistas, os tíbios e os subservientes, não poderão ter a cotação dos bons, dos humildes, dos que têm o coração reto, dos que cultivam o amor pelo amor, a fé pelo seu valor progressivo, e trabalham pela verdade para terem liberdade.

A Parábola da Rede é a última da série das sete parábolas que o Mestre propôs a seus discípulos; por isso o apóstolo, ao publicá-la no seu Evangelho, conservou a expressão que Cristo lhe deu ao propô-la:

Finalmente: Ela é a chave com que Jesus quis fechar naqueles corações o ensino alegórico que lhes havia transmitido, ensino bastante explicativo do Reino dos Céus com todas as suas prerrogativas.

(*) Entende-se por “escolhido” aquele que, pela vivência cristã, já se libertou em grande parte do Reino do Mundo; não obstante periclita, ainda pode cair, donde a advertência do apóstolo Paulo: “Aquele pois que cuida estar em pé, olhe não caia”. (I Coríntios, 10:12.)

PARÁBOLA DA OVELHA PERDIDA

“Que vos parece? Se um homem tem cem ovelhas e uma delas se extravia, não deixa as noventa e nove e vai aos montes procurar a que se extraviou? E se acontecer achá-la, em verdade vos digo que se regozija mais por causa desta, do que pelas noventa e nove que não se extraviaram. Assim não é da vontade do vosso Pai que está nos Céus que pereça nenhum desses pequeninos”.

(*Mateus, XVIII, 12-14 – Lucas, XV, 3-7.*)

Esta imaginosa parábola parece ser o solene protesto da má interpretação que os sacerdotes têm dado à palavra do Cristo. Não há muito, escreveu-nos um padre romano ser estultícia negar as *penas eternas do Inferno*, quando nos Evangelhos encontramos, no mínimo, quinze vezes a confirmação dessa *eternidade*; e conclui que ela não é ensino da Igreja, mas ensino do próprio Evangelho.

Jesus previa certamente que seus ensinamentos e pensamento íntimo seriam desnaturados pelos homens constituídos em agremiações religiosas, e quis, de certa forma, deixar bem patente aos olhos de todos que ele não poderia ser representante de um Deus que, proclamando o amor e a necessidade indispensável do perdão para remissão dos pecados, impusesse aos filhos por Ele criados, castigos infundáveis, eternos.

A parábola mostra bem claramente que as almas transviadas não ficarão perdidas no labirinto das paixões, nem nas furnas onde medram os abrolhos. Como a ovelha desgarrada, elas serão procuradas, ainda mesmo que seja preciso deixar

de cuidar daquelas que atingiram já uma altura considerável, ainda mesmo que as noventa e nove ovelhas fiquem estacionadas num local do monte, os encarregados do rebanho sairão ao campo à procura da que se perdeu.

O Pai não quer a morte do ímpio; não quer a condenação do mau, do ingrato, do injusto, mas sim a sua regeneração, a sua salvação, a sua vida, a sua felicidade.

Ainda que seja preciso, para a regeneração do Espírito, nascer ele na Terra sem mão ou sem pé, entrar na vida manco ou aleijado; ainda que lhe seja preciso renascer no mundo sem os olhos, por causa dos “tropeços”, por causa dos “escândalos”, a sua salvação é tão certa como a da ovelha que se havia perdido e lembrada na parábola, porque todos esses pobres que arrastam o peso da dor, os seus guias e protetores os assistem para conduzi-los ao porto seguro da eterna bonança.

Leitor amigo: quando vos falarem os sacerdotes, de *Inferno eterno*, perguntai-lhes que relação tem a Parábola da Ovelha Perdida com esse dogma monstruoso, que desnatura e inutiliza todos os atributos divinos.

PARÁBOLA DO CREDOR INCOMPASSIVO

“Então Pedro, aproximando-se de Jesus lhe perguntou: Senhor, quantas vezes pecará meu irmão contra mim, que lhe hei de perdoar? Será até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.

“Por isso o Reino dos Céus é semelhante a um rei, que resolveu ajustar contas com os seus servos. E tendo começado a ajustá-las, trouxeram um que lhe devia dez mil talentos. Não tendo, porém, o servo com que pagar, ordenou o seu senhor que fossem vendidos – ele, sua mulher, seus filhos e tudo quanto possuía, e que se pagasse a dívida.

“O servo, pois, prostrando-se, o reverenciava dizendo: Tem paciência comigo, que te pagarei tudo! E o senhor teve compaixão daquele servo, deixou-o ir e perdoou-lhe a dívida. Tendo saído, porém, aquele servo, encontrou um de seus companheiros, que lhe devia cem denários; e, segurando-o, o sufocava, dizendo-lhe: Paga o que me deves! E este, caindo-lhe aos pés, implorava: tem paciência comigo, que te pagarei! Ele, porém, não o atendeu; mas foi-se embora e mandou conservá-lo preso, até que pagasse a dívida.

“Vendo, pois, os seus companheiros o que se tinha passado, ficaram muitíssimo tristes, e foram contar ao senhor tudo o que havia acontecido. Então, o senhor chamando-o, disse-lhe: servo malvado, eu te perdoei toda aquela dívida, porque me pediste: não devias tu também ter compaixão do teu companheiro, como eu tive de ti? E irou-se o seu senhor e o entregou aos verdugos, até que pagasse tudo o que lhe devia.

“Assim também meu Pai celestial vos fará, se cada um de vós do íntimo do coração não perdoar a seu irmão”.

(Mateus, XVIII, 21-35.)

No capítulo VI do Sermão do Monte, segundo Mateus, versículo 5 a 15, ensinou Jesus a seus discípulos e à multidão que se apinhava para ouvir os seus ensinamentos, a maneira como se deveria orar; e aproveitou o ensejo para resumir num excelente e substancioso colóquio com Deus, a súplica que ao poderoso Senhor devemos dirigir cotidianamente.

O Mestre renegava as longas e intermináveis *rezas* que os escribas e fariseus do seu tempo proferiam, de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Observou a seus ouvintes que tal não fizessem, mas que, fechada a porta do seu quarto, dirigissem, em secreto, a súplica ao Senhor.

A fórmula de oração que lhes deu, encerra, ao mesmo tempo, pedidos e compromissos que teriam de assumir os suplicantes, e dos quais se destaca o que constitui objeto dos ensinamentos que se acham contidos na Parábola do Credor Incompassivo: “Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”.

Do cumprimento ou não desta obrigação, depende o deferimento ou indeferimento do nosso requerimento. Além disso, nesse dever se resume toda a confissão, comunhão, extrema-unção, etc.

Aquele que confessar, comungar, receber a unção, mas não perdoar os seus devedores, não será perdoado; ao passo que, o que perdoar será imediatamente perdoado, independentemente das demais praxes recomendadas pela Igreja de Roma, ou quaisquer outras igrejas, como meio de salvação.

Acontece ainda que o perdão, conforme o Cristo ensinou a Pedro, deve ser perpétuo, e não concedido uma, duas, ou sete vezes.

Daí vem a parábola explicativa da concessão que devemos fazer ao nosso próximo, para podermos receber de Deus o troco na mesma moeda.

Vemos que o primeiro servo a chegar foi justamente o que mais devia: 10.000 *talentos*! Soma fabulosa naquele tempo, para um trabalhador, não só naquele tempo como também hoje, pois valendo cada talento Cr\$ 1.890,00 em moeda brasileira, 10.000 atingia a respeitável soma de Cr\$ 18.900.000,00 (dezoito milhões e novecentos mil cruzeiros). Se algum servo, que só tivesse mulher, filhos e alguns haveres ficasse devendo essa importância para o Vaticano, depois de entregue ao *braço forte* seria irremissivelmente condenado às penas eternas do Inferno!

Jesus escolheu mesmo essa quantia avultada para melhor impressionar seus ouvintes sobre a bondade de Deus e a natureza da doutrina que em nome do Senhor estava transmitindo a todos.

Nenhum outro devedor foi lembrado na parábola, porque só o primeiro era bastante para que se completasse toda a lição.

Pois bem, esse devedor, vendo-se ameaçado de ser vendido com ele sua mulher e seus filhos, sem eximir-se do pagamento, pediu moratória, valendo-se da benevolência do rei; este, cheio de compaixão, perdoou-lhe a dívida, isto é, suspendeu as ordens que havia dado para que tudo quanto possuía, mulher, filhos e mesmo o servo, fossem vendidos para o pagamento.

Mas, continua a parábola, aquele devedor, que havia recebido o perdão, logo ao sair encontrou um de seus companheiros que lhe devia cem denário, ou seja Cr\$...31,50 da nossa moeda, verdadeira bagatela que para ele, homem devedor de aproximadamente 19 milhões de cruzeiros, por certo nada representava; e exigiu do devedor, violentamente, o seu dinheiro!

~ Ao desdobrar-se aquela cena, os seus companheiros, que haviam presenciado tudo o que se passara, indignaram-se e foram contar ao rei o acontecido.

Daí a nova resolução do senhor: entregou o servo malvado aos verdugos, a fim de que o fizessem trabalhar à força, até

que lhe pagasse tudo o que lhe devia. Esta última condição é também interessante: paga a dívida, recebe o devedor a quitação; o que quer dizer: *sublata causa, tolitur effectus*.

A dívida deve forçosamente constar de um certo número de algarismos; subtraídos estes por outros tantos semelhantes, o resultado há de ser 0.

Quem deve 2 e paga 2, nada fica devendo; quem deve dezoito milhões e novecentos mil cruzeiros e paga dezoito milhões e novecentos mil cruzeiros, não pode continuar a ficar *pagando dívida*. Isto é mais claro que água cristalina.

Termina Jesus a parábola afirmando: “*Assim também meu Pai celestial vos fará, se cada um de vós do intimo do coração não perdoar a seu irmão*”.

Sem dúvida, é tão difícil a um pecador pagar dezoito milhões e novecentos mil pecados, como a um trabalhador pagar dezoito milhões e novecentos mil cruzeiros. Mas, tanto um como outro têm a eternidade diante de si; o que não se pode fazer numa existência, far-se-á em duas, vinte, cinquenta, far-se-á na outra vida, em que o Espírito não está inativo.

Tudo isso está de acordo com a bondade de Deus, aliada à sua justiça; o que não pode ser é o indivíduo pagar *eternamente* e continuar a pagar, depois de já ter pago.

A lei do perdão é inflexível, reina no Céu tal como a prescreveu na Terra o Mestre nazareno, cujo Espírito alheio aos princípios sacerdotais, aos dogmas e mistérios das igrejas, deve ser ouvido, respeitado, amado e servido.

PARÁBOLA DOS TRABALHADORES DA VINHA

“Porque o Reino dos Céus é semelhante a um proprietário, que saiu de madrugada a assalariar trabalhadores para a sua vinha. E feito com os trabalhadores o ajuste de um denário por dia, mandou-os para a sua vinha. Tendo saído cerca da hora terceira, viu estarem outros na praça desocupados, e disse-lhes: Ide também vós para a minha vinha, e vos darei o que for justo. E eles foram. Saiu outra vez cerca da hora sexta, e da nona, e fez o mesmo. E cerca da undécima, saiu e achou outros que lá estavam e perguntou-lhes: Por que estais aqui todo o dia desocupados? Responderam-lhe: Porque ninguém nos assalariou. Disse-lhes: Ide também para a minha vinha. À tarde, disse o dono da vinha ao seu administrador. Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos e acabando pelos primeiros. Tendo chegado os que tinham sido assalariados cerca da undécima hora, receberam um denário cada um. E vindo os primeiros, pensavam que haviam de receber mais; porém, receberam igualmente um denário cada um. Ao receberem-no, murmuravam contra o proprietário, alegando: Estes últimos trabalharam somente uma hora, e os igualaste a nós, que suportamos o peso do dia e o calor extremo! Mas o proprietário disse a um deles: Meu amigo, não te faço injustiça; não ajustaste comigo por um denário? Toma o que é teu e vai-te embora, pois quero dar a este último tanto como a ti. Não me é lícito fazer o que me apraz do que é meu? Acaso o teu olho é mau, porque eu sou bom? Assim os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos”.

(Mateus XX, 1-16.)

As condições essenciais para os trabalhadores são: a constância, o desinteresse, a boa vontade e o esforço que fazem no trabalho que assumiram. Os bons trabalhadores se distinguem por estes característicos.

O mercenário trabalha pelo dinheiro; seu único fito, sua única aspiração é receber o salário. O verdadeiro operário, o artista, trabalha por amor à Arte. Assim é em todas as ramificações dos conhecimentos humanos: há os escravos do dinheiro e há o operário do progresso. Na lavoura, na indústria, como nas Artes e Ciências, destacam-se sempre o operário e o mercenário.

O materialismo, a materialidade, a ganância do ouro arranjaram, na época em que nos achamos, mais escravos do que a vinha arranhou mais obreiros. Por isso, grande é a seara e poucos são os trabalhadores!

Na parábola, pelo que se depreende, não se faz questão da *quantidade* do trabalho, mas sim da *qualidade*, e ainda mais, da permanência do obreiro *até o fim*. Os que trabalharam na vinha, desde a manhã até à noite, não mereceram maior salário que os que trabalharam uma única hora, dada a *qualidade* do trabalho.

Os que chegaram por último, se tivessem sido chamados à hora terceira, teriam feito, sem dúvida, o quádruplo do que fizeram aqueles que a essa hora foram para o serviço. Daí a lembrança do proprietário da vinha de pagar primeiramente os que fizeram aparecer melhor o serviço e mais desinteressadamente se prestaram ao trabalho para o qual foram chamados.

Esta parábola, em parte, dirige-se muito bem aos espíritas. Quantos deles por aí andam, sem estudo, sem prática, sem orientação, fazendo obra contraproducente e ao mesmo tempo abandonando seus interesses pessoais, seus deveres de família, seus deveres de sociedade!

Na seara chega-se a encontrar até os vendilhões que apregoam sua mercadoria pelos jornais como o mercador na praça pública, sempre visando bastardos interesses. Ora são

médiuns mistificadores que exploram a saúde pública; ora são “gênios” capazes de abalar os céus para satisfazerem a curiosidade dos ignorantes. Enfim, são muitos os que trabalham, mas poucos os que ajuntam, edificam, tratam como devem a vinha que foi confiada à sua ação.

Há uma outra ordem de espíritas que nenhum proveito tem dado ao Espiritismo. Encerram-se entre quatro paredes, não estudam, não lêem, e passam a vida a *doutrinar espíritos*.

Não há dúvida de que trabalham estes obreiros, mas, pode-se comparar a sua obra com a dos que se expõem ao ridículo, ao ódio, à injúria, à calúnia, no largo campo da propaganda? Podem-se comparar os enclausurados numa sala, fazendo trabalhos secretos e às mais das vezes improfícuos, com os que sustentam, aqui fora, renhida luta e se batem, a peito descoberto, pelo triunfo da causa que desposaram?

Finalmente, a parábola conclui com a lição sobre os *olhos maus*: os invejosos que cuidam mais de si próprios que da coletividade; os personalistas, os egoístas que vêem sempre mal as graças de Deus em seus semelhantes, e a querem todas para si.

Na História do Cristianismo realça a Parábola da Vinha com os característicos dos seus obreiros. “O que era é o que é”, diz o Eclesiastes; e o que se passou é o que se está passando agora com a revelação complementar do Cristo. Há os chamados pela madrugada, há os que chegaram à hora terceira, à hora sexta, à nona e à undécima. Na verdade, estamos na hora undécima e os que ouvirem o apelo e souberem trabalhar como os da hora undécima de outrora, serão os primeiros a receber o salário, porque agora como então, o pagamento começará pelos últimos.

Ai dos que clamarem contra a vontade do Senhor da vinha! Ai dos malandros, dos mercenários, dos inscientes!

PARÁBOLA DA FIGUEIRA ESTÉRIL

“Pela manhã, ao voltar Jesus à cidade, teve fome. E vendo uma figueira à beira do caminho, dela se aproximou, e não achou nela senão folhas; e disse-lhe: Nunca jamais nasça de ti frutos, no mesmo instante secou a figueira. E vendo isto, os seus discípulos maravilharam-se e perguntaram: Como é que repentinamente secou a figueira? Respondeu-lhes Jesus: Em verdade vos digo que se tiverdes fé e não duvidardes, fareis não só o que foi feito a figueira, mas até se disserdes a este monte: Levanta-te e lança-te ao mar, isto será feito; e tudo o que, com fé, pedirdes em vossas orações, haveis de receber”.

(Mateus, XXI 18-22 – Lucas, XIII, 6-9.)

Magnífica parábola! Estupendo ensinamento! Quantas lições aprendemos nestes poucos versículos do Evangelho!

Se encararmos a narrativa pelo lado científico, observaremos a morte de uma árvore em virtude de uma grande descarga de fluidos magnéticos, que imediatamente secaram a mesma.

A Psicologia moderna, com suas teorias edificantes e substanciosas, e com seus fatos positivos, mostra-nos o poder do magnetismo, que utiliza os fluidos do Universo para destruir, conservar e vivificar.

A cura das moléstias abandonadas pela Ciência oficial e a mumificação de cadáveres pelo magnetismo, já se acham registrados nos anais da História, não deixando mais dúvida a esse respeito.

No caso da figueira não se trata de uma conservação, mas, ao contrário, de uma destruição, semelhante à destruição das células prejudiciais e causadoras de enfermidades, como na cura dos dez leprosos, e outras narradas pelos Evangelhos.

A figueira não dava fruto porque sua organização celular era insuficiente ou deficiente, e Jesus, conhecendo esse mal, quis dar uma lição aos seus discípulos, não só para lhes ensinar a terem fé, mas também para lhes fazer ver que os homens e as instituições infrutíferas, como aquela árvore, sofreriam as mesmas conseqüências.

Pelo lado filosófico, realça da parábola a necessidade indispensável da prática das boas obras, não só pelas instituições, como pelos homens.

Um indivíduo, por mais bem vestido e mais rico que seja, encaramujado no seu egoísmo, é semelhante a uma figueira, da qual, em nos aproximando, não vemos mais que folhas.

Uma instituição, ou uma associação religiosa, onde se faça questão de estatuto, de cultos, de dogmas, de mistérios, de ritos, de exterioridades, mas que não pratique a caridade, não exerce a misericórdia; não dá comida aos famintos, roupa aos nus, agasalho e trato aos doentes; não promove a propaganda do amor ao próximo, da necessidade do erguimento da moral, do estabelecimento da verdadeira fé, esta instituição ou associação, embora tenha nome de religiosa, embora se diga a única religião fora da qual não há salvação (como acontece com o Catolicismo de Roma), não passa de uma “figueira enfolhada, mas, sem frutos”.

O que precisamos da árvore são os frutos. O que precisamos da religião são as boas obras.

Os dogmas só servem para obscurecer a inteligência; os sacramentos, para falsear os ensinamentos do Cristo; as festas, passeatas, procissões, imagens, etc., para consumir dinheiro em coisas vãs e iludir o povo com um culto que foi condenado pelos profetas dos tempos antigos, no Velho Testamento, e por Jesus Cristo, no Novo Testamento.

A religião do Cristo não é a religião das “folhas” mas, sim, a dos frutos!

A religião do Cristo não consiste nesse ritual usado pelas religiões humanas.

A religião do Cristo é a da caridade, é a do Espírito, é a da verdade!

A fé que o Cristo preconizou, não foi, portanto, a fé em dogmas católicos ou protestantes, mas, sim, a fé na vida eterna, a fé na existência de Deus, a fé, isto é, a convicção da necessidade da prática da caridade!

Aquele que tiver essa fé, aquele que souber adquiri-la, tudo o que pedir em suas orações, sem dúvida receberá, porque limitará seus pedidos àquilo que lhe for de utilidade espiritual, assim como se tornará apto a *secar figueiras*, dessas figueiras que perambulam nas ruas seguidas de meia dúzia de bajuladores; dessas figueiras, como as religiões sem caridade, que iludem incautos com promessas ilusórias, e com afirmações temerosas sobre os destinos das almas.

A figueira sem frutos é uma praga no reino vegetal, assim como os egoístas e avarentos são pragas na Humanidade, e as religiões humanas são pragas prejudicialíssimas à seara do Senhor. Não dão frutos; só contêm folhas.

Estudada pelo lado científico, a parábola é um portento, porque, de fato, Jesus, com uma palavra, fez secar a figueira. Nenhum sábio da Terra é capaz de imitar o Mestre!

Encarada pelo lado filosófico, a lição da figueira que secou é um aviso do que vai acontecer aos homens semelhantes à figueira sem frutos; e às religiões que igualmente só têm folhas!

Nesta parábola aprende-se ainda que a esterilidade, parece, é mal inevitável! Em todas as manifestações da Natureza, aqui e ali, se vê a esterilidade como que desnaturando a criação ou transviando a obra de Deus!

Nas plantas, nos animais, nos humanos, a esterilidade é a nota dissonante, que estorva a harmonia universal.

CAIRBAR SCHUTEL

Na Ciência, na Religião, na Filosofia, até na Arte e na Mecânica, o ferrete da esterilidade não deixa de gravar o seu sinal infamante!

Acontece, porém, que chegado o tempo propício, a obra estéril desaparece para não ocupar inutilmente o campo de ação onde se implantou.

A figueira estéril da parábola é a exemplificação de todas essas manifestações anômalas que se desdobram às nossas vistas.

Para não sair do tema em que devemos permanecer e constitui o objeto deste livro, vamos comparar a figueira estéril com as ciências humanas e as religiões sacerdotais.

À primeira vista, não parece ao leitor que a parábola se adapta perfeitamente a estas manifestações do pensamento absoluto e autoritário?

Vemos uma árvore, reconhecemos nessa árvore uma figueira; está bem entroncada, bem enfolhada, bem adubada, vamos procurar figos e nem uma fruta encontramos!

Vemos uma segunda “árvore”, que deve ser a da vida, reconhecemos nela uma religião que já permanece há muitos anos e vem sendo transmitida de geração a geração; procuramos nela verdades que iluminem, consolos que fortifiquem, ensinos que instruam, fatos que demonstrem, e nada disso achamos, a despeito da grande quantidade de adubo que lançam em redor dessa mesma “árvore”!

O que falta ao Catolicismo Romano para assim se encontrar desprovido de frutos? Falta-lhe porventura igrejas, fiéis, dinheiro, livros, sabedoria?

Pois não tem eles seus sacerdotes no mundo todo, suas catedrais pomposas, seus templos?

Não tem ele com o seu papa a maior fortuna que há no mundo, completamente estéril, quando deveria converter esse tesouro, que os ladrões alcançam, naquele outro tesouro do Evangelho, inatingível aos ladravazes e aos vermes? Não tem ele milhões e milhões de adeptos que sustentam toda a sua hierarquia?

Por que não pode a Igreja dar frutos demonstrativos do verdadeiro amor, que é imortal? Por que não pode demonstrar a imortalidade da alma, que é a melhor caridade que se pode praticar?

E o que diremos dos seus ensinamentos arcaicos e irrisórios, semelhantes às folhas enferrujadas de uma figueira velha? Do seu dogma do Inferno eterno; do seu artigo de fé sobre a existência do diabo; dos seus sacramentos e mistérios tão caducos e absurdos, que chegam a fazer de Deus um ente inconcebível e duvidoso?!

E assim como é a religião, é a ciência de homens, desses mesmos homens que, embora completamente divergentes dos ensinamentos religiosos dos padres, por preconceito e por servilismo andam com eles de braços dados, como se cressem na “fé” pregada pelos sacerdotes! Essa ciência terrena que todos os dias afirma e todos os dias se desmente!

Essa ciência que ontem negou o movimento da Terra e hoje o afirma; que preconizou a sangria para depois condená-la; que proclamou as virtudes do emético para anos depois execrá-lo como um depressivo; que hoje, de seringa em punho, transformou o homem num laboratório químico, para, amanhã ou depois, condenar como desumano esse processo!

E o que falta à Ciência para solucionar esse problema da morte, que lhe parece como fantasma funesto? Faltar-lhe-á “adubo”? Mas não estão aí tantos sábios? Não tem ela recursos disponíveis para investigação e experiência? Não lhe aparecem a todos os momentos fatos e mais fatos de ordem supra-materiais, meta-materiais para serem estudados com método?

Senhor! Está vencido o ano que concedestes para que cavássemos em roda da “árvore” e deitássemos adubo para alimentar e fortificar suas raízes! Ela não dá mesmo frutos e os adubos que temos gasto só tem servido para tornar a árvore cada vez mais frondosa e enfolhada, prejudicando assim o já pequeno espaço de terreno! Manda cortá-la e recomenda a teus servos que não só o façam, mas que também lhe arranquem as raízes! Ela ocupa terreno inutilmente.

Em três dias faremos nascer em seu lugar uma que preencha os seus fins, e tantos serão seus frutos que a multidão que nos rodeia não vencerá apanhá-los!

A esterilidade é mal incurável, que se manifesta nas coisas físicas e metafísicas. Há pessoas que são estéreis em sentimentos afetivos, outras em atos de generosidade, outras o são para as coisas que afetam a inteligência. Por mais que se ensinem, por mais que se exaltem, por mais que se ilustrem, as mesmas permanecem como a figueira da parábola: não há esterco, não há adubos, não há orvalho, não há água que se façam frutificar! Estas, só o fogo tem poder sobre elas!

PARÁBOLA DOS DOIS FILHOS

“Um homem tinha dois filhos: chegando ao primeiro, disse: Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha. Ele respondeu: Irei, senhor; e não foi. E chegando ao segundo, disse-lhe o mesmo. Porém, este respondeu: Não quero; mais tarde, tocado de arrependimento, foi. Qual dos dois fez a vontade do pai? Responderam eles: o segundo. Declarou-lhes Jesus: Em verdade vois digo que os publicanos e as meretrizes entrarão primeiro que vós no Reino de Deus”.

(*Mateus, XXI, 28-31.*)

Estas duas personalidades revelam perfeitamente as suas qualidades em suas palavras e ações. O primeiro filho, convidado pelo pai a trabalhar na sua vinha, disse que ia, mas não foi. O segundo disse que não ia, mas foi. O primeiro é a personificação da crença (credo) sem obras. O segundo é o tipo do homem inteligente que, negando-se ao trabalho espiritual, depois de haver raciocinado e tirado suas conclusões, transformou o *não* em *sim*, não com a palavra abstrata, a crença, a obediência cega, mas por um esforço intelectual e pelas obras que deliberou fazer, “trabalhando na vinha”.

Ensina esta parábola que *a vontade de Deus* é que trabalhemos não só em proveito nosso, mas em proveito dos nossos semelhantes: ao passo que *não é vontade de Deus* crermos sem trabalho, isto é, cegamente, sem obras.

A crença cega é a crença dos anciãos do povo, dos velhos rotineiros e dos sacerdotes, pois são estes que Jesus disse que os publicanos e as meretrizes lhes eram ainda superiores, tanto assim que os precederiam no Reino dos Céus. A parábola, na parte que se refere ao filho que disse: “irei, mas não foi”,

entende-se também como esses anciãos e sacerdotes que, assumindo a tarefa de guiar para a verdade, os moços e os que lhes estão sujeitos, se mantém num exclusivismo condenável, apagando até das almas, alguma centelha de fé que lhes foi doada.

Enfim, o filho que tardou, e disse que não ia, mas foi – entende-se como esses publicanos e meretrizes que demoram, como é sabido, mas, afinal, mudam de vida e se tornam, as mais das vezes, grandes obreiros da seara divina!

PARÁBOLA DOS LAVRADORES MAUS OU DOS RENDEIROS INFIÉIS

“Havia um proprietário que plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou ali um lagar, edificou uma torre e arrendou-a a uns lavradores e partiu para outro país. Ao aproximar-se o tempo dos frutos, enviou seus servos aos lavradores, para receber os frutos que lhe tocavam. Estes, agarrando os servos, feriram um, mataram outro e a outro apedrejaram. Enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos do mesmo modo. Por último, enviou-lhes seu filho, dizendo: Terão respeito ao meu filho. Mas, os lavradores, vendo-o, disseram entre si: este é o herdeiro; vinde, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança: e, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e mataram-no. Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores? Responderam-lhe: Fará perecer horivelmente a estes malvados, e arrendará a vinha a outros, que lhe darão os frutos no tempo próprio”.

(Mateus, XXI, 33-42. – Marcos, XII, 1-9 – Lucas, XX 9-16.)

“A parábola acima é a prova da inigualável presciência do Filho de Deus, assim como é a magistral sentença que se havia de cumprir no nosso século contra os “rendeiros infiéis”, que têm devastado a nossa seara.

Um proprietário plantou uma vinha, cercou-a com um tapume feito de ramos e troncos de árvores; assentou um lagar (local com todos os petrechos para a fabricação de vinho) e edificou uma “torre” (grande edifício com proteção contra os ataques inimigos).

De maneira que a fazenda estava completa, tudo preparado: terras de sobra, parreiras em grande quantidade, lagar, tanques,

tonéis – tudo o que era preciso para a fabricação do vinho. Casa de moradia com toda a comodidade e conforto. Mas, tendo de ausentar-se o proprietário, arrendou a herdade a uns lavradores; no tempo da colheita dos frutos mandaria receber o produto do arrendamento, ou seja, os frutos que lhe tocavam.

O contrato foi passado e muito bem redigido: selado, registrado e com as competentes testemunhas.

Por ocasião da primeira colheita, o senhor da vinha mandou que seus empregados fossem receber os frutos que lhe tocavam.

Os rendeiros, em vez de darem conta do depósito que lhes fora confiado, agarraram os emissários, feriram um, apedrejaram outro e mataram o seguinte.

Na outra colheita, o proprietário da herdade tornou a mandar outros emissários, que tiveram a mesma sorte dos primeiros.

Vendo o dono da herdade o que acontecera com seus emissários, julgou mais acertado delegar poderes ao próprio filho, porque, com certeza, o respeitariam, e o enviou a ajustar contas com os arrendatários.

Mas os lavradores, em vendo este chegar à propriedade, combinaram entre si e deliberaram matá-lo, porque, diziam; “este é o herdeiro, vinde, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança”. E assim fizeram: tiraram-no fora da vinha e o mataram.

“Quando chegar o senhor da vinha, o que fará àqueles lavradores?” – perguntou Jesus ao propor a parábola.

E a resposta veio em seguida: “Fará perecer os malvados, os arrendatários dolosos, e entregará a vinha a outros, que lhe darão os frutos em tempo próprio”.

Parábola é a exposição, ou a pintura de uma coisa em confronto com outra de relação remota, ou de sentido oculto ou invisível.

Jesus tinha por costume, para explicar aquilo que escapa à compreensão vulgar, usar das parábolas, a fim de se tornar mais compreendido.

Nesta Parábola dos Lavradores Maus, rendeiros infiéis, quis Jesus explicar a soberania da ação divina que às vezes tarda, mas não falha; e quis ainda mostrar a seus discípulos quem são os lavradores que prejudicam a sua seara.

A seara é a Humanidade; o proprietário é Deus; a vinha que ele plantou é a religião; o largar são os meios de purificação espiritual que ele concede; a casa que edificou é o mundo, os *lavradores* que arrendaram a *lavoura* são os sacerdotes de todos os tempos, desde os antigos que sacrificavam o sangue dos animais, até os nossos contemporâneos.

Os primeiros servos que foram feridos, apedrejados e sacrificados, são os profetas da Antigüidade, que passaram por duras provações: Elias, Eliseu, Daniel, que foi posto na cova dos leões; o próprio Moisés, que sofreu com os sacerdotes do Faraó e com os israelitas fanatizados que chegaram a fundir um bezerro de ouro para adorar, contra a lei do Senhor; depois veio João Batista, que foi degolado; e depois outros servos, que passaram pelos mesmos sofrimentos dos primeiros — apóstolos e profetas como Estevão, que foi lapidado; Paulo, Pedro, João, Tiago, que sofreram martírios, e todos os demais que não têm acompanhado as concepções sacerdotais.

O filho do proprietário, que foi morto pelos rendeiros que se apossaram da sua herança, é Jesus Cristo, Senhor Nosso, que sofreu o martírio ignominioso da cruz. E de acordo com as previsões da parábola, os tais sacerdotes se apossaram da herança com a qual se locupletam fartamente, deixando a seara abandonada e a vinha sem frutos para o proprietário.

Nas condições em que se acha a seara, poderá o senhor deixar a sua vinha entregue a essa gente, a esses rendeiros inescrupulosos e maus?

Estamos certos de que se cumprirá brevemente a última previsão da parábola: “O senhor tomará a vinha desses malvados e a arrendará a outros, que lhe darão os frutos no tempo próprio”.

A confusão religiosa é a mais espessa escuridão que infelicita as almas.

A crença é como o fruto da videira que alimenta, encoraja e vivifica. Assim como este alimenta o corpo, aquele alimenta a alma.

A religião de Jesus Cristo não é o culto, as exterioridades, os sacramentos, a fé cega; também não é o fogo que aniquila e consome, o mal que vence o bem, o diabo que vence a Deus.

A religião de Jesus Cristo é o bálsamo que suaviza, é a caridade que consola, é o perdão que redime, é a luz que ilumina; não é o aniquilamento, mas a vida, não é o corpo, mas, sim, o Espírito.

A religião de Jesus Cristo deve, pois, ser ministrada em *Espírito e Verdade* e não em *dogmas* e com *exterioridades aparatosas*, para que possa ser compreendida, observada e praticada pelo Espírito.

O corpo é nada; o Espírito é tudo. O corpo existe porque o Espírito aciona, o vivifica e o movimenta. No dia em que o Espírito dele se separa, nenhuma vida mais resta a esse *invólucro*, a esse *instrumento*.

Que é o violino sem o músico? Que é o relógio sem que se lhe dê corda? Que é a maquina sem maquinista?

O corpo sem o Espírito é morto e se desagrega, como uma casa que cai e se converte em escombros.

O corpo “pulvis est et in pulveris reverteris”.

E se assim é, qual o efeito dos sacramentos e práticas sibilinas que não atingem o Espírito?

O princípio da religião é a imortalidade e os rendeiros da vinha têm por dever salientar e demonstrar este princípio, para que o templo da religião, assentado sobre esta base inamovível, abrigue com a verdade os corações que desejam a paz e a felicidade.

Os pastores e os sacerdotes, “arrendatários da vinha”, “maus obreiros” que conspurcam os sentimentos cristãos, transformando a religião de Jesus em missas, imagens, procissões, aparatos, músicas, girândolas e sacramentos, serão *chamados* às contas e o látego da verdade desde já os vem expulsando da herdade, que será entregue a outros, para que os frutos da vinha sejam dados aos famintos de justiça, aos deserdados de consolação, aos que procuram a luz que encaminha e conduz à perfeição.

Desde tempos que vão longe, a religião tem sido causa de abjeta exploração. O sacerdócio, por várias vezes, tem feito periclitar o sentimento religioso. A desgraça da religião tem sido, em todas as épocas, o padre. O padre hebreu, o padre egípcio, o padre budista, o padre brâmane; sempre o padre, a corporação eclesiástica, com toda a sua hierarquia, a sua escolástica, os seus princípios rígidos, os seus cultos aparatosos, os seus sacramentos arcaicos.

O sacerdócio, tornando-se arrendatário da vinha, como tem acontecido, só conhece um “deus” a quem obedece cegamente; “deus” constituído eclesiasticamente, e tirado ou escolhido de um dos seus próprios membros. Todas as religiões têm tido e continuam a ter o seu papa, o seu *maioral*, o seu *patriarca*, o seu *chefe*, a quem todos prestam obediência, em detrimento do Supremo Senhor e Criador.

Daí a luta cruenta que o *sacerdotalismo* tem desenvolvido contra os *profetas* em todas as épocas.

Esta parábola é a comparação de todas as lutas que os gênios, os grandes missionários, os profetas que falam em nome da divindade e da religião, têm sustentado contra a clerezia.

Desde que o grande proprietário plantou na Terra a sua vinha; desde que fez brilhar no mundo o Sol vivificador da religião, cercando a vinha com uma sebe, aí estabelecendo um lagar e edificando uma torre; desde que os princípios religiosos foram estabelecidos e ficaram gravados nos códigos dos divinos preceitos, os lavradores maus dela se apoderaram como rendeiros relapsos, deixando parecer as videiras a massacrando os enviados que em nome do senhor lhes vinham pedir ou reclamar, como o fazemos hoje, os frutos da vinha!

Os servos do proprietário da lavoura eram presos, feridos e mortos. A pretexto de heresia e apostasia, queimaram corpos como quem queima lenha seca e verde; infligiram-lhes os mais duros suplícios, tisonando de sangue as páginas da História do nosso mundo. Nem o Filho de Deus, cuja parábola premonitória de morte acabamos de ler, nem ele foi poupado pela classe sacerdotal, que tinha por pontífices Anás e Caifás, em conluio com os governos da época.

A classe sacerdotal, que nada fez à Humanidade e ainda fascinou os homens com os seus cultos aparatosos e seus dogmas horripilantes, é precisamente o que constitui, em sua linha geral, os “lavradores maus” da parábola.

Estão eles muito bem representados nesses obreiros fraudulentos e mercenários que proliferam no mundo todo, vendendo a fé, a salvação, as graças.

Que fará o proprietário da vinha a tão maus obreiros? O resultado não pode ser outro: fá-los-á perecer, tirar-lhes-á o poder que lhes concedeu e a entregará a outros, que darão os frutos no tempo próprio”.

Felizmente chegou também a época da realização da premonição do Cristo exarada nos Evangelhos.

Os Espíritos da Verdade baixam ao mundo, uns tomam um invólucro carnal, e outros, através do véu que separa as duas vidas, vêm se apossar da vinha, para que ela dê os resultados designados pelo Senhor de todas as coisas.

O sacerdócio cai, mas a religião prossegue; os dogmas são abatidos, mas a verdadeira fé aparece, robustecendo

consciências, consolando corações, e, principalmente, fazendo
raiar na Terra a aurora da imortalidade, para realçar o Deus
Espírito, o Deus justo, o Deus poderoso e sábio que reina
em todo Universo.

PARÁBOLA DAS BODAS

“De novo começou Jesus a falar em parábolas, dizendo-lhes: o Reino dos Céus é semelhante a um rei, que celebrou as bodas de seu filho. E enviou os seus servos a chamar os convidados para a festa, e estes não quiseram vir. Enviou ainda outros servos com este recado: Dizei aos convidados: Tenho já preparado o meu banquete; as minhas reses e os meus cevados estão mortos, e tudo está pronto; vinde às bodas. Mas eles não fizeram caso e foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio; e os outros agarrando os servos os ultrajaram e mataram. Mas irou-se o rei, e mandou as suas tropas exterminar aqueles assassinos e incendiar a sua cidade. Então disse aos servos: As bodas estão preparadas, mas os convidados não eram dignos; ide, pois, às encruzilhadas dos caminhos, e chamai para as bodas a quantos encontrardes. Indo aqueles servos pelos caminhos, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala nupcial ficou cheia de convivas. Mas, entretanto o rei para ver os convivas, notou ali um homem que não trajava veste nupcial e perguntou-lhe: Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? Ele, porém, emudeceu. Então o rei disse aos servos: atai-o de pés e mãos e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes. Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos”.

(Mateus, XXII, 1-14.)

O Cristianismo, como o Espiritismo, representa a celebração das bodas de um grande e rico proprietário, cujo pai não poupa trabalho, sacrifício e dinheiro para dar à festa o maior realce e dela fazendo participar o maior número possível de convivas. E para que todos se fartem, se satisfaçam e se

alegrem, o senhor das bodas apresenta-lhes lauta mesa com variadas iguarias, não faltando música e discursos que exaltam o sentimento e a inteligência.

As iguarias apresentam os ensinamentos espirituais; assim como aquelas satisfazem e fortalecem o corpo, estes mantêm e vivificam o Espírito.

A Parábola das Bodas é uma alegoria, uma comparação do que se verificava naquela época com o próprio Jesus Cristo.

Os primeiros convidados foram os doutos, os ricos, os sábios, os aristocratas, os sacerdotes, porque ninguém melhor do que estes estavam em condições de participar das bodas, e fazer-se representar naquela festa soleníssima para a qual o Rei dos Céus, sem medir nem pesar sacrifícios, havia mandado à Terra o seu filho, de quem queria celebrar condignamente as bodas.

E quem poderia melhor apreciar Jesus Cristo e compartilhar de suas bodas, admirando a grande sabedoria do Mestre, seja na cura dos enfermos, seja nos prodigiosos fenômenos de materialização e desmaterialização por ele operados, como a multiplicação dos pães e dos peixes, a manifestação do Tabor, a dominação dos elementos e suas sucessivas aparições depois da morte?

Quem estava mais apto para compreender o Sermão do Monte, o Sermão Profético, o Sermão da Ceia, seus ensinamentos, suas parábolas, senão os doutores, os rabinos, os sacerdotes?

Seriam os pescadores, os carpinteiros, os roceiros, as mulheres incultas?

Infelizmente, porém, o que aconteceu ontem é o que acontece hoje: esta gente, toda ela se dá por excusada: uns porque têm de tratar do seu campo, outros do seu negócio; outros ainda há, como acontece com o sacerdócio romano e protestante, que agarram os servos encarregados do convite, ultrajam-nos, e, se os não matam, é porque temem o Código Penal, que vigora na época nova em que nos achamos.

Que fará o Senhor desta gente que não quer ouvir o seu chamamento, nem aquiescer aos seus reiterados convites?

Quem é o culpado, ou quem são os culpados de estarem, atualmente, festejando as bodas indivíduos sem competência nenhuma para a execução dessa tarefa?

Quais são os responsáveis por haverem tomado lugar na mesa do banquete até pessoas sem o traje nupcial, sem a veste apropriada para tal cerimônia?

Leiam a Parábola das Bodas os senhores padres, os senhores doutores, os senhores ministros, os senhores que andam transviando seus ouvintes e leitores com uma ciência sem base e uma religião toda material, sem provas, sem fatos, sem raciocínio! Digam: quem tem a culpa da decadência moral, da depressão da inteligência e do sentimento que se verifica em toda parte?!

Se a Parábola das Bodas não tivesse sido proferida para as eminências religiosas e científicas do tempo de Jesus, serviria perfeitamente para as de hoje, que repudiam e combatem o Espiritismo.

Entretanto, o fato é que os indoutos, os pequenos, os humildes de hoje, como os indoutos e humildes de ontem, estão levando de vencida toda essa plêiade de sábios e portentosos; e mesmo sem letras, sem representação e sem veste, auxiliados pelos poderes do Alto, estão concorrendo eficazmente para que as bodas sejam bem festejadas e concorridas!

A VESTE NUPCIAL

Era costume antigo, aliás, como hoje ainda é, usar para cada ato, ou cada cerimônia, uma roupa de acordo com o ato ou a cerimônia a que se vai assistir.

O preconceito de todos os tempos tem determinado o vestuário a ser usado em certas e determinadas ocasiões. É assim que não se vai a um enterro com uma roupa clara, como não se vai a um casamento com um terno de brim.

Aproveitando essas exigências sociais, muito preconizadas pelos escribas e fariseus, e mormente pelos doutores da lei e sacerdotes, Jesus, ao propor a Parábola das Bodas, deu a entender que, para o comparecimento a essas reuniões, fazia-se mister uma *túnica nupcial*; é aquele que não estivesse revestido desta roupagem, seria posto fora e lançado às trevas, onde haveria choro e ranger de dentes, naturalmente por haverem esbanjado tanto dinheiro em coisas de nenhum valor, de preferência à “túnica de núpcias”, bem assim por terem perdido o tempo em coisas inúteis, em vez de tecerem, como deviam, a túnica para comparecer às bodas.

A *veste de núpcias* simboliza o amor, a humildade, a boa vontade em encontrar a verdade para observá-la, ou seja, a pureza das intenções, a virgindade espiritual!

O interesseiro, o mercador, o astuto, o tartufo que, embora convidado a tomar parte nas bodas, está sem a túnica, não pode ali permanecer: será lançado fora, assim como será posto à margem o convidado a um casamento ou a uma cerimônia que não se traje de acordo com o ato a que vai assistir.

Há bem pouco tempo, vimos, por ocasião de um júri numa cidade vizinha, o juiz convidar um jurado “para se compor” só pelo fato de achar-se o mesmo com uma roupa de brim claro. O jurado foi posto fora, visto não estar revestido com a “veste de júízo”.

Como esteja o Evangelho disseminado em todos os meios sociais (o que aliás constitui um dos sinais frisantes do “fim do mundo”), só mesmo os homens de má vontade, os orgulhosos, enfatuados e de espírito preconcebido ignoram seus deveres de humildade, para a recepção da palavra divina.

A estes não garantimos êxito feliz quando comparecem ao banquete de espiritualidade, que se está realizando no mundo todo, no consórcio do Céu com a Terra, dos vivos com os mortos, para o triunfo da imortalidade.

Dar-se-á, sem dúvida, com esses turiferários do ouro e turibulários, o que disse Isaías em sua profecia: “Ouvirão e de nenhum modo entenderão; verão e de nenhum modo perceberão”.

Justamente o contrário auguramos a todos ao que, “fazendo-se crianças”, quiseram achar a verdade para abraçá-la, e tenham o firme propósito de o fazer, esteja ela com quem estiver e onde estiver.

Tal é a lição alegórica das Bodas e da Veste de Núpcias.

PARÁBOLA DA FIGUEIRA EM VEGETAÇÃO

“Aprendeis esta parábola tirada da figueira: quando os seus ramos já se acham tenros e brotam as folhas, sabeis que está próximo o verão; assim também vós, quando virdes todas estas coisas, sabeis que ele (O Filho do Homem) está próximo às portas”.

(Mateus, XXVI, 32-34 – Marcos, XII, 28-30 – Lucas, XXI, 29-32).

A figueira era, na Palestina, uma das árvores de maior valor. Ao lado do trigo, da cevada, do centeio, da azeitona, da amêndoa, do bálsamo e da mirra, o figo constituía um dos produtos mais importantes. Esta árvore, como não é de ano inteiro, ao aproximar-se o verão os brotos de suas folhas começam a aparecer, caracterizando assim a mudança de estação.

Para bem assinalar o período da transformação do mundo, que precederia à sua vinda, Jesus comparou-o ao período intermediário entre a primavera e o verão, cujos sinais são descritos no capítulo XXIV do Evangelho de Mateus, assim como a entrada do verão é assinalada pelos brotos da figueira.

E esse sermão profético se tem cumprido em toda a linha!

A começar pela derrocada dos templos, o mundo tem passado por todas as tribulações – peste, fome, guerras, terremotos, maremotos; dores e sofrimento de toda a sorte!

Estes brotos de folhas da “figueira mundo”, depois de transformados em bastas folhagens e em deliciosos figos, servirão para o preparo da Humanidade, a fim de, mais apta, receber as instruções do Cristo, não exteriormente, mas em

Espírito e Verdade, gravando em sua alma esses talentos com que se resgatará o seu passado e conquistará o seu futuro!

Esta Parábola da Figueira é, pois, uma exortação à vigilância e à observância dos sinais dos tempos, porque o Filho do Homem virá em momento em que ninguém o espera!

No capítulo Sinais dos Tempos, o leitor se inteirará melhor do significado desta parábola.

PARÁBOLA DOS SERVOS BONS E MAUS

“Quem é, pois, o despenseiro fiel e prudente, ao qual o Senhor confiará a direção de sua casa, para que em tempo devido distribua o alimento? Bem-aventurado aquele servo a quem o seu senhor, quando vier, achar assim fazendo! Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens. Mas se aquele servo disser no seu coração: Meu senhor tarda em vir, e começar a espancar os criados e as criadas, a comer, a beber, e a embriagar-se, virá o senhor daquele servo no dia em que o não espera e numa hora que ele não sabe, e separá-lo-á e porá a sua parte com os infiéis. E aquele servo, que soube a vontade do senhor, e não se preparou, nem fez conforme à sua vontade, será castigado com muitos açoites; aquele, porém, que não a soube, e fez coisas que mereciam castigos, será punido com poucos açoites. A todo aquele a quem muito é dado, muito lhe será requerido; e a quem muito é confiado, mais ainda lhe será exigido!”

(Mateus, XXIV, 45-51 – Lucas, XII, 42-48.)

Este ensino, que se constitui em verdadeiro mandamento para o “servo vigilante”, deixa transparecer bem claramente aos olhos de todos, quais são os servos bons e quais os servos maus que operam na seara divina.

Não são os que vivem da Religião, *comendo e bebendo*, que se salientam como obreiros do bem e da verdade!

Não são os que repudiam, condenam e excomungam seus semelhantes, que o Senhor escolheu para seus verdadeiros servos, mas, sim, os que são *fiéis* à sua palavra e *prudentes* no cumprimento de seus deveres!

Quem só trabalha pelo numerário, não pode interpretar o pensamento íntimo do Mestre; não pode, por isso, ser sábio, prudente e fiel.

O bom servo só faz os desejos e a vontade de seu senhor; o mau servo faz o que lhe apraz.

Aquele trabalha para cumprir seus deveres; este, por vil interesse e para satisfazer desejos bastardos.

Acresce ainda a circunstância de que os servos bons trabalham sempre, trabalham sem cessar, pois sabem que o trabalhador da última hora não é o que chega por último, mas sim o que trabalha até a última hora, e não regateia esforços para que todos os bens que lhe foram concedidos sejam postos em ação, estejam em movimento para vencerem juros.

O que nos foi confiado, não o foi para ser enterrado ou guardado, como aconteceu ao “talento” entregue ao mau operário, porém, sim, para ser por nós aproveitado e aproveitado pelos nossos semelhantes! Por isso, cada um é responsável pelo que lhe é dado; a quem muito é dado, muito se lhe pedirá; a quem pouco é dado, pouco se lhe pedirá.

Todas as parábolas de Jesus são exortações, convites, conselhos, mandamentos para a observância dos seus ensinamentos, exclusivamente dos seus ensinamentos, desembaraçados dos enxertos humanos e dos preceitos e mandamentos das igrejas de pedra.

O dia do Senhor é sempre hoje, e sua palavra está sempre guiando e ensinando aos que ele se chegam com boa vontade para aprenderem suas inestimáveis lições! O que disser, pois, “meu senhor tarda a vir”, não é um Homem-Espírito, mas, sim, um ser animal que ainda não pode ultrapassar as barreiras que separam o instinto da inteligência, a vida do corpo, a vida da alma, o Reino do Mundo, do Reino de Deus!

Finalmente, os servos bons distinguem-se dos servos maus como se distinguem as laranjas pela sua doçura.

PARÁBOLA DAS VIRGENS PRUDENTES E DAS NÉSCIAS

“O Reino de Deus será comparado a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo. Cinco dentre elas eram néscias e cinco prudentes. As néscias, tomando as suas lâmpadas não levaram azeite consigo; mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, juntamente com as lâmpadas. Tardando o noivo, toscanearam todas e adormeceram. Mas à meia noite ouviu-se um grito: Eis o noivo! Saí a seu encontro! Então se levantaram todas aquelas virgens e prepararam suas lâmpadas. E disseram as néscias às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando! Porém as prudentes responderam: Talvez não haja bastante para nós e para vós. Ide antes aos que o vendem e comprei-o para vós. Enquanto foram comprá-lo, veio o noivo; e as que estavam apercibidas entraram com ele para as bodas e fechou-se a porta. Depois vieram as outras virgens e disseram: Senhor, Senhor, abre-nos a porta! Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço.

“Portanto, vigiai, porque não sabeis nem o dia, nem a hora”.

(Mateus, XXV, 1-13.)

Há virgens e virgens, porque se umas são prudentes, outras são néscias.

Esta interessante parábola deixa ver bem claro que o Reino dos Céus não é um pandemônio de sábios e ignorantes, não é um ambiente onde tenham a mesma cotação os prudentes e os tolos.

A instrução espiritual é indispensável, assim como o é a instrução intelectual na vida social.

Os que passam a vida ociosamente, dela sugando o que tem de bom a lhes oferecer para a satisfação de seus deleites, os néscios, que julgam obter o Reino de Deus, sem estudo, sem esforço, sem trabalho, finalmente aqueles que não fazem provisão de conhecimentos que lhes aumente a fé, estão sujeitos a verem apagadas as suas candeias, e a perderem a entrada às bodas quando se virem forçados, de um momento para outro, a fazer aquisição de óleo, que representa os conhecimentos que fazem combustão em nossas almas, ascendendo em nosso coração a lâmpada sagrada da fé.

A fé sem conhecimento pode ser comparada a uma candeia mal provida que à meia noite não dá mais luz.

Assim é a fé dogmática, misteriosa, abstrata: na ocasião das provações, das dores, dos sofrimentos, nessa metade da noite por que todos passam, essa fé é semelhante ao morrão que fumega, da torcida que já sugou a última gota de óleo.

A prudência, ao contrário, manda ao homem que seja precavido, que abasteça abundantemente não só a sua candeia, mas também a maior vasilha que puder transportar, com o combustível que se converte em luz para lhe iluminar os passos, o caminho, a estrada por onde tem de seguir, e que assim possa, envolto em claridade, afrontar as trevas da noite inteira e ainda lhe sobre luz para com ela saudar os primeiros raios do Sol nascente.

A prudência manda ao homem que estude, pesquise, examine, raciocine e compreenda.

As virgens, tanto as da primeira condição, como as da segunda, representam a incorruptibilidade, representam todos aqueles que se conservam isentos da corrupção do mundo.

Mas não é bastante resguardar-se da corrupção para se aproximar do grande modelo: Jesus, o Cristo.

Assim como sem a candeia bem abastecida de combustível as virgens néscias não puderam ir ao encontro do noivo e entrar com ele nas bodas, assim também sem uma luz que

bem esclareça e ainda uma provisão de combustível que faça luz, ninguém pode ir ao encontro do Cristo e penetrar nos umbrais da aliança espiritual, para tomar parte nas bodas, cantando hosanas ao santo nome de Deus.

A needade é um entrave que paralisa o Espírito, arrojando-o depois na mais densa escuridão.

Não é bastante a virgindade espiritual para a entrada da criatura humana no Reino de Deus, mas é preciso que a mesma seja ligada ao conhecimento, a todo o conhecimento que nos foi dado por Jesus Cristo, nosso Mestre e irmão maior.

Não pode haver no Céu um misto de ignorância e de santidade. Toda a santidade é cheia de sabedoria, porque é da sabedoria aliada à santidade que vem a verdadeira fé e a consequência prática das boas obras.

As virgens néscias, por não terem azeite, não encontraram e nem puderam receber o noivo, assim como não tomaram parte nas bodas, porque suas lâmpadas se apagaram à chegada do noivo.

As virgens prudentes, ao contrário, acompanharam o noivo e com ele entraram nas bodas, porque tinham as suas lâmpadas bem acesas.

A religião não é crença abstrata. É um conjunto maravilhoso de fatos, de ensinamentos, que se unem, se completam, se harmonizam concretamente.

Só os néscios não a compreendem, porque não abastecem as lâmpadas que lhes iluminariam esse reino da verdade, onde as bodas eternas felicitam os espíritos trabalhadores, humildes e prudentes.

A needade, é a antítese da prudência; esta não pode existir onde impera aquela.

Needade, ignorância, falta de tino, são os maiores entraves à elevação do Espírito para Deus.

A prudência é cheia de sabedoria, de circunspecção, de consideração e de serenidade de Espírito. A prudência não obra desordenadamente, mas se afirma pela temperança, pela sensatez e pela discrição.

O inverso se dá com a necessidade. Envoltos em trevas, debatendo-se em plena escuridade, não mede as responsabilidades, não prevê conseqüências, não arrazoa os atos que pratica.

Esta parábola, como dissemos, ensina aos que aspiram o Reino dos Céus, a necessidade da instrução, do cultivo do Espírito, do exercício da inteligência e da razão, para a obtenção do conhecimento supremo, que nos guindará à eterna felicidade.

Não basta dizer: Senhor! Senhor! Não basta proferir preces, nem pronunciar orações mais ou menos emocionantes para que a porta da felicidade nos seja aberta. É preciso, primeiro que tudo, “abastecer as lâmpadas e os vasos”. O mandamento não é só: *amai-vos*, é também: *instruí-vos*.

A sabedoria é o óleo sagrado da instrução. Sem ela não há caminho para o Reino dos Céus, nem entrada para a “casa de Deus”

Sendo nossa estadia na Terra um meio de instrução, seremos néscios se descurarmos desse dever para nos entregarmos a labores ou diversões fúteis que nenhum progresso espiritual nos podem proporcionar.

As cinco “virgens prudentes” simbolizam os que lêem, estudam, experimentam, investigam, raciocinam, procurando compreender a vida, trabalhando pelo seu próprio aperfeiçoamento.

As cinco “virgens néscias” são o símbolo daqueles que sabem tudo o que se passou, menos o que precisam saber: não estudam, enfastiam-se quando se lhes fala de assuntos espirituais; chegam mesmo a dizer que, enquanto estão nesta vida, dela tratarão, reservando o seu trabalho de Espírito para quando se passarem para o outro mundo.

Geralmente, são estes que, nos momentos angustiosos, ou quando a “morte” lhes bate á porta, revestem-se de uma “fé” toda fictícia e exclamam: Senhor! Senhor! E como não podem obter o “óleo” de que fala a parábola pensam poder adquiri-lo com os *mercadores*, mas ao voltarem encontram “fechada a porta” e ouvem a voz de dentro que lhes diz: “Em verdade, não vos conheço”!

É preciso *vigiar*: procurar a verdade, onde quer que se encontre. É preciso adquirir conhecimentos, luzes internas que nos fazem ver o Senhor e nos permitem ingressar na sua morada.

A religião é luz e harmonia; assim se apresentou ela aos discípulos no Cenáculo: em forma de “línguas de fogo e como um vento impetuoso que encheu toda a sala”. E para segui-la é preciso ter olhos e ouvidos.

A necedade nada sabe, nada compreende, nada conhece, nada pensa.

Só a prudência nos pode guiar no caminho da vida aproximando-nos daquele por cujos ditames conseguiremos nossa redenção espiritual.

PARÁBOLAS DOS TALENTOS E DAS MINAS

“Porque isto é também como um homem que, partindo para outro país, chamou os seus servos e lhes entregou os seus bens: a um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um; a cada qual segundo a sua capacidade; e seguiu viagem. O que recebera cinco talentos, foi imediatamente negociar com eles e ganhou outros cinco; do mesmo modo o que recebera dois, ganhou outros dois. Mas o que tinha recebido um só, foi-se e fez uma cova no chão e escondeu o dinheiro do seu senhor. Depois de muito tempo voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles. Chegando o que recebera cinco talentos, apresentou-lhes outros cinco, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos: aqui estão outros cinco que ganhei. Disse-lhe o seu senhor: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel no pouco, confiar-te-ei o muito; entra no gozo do teu senhor. Chegou também o que recebera dois talentos, e disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; aqui estão outros dois que ganhei. Disse-lhe o seu senhor: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel no pouco, confiar-te-ei o muito; entra no gozo do teu senhor. E chegou por fim o que havia recebido um só talento, dizendo: Senhor, eu sei que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e recolhes onde não joeiraste; e, atemorizado, fui esconder o teu talento na terra; aqui tens o que é teu. Porém o seu senhor respondeu: Servo mau e preguiçoso, sabias que ceifo onde não semeei, e que recolho onde não joeirei? Devias, então, ter entregado o meu dinheiro aos banqueiros, e, vindo eu, teria recebido o que é meu com juros! Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem

os dez talentos; porque a todo o que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem ser-lhe-á tirado. Ao servo inútil, lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes”.

(Mateus, XXV, 14-30.)

“Ouvindo eles isto, prosseguiu Jesus e propôs uma parábola, visto estar ele perto de Jerusalém e pensaram eles que o Reino de Deus havia de manifestar-se imediatamente. Disse, pois: Certo homem ilustre foi para um país longínquo, a fim de obter para si o governo e voltar. Chamou dez servos seus, deu-lhes dez minas e disse-lhes: Negociai até eu voltar. Mas os seus concidadãos o odiavam, e enviaram após ele uma embaixada, dizendo: Não queremos que este homem nos governe. Quando ele voltou, depois de haver tomado posse do governo, mandou chamar os servos, a quem dera o dinheiro, a fim de saber como cada um havia negociado. Apresentou-se o primeiro e disse: Senhor, a tua mina rendeu dez. Respondeu-lhe o senhor: Muito bem servo bom, porque foste fiel no mínimo, terás autoridade sobre dez cidades. Veio o segundo, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu cinco. A este respondeu: Sê tu também sobre cinco cidades. E veio outro dizendo: Senhor, eis a tua mina que tive guardada em um lenço; pois eu tinha medo de ti, porque és homem severo, tiras o que não puseste e ceifas o que não semeaste. Respondeu-lhe: Servo mau, pela tua boca te julgarei. Sabias que sou homem severo, que tiro o que não pus e ceifo o que não semeei; por que, pois, não puseste meu dinheiro no banco? e então na minha vinda o teria exigido com juros. E disse aos que estavam presentes: Tirai-lhe a mina e dai-a ao que tem as dez. Responderam-lhe; Senhor, este já tem as dez. Declaro-vos que a todo o que tem, dar-se-lhe-á; mas o que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Quanto, porém, a esses meus inimigos, que não quiseram que eu os governasse, trouxe-os aqui e matai-os diante de mim”.

(Lucas, XIX, 11-27.)

A Parábola dos *Talentos* tem a mesma significação que a das *Minas*. Aquela narrada por Mateus, e esta por Lucas, exprimem perfeitamente os deveres que nos assistem, material, moral e espiritualmente.

Todos somos filhos de Deus; o Pai das almas reparte com todos igualmente os seus dons; a uns dá mais, a outros dá menos, sempre de acordo com a capacidade de cada um. A uns dá dinheiro, a outros sabedoria, a outros dons espirituais, e, finalmente, a outros concede todas essas dádivas reunidas.

De modo que um tem cinco talentos, outro dois, outro um; ou então um tem dez minas, outro cinco, outro duas.

Não há privilégios nem exclusões para o Senhor; e se cada qual, cõscio do que possui e compenetrado de seus deveres agisse de acordo com os preceitos da lei divina, estamos certos de que ninguém teria razão de queixar-se da sorte ou de clamar contra a “má situação” em que a maioria se diz achar.

Não existe um só indivíduo no mundo que não seja depositário de um talento ou de duas minas. Ainda mesmo aqueles que se julgam miseráveis e mendigam a caridade pública, se perscrutarem as suas aptidões, o que trazem oculto nos recônditos de sua alma, verão que não são tão desgraçados como se julgam.

Todos, todos trazem a este mundo talentos e minas para garantir não só o estado presente, como sua situação futura, porque o mundo não é mais que uma estância onde viemos fazer aquisições, provisões para construir e abastecermos a nossa morada futura.

Olhai o mendigo que passa andrajoso e sujo, procurai detê-lo por momentos, inquiri da sua vida, instigai-o a falar, pesquisai suas qualidades e seus defeitos, penetrai no recesso de seu coração e de seu cérebro; estudai-o física, moral e espiritualmente; fazei a sua psicologia, e tereis ocasião de ver nessa figura esquelética, monótona, e por vezes repelente, qualidades superiores às de muitos homens que se ufanam nas praças, assim como vereis nele dons adormecidos, semelhantes às minas escondidas na terra ou ao talento atado a um lenço!

E se assim acontece com o mendigo, o miserável, o andrajoso, com maior soma de razões a parábola tem aplicação aos grandes, aos poderosos, aos doutos, aos sacerdotes que justamente por se intitularem guias dos povos, são merecedores de maior soma de “açoites”.

Na época em que o senhor das *Minas* e dos *Talentos* veio exigir dos servos a primeira prestação de contas, só foram considerados servos maus os que haviam recebido o mínimo de minas e de talentos, pois os que haviam recebido em maior número prestaram boas contas. Mas se o senhor viesse agora a nos pedir conta da nova emissão de dólares, minas, talentos que espalhou pelo mundo, é certo que aconteceria justamente o contrário, porque não vemos o trabalho nem o “negócio” dos que receberam dois, cinco, dez minas e talentos!

Ainda mais, está a parecer-nos que o próprio capital, que pelos servos maus de outrora foi restituído do lenço ou desenterrado, nem este apareceria, pois a época é de “bancarrota” e de “falência fraudulenta”.

De fato, há dois mil anos o Supremo Senhor enviou ao mundo seu filho dileto e representante, cuja doutrina sábia, consoladora e ungida de amor é a única capaz de salvar a Humanidade; e o que observamos por toda parte?

Na esfera religiosa, como na esfera científica o dolo, a má fé, a deturpação da verdade!

O brado das guerras de 1914 a 1939, com as suas conseqüências, levou a orfandade aos lares, cidades foram devastadas e a imoralidade assentou sua cátedra em toda a parte, banindo das almas os princípios de fraternidade que o Cristo nos legou.

E onde estão os subsídios e os subsidiados; os servos, os talentos e as minas legadas no Evangelho às gerações?

Esses servos indolentes, cheios de preconceitos e temores humanos, por haverem ocultado os substanciosos ditames que lhes foram doados, para com esse “capital” ganharem meios de se elevarem, passarão por penosa existência de expiação e de trevas até que, mais humildes, mais submissos à vontade

divina, recebam novo talento, com o qual possam começar a preparar o seu bem-estar futuro.

E que diremos dos tartufos, dos mercenários, dos trapaceiros, dos ladravazes que unidos em coro impediam e impedem o domínio da lei de Deus, trancando os Céus, não entrando e ainda impedindo a entrada aos que desejam conhecê-lo? Que diremos dos que, semeando o ódio e a dissensão ao alarido de sinos, de foguetes e de fanfarra, fazem doutrina pessoal, substituindo o Criador pela criatura, e disseminam a “fé dos concílios” em vez da fé nos preceitos do Cristo?! Que diremos dos submissos, dos subservientes que, tendo idéias espíritas e estando convencidos de que o Espiritismo é a única doutrina capaz de nos iniciar no caminho da perfeição, ou por medo dos “maiorais”, ou por medo do ridículo, negam a sua fé, traem a sua consciência, escondem os seus sentimentos?!

Não terá o senhor direito de ordenar aos servos: conservai mortos esses suicidas, que se aniquilaram a si próprios; deixai-os no túmulo da descrença que eles próprios cavaram?!

Todos somos filhos de Deus: o Pai reparte igualmente suas dádivas entre todos os seus filhos; faz levantar o Sol para bons e maus e descer as chuvas para os justos e injustos; mas exige que essas dádivas sejam acrescentadas por todos. Os que obedecem a Seus preceitos têm o mérito de suas obras; os que desobedecem, o demérito, e são responsáveis pela falta de observância de seus sagrados deveres.

O dinheiro não nos foi dado para volúpias nem a sabedoria para estufar; assim como os dons espirituais não nos foram concedidos senão para serem proveitosos à fé, à esperança e à caridade.

Mais servos houvessem e mais subsídios lhes fossem concedidos, ainda não bastariam para mal empregarem o seu tempo, esbanjando a fortuna que lhes fora concedida, a eles, meros depositários, e da qual terão de prestar severas contas.

Tratando, pois, de *dons-talentos* materiais e morais, e de servos dotados com este gênero de subsídio, não é preciso estendermo-nos em maiores considerações. O livro do mundo está aberto e todos podem nele ler o que se passa.

Encaremos agora as parábolas sob o ponto de vista espírita.

Elas dirigem-se justamente àqueles que tiveram a felicidade de receber os talentos e as minas dos conhecimentos espíritas!

Ora, é muito sabido que estes conhecimentos quando bem entendidos e bem aplicados, são uma fonte perene de felicidade, e, ao contrário, quando mal entendidos e mal aplicados, são como que setas de remorsos cravadas nas consciências desviadas do bem e da verdade.

Aqueles que recebem a doutrina e ainda os dons espirituais, e os aplicam em proveito próprio e alheio, com o fim especial de tornar conhecida a palavra de Deus, são os que receberam 2 e 5 talentos, 5 e 10 minas; à última hora do trabalho, quando chamados ao ajuste de contas, lhes será dito: “Servos bons e diligentes! Fostes fiéis no pouco, também o sereis no muito; confiar-vos-ei o muito; entrai no gozo do vosso Senhor”. Ou então: “Servo bom, porque foste fiel no pouco, terás autoridade sobre dez cidades, sobre cinco cidades, de acordo, cada um, com os talentos e as minas que recebeu”.

Aqueles que recebem a doutrina e os dons espirituais e não os observam, ou os aplicam mal, prejudicando a causa que deviam zelar, são semelhantes aos que enterraram o talento e as minas.

A estes dirá o Senhor: “Dizíeis que o Senhor é exigente e cioso, e, em vez de, ao menos, pordes o talento ou as minas a render juros num banco, os escondestes ou os esbanjastes, pois, pela vossa boca eu vos julgarei; entregai imediatamente as minas e o talento aos que têm dez e cinco, porque a todo o que tem, dar-se-lhe-á e terá em abundância, e, ao que não tem, até o que tem ser-lhe-á tirado!”

PARÁBOLA DA SEMENTE

“O reino de Deus é como se um homem lançasse a semente a terra, e dormisse, e se levantasse de noite e de dia e a semente germinasse e crescesse, sem ele saber como. A terra por si mesma produz frutos; primeiro a erva, depois a espiga e por último o grão cheio na espiga. Depois do fruto amadurecer, logo lhe mete a foice, porque é chegada a ceifa”.
(*Marcos, IV, 26-29.*)

A terra é um prodígio de fecundidade. É dela que nos vem o alimento, e, portanto, o corpo; é dela que nos vem a roupa. Tudo vem da terra; ela produz a erva, faz brotar a espiga, faz nascer e amadurecer o fruto; e, lançada a semente a terra, germina e cresce sem se saber como!

É assim o Reino dos Céus; trazido à Terra pelo grande semeador, embora estivessem os homens alheios às coisas do Céu e presos à Terra, a palavra de Jesus, que é a semente da árvore que dá frutos de vida eterna, atirada na obscuridade da Palestina, transformou-se, tornou-se um novo corpo cheio de fortaleza, deu a *plântula*, subterrânea mas perfeitamente organizada, cuja raiz se introduziu no coração de seus discípulos, e, fendida a terra produtiva, deixou sair a haste que vai crescendo viçosa, saudando a luz, aparecendo aos olhos de todos, com seus reflexos verdejantes da esperança, que anuncia a produção do oxigênio espiritual indispensável à vida das almas! Com folhas já largamente abertas e flores perfumosas, mostra-se a árvore adulta e luxuriante, tal como fora prevista no Apocalipse pelo Cantor de Patmos; a árvore que serviria para a cura dos Espíritos!

A força secreta que produz todas as transformações orgânicas, também produz as transformações psíquicas.

E de onde vem essa força, esse poder? De Deus! E, embora os homens descurem seus deveres, assim como a semente se transforma em árvore, a semente do Reino de Deus se transforma em Reino de Deus pela força do progresso incoercível que domina todas as coisas!

Partindo do “germe”, a palavra de Jesus ampliou-se, desenvolveu-se, e por sua ação, fez desenvolver em seu seio, uma genealogia inteira de entes que, diferentes na forma e grandeza, vão constituindo e anunciando a todos o Reino de Deus!

É assim a semente da Parábola, que tem passado por todos os processos: germinação, crescimento, floração e frutificação, sem que a Revelação deixasse um só instante de vivificá-la com suas benéficas inspirações.

A Revelação é o influxo divino que ergue e movimenta todos os seres, que os eleva aos cimos da espiritualidade. O Reino de Deus, substituído até há pouco pelo Reino do Mundo, já está dando frutos de amor e de verdade, que permanecerão para sempre e transformarão o nosso planeta de um inferno hiante em estância feliz, onde as almas encontrarão os elementos de progresso para a sua ascensão à felicidade eterna.

PARÁBOLA DA CANDEIA

“Ninguém, depois de acender uma candeia, a cobre com um vaso ou a põe debaixo de uma cama; pelo contrário, coloca-a sobre um velador, a fim de que os que entram veja a luz. Porque não há coisa oculta que não venha a ser manifesta; nem coisa secreta que se não haja de saber e vir à luz. Vede, pois, como ouvis; porque ao que tiver, ser-lhe-á dado; e ao que não tiver, até aquilo que pensa ter, ser-lhe-á tirado”.

(Lucas, VIII, 16-18.)

“E continuou Jesus: Porventura vem a candeia para se pôr debaixo do módio ou debaixo da cama? Não é antes para se colocar no velador? Porque nada está oculto senão para ser manifesto; e nada foi escondido senão para ser divulgado. Se alguém tem ouvidos de ouvir, ouça. Também lhes disse: Atentai no que ouvis. A medida de que usais, dessa usarão convosco: e ainda se vos acrescentará. Pois ao que tem, ser-lhe-á dado; e ao que não tem, até aquilo que pensa ter, ser-lhe-á tirado”.

(Marcos, IV, 21-25.)

A luz é indispensável à vida material e à vida espiritual. Sem luz não há vida; a vida é luz quer na esfera física, quer na esfera psíquica. Apague-se o Sol, fonte das luzes materiais e o mundo deixará, incontinenti, de existir. Esconda-se a luz da sabedoria e da religião sob o *módio* da má fé ou do preconceito, e a Humanidade não dará mais um passo, ficará estatelada debatendo-se em trevas.

Assim, pois, tão ridículo é acender uma candeia e colocá-la debaixo da cama, como conceber ou receber um novo conhecimento, uma verdade nova e ocultá-los aos nossos semelhantes.

Acresce ainda que não é tão difícil encontrar o que se escondeu porque “não há coisa oculta que não venha a ser manifesta”. Mais hoje, mais amanhã, um vislumbre de claridade denunciará a existência da candeia que está sob o leito ou sob o módio, e que desapontamento sofrerá o insensato que aí a colocou!

A recomendação feita na parábola é que a luz deve ser posta no velador a fim de que todos a vejam, por ela se iluminem, ou, então, para que essa luz seja julgada de acordo com a sua claridade.

“Uma árvore má não pode dar bons frutos”; e o combustível inferior não dá, pela mesma razão, boa luz. Julga-se a árvore pelos frutos e o combustível pela claridade, pela pureza da luz que dá.

A luz do azeite não se compara com a do petróleo, nem esta com a do acetileno; mas todas juntas não se equiparam à eletricidade.

Seja como for, é preciso que a luz esteja no velador, para se distinguir uma da outra. Daí a necessidade do velador.

No sentido espiritual, que é justamente o em que Jesus falava, todos os que receberam a luz da sua doutrina precisam mostrá-la, não a esconderem sob o *módio* do interesse, nem sob o leito da hipocrisia. Quer seja fraca, média ou forte; ilumine na proporção do azeite, do petróleo, do acetileno ou da eletricidade, o mandamento é: “Que a vossa luz brilhe diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras (que são as irradiações dessa luz) glorifiquem o vosso Pai que está nos Céus”.

Ter luz e não fazê-la iluminar, é colocá-la sob o *módio*; é o mesmo que não a ter; e aquele que não a tem e pensa ter, até o que parece ter ser-lhe-á tirado. Ao contrário, “aquele que tem, mais lhe será dado”, isto é, aquele que usa o que tem em proveito próprio e de seus semelhantes, mais lhe será dado. A chama de uma vela não diminui, nem se gasta o seu combustível por acender cem velas; ao passo que estando apagada é preciso que alguém a acenda para aproveitar e fazer

aproveitar sua luz. Uma vela acendendo com velas, aumenta a claridade, ao passo que, apagada, mantém as trevas. E como temos obrigação de zelar, não só por nós como pelos nossos semelhantes, incorremos em grande responsabilidade pelo uso da “medida” que fizemos; se damos um dedal não podemos receber um alqueire; se uma oitava, não podemos contar com um quilo em restituição, e, se nada damos, o que havemos de receber?

A luz não pode permanecer sob o *módio*, nem debaixo da cama. A candeia, embora matéria inerte, nos ensina o que devemos fazer, para que a palavra do Cristo permaneça em nós, possamos dar muitos frutos e sejamos seus discípulos.

Assim, o fim da luz é iluminar e o do sal é conservar e dar sabor. Sendo os discípulos de Jesus luz e sal, mister se faz que ensinem, esclareçam, iluminem, ao mesmo tempo que lhes cumpre conservar no ânimo de seus ouvintes, de seus próximos, a santa doutrina do meigo Rabino, valendo-se para isso do Espírito que lhe dá o sabor moral para ingerirem esse pão da vida que verdadeiramente alimenta e sacia.

Assim como a luz que não ilumina e o sal que não conserva para nada prestam, assim, também, os que se dizem discípulos do Cristo e não cumprem os seus preceitos, nem desempenham a tarefa que lhes está confiada, só servem para serem lançados fora da comunhão espiritual e serem pisados pelos homens.

A candeia sob o módio não ilumina; o sal insípido não salga, não conserva, nem dá sabor.

PARÁBOLA DA FIGUEIRA QUE SECOU

“No dia seguinte, saindo eles de Betânia, teve fome. Vendo ao longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se, porventura, acharia nela alguma coisa. Aproximando-se, nada achou senão folhas; porque ainda não era tempo de figos. Disse-lhe: Nunca jamais coma alguém fruto de ti; e seus discípulos ouviram isto”.

“Quando chegava a tarde saíram da cidade. Ao passarem de manhã, viram que a figueira estava seca até a raiz. Pedro, lembrando-se, disse-lhe: Olha, Mestre, secou-se a figueira que amaldiçoaste!”

(Marcos, XI, 12-14 – 19-21.)

Antes de estudarmos esta passagem, uma consideração se apresenta às nossas vistas. Esta *figueira* não será a mesma que serviu de comparação ao Mestre para a exposição da sua parábola, cap. XIII, 6 a 9 do Evangelho de Lucas?

Cremos que sim, porque senão não haveria motivo para tão sumária execução. Se a própria Parábola da Figueira Estéril ensina a necessidade de cultivo, de conserto, de reparo, de fertilização com adubos, antes de toda e qualquer resolução decisiva, como, de momento, sem os requisitos preceituados neste ensinamento, Jesus resolveu fulminar a árvore que se achava bem enfolhada, bem “copada”?

Para o leitor, insciente do sentido espiritual das Escrituras, outra dificuldade se mostra com aparente contradição entre a narração do texto de Marcos e a de Mateus. Este diz: “No mesmo instante secou a figueira”. (Mateus XXI, 18 a 22); aquele: Pela manhã, viram que a figueira estava seca até a raiz”.

Entretanto, essa contradição é só aparente. Os antigos, quando se exprimiam sobre a duração de um fato, de uma coisa, de um fenômeno qualquer, não eram explícitos, como nós somos. Por exemplo, a palavra que traduzimos por *eternidade*, queria dizer um *tempo incalculável, indeterminado, de longa duração*. A Escritura fala de *meses de trinta anos*, em vez de *meses de trinta dias*. Acresce ainda a circunstância de que a *hora dos hebreus* abrangia, cada uma, três das nossas. (1)

Para a expressão “no mesmo instante”, aplicada ao tempo em que a figueira secou, o período de cinco horas cabe perfeitamente, se compreendermos o modo enfático com que foi pronunciada, porque uma árvore, mesmo que cortada pela raiz, não secará nesse espaço de tempo.

Naturalmente não era a primeira vez que Jesus e os seus discípulos viam aquela figueira. Por três anos consecutivos viram-na sem frutos, e mesmo depois de esterçada ela permaneceu estéril. Do que Jesus se aproveitou para demonstrar, aos que tinham de ser seus seguidores, o poder de que se achava revestido e o alto saber que o orientava.

Acode-nos uma lembrança também interessante. Diz Marcos que “a árvore não tinha senão folhas, porque não era tempo de figos”. Ora, esta figueira, forçosamente devia pertencer ao número daquelas árvores que dão fruto o ano inteiro; tanto mais que a parábola fala de cultivo e de adubo à mesma aplicados. Se considerarmos o clima daquela região, veremos que é perfeitamente admissível a nossa hipótese. A região fria está quase adstrita ao Norte, nas montanhas do Líbano. À proporção que se desce para Efraim, Manassés e Judá, a temperatura sobe, e aumenta ainda mais para os lados de Saron e nas costas do Mediterrâneo, tocando o grau tropical do Vale do Jordão e no Mar Morto. Por essas bandas é que se deveria encontrar a *figueira*, por ser mesmo o terreno mais fértil para plantações.

A *figueira*, aparentemente, estaria bem situada. Por que não dava frutos? Adubos não lhe faltaram, cuidados não lhe foram regateados! Por que seria que só lhe vinham tronco, galhos e folhas?

Com certeza, aquele circuito onde ela se achava era improdutivo, e improdutivo de tal modo que nem os adubos lhe venciam a esterilidade.

Ou então a semente era “chocha”, era de fundo estéril, tornando-se-lhe inúteis todos os cuidados.

Seja como for, o ensino de Jesus é muito significativo, por haver escolhido uma árvore, a fim de melhor gravar no ânimo de seus discípulos a lição que lhes queria transmitir, bem assim às gerações que deveriam estudar nos Evangelhos, a verdade que orienta e salva.

É instrutivo porque, havendo o Mestre tomado por ponto de comparação uma figueira, deixou bem claro que a lei de Deus, estendendo-se a toda a criação e sendo eterna, irrevogável, tanto tem ação sobre as árvores, os animais, como sobre as criaturas humanas.

Essa lei, que rege na figueira a produção dos frutos, é a mesma que rege nos homens a produção das boas obras.

Uma árvore sem frutos é uma árvore inútil, estéril, que não trabalha. Uma alma também sem virtudes é semelhante à figueira, na qual Jesus não encontra frutos.

Há, portanto, frutos de árvores e frutos de almas; frutos que alimentam corpos e frutos que alimentam Espíritos; todos são frutos indispensáveis à vida, tanto dos corpos, como das almas.

A figueira, por não ter frutos, secou, embora bem enraizada, de tronco bem formado, de galhos bem ramificados, de copa bem enfolhada.

Assim também o Espírito, o homem, a mulher, e até as crianças sem bons sentimentos, sem virtudes divinas, sem ações caritativas, generosas, celestiais, estejam embora vestidos de seda, recamados de brilhantes, reluzentes de ouro, hão de forçosamente sofrer as mesmas conseqüências ocorridas à figueira que, por não dar frutos, secou ao império da palavra de Jesus.

Desta explicação resulta a necessidade de praticarmos sempre boas ações, e, em nossos corações, fazermos provisão

dos ensinamentos celestiais, para que o Verbo de Deus se traduza por generosas ações.

Entretanto, a palavra de Deus não é só moral, é também sabedoria; e se analisarmos por esta face a seca da figueira, chegaremos à conclusão de que a palavra de Jesus não era simples palavra, mas também ação.

Jesus, durante a sua missão terrestre, foi sempre acompanhado de uma grande falange de Espíritos que executavam suas ordens. Quando Jesus disse à figueira: “nunca jamais coma alguém fruto de ti”, alguns desses Espíritos, com o poder de que dispunham, fizeram secar a figueira, assim como nós o faríamos aquecendo o seu tronco.

O centurião, em cuja casa Jesus curou, a distância, um servo que estava paralítico, compreendeu bem o poder de Jesus e por certo sabia dos auxiliares que com ele agiam quando disse: “Eu também tenho soldados às minhas ordens, e digo a um: vai ali, e ele vai; a outro: vem cá, e ele vem; ao meu servo: faze isto, e ele o faz”.

Com isso, o centurião teria feito ver a Jesus que conhecia o seu poder, a milícia que o acompanhava e os servos prontos a executarem suas ordens.

(1) Vide: *Interpretação Sintética do Apocalipse*, do mesmo autor.

PARÁBOLA DO CEGO QUE GUIA OUTRO CEGO

“Porventura pode um cego guiar outro cego? não cairão ambos no barranco?”

(Lucas, VI, 39.)

“Sabes que os fariseus ouvindo o que disseste, ficaram escandalizados? Mas ele respondeu: Toda a planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada pela raiz. Deixai-os, são cegos guias de cegos. Se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco”.

(Mateus, XV – 12-14.)

Há cegos do corpo e cegos do Espírito, e se horrível é a cegueira do corpo, mil vezes pior é a do Espírito. Entretanto, bem difícil, ou quase impossível é encontrar-se um cego a guiar outro cego, ao passo que, no que se refere às coisas do Espírito, vemos, por toda parte, cegos que guiam cegos!

Qualquer homem, por haver freqüentado um seminário e ter envergado uma sotaina, já se julga com capacidade bastante para ser guia de cegos!

Nunca se viu um cego formado no Instituto de Cegos sair à rua guiando cegos, mas vêem-se, todos os dias, cegos mil vezes mais cegos que os primeiros, saídos do “Instituto da Cegueira”, guiando a multidão de cegos que encontram o “barranco” do túmulo e nele caem juntamente com seus guias!

Mas passemos à comparação: triste coisa é ver-se neste mundo um cego caminhando só, ou um cego a guiar outro cego, se tal fosse possível.

Que acontece ao cego que caminha sem guia? Tropeça aqui, tomba ali, cai acolá; esbarra, fere-se, até que alma caridosa o tome pela mão e o conduza a casa!

A mesma sorte está reservada aos cegos que guiam cegos; tanto uns, como outros, passam pelos mesmos tormentos.

Imagine-se agora um “cego de Espírito” caminhando sozinho: um materialista, cego-voluntário, ao chegar ao mundo espiritual! Como poderá ele caminhar? Este homem não procurou estudar o mundo espiritual, nem sequer acreditava na outra vida: ignora a significação das palavras *imortalidade*, *eternidade*, *Deus*!

Que acontecerá a este cego ao passar as barreiras do túmulo? Que acontecerá a este Espírito ao ver-se num mundo completamente estranho?

Imaginemos, agora, um cego de Espírito conduzindo uma multidão de cegos da mesma natureza, como acontece aos guias das religiões tarifadas! Imaginemos esses cegos sucedendo-se no mundo espiritual. Que será de todos eles? São cegos, o mundo onde entraram lhes é desconhecido!

Como se arranjarão estes cegos, na sua entrada para um mundo cuja existência negaram, absortos que estavam nas miragens de um Céu de beatífica contemplação, de um Purgatório de brasas e de um Inferno de chamas!

Decididamente, ninguém pode saber sem aprender, ninguém pode aprender sem estudar, assim como ninguém pode ver, sendo cego.

A parábola de Jesus cabe a todos aqueles que fazem da fé um bloco de carvão e se submetem ao “magister dixit”, sem análise, sem estudo, sem exame.

Um cego não pode guiar outro cego; um ignorante do mundo espiritual não pode guiar as almas que para aí se encaminham.

Esta parábola, que faz alusão ao sacerdócio hebreu, pode referir-se hoje ao sacerdócio romano e protestante, assim como os materialistas, modernos saduceus que tudo negam.

PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

“Levantando-se um doutor da lei experimentou-o, dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Que é o que está escrito na lei? como lês tu? Respondeu ele: Amarás ao Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda a tua alma, de toda a tua força e de todo o teu entendimento e ao próximo como a ti mesmo. Replicou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isso e viverás. Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo? Prosseguindo, Jesus disse: Um homem descia de Jerusalém a Jericó; e caiu nas mãos de salteadores que, depois de o despirem e espancarem, se retiraram, deixando-o meio morto. Por uma coincidência descia por aquele caminho um sacerdote; e quando o viu, passou de largo. Do mesmo modo também um levita, chegando ao lugar e vendo-o, passou de largo. Um samaritano, porém, que ia de viagem, aproximou-se do homem, e, vendo-o, teve compaixão dele; e chegando-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; e pondo-o sobre seu animal, levou-o para uma hospedaria e tratou-o. No dia seguinte tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro e disse: Trata-o, e quanto gastares de mais, na volta to pagarei. Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? Respondeu o doutor da lei: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Disse-lhe Jesus: Vai e faze tu o mesmo.”

(Lucas, X, 25-37.)

Se examinarmos atentamente a Doutrina de Jesus, veremos em todos os seus princípios a exaltação da humildade e a humilhação do orgulho.

As personalidades mais impressionantes e significativas de suas parábolas são sempre os pequenos, os humildes, os repudiados pelas seitas dominantes, os excomungados pela fúria e ódio sacerdotal, os acusados pelos doutores da lei, pelos rabinos, pelos fariseus e escribas do povo, em suma, os chamados heréticos e descrentes! Todos estes são os preferidos de Jesus, e julgados mais dignos do Reino dos Céus que os potentados da sua época, que os sacerdotes ministradores da lei, que os grandes, os orgulhosos, os representantes da alta sociedade!

Leiam a passagem da “mulher adúltera”, a Parábola do Publicano e do Fariseu, a do Filho Pródigo, a da Ovelha Perdida, a do Administrador Infiel, a do Rico e o Lázaro; vejam o encontro de Jesus com Zaqueu, ou com Maria de Betânia, que lhe ungiu os pés; a Parábola do Grão de Mostarda em contraposição à da frondosa Figueira Sem Frutos, e a do Tesouro Escondido em contraposição à dos tesouros terrenos e das ricas pedrarias que adornavam os sacerdotes!

Esta afirmação se confirma com esta sentença do Mestre aos fariseus e doutores da lei: “Em verdade vos afirmo que as meretrizes e os pecadores vos precederão no Reino dos Céus”.

E para que melhor testemunho desta verdade, que aparece aos olhos de todos os que penetram o Evangelho em Espírito, do que esta Parábola do Bom Samaritano?

Os samaritanos eram considerados heréticos aos olhos dos judeus ortodoxos; por isso mesmo eram desprezados, anatematizados e perseguidos.

Pois bem, esse que, segundo a afirmação dos sacerdotes, era um descrente, um condenado, foi justamente o que Jesus escolheu como figura preeminente de sua parábola. O interessante, ainda, é que a referida parábola foi proposta a um doutor da lei, a um judeu da alta sociedade que, para tentar o Mestre, foi inquiri-lo a respeito da *vida eterna*.

O judeu doutor não ignorava os mandamentos, e como os podia ignorar se era doutor! Mas, com certeza, não os

praticava! Conhecia a teoria, mas desconhecia a prática. O amor de toda a alma, de todo o coração, de todo o entendimento e de toda a força que o doutor judeu conhecia, não era ainda bastante para fazê-lo cumprir seus deveres para com Deus e o próximo.

Amava, como amavam os fariseus, como os escribas amavam e como amam os sacerdotes atuais, os padres contemporâneos e os doutores da lei de nossos dias. Era um amor muito diferente e quiçá oposto ao que preconizou o Filho de Deus.

É o amor do *sacerdote*, que, vendo o pobre ferido, despido e espancado, quase morto, passou de largo; é o amor do *levita* (padre também da Tribo de Levi), que, vendo caído, ensanguentado, nu e arquejante à beira do caminho, por onde passava, um pobre homem, também se fez ao largo; é o amor dos egoístas, o amor dos que não compreenderam ainda o que é o amor; é o amor do sectário fanático que ama a abstração mas desama a realidade!

Salientando na sua parábola essas personalidades poderosas da sua época, e cujo exemplo é fielmente imitado pelo sacerdócio atual, quis Jesus fazer ver aos que lessem o seu Evangelho que a santidade dessa gente não chega ao mínimo do Reino dos Céus, ao passo que os excomungados pelas igrejas, que praticam o bem, se acham no caminho da *vida eterna*.

De fato, quem é o meu próximo, se não o que necessita de meus serviços, de minha palavra, de meus cuidados, de minha proteção?

Não é preciso ser cristão para se saber isto que o próprio doutor da lei afirmou em resposta à interpelação de Jesus: "O próximo do ferido foi aquele que usou de misericórdia para com ele". Ao que Jesus disse, para lhe ensinar o que precisava fazer a fim de herdar a *vida eterna*:

"Vai, e faze tu a mesma coisa".

O que equivale a dizer: Não basta, nem é preciso ser doutor da lei, nem sacerdote, nem fariseu, nem católico, nem

protestante, nem assistir a cultos ou cumprir mandamentos desta ou daquela igreja, para ter a *vida eterna*; basta ter coração, alma e cérebro, isto é, ter amor, porque o que verdadeiramente tem amor, há de auxiliar o seu próximo com tudo o que lhe for possível auxiliar: seja com dinheiro, seja moralmente ensinando os que não sabem, espiritualmente prodigalizando afetos e descerrando aos olhos do próximo as cortinas da *vida eterna*, onde o espírito sobrevive ao corpo, onde a vida sucede à morte, onde a palavra de Jesus triunfa dos preceitos e preconceitos sacerdotais!

Finalmente, a Parábola do Bom Samaritano refere-se verdadeiramente a Jesus; o viajante ferido é a Humanidade saqueada de seus bens espirituais e de sua liberdade, pelos poderosos do mundo; o sacerdote e o levita significam os padres das religiões que, em vez de tratarem dos interesses da coletividade, tratam dos interesses dogmáticos e do culto de suas igrejas; o samaritano que se aproximou e atou as feridas, deitando nelas azeite e vinho, é Jesus Cristo. O azeite é o símbolo da fé, o combustível que deve arder nessa lâmpada que dá claridade para a vida eterna – a sua doutrina; o vinho é o suco da vida, é o Espírito da sua palavra; os dois denários dados ao hospedeiro para tratar do doente, são a caridade e a sabedoria; o mais que o “enfermeiro” gastar, resume-se na abnegação, nas vigílias, na paciência, na dedicação, cujos feitos serão todos recompensados. Enfim, o hospedeiro representa os que receberam os seus ensinamentos e os “denários” para cuidarem do “viajante ferido e saqueado”.

PARÁBOLA DO AMIGO IMPORTUNO

“Se um de vós tiverdes um amigo e fordes procurá-lo à meia-noite e lhe disserdes: Amigo, empresta-me três pães, porque um amigo meu acaba de chegar à minha casa de uma viagem, e nada tenho para lhe oferecer: e se do interior o outro lhe responder: Não me incomodes; a porta está fechada, eu e meus filhos estamos deitados, não posso levantar-me para tos dar, digo-vos: embora não se queira levantar para lhas dar, por ser seu amigo, ao menos por causa da sua importunação se levantará e lhe dará quantos pães precisar. E eu vos digo: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, acha; e ao que bate, abrir-se-lhe-á. Qual de vós é o pai que, se o filho pedir um peixe, lhe dará em vez de peixe uma serpente? Ou se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Ora se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais o vosso Pai celestial, que dará um bom Espírito aos que lho pedirem”.

(Lucas XI, 5-13)

Na Terra vê-se muita maldade, mas ao lado desta, distinguem-se muitas ações nobres e generosas, principalmente entre amigos, cujos sentimentos e aptidões constituem laços de união e de simpatia. O homem pode não ser bom para com um adversário, um inimigo, um desconhecido. Mas, quando se trata de um amigo, mesmo dessa amizade que o mundo conhece, sem falar da amizade verdadeira que é coisa rara nesta Terra de enganos e aparências, quando se trata de um amigo ou de um conhecido que nos seja simpático, estamos prontos a servi-lo, seja de dia, seja de noite, seja por ser amigo, seja para não sermos importunados.

De modo que, se um amigo bate à nossa porta à meia-noite para nos pedir três pães, e se temos os três pães, levantamo-nos, servimos ao amigo e voltamos para o nosso leito, para que não aconteça ficar o amigo a bater por meia hora à nossa porta e a repetir por dez ou vinte vezes o pedido de três pães, perturbando o sono e a tranqüilidade de nossa família. Com esta alegoria quis mostrar-nos Jesus a necessidade da prece, embora repetidas vezes e a qualquer hora.

Fez-nos ver assim que, sendo Deus todo solícito para com suas criaturas, obrará com mais presteza provendo-nos do que é bom em qualquer lugar em que estejamos e a qualquer momento em que lhe dirigamos o nosso apelo. Sendo a bondade divina infinitamente superior à bondade de qualquer de nossos amigos, se contamos com a resposta favorável destes nas nossas necessidades, claro está que, se crermos em Deus, com mais forte razão deveremos crer na sua bondade e na sua misericórdia.

Jesus, para melhor exaltar a imaginação de seus discípulos e fazer-lhes compreender a ação da prece, após haver-lhes ensinado o modo de orar, julgou de bom alvitre fazer a exposição da parábola começando a comparação com os *amigos* e concluindo-a com os *pães*.

“Qual é o pai, perguntou o Mestre, capaz de dar uma serpente ao filho que lhe pede um peixe? Qual é o pai capaz de dar um escorpião ao filho que lhe pede um ovo?”

E acrescentou: “Se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai Celestial, que dará um bom Espírito aos que lho pedirem”.

Já no tempo de Jesus, mesmo entre seus discípulos, a superstição do diabo, não raro sufocava a predominância que os Espíritos bons tinham, mormente quando chamados para um ato de caridade ou de ciência.

Os fariseus, como acontece com os sacerdotes de hoje, diziam que todos os fatos extraordinários que a ação de Jesus causava, eram oriundos de Belzebu, príncipe dos demônios, tal como se pode verificar nos versos subseqüentes do capítulo que estamos estudando.

Os discípulos, como dissemos, também se achavam impregnados dessa crença blasfema que haviam herdado de seus pais carnaís.

Jesus, que veio à Terra para anunciar a palavra do Deus de amor, não podia deixar de combater o erro em que se achavam aqueles que mais tarde teriam de ministrar aos homens a sua doutrina de perdão e de caridade.

A parábola do amigo importuno é, pois, a excelente parábola em que o *Espírito* bom tem a sua primazia.

É claro que, se o nosso pai é incapaz de nos dar uma serpente quando lhe pedimos um peixe, Deus, que é nosso Pai espiritual, não nos pode dar um *Espírito ignorante, atrasado*, quando lhe pedimos um *Espírito bom*.

PARÁBOLA DO AVARENTO

“As terras de um homem rico produziram muito fruto. E ele discorria consigo: Que hei de fazer, pois não tenho onde recolher os meus frutos? E disse: farei isto: derribarei os meus celeiros e os construirei maiores, e aí guardarei toda a colheita e os meus bens e direi à minha alma: Minha alma, tens muitos bens em depósito para largos anos; descansa, come e bebe e regala-te. Mas Deus disse-lhe: Insensato, esta noite te exigirão a tua alma; e as coisas que ajuntaste para quem serão? Assim é aquele que entesoura para si e não é rico para com Deus”.

(Lucas, XII, 16-21)

Quanto mais se avizinha o tempo do cumprimento da missão do divino Messias, mais ele intensificava o seu trabalho de difusão da doutrina de que havia sido encarregado, pelo Supremo Senhor, de trazer à Terra.

Os escribas e fariseus já faziam planos sinistros para acabar com a vida do Filho do Homem, quando o Mestre excelente iniciou a exposição das imaginosas parábolas que constituem um dos mais eloqüentes capítulos do Novo Testamento.

A Parábola do Avaro é uma síntese maravilhosa do trágico fim de todos aqueles que não vêem a felicidade senão no dinheiro e se constituem em seus escravos incondicionais. Para essa gente, havendo dinheiro, há tudo. Periclita a família, cambaleia a sociedade, arraste-se o mendigo pelas vias públicas envergonhado e descomposto, chore e soluze o aflito, grite de dores o enfermo miserável ou o inválido sem pão e sem lar, nada comove esses corações de pedra, nada lhes remove, nada consegue mudar-lhes ou desviar-lhes as vistas dos “seus frutos”, dos seus celeiros, do seu ouro!

São homens desumanos, *sem alma*; pelo menos ignoram a existência, em si mesmos, desse princípio imortal que deve constituir, para todos, o principal objeto de cuidados e de carinho.

A avareza é a véspera da mendicidade, ou seja, o fator da miséria.

Quantos miseráveis perambulam pelas praças, implorando o óbulo e que, mesmo nesta existência, foram ricos, sustentaram grandezas, bastos celeiros transbordantes!

Quantos párias se arrastam pelas ruas, a bater de porta em porta, implorando “uma esmola pelo amor de Deus!”

Qual a origem dessa situação penosa que atravessam, qual a causa desses sofrimentos? A avareza! Ricos de dinheiro, eram pobres para com Deus, porque, embora não lhes faltasse tempo, nunca se dedicaram a Deus, nunca procuraram a sua lei, nunca pesquisaram o próprio íntimo em busca de algo que existe, que sente, que quer e que não quer, que ama e que odeia, que vê o passado, que, ao menos, teme o futuro; nunca buscaram saber se essa centelha de inteligência que lhes dá tanto amor ao ouro, tanta ganância pelos lucros terrenos poderá, quiçá, sobreviver a esse corpo que, de uma hora para outra, cairá exânime, para ser entregue ao banquete dos vermes!

O que valem riquezas efêmeras, sombras de felicidade que se esvaem, fumo de grandezas que desaparecem à primeira visita de uma enfermidade mortal! O que valem celeiros repletos em presença do “ladrão da morte”, que chega em momento inesperado, e até quando nos julgamos em plena mocidade e com ótima saúde!

Miseros avarentos dos bens que Deus vos confiou! Pensais, porventura, que não tereis de prestar ao Senhor severas contas desse depósito? Pensai que eles hão de permanecer conosco e servirão para multiplicar cada vez mais a vossa fortuna? Em verdade vos afirmo que vosso ouro se converterá em brasas a causticar vossa consciência! Em verdade vos digo que ele se transformará em peias e algemas,

resultantes da ação nefasta que exercestes em detrimento dos que tinham fome, dos que tinham sede, dos enfermos desprezados, dos pobres trabalhadores de quem explorastes o trabalho!

Ricos! Movimentai esse talento que o Senhor vos concedeu! Granjeai amigos com esse tesouro da iniquidade, para que eles vos auxiliem a entrar nos tabernáculos eternos! Fazei o bem; socorrei o pobre; amparai o órfão; auxiliai a viúva necessitada; curai o enfermo, como se ele fosse vosso irmão ou vosso filho; pagai com generosidade o trabalhador que está ao vosso serviço! Fazei mais: comprai livros e aproveitai os momentos de ócio para vos instruir, porque um rico ignorante é tanto como um asno de sela dourada! Ilustrai o vosso Espírito; fazei para vós tesouros e celeiros nos Céus, onde os vermes não chegam, os ladrões não alcançam, a morte não entra!

Lembraí-vos da Parábola do Avaro, cuja alma, na mesma noite em que fazia castelos no ar, foi chamada pelo Senhor!

PARÁBOLA DO SERVO VIGILANTE

“Estejam cingidas as vossas cintas e acesas as vossas candeias; e sede vós semelhantes a homens que esperam pelo seu senhor, ao voltar ele das bodas; para que, quando vier a bater à porta, logo lha abram. Bem-aventurados aqueles servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier; em verdade vos digo que ele se cingirá, os fará sentar à mesa, e, chegando-se, os servirá. E quer ele venha na segunda vigília, quer na terceira, bem-aventurados serão eles, se assim os achar. Mas sabei que, se o dono da casa tivesse sabido a hora a que havia de vir o ladrão, não haveria deixado arrombar a sua casa. Estai, vós, também apercebidos, porque à hora que não pensais, virá o Filho do Homem”.

(Lucas, XII, 35-40.)

Na esfera espiritual, como na material, a qualidade indispensável do servo é ser vigilante.

Servo vigilante é o que trata com zelo dos misteres que lhe são afetos, correspondendo, como deve, ao salário pelo qual se ajustou, e satisfazendo, ao mesmo tempo, as ordens que recebe de seu senhor.

A dissídia no trabalho, não só abate o crédito do operário, como também lesa os interesses de seus superiores.

O bom servo, que trabalha nas coisas referentes ao Espírito, não tem tempo para se reclinar no leito e, de candeia apagada, dormir o bom sono, esquecendo os trabalhos que lhe são afetos.

Precisa ele, com a cinta cingida e a candeia acesa, vigilante, aguardar que o senhor lhe bata à porta.

Nenhum dos servos sabe em que vigília chegará o Senhor, se na segunda, se na terceira; e a vinda do Senhor é tão certa,

como a descida das chuvas a terra, como a mudança do dia pela noite, como o calor, como o frio, como os ventos, como a volta dos cometas, como o brilho das estrelas.

Em linguagem evangélica, servo vigilante é o que estuda, é o que pesquisa, perquire, e de candeia acesa, isto é, com o entendimento aclarado pela compreensão dos fatos que observou e dos estudos que fez, ilumina os que lhe estão próximos, ensinando-lhes o caminho que vai ter a Deus, que não pode ser outro que o da caridade bem compreendida, como ensina o Espiritismo!

PARÁBOLA DOS PRIMEIROS LUGARES

“Ao notar como os convidados escolhiam os primeiros lugares, propôs-lhes esta parábola: Quando fores por alguém convidado para um casamento, não te sentes no primeiro lugar; para não suceder que seja por ele convidada uma pessoa mais considerada do que tu e, vindo o que te convidou a ti e a ele, te diga: Dá o lugar a este; e então irás envergonhado ocupar o último lugar. Pelo contrário, quando fores convidado, vai tomar o último lugar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, senta-te mais para cima; então isto será para ti uma honra diante de todos os mais convivas. Pois todo o que se exalta será humilhado; mas todo o que se humilha, será exaltado”.

(*Lucas, XIV, 7-11.*)

É costume dos orgulhosos, que querem ostentar grandeza, ocupar na sociedade as posições mais distintas; tornarem-se salientes, para atrair atenções.

Jesus, que costumava freqüentar certas reuniões em ocasiões que julgava próprias, para estudar o caráter e a psicologia das gentes, antes de propor a seus discípulos a Parábola da Grande Ceia, julgou de bom aviso ensinar-lhes que, mesmo como convivas desse “banquete espiritual”, não deveriam pleitear os *primeiros lugares*, posições inadequadas aos que devem observar estritamente a humildade, único meio de exaltação e de conquista de mérito.

Nenhum valor tem para Jesus os que se salientam pomposamente nos primeiros lugares e praticam todas obras que aparentemente são boas, para serem visto pelos homens;

os que alargam seus filactérios, alongam suas fímbrias, e gostam do primeiro lugar nos banquetes, das primeiras cadeiras nas sinagogas, das saudações nas praças públicas e de serem chamados mestres.

O conviva da “grande ceia” deve ser sóbrio, modesto, prudente, recatado, cheio de boa vontade, laborioso, e, em vez de se recostar comodamente no primeiro lugar que encontra vago em torno da mesa do banquete, deve fazer-se como o servo que, depois de bem examinar as iguarias, serve equitativamente aos convivas, segundo o paladar de cada um deles.

“A cadeira de Moisés”, o estudante do Evangelho já o sabe, não deve ser ocupada pelos novos convivas da “grande ceia”, para que lhes não seja aplicado o libelo condenatório pronunciado pelo Mestre contra os escribas e fariseus. (Mateus, XXIII.)

A sentença do Mestre “O que se exalta, será humilhado; mas o que se humilha, será exaltado”, tem estrita aplicação a todos os que já receberam a palavra de Jesus em Espírito e Verdade.

Na Parábola do Bom Servo está escrita a obrigação dos que desejam os “primeiros lugares espirituais”. Não é por ocupar os “primeiros lugares na sociedade” que os obteremos. Ninguém pense em galgar as eminências da glória, sem haver prestado seus serviços à causa da verdade, sem ter experimentado, para tal fim, provas difíceis de vencer, sem haver triunfado nas lutas, sem ter vendido o mundo com suas enganadoras miragens.

Os primeiros lugares espirituais não são aqueles em que somos honrados, mas aqueles em que nos colocamos para honrar; não são aqueles em que somos servidos, mas os em que nos dão ensejo de servir. “O Filho do Homem não veio ao mundo para ser servido, mas para servir”.

A Parábola de Jotam, pronunciada no crime de Gerizim, para exortar o povo de Shechem, pode ser repetida hoje aos que conquistam as glórias e querem naturalmente obter aquelas que não passam como a flor da erva:

AS ÁRVORES QUE ESCOLHEM UM REI

(Tradução Livre)

Certa vez as árvores deliberaram escolher um rei. Uniram suas vozes e disseram à oliveira: reina sobre nós. A oliveira respondeu: deixarei, por ventura, a minha gordura, que se usa para honrar aos deuses e aos homens, para reinar sobre árvores?

Voltaram-se as árvores para a figueira e lhe disseram: Vem, então, tu, e reina sobre nós. Mas a figueira respondeu: Deixarei, porventura, a minha doçura e as demais qualidades que possuo para reinar sobre árvores?

em vista da recusa, as árvores se congregaram em torno da videira e disseram-lhe: Vem tu, e reina sobre nós. A videira também se excusou, dizendo: hei de deixar o meu suco que alegria aos deuses e aos homens, para dominar sobre árvores?

Então as árvores voltaram-se para o espinheiro e lhe disseram: Vem tu e reina sobre nós. Ao que o espinheiro respondeu: Se vós, na verdade, me ungis vosso rei, vinde e refugiai-vos debaixo de minha sombra; mas, se não, do espinheiro sairá fogo que devorará os cedros do Líbano.

Este apólogo, que encerra profundos ensinamentos sob o véu da letra, deixa ver bem claro que os nossos deveres espirituais para com os homens, e para com Deus, não devem ser substituídos por qualquer oferta que nos façam, embora elas aparentem fins de interesse público ou pareçam visar glórias espirituais.

PARÁBOLA DA GRANDE CEIA

“Um homem deu uma grande ceia, e convidou a muitos; e à hora da ceia enviou o seu servo para dizer aos convidados: Vinde, porque tudo já está preparado. Começaram todos à uma a escusar-se. Comprei um campo, disse um, e preciso ir vê-lo; rogo-te que me dês por escusado. Comprei cinco juntas de bois, disse outro, e vou experimentá-las; rogo-te que me dês por escusado. Casei-me, disse outro ainda, e por isso não posso ir. O servo voltou e contou isto ao seu senhor. Então, irado, o dono da casa disse ao seu servo: Sai depressa para as ruas e becos da cidade e traze para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos. Disse o servo: Senhor, feito está o que ordenaste e ainda há lugar. Respondeu-lhe o senhor: Sai pelos caminhos e atalhos e obriga a todos a entrar, para que se encha a minha casa; porque vos declaro que nenhum daqueles homens que foram convidados, provará a minha ceia”.

(Lucas, XIV, 16-24.)

O apego ao mundo e às coisas do mundo priva o homem das bênçãos de Deus.

Certa vez, encontrando Jesus um moço de qualidade e rico, que observava todos os mandamentos, mas não observava o principal dos mandamentos que se constitui no desapego às coisas do mundo, disse: “É mais fácil um camelo passar pelo fundo duma agulha, do que um rico salvar-se”.

O homem superior, o Espírito evoluído, jamais prefere os bens da Terra em detrimento dos bens do Céu, porque sabe que aqueles se extinguem e estes permanecem para sempre.

Não há campo, não há bois, não há casamentos, capazes de desviar o homem de bem dos seus deveres espirituais.

Ele sabe atender com solicitude a todos os apelos do Alto, embora se arruinem os campos, fiquem os bois sem serem experimentados e se transfira o casamento.

O contrário se dá com o homem do mundo: preso aos negócios, às diversões, à ganância louca, esquecem-se de seus deveres para com Deus, de seus deveres para com seu próximo, de seus deveres para consigo mesmo, isto é, dos deveres espirituais que tem de realizar no mundo.

Nesta parábola, Jesus faz alusão às suas próprias prédicas, que se constituem no banquete espiritual; a diversidade de ensinamentos sistematizados a bela e excelente Doutrina Cristã, são os “pratos” variados da grande mesa em que todos podem fartar-se, para não mais sentir aquela fome de saber.

Os convidados foram os grandes, os potentados, os afazendados, que negaram a ouvir a palavra do Reino de Deus, que não quiseram comparecer a esse banquete celestial.

São estes os excluídos das bênçãos do Céu, porque as recusaram, preferindo os deleites do mundo.

Os pobres, coxos, aleijados e cegos são os que não têm campos, não têm bois para experimentar, nem casamento para privá-lo do comparecimento à ceia. São os deserdados das mundanas glórias, das mundanas pompas, dos bens mundanos e os que consideram os chamados do Céu superiores aos chamados da Terra.

De fato, a palavra de Jesus exclui todas as honras, etiquetas e preconceitos terrenos! Para chegarmos a ele precisamos nos comparar a uma criança que não tem idéias preconcebidas, que não tem campos, bois, casamentos, porque a palavra de Jesus é superior a tudo e requer de nós o máximo respeito, a máxima consideração, o maior acatamento!

E essa palavra não passou! A mesa continua cheia de manjares de várias qualidades, capazes de satisfazer os mais exigentes paladares, assim como os grandes do mundo, os proprietários de campos e de bois continuam recusando-se a comparecer a tão atencioso convite.

A parábola é a figura do que acontecia na época do nascimento do Cristianismo, e é a figura do que acontece nos

nossos tempos: os ‘graúdos” deste mundo não querem responder ao apelo que lhes faz, por isso os pequenos e deserdados enchem a mesa, embora, como disse o servo encarregado do convite: “Ainda há lugar para os que quiserem comparecer”.

O Cristianismo, em seu complemento espírita, realiza novamente esse chamado, e estamos certos de que todas as ovelhas que constituirão o único rebanho do supremo Pastor ouvirão os incessantes chamados que lhes estão sendo feitos, e corresponderão com solicitude e boa vontade, aos divinos convites que partem de todos os recantos do mundo.

PARÁBOLA DA DRACMA PERDIDA

“Qual é a mulher que tendo dez dracmas e perdendo uma, não acende a candeia, não varre a casa e não a procura diligentemente até achá-la? Quando a tiver achado, reúne as suas amigas e vizinhas, dizendo: Regozijai-vos comigo, porque achei a dracma que tinha perdido! Assim, digo-vos, há júbilo na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende”.

(Lucas, XV, 8-10.)

O principal escopo de Jesus, durante toda a sua existência na Terra, foi demonstrar aos homens a imortalidade da alma, a vida eterna, a bondade, a misericórdia, a solicitude desse Deus, que ele anunciava para com todas as suas criaturas.

Nunca o Mestre exigiu de seus discípulos holocaustos e sacrifícios. O que ele queria é que o amassem, que cressem na sua palavra e confiassem no Pai que ele tinha vindo anunciar, Pai criador e zelador de toda a sua criação, de todas as suas obras; que veste os lírios e as açucenas, e alimenta os passarinhos; que procura a ovelha perdida; que recebe o filho pródigo, e que sente grande contentamento quando um de seus filhos para Ele se volta e Lhe solicita os benefícios de que necessita para sua ascensão espiritual!

Para bem gravar os seus ensinamentos na imaginação de seus ouvintes, o Mestre amoroso, sempre que se lhe oferecia ocasião, fazia comparações e servindo-se de ocorrências que se verificavam todos os dias, exaltando assim os impecáveis atributos de Deus.

A Parábola da Dracma Perdida, que não passa de um simples episódio, em que Jesus reuniu às exortações que fez

certa vez aos publicanos e pecadores, compara ele a alegria que há no mundo espiritual, na presença dos mentores, quando um pecador se arrepende, com a alegria que tem uma mulher ao achar 315 réis (uma dracma*), que havia perdido!

E faz ver que, pela mesma forma que a mulher, ao perder a dracma, acende a candeia, varre a casa e procura-a diligentemente até achá-la, também Deus emprega todos os meios que sabiamente sugere aos Espíritos seus mensageiros para encontrar a sua *dracma*, ou seja o pecador que se perdeu, a fim de ser ele restituído à casa paterna.

O Deus de Jesus, como se vê, é o Deus sábio e benevolente, o Deus amoroso e caritativo, e não o “Deus” pródigo, cioso, vingativo e mau, ensinado pelas religiões humanas, pelos sacerdotes.

É isto que quer a parábola: exaltar a bondade e o amor de Deus, que em nós desperta princípios de sabedoria, para nos aproximarmos do Supremo Senhor.

(*) *Modernamente, a dracma é a unidade monetária da Grécia, dividida em 100 kepta e cotada a 30 por dólar (1968).*

PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

“Um homem tinha dois filhos. Disse o mais moço a seu pai: Meu pai, dá-me a parte dos bens que me toca. E ele repartiu os seus haveres entre ambos. Poucos dias depois o filho mais moço ajuntando tudo o que era seu, partiu para um país longínquo e lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente. Depois de ter consumido tudo, sobreveio àquele país uma grande fome e ele começou a passar necessidades. Então foi encostar-se a um dos cidadãos daquele país e este o mandou para seus campos a guardar porcos; ali desejava ele fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. Caindo, porém, em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm pão com fartura e eu aqui, morrendo de fome! Levantar-me-ei, irei a meu pai e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o Céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado de teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros. E levantando-se foi a seu pai. Estando ele ainda longe, seu pai viu-o e teve compaixão dele, e, correndo, o abraçou e o beijou. Disse-lhe o filho: Pai, pequei contra o Céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. O pai, porém, disse aos seus servos: trazei depressa a melhor roupa e vesti-lha, e pondo-lhe o anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também um novilho cevado, matai-o, comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho era morto e reviveu, estava perdido e se achou. E começaram a regozijar-se. Ora, o seu filho mais velho estava no campo; e, quando voltou e foi chegando a casa, ouviu a música e a dança, e chamando os criados perguntou-lhes o que era aquilo. Um deles respondeu: Chegou teu irmão e teu pai mandou matar o novilho cevado, porque o recuperou com saúde. Então ele se indignou, e não

queria entrar; e, sabendo disso, seu pai procurava conciliá-lo. Mas ele respondeu: Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para eu me regozijar com os meus amigos; mas, quando veio este teu filho que gastou teus bens com meretrizes, tu mandaste matar o novilho mais gordo. Respondeu-lhe o pai: Filho: tu sempre estás comigo, e tudo que é meu é teu; entretanto, cumpria regozijarmo-nos e alegrarmo-nos, porque este teu irmão era morto e reviveu, estava perdido e se achou”.

(Lucas, XV, 11-32.)

Esta parábola imaginosa relatada pelo evangelista Lucas é a doce e melodiosa palavra de Jesus, dizendo aos homens da bondade sem limites, da caridade infinita de Deus!

Ambas as individualidades que representam o filho obediente e o filho desobediente simbolizam a Humanidade Terrestre.

O pai de ambos aqueles filhos, simboliza. Deus.

Uma pequena, pequeníssima parte da Humanidade personificada no filho obediente se esforça por guardar a lei divina e permanece, portanto, na casa do Pai. A outra parte personifica o filho desobediente, que, de posse dos haveres celestiais, dissipa todos esses bens e vive dissolutamente, até chegar ao extremo de ter de comer das *alfarrobas que os porcos comem*. Esse extremo é que o força a voltar à casa paterna, onde, acolhido com benemerência e conforto, volta a participar das regalias concedidas aos outros filhos.

Em resumo: esta simples alegoria, capaz de ser compreendida por uma criança, demonstra o amparo e a proteção que Deus sempre reserva a todos os seus filhos. Nenhum deles é abandonado pelo Pai celestial, tenha os pecados que tiver, pratique as faltas que praticar, porque se é verdade que o filho chega a perder a condição de filho, o Pai nunca perde a condição de Pai para com todos, porque todos somos criaturas suas. Estejam eles onde estiverem, quer no mundo, quer no espaço; quer neste planeta, quer em *país longínquo*, ou seja

noutro planeta, com um corpo de carne ou com um corpo espiritual, o Pai a nenhum despreza, a nenhum abandona, porque nos criou para gozarmos da sua luz, da sua glória, do seu amor!

O Pai celestial não é o pai da carne e do sangue, pois como disse o apóstolo: “a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus”; a carne e o sangue são corruptíveis, só o Espírito é incorruptível, só o Espírito permanece eternamente. O Pai celestial é Espírito, é Deus de verdade, Deus vivo, por isso seus filhos também são Espíritos que permanecem na imortalidade.

A luz, a verdade, o amor não foram criados para os corpos, mas sim para as almas.

Como poderia Deus criar um “filho pródigo”, a não ser para que ele, depois de passar pela experiência dura do mal que praticou, voltar para o seu Criador, e, arrependido, propor o não mais ser perdulário, mas adaptar-se à vontade divina, e caminhar para os destinos felizes que lhes estão reservados!

Como poderia Deus criar uma alma ao lado de um Inferno eterno!

Que pai é esse que produz filhos para mandá-los atormentar para sempre?

A Parábola do Filho Pródigo é a magnificência de Deus e ao mesmo tempo o solene e categórico protesto de Jesus contra a doutrina blasfema, caduca, irracional das *penas eternas do Inferno*, inventada pelos homens.

Não há sofrimentos eternos, não há dores infundáveis, não há castigos sem fim, porque se os mesmos fossem eternos, Deus não seria justo, sábio e misericordioso.

Há gozos eternos, há prazeres inextinguíveis, há felicidades indestrutíveis por todo o infinito, esplendores por toda a Criação, amor por toda a eternidade!

Erguei as vossas vistas para os céus. O que vedes? Um manto estrelado sobre vossas cabeças, chispas luminosas vos cercam de carícias; fulgurações multicores vos atraem para as regiões da felicidade e da luz!

Olhai para baixo, para a terra, para as águas: o que vedes? Essas chispas, essas luzes, essas estrelas, essas cintilações retratadas no espelho das águas, nas corolas das flores, nos tapetes verdejantes dos campos; porque das luzes nascem as cores, são elas que dão colorido às flores, que iluminam os campos, que agitam as águas!

Ó homem! onde quer que estejas, se quiseses ver com os olhos do Espírito, verás a bondade e o amor de Deus animando e vivificando o Universo inteiro! Tanto em baixo como em cima, à esquerda como à direita, se abrires os olhos da razão, verás a mesma lei sábia, justa, eqüitativa, regendo o grão de areia e o gigantesco Sol que se baloiça no espaço; o infusório que emerge, a gota d'água e o Espírito de luz, que se eleva sereno às regiões bem-aventuradas da paz!

A lei de Deus é igual para todos: não poderia ser boa para o bom e má para o mau; porque tanto o que é bom quanto o que é mau estão sob as vistas do Supremo Criador, que faz do mau bom, e do bom melhor: pois tudo é criado para glorificar o seu imaculado nome!

Não há privilégios nem exclusões para Deus; para todos Ele faz nascer o seu Sol, para todos faz brilhar suas estrelas, para todos deu o dia e a noite; para todos faz descer a chuva!

Quando a criatura humana, num momento de irreflexão se afasta de Deus, e, dissipando os bens que o Criador a todos doou, se entrega a toda sorte de dissoluções, a dor e a miséria, esses terríveis agulhões do progresso espiritual ferem rijo a sua alma orgulhosa até que, num momento supremo de angústia, ela possa elevar-se para Deus e deliberar reentrar no caminho da perfectibilidade. É então que, como o filho pródigo, o homem transviado, tocado pelo arrependimento, volta-se para o Pai carinhoso e diz: “Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho...” E Deus, nosso amoroso Criador, que já o havia visto em caminho

para dEle se aproximar e rogar, abre àquele filho as portas da regeneração e lhe faculta todas as dádivas, todos os dons necessários para esse grandioso trabalho da perfeição espiritual.

Está escrito no Evangelho que houve um banquete com música e festa à chegada do filho pródigo à casa paterna. Está escrito mais, que o pai mandou ver a melhor roupa para vestir o filho que voltou, as melhores sandálias para lhes resguardar os pés e, ainda lhe colocou no dedo um belo anel, tal foi a alegria que teve, e tal é a alegria nos Céus, quando uma alma transviada, para os Céus se volta.

O Pai está sempre pronto a receber o filho pródigo, e os Céus estão sempre abertos à sua chegada.

Não há falta, por maior que seja, que não se possa reparar; assim como não há nódoa, por mais fixa que pareça, que não se possa apagar.

Tudo se retempera, tudo se corrige, tudo se transforma, do pequeno para o grande, do mau para o bom, das trevas para a luz, do erro para a verdade! Tudo limpa, tudo alveja, tudo reluz ao atrito do fogo sagrado do progresso, tudo se aperfeiçoa, tudo evolui, todas as almas caminham para Deus!

Eis o que diz o Evangelho; mas o Evangelho de Jesus Cristo, o Evangelho do amor a Deus e ao próximo.

Completando a parábola, vemos que o filho pródigo recebeu os bens, saiu de casa, esbanjou-os dissolutamente numa vida desregrada. E o que não foi pródigo, o filho obediente, por seu turno, enterrou seus bens, como aquele que enterrou o *talento* da parábola.

O que diz o Evangelho que o filho obediente fez dos bens que possuía?

Ele vivia à custa do pai, participava de todos os bens que havia em casa, e com a chegada do irmão, ao ver a festa com que aquele foi recebido, entristeceu-se: cheio de egoísmo, de avareza, revoltou-se contra o pai!

Infelizmente, é assim esta atrasada Humanidade! Ela se compõe de filhos pródigos e de filhos obedientes, mas estes parecem ser ainda piores que aqueles!

E tanto é verdade o que nos passa pela mente, que, ao concluir a parábola, o Mestre exalta os *pródigos* que voltam e censura os *obedientes* que ficam, não só com os bens que receberam, como também, com as paixões más de que não se querem despojar!

Mas a Humanidade progride, e este mundo passará à hierarquia mais elevada com a vinda de Espíritos melhores, que nos orientarão para o bem e o belo, para a realização total dos nossos destinos!

PARÁBOLA DO ADMINISTRADOR INFIEL

“Disse Jesus aos discípulos: Havia um homem rico, que tinha um administrador; e este lhe foi denunciado como esbanjador dos seus bens. Chamou-o e perguntou-lhe: que é isto que ouço dizer de ti? Dá conta da tua administração; pois já não podes mais ser meu administrador. Disse o administrador consigo: Que hei de fazer, já que o meu amo me tira a administração? Não tenho forças para cavar; de mendigar tenho vergonha. Eu sei o que hei de fazer para que, quando for despedido do meu emprego, me recebam em suas casas. Tendo chamado cada um dos devedores do seu amo, perguntou ao primeiro: Quanto deves ao meu amo? Respondeu ele: Cem cados de azeite. Disse-lhe então: Toma a tua conta, senta-te depressa e escreve cinquenta. Depois perguntou a outro: E tu, quanto deves? Respondeu ele: Cem coros de trigo. Disse-lhe: Toma a tua conta e escreve oitenta. E o amo louvou o administrador iníquo, por haver procedido sabiamente; porque os filhos deste mundo são mais sábios para com a sua geração do que os filhos da luz. E eu voz digo: Granjeai amigos com as riquezas das iniquidade, para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos. Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco, também é injusto no muito. Se, pois, não fostes fiéis nas riquezas injustas, quem vos confiará as verdadeiras? E se não fostes fiéis no alheio, quem vos dará o que é vosso? Nenhum servo pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer a um e amar a outro, ou há de unir-se a um e desprezar ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas”.

(Lucas, XVI, 1-13.)

O sentido oculto desta parábola visa a estas duas qualidades, pelas quais se reconhece a bondade ou a maldade do homem: *fidelidade e infidelidade*.

Fidelidade é a constância, a firmeza e a lealdade com que agimos em todos os momentos da vida: na abundância como na pobreza, nas eminências dos palácios como na humildade das choupanas, na saúde como na enfermidade, e até nos umbrais da morte como no apogeu da vida.

O apóstolo Paulo, demonstrando sua lealdade, sua constância, sua fidelidade, sua firmeza de caráter, dizia: “Quem me separará do amor de Cristo?”

A fidelidade é a pedra de toque com que se prova o grau do caráter do homem.

É fiel nos seus deveres? Tem forçosamente todas as qualidades exigidas ao homem de caráter: reconhecimento, gratidão, indulgência, caridade, amor, porque a verdadeira fidelidade não se manifesta com exceções ou preferências. Aquele que caminha para se aperfeiçoar em tudo, obedece à sentença de Jesus: “Sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai celestial”.

Pelo que se conclui: expondo a parábola, Jesus teve por fim exortar seus discípulos a se aplicarem nessa virtude, que se chama *fidelidade*, para que pudessem um dia representá-la condignamente, tal como se manifesta nos Céus.

Como tudo na Natureza e como tudo o que se faz mister para a perfeição, quer no plano físico ou na esfera intelectual e moral, a fidelidade vai-se engrandecendo em nós, à proporção que nela nos aperfeiçoamos. Não a adquirimos de uma só vez em sua plenitude, mas paulatinamente, gradativamente. E aquele que já a possui em certo grau, como o “administrador infiel” da parábola, faz jus à sua benevolência divina.

Pelo estudo analítico da parábola vemos que o *administrador* foi acusado por alguém, ou por outra, foi denunciado como esbanjador dos bens de seu patrão, pelo que este resolveu chamá-lo à ordem, perguntou-lhe: “O que quer dizer

esta denúncia que tive de ti? Dá conta da tua administração; pois dessa forma não podes mais ser meu empregado”.

Pela prestação de contas verificou-se não ter havido esbanjamento, mas sim facilidade em negócios, que prejudicaram o patrão. O prejuízo constava de vendas feitas sem dinheiro e sem documentos: *cem cados de azeite e cem coros de trigo*. Tanto assim que, legalizadas as contas, com as letras correspondentes ao valor de *cinquenta cados de azeite e oitenta coros de trigo*”, “o amo louvou o administrador iníquo, por *haver procedido sabiamente*. E salientando a seus discípulos a boa tática comercial do empregado que não só garantia a empresa que lhe fora confiada, mas também constituía um bom meio de granjear amigos, disse-lhes: “Granjeai amigos com as riquezas da iniquidade, para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos”. É o mesmo que dizer: auxiliai, com as vossas sobras, os que têm necessidade e sede também indulgentes para com os pecadores, não lhes imputando o mal que fazem; mas antes, ao que deve *cem cados de mal*, mandai-o escrever só cinquenta, e, ao que deve *cem coros de erros*, mandai-os escrever *oitenta*; mas observai-os, que precisam trabalhar para resgatar essa dívida. Fazei como fez o *administrador infiel*, assim chamado pelos seus acusadores, mas que, na verdade, *procedeu sabiamente*, “porque quem é fiel no pouco, também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco, também é injusto no muito”.

“Se não fostes fiéis nas riquezas injustas, quem vos confiará as verdadeiras? E se não fostes fiéis no alheio quem vos dará o que é VOSSO?”

As riquezas da iniquidade são os bens materiais, dos quais não somos mais que depositários; são riquezas injustas e não são NOSSAS, porque não prevalecem para a OUTRA VIDA.

O que é NOSSO são os bens incorruptíveis, dos quais Jesus falou também a seus discípulos, para que os buscassem de preferência, porque “os vermes não os estragam, a ferrugem não as consome, os ladrões não os alcançam nem a morte os subtrai”.

Os discípulos, – como têm obrigação de fazer todos os que querem ser discípulos de Jesus – deveriam servir somente a Deus, que não é o AMO, não se escravizando a qualquer inconsciente endinheirado ou pseudo-sábio que lhe queira dominar a consciência: não se pode servir a Deus e a Mamon!

Conclui-se de tudo o que acabamos de ler, que o título de *infiel*, dado ao *administrador*, foi mal aplicado, torcendo por completo o sentido que Jesus deu à mesma parábola.

A palavra divina, por ser falha quando de humana interpretação, faz-se mister que recorramos às entidades superiores do espaço, para que lhe compreendamos sempre o sentido em Espírito e Verdade.

PARÁBOLA DO RICO E LÁZARO

“Havia um homem rico, que se vestia de púrpura e de linho finíssimo, e que todos os dias se regalava esplendidamente. Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de chagas, que estava deitado ao seu portão, desejoso de faltar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico, mas ninguém lhas dava; e os cães vinham lamber-lhe as úlceras.

“Morreu o mendigo, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico, e foi sepultado.

“No Hades, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e a Lázaro no seu seio.

“E clamou: Pai Abraão, tem compaixão de mim! E manda a Lázaro que molhe a ponta do seu dedo, e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama!

“Mas Abraão respondeu: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens na tua vida e Lázaro do mesmo modo os males; agora, porém, ele está consolado, e tu em tormentos. Demais, entre nós e vós está firmado um grande abismo, de modo que os que querem passar daqui para vós não podem, nem os de lá passar para nós.

“Ele replicou: Pai, eu te rogo, então, que os mandes à casa de meu pai (pois tenho cinco irmãos) para os avisar a fim de não suceder virem eles também para este lugar de tormento! Mas Abraão disse: Eles têm Moisés e os profetas; ouçam-nos. Respondeu ele: Não, Pai Abraão, mas se alguém for ter com eles dentre os mortos, hão de se arrepender. Replicou-lhe Abraão: se não ouvem a Moisés e aos profetas

tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”.

(*Lucas, Cap. XVI, v. 19-31.*)

Este ensino é a proclamação da lei da caridade, cuja execução é imprescindível para todos os que se abrigam sob o seu pálio santo, como também para os que fogem aos seus generosos convites.

O rico e o pobre Lázaro personificam a Humanidade, sempre rebelde aos ditames da luz e da verdade.

O rico gozou no mundo e sofreu no espaço; Lázaro sofreu no mundo e gozou no espaço.

Este rico que se vestia de púrpura e que todos os dias se regalava esplendidamente, é o símbolo daqueles que querem tratar da vida do corpo e esquecem-se da vida da alma.

São os que buscam a felicidade no comer, no beber e no vestir; são os que se entregam a todos os gozos da matéria, são os egoístas que vivem unicamente para si, os orgulhosos que, entronados nos altares das paixões vis, da vaidade, da soberba, não vêem senão o que lhes pode saciar a sede de prazeres, não cultivam senão a luxúria, que mata os sentimentos afetivos e anula os dotes de coração.

O rico é a personificação daqueles que são escravos do reino do mundo, que não vêem mais do que o mundo, esse “paraíso perdido” entre os charcos da degradação moral, que avilta as almas e as atira aos infernos hiantes dos vícios.

Jesus falava geralmente por parábolas; e esta lição que o Mestre ofereceu há 2.000 anos aos povos da Palestina, e que consta do Evangelho de Lucas como um conselho salutar e memorável, nada é mais do que uma parábola; é um ensino alegórico, representativo do que se passa no espaço, para afirmar que a nossa vida ultra-tumba, é uma consequência justa e equitativa da nossa existência na Terra.

O rico passou toda a sua vida a se fartar esplendidamente, a desprezar os pobres, a desprezar Deus, a não curar da sua lei, a dar as costas à religião, a gozar e a folgar, mas, quando morreu, não pôde continuar a viver como vivia, vestindo-se de púrpura, comendo manjares, bebendo licores, porque no mundo dos Espíritos não há púrpuras, não há manjares, não há licores. Ele já se havia fartado com os prazeres da Terra, não podia fartar-se depois com os prazeres do Céu, porque não os havia buscado, nem havia adquirido o tesouro com que se conquista as glórias celestes.

Nu, sem dinheiro, sem crédito para arranjar melhor “morada”, lhe foi destinado o *Hades*, e, segundo diz o texto, ele lá se achava, contrariado, por lhe faltarem as comodidades que tivera na Terra, os gozos de que fizera o seu reino no mundo.

Lázaro representa os excluídos da sociedade terrena, aqueles que, quando muito, podem chegar ao portão dos grandes templos, aqueles que não podem atravessar os umbrais dos palácios dourados, aqueles que essa sociedade corrompida do mundo despreza, amaldiçoa, cobre de labéus, crava de setas venenosas que lhes chagam o corpo todo.

Os Lázaros não são esses pobres orgulhosos do mundo, que não têm muitas vezes o que comer e o que vestir, mas estão cobertos com a púrpura do orgulho; não é essa gente que não tem dinheiro mas tem vaidade; não tem palácios, mas tem egoísmo; não tem jantares opíparos, mas tem prazeres nefastos; não, os pobres, de que Lázaro serviu de símbolo na parábola, são os que sofrem com resignação, são os que desprezam os bens da Terra, porque buscam as coisas de Deus; são aqueles que se vêem usurpados daquilo que por direito

lhes pertence no mundo, mas, pacientes e resignados, não se revoltam, porque crêem no futuro e esperam as dádivas que lhes estão reservadas por Deus.

Eles sabem, porque estudam, esperam e oram, que existe um Criador, um Pai Supremo, que lhes dará o prêmio de suas vigílias, um salário pelos seus afazeres morais, uma luz para sua orientação espiritual; e que esse prêmio, esse salário, essa luz, embora às vezes, pareça tardar, não faltará, porque a justiça de Deus é infalível, é indefectível!

É assim que morreu Lázaro, o mendigo, e foi conduzido pelos anjos ao seio de Abraão; morreu também o rico e foi posto no Hades.

Duas personalidades distintas uma que gozou, outra que sofreu: uma a quem nada faltava, outra a quem tudo faltava, vão trocar agora as suas condições; vão mudar de cenário: o mendigo vai para a abundância, e o rico é que passa a mendigar!

É o reverso da medalha, que se apresenta a todos no dia do julgamento.

Vós tendes visto muitas medalhas? Figuremo-las numa libra esterlina: de um lado traz a figura do rei, mas, do outro, traz o seu valor real. Assim acontece também conosco. Cada um de nós é uma medalha; e como a medalha, a libra de ouro vale segundo o câmbio corrente, assim também nós valemos de acordo com o câmbio espiritual, que taxa o valor das nossas almas.

Aqueles que olham só a efígie, não conhecem o valor do dinheiro, porque a efígie, o verso da medalha, traz só o retrato do rei, e a medalha não vale o rei. Assim também os que olham o homem só pelas aparências, pelo exterior, não conhecem o homem, porque o exterior do homem é a efígie da *vaidade*, do *egoísmo* e do *orgulho*. O que vale na medalha é o reverso; o que vale no homem é o interior, ou seja, o Espírito. O rico trazia no verso o característico do rei, mas, depois que morreu, apurou-se o valor da medalha gravado no reverso, e esse valor não permitiu ao rico senão uma “entrada” no Hades.

Ao pobre, que apurara, desde a sua existência na Terra, o que estava gravado no reverso da medalha, esse sacrifício lhe deu o valor de ser levado pelos anjos ao seio de Abraão.

Como é diferente o julgamento de Deus, do julgamento dos homens!

Deus não se deixa levar pelo preconceito; Deus não se deixa levar pelo juízo humano.

Que é o seio de Abraão?

Mas continuemos a nossa análise.

Que é o Hades?

Que é Hades?

É isto que precisamos saber para melhor compreendermos a parábola do grande Mestre.

Seio de Abraão é a liberdade do Espírito no espaço infinito; seio de Abraão é o mundo invisível, onde os Espíritos, com os seus corpos imponderáveis, caminham livres de todas as peias, realizando sempre novas conquistas, fazendo novas descobertas, aprendendo novas verdades que os elevam em conhecimentos, que os elevam em felicidade.

Seio de Abraão é o mundo da imortalidade, da luz e da verdade, onde quanto mais progredimos, mais aprendemos, e quanto mais aprendemos mais sabemos amar nosso Deus e nosso próximo; é o mundo da fé verdadeira, que abala e transporta montanhas, faz espumar oceanos e produz ventos; mas que também dá calma e bonança a todos aqueles que, como os discípulos do Mar da Galiléia, batidos pelo rijo tufão, imploram o auxílio de Jesus, e, com a esperança de salvamento, ouvem as doces palavras do humilde de Nazaré soarem a seus ouvidos como uma luz a iluminar o caminho numa noite tenebrosa.

Abraão foi o Patriarca dos Hebreus, alta personagem do Antigo Testamento, em quem a fé mais se acrisolava, mais

viva e rútila se mostrava, a ponto de não vacilar em sacrificar seu filho Isaac, para obedecer às ordens que havia recebido do Alto.

Abraão era um crente sincero da imortalidade: via o espaço semeado de Espíritos, conversava com os Espíritos daqueles que nós chamamos, indevidamente, *mortos*, vivia em relações contínuas com o mundo dos Espíritos, que era o seu *seio* predileto, que era o seu paraíso, o seu Céu, a sua delícia, a sua felicidade.

Para aí é que foi Lázaro, com inteira liberdade de locomoção nos ares. Ele havia sofrido na Terra, aguilhoado pela dor, na miséria, privado das delícias do mundo, mas cria num Deus Supremo, que lhe concedera aquela existência de expiação e de provas, para que reparasse os males de suas vidas passadas, em que havia também descurado das coisas divinas e só tratado dos gozos efêmeros do mundo; Lázaro saldara a sua conta; ao sair da prisão corpórea, tinha pago o último centil de sua dívida, e reconquistara o reino da liberdade e da luz, que Deus concede a todos os que se submetem à Sua lei, aos Seus santos desígnios.

Eis o que é o seio de Abraão; eis o painel, o quadro majestoso que Jesus desenhou aos olhos dos ouvintes da parábola com referência a Lázaro, ao mendigo, que tinha como única caridade na Terra, as carícias, os beijos dos cães, esses fiéis amigos dos homens, que vinham lambe-lhe as chagas!

Continuemos a respigar o Evangelho, e do seio de Abraão passemos ao Hades. — Que pensais vós que seja o Hades?

Os antigos acreditavam na existência de um mundo subterrâneo, para o qual iam as almas daqueles que não foram bons na Terra.

O corpo ficava no sepulcro, e o Espírito ia para o Hades: “o mundo localizado nas entranhas da Terra”. (*)

Daí essas almas não poderiam sair, assim como nós, em corpo de carne, não podemos sair deste mundo. Entretanto, os Espíritos que estavam no Hades viam com os olhos da alma, e sabiam, portanto, tudo o que se passava no seio de Abraão.

E era justamente nisso que consistia o sofrimento deles: verem o que se passava no Alto, e não poderem participar dessas regalias que só eram concedidas àqueles que, como Lázaro, haviam saldado sua conta espiritual.

Por isso diz o Evangelho que o rico levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro no seu seio, e clamou: “Pai Abraão, tem compaixão de mim! E manda a Lázaro que molhe a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama!”

O rico queria água!

Antigamente passara a vinhos e licores finos, mas no Hades pedia água; tinha sede e essa sede não era a do corpo, não se tratava de água de rios ou de fontes, porque o corpo estava no sepulcro, e o Espírito não pode beber água material.

Era sede de consolação, de esperança, de perdão!

Ele também já havia compreendido que a causa das suas dores era a vida dissoluta que passara no mundo e a chama viva do remorso abrasava a sua consciência!

Ele queria água, essa água da vida, essa água de salvação que Jesus havia dado à mulher de Samaria.

Essa água do perdão dos pecados que o rico havia cometido contra todos os que mendigam dos homens a caridade da atenção para as coisas divinas.

E Abraão, o grande Patriarca, que vivia feliz no mundo espiritual, dirigindo a enorme falange de Espíritos que havia aumentado a sua descendência, falange de Espíritos a quem guiava, e entre os quais se contava Lázaro, que era um dos seus protegidos espirituais, Abraão respondeu ao rico: “Filho, lembra-te que recebeste os teus bens na tua vida; e Lázaro

do mesmo modo os males. É justo, pois, que ele, agora, esteja consolado, e tu em tormentos.

“Acresce ainda que entre nós e vós está firmado um grande abismo, de modo que nem nós podemos viver onde vós estais, nem vós podeis viver onde nós estamos; a vossa atmosfera nos abafa, assim como a nossa vos sufocaria; os ares que respiramos são insuficientes para vós que estais impregnados de matéria.

“Trataste só da matéria, só do corpo; cultivaste a matéria que não vos deixa elevar e chegar até nós. Ao passo que Lázaro teve os olhos voltados para o Alto, não tendo tempo senão de pagar dívidas materiais, e conquistou fluidos espirituais para se elevar ao lugar em que se acha atualmente”.

Mas Abraão ouviu a voz do rico, e o rico ouvia a voz de Abraão; o rico no Hades via Lázaro no seio de Abraão, todos eles se comunicavam, falavam, conversavam; porque havia necessidade de o rico ser exortado para se regenerar mais tarde, e, como Lázaro, vir novamente ao mundo pagar a sua dívida, para, como Lázaro, depois subir também ao seio de Abraão; porque também ele era *filho* de Abraão, e Abraão não deixaria seu filho perecer!

Abraão chamou-o de filho; disse-lhe: “Filho, lembra-te da tua vida e lembra-te da vida de Lázaro”, querendo dizer com isto que, sem voltar à vida corporal, semelhante à de Lázaro, para sofrer as conseqüências do seu orgulho e do seu egoísmo, ele, o rico, não chegaria ao seu seio!

Foi então que o Espírito do rico, agora cheio de pobreza e de sofrimento, lembrando-se de seus cinco irmãos, que faziam a mesma vida que ele fazia quando estava na Terra replicou: “Pai, eu te rogo, então, que o mandes à casa de meu pai (pois tenho cinco irmãos) para os avisar, a fim de não suceder virem também eles para este lugar de tormentos”.

O rico, que estava no Hades, sabia muito bem, porque via que Pai Abraão mandava sempre outros Espíritos darem

avisos aos homens da Terra; então pediu que o mandasse à casa daquele que havia sido seu pai, porque ele tinha cinco irmãos que também faziam vida dissoluta e precisavam ficar conhecendo os tormentos que os aguardavam se continuassem assim.

Mas Abraão lhe disse:

“Eles têm Moisés e os profetas, ouçam-nos”. O que significa: “Moisés conta-lhes tudo o que precisam fazer para serem felizes, e os profetas, que são *médiuns*, dizem-lhes, pela influência dos Espíritos, o que se passa depois da morte, a fim de lhes dar instruções para que não venham, como tu, parar no Hades”. Mas o rico insistiu com Abraão, e, apresentando-lhe várias razões, disse: “Mas, Pai Abraão, se algum dos mortos for ter com eles, e lhes falar, lhes aparecer, e a eles se manifestar, não de se arrepender”. O rico desejava que seus irmãos tivessem uma manifestação positiva dos mortos, porque julgava que, por essa forma, se tornariam obedientes à lei de Deus. Mas Abraão respondeu novamente: “Se eles não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”.

Pois se eles haviam repellido as exortações dos profetas, por quem os *mortos* costumavam falar, como haveriam de crer nos mortos?

Para crer nos mortos era necessário crer nos profetas, porque os profetas não eram mais do que médiuns, por quem se comunicavam os Espíritos dos mortos.

Se eles não acreditavam nos médiuns, como haveriam de crer nos Espíritos?

Como poderiam os Espíritos dos mortos avisá-los como o irmão queria, sem os médiuns indispensáveis para transmitir a comunicação?

Sabemos que o corpo do Espírito é muito mais rarefeito do que o nosso e que por isso não o podemos ver nem ouvir;

e que o Espírito sempre se manifesta com o concurso de um médium; como poderia Abraão atender o pedido de seu filho para satisfazer outros cinco filhos ricos?

Finalmente, antes que Jesus houvesse proposto à multidão, que se achava em torno dele, a bela parábola que acabamos de estudar, havia ele dito aos fariseus, que eram avarentos: “A lei de Moisés e os profetas duraram até João Batista; desde esse tempo o Evangelho do Reino de Deus é anunciado; e todos, à força entram nele; porém da lei de Deus não cairá um til, não será suprimido um i”.

Deus dá a liberdade a todos a buscarem a sua lei; e àqueles que buscam, o Pai não dá o Espírito por medida. Está escrito “Aquele que pede, recebe: o que busca, encontra; e ao que bate, se abre, porque o Pai não dá uma pedra a quem lhe pede um pão, nem uma serpente a que lhe pedir um peixe”. (Mateus, 7-8).

Assim Deus respeita o livre arbítrio que a cada um concede.

Os Espíritos dos mortos podem comunicar-se e se manifestam aos vivos, mas não podem obrigar os vivos, embora sejam eles ricos e grandes, a tomarem, desde já, posse da felicidade futura!

E é por isso que sabemos de muitos ricos das coisas do mundo, e muitos pobres que querem enriquecer com as coisas do mundo, que, embora tenham visto e ouvido manifestações e avisos dos mortos, não se convenceram com esses avisos.

Ao contrário, dizem que foi ilusão, medo, tolice, e loucura!

Por isso fez bem Abraão em não permitir a manifestação espírita aos cinco irmãos ricos daquele que se vestira de

púrpura e se banqueteara esplendidamente todos os dias da sua existência na Terra.

Ao homem que se quer convencer pela força, há de lhe acontecer o que aconteceu à cigarra de La Fontaine:

“Cantou a sua vida, mas depois chorou a sua morte”. E há de voltar chorando na outra vida para, com justa razão, cantar na imortalidade.

(*) O Hades eram as regiões infernais na Mitologia Grega, correspondente ao Tártaro dos romanos e equivalente ao Inferno aceito pelos católicos e protestantes. Não deve ser entendido como um “lugar”, mas como um estado de espírito, isto é, um estado de profundo sofrimento. Na pergunta 1011 de O Livro dos Espíritos, Allan Kardec indaga: “Haverá no Universo lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos, segundo seus merecimentos?” Da resposta consta o seguinte: “As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desgraça. E como eles estão por toda parte, nenhum lugar circunscrito ou fechado existe especialmente destinado a uma ou outra coisa”. Quando se diz que o Espírito “entrou no Hades”, isto quer dizer, figuradamente, que ele tomou conhecimento de si mesmo, viu-se na sua profunda miséria moral, cuja conseqüência é um indizível sofrimento e a impossibilidade de se aproximar dos Espíritos felizes.

PARÁBOLA DO SERVO TRABALHADOR

“E disseram os apóstolos ao Senhor; Aumenta-nos a fé. E o Senhor respondeu: Se tivésseis fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a este sicômoro; Arranca-te e transplanta-te no mar; e ele vos obedeceria.

“Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou guardando gado, lhe dirá, quando ele voltar do campo: Vem já sentar-te à mesa? Antes lhe dirá: Prepara-me a ceia, cinge-te e serve-me, enquanto eu como e bebo; e depois comerás tu e beberás? Porventura agradecerá o servo, por ter este feito o que lhe havia ordenado? Assim também vós, depois de haverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, fizemos o que devíamos fazer”.

(Lucas, XVII, 5-10.)

Era costume, antigamente, utilizar-se dos servos que trabalhavam na lavoura ou guardavam gado: ao chegarem, à tarde, preparavam a ceia para o seu amo, serviam a mesa, e depois, ceavam. Aquele que assim não fizesse, deixaria de cumprir o seu dever, e o que assim procedia, não fazia mais que cumprir sua obrigação, porque para tal mister fora contratado e recebia seu salário. Não se jactava de assim proceder, visto o prévio ajuste que houvéra entre ele e o patrão.

Jesus, que se aproveitava sempre do que ocorria cotidianamente, para dar boas lições àqueles que deviam ser mais

tarde, os seus apóstolos, ao pedirem estes ao Senhor que lhes aumentassem a fé, depois de exaltar as virtudes da fé e o poder que a mesma mantém, lhes propôs a chamada Parábola do Servo Trabalhador.

Quis o Mestre fazer ver a seus discípulos que a fé é o salário dos bons obreiros, e para que esse salário seja aumentado, é preciso que os obreiros cumpram primeiramente seus deveres, mas sem jactância, com humildade, como quem se considera pago com as graças recebidas para desempenhar a sua tarefa. (*)

A lavoura é o símbolo da religião, que deve ser cultivada por todos; o gado constitui ou representa “esses todos”, ou seja, os que se querem instruir na religião, os guardadores de gado; o dono da lavoura ou do gado é Jesus que nos veio trazer esse alimento de vida eterna.

A fé, como já dissemos, não é uma coisa abstrata, como não é abstrata a semente de mostarda. Assim como esta é alguma coisa substancial, também a fé contém tão poderosos elementos que os que a possuem chegam a operar maravilhas, como “arrancar sicômoros e arrojá-los ao mar”!

A semente de mostarda, quando chocha, é estéril, não dá espigas, não serve para condimento, não se presta como medicamento, enfim, não tem valor algum.

A fé que se acha nestas condições também não tem valor algum. E o que diremos da fé que nem mesmo aparenta a semente chocha da mostarda?

Acresce outra circunstância que observamos na parábola: os apóstolos não acreditavam nessa fé que se recebe de um jacto, como a prescrevem as igrejas; achavam que ela é suscetível de aumento, tanto que pediram a Jesus: “Senhor, aumenta-nos a fé”. E o Senhor não os dissuadiu dessa crença, antes alimentou-lhes a esperança, estimulando-os ao trabalho e à perseverança, ao cumprimento do dever, que é o meio pelo qual alcançariam tal desiderato.

O Espiritismo, que é o Consolador prometido por Jesus para relembrar aos homens tudo o que ele disse, explica, em

Espírito e Verdade a sua palavra e traz a todos, o complemento dos ensinamentos cristãos, que não podiam ser dados naquela época devido ao atraso intelectual de então. O Espiritismo vem cumprir a sua missão, oferecendo aos homens a explicação sucinta da religião em suas modalidades científica e filosófica.

() É próprio do servo verdadeiramente útil o realizar sua tarefa com boa vontade e alegria; ele não só realiza o que lhe mandaram realizar, mas dá sempre um pouco mais; o servo inútil, não: faz exclusivamente o que lhe pediram fizesse, e, quando possível, até um pouco menos, alegrando-se com o pensamento de que "tapeou" o seu amo. A satisfação do trabalho bem feito e dadivoso caracteriza o Espírito superior.*

PARÁBOLA DO JUIZ INÍQUO

“Propôs-lhes Jesus uma parábola para mostrar que deviam orar sempre e nunca desanimar, dizendo: Havia em certa cidade um juiz, que não temia a Deus, nem respeitava os homens. Havia também naquela mesma cidade uma viúva que vinha constantemente ter com ele, dizendo: Defende-me do meu adversário. Ele por algum tempo não a queria atender; mas depois disse consigo: se bem que eu não tema a Deus, nem respeite os homens, todavia como esta viúva me incomoda, julgarei a sua causa, para que ela não continue a molestar-me com as suas visitas. Ouvi, acrescentou o Senhor, o que disse este juiz injusto; e não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a Ele clamam dia e noite, embora seja demorado a defendê-los? Digo-vos que bem depressa lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na Terra?”

(Lucas, XVIII, 1-8.)

A iniquidade é a falta de equidade, e a justiça revoltante. O iníquo é o homem perverso, criminoso, seja ele juiz, doutor, nobre, rico, pobre, rei.

Na esfera moral, mesmo aqui na Terra, não se distinguem os homens pelo dinheiro e pelos títulos que possuem, mas, sim, pelo seu caráter. O iníquo não tem caráter, ou, por outra, tem caráter iníquo, pervertido. Mas ainda esse, quando tem de resolver alguma questão e o solicitante resolve bater à sua porta até que dê provimento ao seu pedido, para não ser incomodado, e porque é iníquo, resolve com presteza o problema, não para servir, mas para ficar livre de continuar molestado.

Foi o que sucedeu com o *juiz iníquo* ante a insistência da *viúva*.

De modo que a demora do despacho na petição da viúva foi causada pela iniquidade do juiz. Se este fosse equitativo, justo, reto, de bom caráter, cumpridor de seus deveres, a viúva teria recebido deferimento de seu pedido com muito maior antecedência.

Seja como for, o despacho foi dado, embora a custo, após reiteradas solicitações, importunações cotidianas, e o juiz, apesar de iníquo, para não ser “amolado”, resolveu a questão.

“Ora, disse Jesus, ouvi o que disse esse juiz iníquo; e não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a Ele clama noite e dia, embora seja demorado em defendê-los? Digo-vos que bem depressa lhes fará justiça”.

Se a justiça, embora demorada, se faz na Terra até contra a vontade dos juízes, como não há de ser ela feita pelo supremo e justo juiz do Céu?

A deficiência não é, pois, de Deus, mas sim dos homens, mormente na época que atravessamos, em que o Filho do Homem bate a todas as portas, inquire todos os corações e os encontra vazios de fé, vazios de crença, vazios de amor a Deus, vazios de caridade!

Antigamente havia juízes iníquos; hoje, pode-se dizer que nem só os juizes, mas até os peticionários são iníquos!

A iniquidade lavra como um incêndio devorador, aniquilando as consciências e maculando os corações: homens iníquos, lares iníquos, sociedade iníquas, governos iníquos, leigos iníquos, sábios iníquos; tudo isso devido à crença sacerdotal, aos dogmas das seitas dominantes! Mas o Senhor aí está a destruir a iniquidade, e, com ela, os iníquos.

PARÁBOLA DO FARISEU E DO PUBLICANO

“Propôs também a seguinte parábola a alguns que confiavam na sua própria justiça e desprezavam os outros: Subiram dois homens ao templo para orar: um fariseu e outro publicano. O fariseu, posto em pé, orava dentro de si desta forma: Ó Deus, graças te dou, que não sou como os demais homens que são ladrões, injustos, adúlteros – nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana, e dou o dízimo de tudo quanto ganho. O publicano, porém, estando a alguma distância, não ousava nem ainda levantar os olhos aos céu, mas batia no peito, dizendo:

“Ó Deus, sê propício a mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta, será humilhado; mas o que se humilha, será exaltado”.

(*Lucas, XVIII, 9-14.*)

A seita farisaica era a mais prestigiada no tempo de Jesus, a mais influente, a mais dominadora, a que mais se salientava. Era uma espécie de Catolicismo Romano.

Os fariseus, entretanto, eram servis observadores das práticas exteriores, do culto e das cerimônias. A religião, para eles, era uma aparência de virtudes: preferiam sempre a *letra da lei, que mata, ao Espírito que vivifica!* Eram hipócritas, inimigos encarniçados das inovações, cheios de orgulho e de excessivo amor ao domínio.

Eles tinham uma aversão especial aos publicanos, a quem consideravam gananciosos, e também porque, inimigos do

fisco, tinham de pagar a estes os impostos que lhes cabia na coleta.

De maneira que os publicanos eram para os fariseus, homens desprezíveis da baixa sociedade, e portanto, cheios de mazelas, “ladrões, injustos, adúlteros”, não só porque não se curvavam muitas vezes às práticas dos sacerdotes fariseus, como, também, porque uma prevenção partidária anterior os havia separado da seita farisaica, ou do Judaísmo. Jesus, que muito se ocupou em desmascarar a hipocrisia dos fariseus, julgou acertado propor esta parábola, cujas principais figuras eram: um fariseu e um publicano.

Quis o Mestre mostrar que o orgulho de seita, o orgulho de classe, o orgulho de família, o orgulho pessoal – finalmente, o orgulho em suas múltiplas formas, é mais prejudicial à salvação do que mesmo “o publicanismo”, como o concebiam os fariseus! Ainda mais: quis demonstrar que no *publicano*, com todos os seus senões, ainda se encontrava um gesto de humildade, o que não acontecia no *fariseu*.

O publicano conhece os seus defeitos, sabe que é pecador; nem ousa levantar os olhos para o céu; limita-se a bater no peito e a dizer: “Ó Deus, sê propício a mim pecador!” Enquanto o fariseu reconhece em si somente qualidades boas, e a sua prece é uma acusação aos outros, até ao pobre publicano que lá estava rogando ao Senhor o perdão se suas faltas!

O orgulho é um dragão devorador, que destrói todas as qualidades do Espírito; enquanto a humildade, ao olhar de Deus, nos eleva à dignidade dos justos!

Vale mais ser publicano e miserável, do que fariseu coberto de ouro e de pedras preciosas.

Segunda parte

ENSINOS DE JESUS OS APÓSTOLOS

“E andando ao longo do Mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, também chamado Pedro, e André, lançarem a rede ao mar; porque eram pescadores. E disse-lhes: Segui-me, e eu vos farei pescadores de homens. Imediatamente eles deixaram as redes, e o seguiram. Jesus, passando adiante, viu outros dois irmãos, Tiago e João, filhos de Zebedeu, que estavam na barca com seu pai, consertando as suas redes; e os chamou. Eles, logo deixando a barca e seu pai, o seguiram”

(Mateus IV, 18-22.)

“Depois de reunir Jesus os seus doze discípulos, deu-lhes poder sobre os espíritos imundos, para os expelirem, e para curarem todas as doenças e enfermidades. Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: O primeiro, Simão, que também se chama Pedro, e André, seu irmão, Tiago e João, filhos de Zebedeu; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes”.

(Mateus, X, 1-4.)

“Naqueles dias retirou-se para o monte a orar, e passou a noite, orando a Deus. Depois de amanhecer, chamou os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos, a saber: Simão, a quem deu ainda o nome de Pedro, e André seu irmão; Tiago e João; Felipe e

Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu; e Simão, chamado Zelote; Judas Iscariotes, que se tornou traidor; e descendo com eles, parou num lugar plano onde se achava grande número de seus discípulos e muito povo de toda a Judéia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sidon, que foram para ouvi-lo e ser curados das suas enfermidades; e os que eram atormentados por espíritos imundos, ficavam sãos; e todo o povo procurava tocá-lo, porque saía dele uma virtude que os curava a todos”.

(Lucas VI, 12-19.)

A missão religiosa está sempre adstrita a duas naturezas de obreiros: profetas e apóstolos; é assim que ela se manifesta, se difunde, se completa.

A obra cristã é uma evidência do que afirmamos: o maior profeta – João Batista, anuncia o maior enviado – Jesus Cristo; e este, por sua vez, constitui apóstolos que levam ao entendimento dos homens o pensamento divino.

João Batista, o expoente máximo do ministério dos profetas, teve por missão anunciar a vinda do redentor. É a grande alma que, como uma aurora benfazeja, brilhou no advento do Cristianismo.

Os apóstolos vieram dar cumprimento à palavra do Cristo.

Pelo texto acima exarado, compreendemos muito bem a missão apostólica. Jesus, depois de elevar o seu pensamento ao Pai celestial, para receber Suas intuições, desce do monte, escolhe os apóstolos que o deveriam auxiliar na divina missão, e, dirigindo-se a um lugar onde se achavam vários prosélitos, é uma multidão de povos que, saídos de diversas cidades, tinham ido ouvi-lo e ser curados por ele, dá-lhes a substancial lição de como deveriam exercer a nobre missão, para cuja tarefa os constituíra obreiros: prega O Evangelho, cura muitos doentes e expulsa os Espíritos imundos que obsidiavam diversos dentre a multidão.

Numa breve narrativa é impossível fazer referência minuciosa a todos os apóstolos. Congregamo-los, reunimo-los,

sintetizamos todos eles no apóstolo Pedro, que, parece, era o orador oficial da turma, segundo se depreende dos *Atos dos Apóstolos* e de outras passagens evangélicas.

O que se nota em Pedro vê-se mais ou menos, *mutatis mutandis*, em todos eles; homens simples, rústicos, saídos da plebe, filhos do povo. Pedro, pois, bem pode caracterizar o Colégio Apostólico.

Qual é a biografia desse homem?

A História, baseada unicamente nos Evangelhos, só nos diz que Pedro nasceu em Betsaida, Galiléia, e que era filho de um certo Jonas, acrescentando que o seu nome legítimo era Simão. Pedro vivia com sua mulher e sua sogra em Cafarnaum, na margem do Lago Genesaré, onde exercia a profissão de pescador, estendendo a sua ação de pesca no Mar da Galiléia.

O período inicial da vida cristã de Pedro, data do tempo em que Jesus, deixando a cidade de Nazaré, fixou residência em Cafarnaum.

Foi nessa cidade – a Galiléia dos gentios – caminho do mar, além do Jordão, que o humilde nazareno começou suas pregações, convidando o povo ao arrependimento, e anunciando a aproximação do Reino dos Céus.

Um dia Jesus se fez ao longo do mar e viu dois indivíduos lançando suas redes. Eram os irmãos Pedro e André, que se achavam no exercício de sua profissão.

O Mestre chama-os e diz-lhes: “Segui-me, e eu vos farei pescadores de homens”.

Imediatamente eles deixaram as redes e seguiram a Jesus!

Desse dia em diante, nunca mais, nem um só instante, o futuro apóstolo separou-se do incomparável doutrinador.

Que lição! Que extraordinário e substancioso exemplo nos é dado pelo apóstolo Pedro, cuja vida foi toda dedicada ao amor a seus semelhantes – por amor de Jesus!

É lícito supor que, se Jesus tivesse escolhido para seu discípulo um rico e letrado, este não teria mais docilidade, mais constância, mais dedicação pelo seu Mestre do que teve Pedro!

Entretanto, Pedro era um pescador que passara a vida inteira em sua barca, preso à profissão que escolhera por inclinação.

Quem o demoveria da sua canoa, de seus remos, da sua rede, de seus peixes, que lhe proviam, e aos seus, a existência corporal?

Quem o afastaria do aconchego do lar, onde repousava das fadigas do dia, a não ser o excelso salvador do mundo? Que outro alguém lhe poderia proporcionar carícias e doces, imperiosas, convincentes, cativantes palavras de libertação, como as que saíam dos lábios do filho de Maria?

Pedro, não há dúvida, foi um dos mais amados discípulos de Jesus, aquele que em companhia de João e Tiago o seguia em suas curas e nos momentos mais imperiosos, especialmente naqueles em que se salientaram os mais transcendentos fenômenos do Cristianismo!

Nas ocasiões de maior ensinamento, quando havia necessidade da manifestação dos mais eloquentes fenômenos, estes três apóstolos eram sempre encontrados ao lado de Jesus.

No Lago de Genesaré, sob as ordens do Mestre e pelo poder de sua clarividência, efetuaram os discípulos a “pesca maravilhosa” tão saliente nos Evangelhos.

Na sua própria casa, em Cafarnaum, Pedro obtém de Jesus a cura de sua sogra, que jazia no leito com terrível febre.

Ao longo das estradas, nos campos, nas cidades, os discípulos assistiam aos fenômenos de curas e expurgos de Espíritos malignos, fatos que lhes deveriam servir de lição para o seu futuro ministério. No Mar da Galiléia, eles viam, absortos, sob as ordens do Mestre, a cessação da tempestade que ameaçava de naufrágio a frágil barquinha que vogava como uma casca de noz sobre as ondas encrespadas, batida pelo vento enfurecido!

No Tabor, dia em que Jesus evocou os Espíritos de Moisés e de Elias e se transfigurou para demonstrar positivamente a imortalidade, os três discípulos acompanharam o Mestre,

assistindo boquiabertos àquela fulgurante prova da verdade espírita que hoje anunciamos!

Por ocasião da ressurreição, eles viram e conversaram com o Nazareno, obtendo assim mais firmeza em suas convicções imortalistas.

Todos esses fatos, todas essas lições, aliadas à docilidade de Jesus, deveriam certamente concorrer para o trabalho a que os futuros operários do Evangelho se aplicariam para verem realizado o desiderato cristão.

Mas é bom salientar que, apesar de todas essas lições transcendentais e vivificadoras, os apóstolos só o foram, em verdade, depois que Jesus, deixando este mundo, lhes enviou o Espírito Consolador, o Espírito da Verdade, quando estavam eles reunidos no Cenáculo de Jerusalém; eles o receberam na forma de “línguas de fogo”, e deu-se lugar ao cumprimento da promessa que o Mestre lhes havia feito, para que pudessem exercer livremente a sua tarefa missionária.

Foi então que o Verbo eloquente da verdade fulgiu esplendoroso pelos lábios do “pescador de homens”! Foi nessa ocasião que os seus dons, em estado latente, se desenvolveram, e os enfermos foram curados, e os Espíritos malignos foram expelidos dos obsidiados! Foi então que o Evangelho luziu como um Sol a derramar luzes, a exaltar os Espíritos, a aquecer os corações na arena gloriosa do Cristianismo!

Não nos deteremos para salientar os feitos apostólicos que assinalam os fastos do Cristianismo. O estudante do Evangelho verá através dessas páginas as inúmeras conversões, libertações e curas, que por intermédio dos apóstolos foram operadas. Basta lembrar a pregação de Pentecostes, que, só de uma feita, arrebatou para o redil cristão três mil pessoas; ou a passagem referente à porta chamada *Formosa*, do Templo de Jerusalém, onde se restituiu a saúde e a locomoção a um coxo de nascença(*).

O grande desinteresse dos apóstolos é uma das notas salientes dos Evangelhos e da História do Cristianismo.

Não deixemos de citar este exemplo:

“Havendo um dia Simão, o mago, o astrólogo, oferecido a Pedro certa quantia para que este lhe concedesse a graça da imposição das mãos, Pedro lhe respondeu: Pereça contigo o teu dinheiro, pois julgaste adquirir com ele o dom de Deus; arrepende-te da tua maldade, pois vejo que estás em fel de amargura e nos laços da iniquidade”.

Para concluir, diremos:

A missão apostólica é de conversão e de regeneração sob os ditames básicos do amor, síntese da Doutrina do Cristo. A missão religiosa, como se nos depara, não está afeta aos sacerdotes e sim aos apóstolos de todos os tempos. A estes cabe a representação do Cristo, de acordo com a sua Doutrina, em que o Espírito sobrepuja a letra.

(*) *Ao pedido de esmola que lhe fez o coxo de nascença, Pedro retrucou: “Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho, isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda!” (Atos, III, 6.)*

AS BEM-AVENTURANÇAS

UM TRECHO DO SERMÃO DO MONTE

“Vendo Jesus a multidão, subiu ao monte; e depois de se ter sentado, aproximaram-se seus discípulos; e ele começou a ensiná-los dizendo:

“Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o Reino dos Céus.

“Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.

“Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra.

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos.

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.

“Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus.

“Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus.

“Bem-aventurados os que têm sido perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.

“Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem, vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Alegrai-vos e exultai, porque grande é o vosso galardão nos Céus; pois assim perseguiram aos profetas que existiram antes de vós”.

(Mateus, V, 1-12.)

No mundo há alegrias, porém, mais existem dores e tristezas. Jó dizia que “o homem vive pouco tempo na Terra e a sua vida é cheia de tribulações”— *Brevi vivens tempore repletur multis miseriis*.

A Escritura chama a Terra um vale de lágrimas e compara a vida do homem à do operário que apenas à noite come o seu pão banhado de suor.

Sentimo-nos, neste mundo, vergados ao peso da dor; hoje, amanhã ou depois, ela não deixa de visitar-nos. O peso dos infortúnios acompanha a Humanidade em todos os séculos.

O homem vem ao mundo com um grito; um gemido de dor é o seu último suspiro!

Do berço ao túmulo, a estrada da vida está semeada de espinhos e banhada de lágrimas! Quantas ilusões, quantas amarguras, quantas dores passamos neste mundo!

A dor é uma lei semelhante à da morte; penetra no tugúrio do pobre como no palácio do rico. Neste mundo ainda atrasado, onde viemos progredir, a dor parece ser a sentinela avançada a nos despertar para a perfeição.

Max Nordau dizia: “Ide de cidade em cidade e batei de porta em porta; perguntai se aí está a felicidade, e todos vos responderão. Não; ela está muito longe de nós!”

Mas se é verdade que o Senhor permitiu que os sofrimentos nos assaltassem, não é menos verdade que também nos proporciona a esperança, com que aguardamos dias melhores. “Bem-aventurados os que sofrem, pois serão consolados”.

A esperança é a estrela que norteia as nossas mais belas aspirações; é a estrela que ilumina a noite tenebrosa da vida, e nos faz vislumbrar a estância de salvamento. A vida na Terra é um caminho que nos conduz às paragens luminosas da vida eterna; não é um repouso, mas uma *preparação para o repouso*.

Paulo, o apóstolo dos gentios, recordando-nos numa das suas luminosas Epístolas a vida real, disse: “Dia virá em que despiremos a veste mortal para vestir a da imortalidade”.

Atravessamos a existência na Terra como o soldado atravessa um campo de fogo e de sangue, e os bravos e os fortes de Espírito cravam nas muralhas o seu estandarte e levantam o grito de vitória!

É isto o que nos ensina o Espiritismo com a sua consoladora doutrina.

Tomado de compaixão pelo mundo, o Cristo desce das alturas, senta-se sobre um alto monte, atrai a si multidões de desventurados e começa o seu monumental sermão com as consoladoras promessas:

“Bem-aventurados os pobres, os aflitos, os que choram, porque deles é o Reino dos Céus!” A “palavra boa”, a esperança, proporciona sempre resignação, coragem e fé aos desiludidos das promessas do mundo.

O homem que confia e espera em Deus, vê nos sofrimentos o resgate de suas faltas, o meio de se purificar da corrupção! É preciso ter fé, é preciso ter esperança. Dizei ao moribundo que, em verdade, não morrerá, e ele, animado pela vossa palavra, enfrentará a morte e não sofrerá o seu aguilhão!

A esperança é a consolação dos aflitos, a companheira do exilado, a amiga dos desventurados, a mensageira das promessas do Cristo!

Perca o homem tudo: bens, fortuna, saúde, parentes, amigos, mas se a esperança, filha do Céu, o envolve, ele prossegue na sua ascensão para o bem, para a vida, para a imortalidade!

Do alto do monte, tomado de tristeza pelas desventuras humanas, o Senhor ensinava às multidões os meios de conquistar com o trabalho por que passavam, o Reino dos Céus. E a todos recomendava resignação na adversidade, mansidão nas lutas da vida, misericórdia no meio da tirania, e higiene de coração para que pudessem ver Deus. Nessa autêntica oração, o Senhor já previa que seriam injuriados e perseguidos todos aqueles que, crendo na sua palavra, encontrassem nela o arrimo para suas dores, o lenitivo para seus sofrimentos; mas recomenda, antecipadamente, não nos

encolerizarmos com o mal que nos fizerem, para que seja grande o nosso galardão nos Céus. Disse mais: que exemplificássemos a nossa vida como os profetas que nos precederam, porque “bem-aventurados têm sido todos os que são perseguidos por causa da justiça”.

Lutemos contra a dor, aproveitando essa prova que nos foi oferecida, para a vitória do Espírito, liberto dos liames terrenos!

Empunhemos a espada da fé e o escudo da caridade, com todos os seus atributos, e o Reino de Deus florescerá em nós, como rogamos diariamente no Pai Nosso, a prece que Jesus nos legou.

POBRES DE ESPÍRITO E ESPÍRITOS POBRES

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus.

(Mateus, V, 3.)

Deus quer Espíritos ricos de amor e pobres de orgulho. Os “pobres de espírito” são os que não têm orgulho, os espíritos ricos são os que acumulam tesouros nos Céus, onde a traça não os rói e os ladrões não os alcançam.

Os “pobres de espírito” são os humildes, que nunca mostram saber o que sabem, e nunca dizem ter o que têm; a modéstia é o seu distintivo, porque os verdadeiros sábios são os que sabem que não sabem!

É por isso que a humildade se tornou cartão de ingresso no Reino dos Céus.

Sem a humildade, nenhuma virtude se mantém. A humildade é o propulsor de todas as grandes ações e rasgos de generosidade, seja na Filosofia, na Arte, na Ciência, na Religião.

Bem-aventurados os humildes; deles é o Reino dos Céus!

Os humildes são simples no falar; sinceros e francos no agir; não fazem ostentação de saber nem de santidade; abominam os bajuladores e servis e deles se compadecem.

A humanidade é a virgem sem mácula que a todos discerne sem poder ser pelos homens discernida.

Tolerante em sua singeleza, compadece-se dos que pretendem afrontá-la com o seu orgulho; cala-se às palavras loucas dos papalvos; suporta a injustiça, mas folga com a verdade!

A humildade respeita o homem, não pelos seus haveres, mas por suas virtudes. A pobreza de paixões, de vícios, de baixas condições que prendem ao mundo, e o desapego de efêmeras glórias, de egoísmo, de orgulho, amparam os viajores terrenos que caminham para a perfeição.

Foi esta a pobreza que Jesus proclamou: pobreza de sentimentos baixos, pobreza de caráter deprimido. Quantos pobres de bens terrenos julgam ser dignos do Reino dos Céus, e, entretanto, são almas obstinadas e endurecidas, são seres degradados que, sem cobertura e sem pão, repudiam a Jesus e se fecham nos redutos de uma fé bastarda, que em vez de esclarecer, obscurece, em vez de salvar, condena!

Não é a ignorância e a baixa condição que nos dão o Reino dos Céus, mas, sim, os atos nobres: a caridade, o amor, a aquisição de conhecimentos que nos permitam alargar o plano da vida em busca de mais vastos horizontes, além dos que avistamos!

Se da imbecilidade viesse a “pobreza de espírito” que dá o Reino dos Céus, os néscios, os cretinos, os loucos não seriam fustigados na outra vida, como nos dizem que são, quando de suas relações conosco.

Pobres de espírito são os simples e retos, e não os orgulhosos e velhacos; pobres de espírito são os bons que sabem amar a Deus e ao próximo, tanto quanto amam a si próprios.

Pobres de espírito são os que estudam com humildade, são os que sabem que não sabem, são os que imploram de Deus o amparo indispensável às suas almas.

Para estes é que Jesus disse: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus”.

MANSIDÃO E IRRITABILIDADE

“Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra”.
(*Mateus, V,5.*)

A delicadeza e a civilidade são filhas diletas da mansidão. Pela mansidão o homem conquista amizades na Terra e bem-aventurança no Céu.

Inimiga da irritabilidade que gera a cólera, a mansidão sempre triunfa nas lutas, vence as dificuldades, enfrenta os sacrifícios.

Os mansos e os humildes de coração possuirão a Terra, porque se elevam na hierarquia espiritual e se constituem outros tantos propugnadores invisíveis do progresso de seus irmãos, guiando-lhes os passos nas veredas do Amor e da Ciência – nobres ideais que nos conduzem a Deus!

“Aprendeis de mim, disse Jesus, que sou humilde e manso de coração”.

É em Jesus que devemos buscar as lições de mansidão de que tanto carecemos nas lutas da vida.

Embora enérgico, quando as circunstâncias o exigiam, o sublime redentor sabia fazer prevalecer a sua palavra pelo poder da verdade que a embalsamava, e sem ódio, sem fel, combatia os vícios, os embustes que deprimiam as almas.

Sempre bom, lhano, sincero, caritativo, prodigalizava a seus ouvintes os meios de adquirirem o necessário à vida na Terra e à felicidade no Céu.

“Não vos encolerizeis para que não sejais condenados”.

A irritabilidade produz a cólera e a cólera é uma das causas predominantes de enfermidades físicas e males psíquicos.

A cólera engendra a neurastenia, as afecções nervosas, as moléstias do coração: é um fogo abrasador que corrompe o

nosso organismo, é o vírus peçonhento que macula nossa alma.

Filha do ódio, a cólera é um sentimento mesquinho das almas baixas, dos Espíritos inferiores.

Sem mansidão não há piedade, sem piedade não há paciência, sem paciência não há salvação!

A mansidão é uma das formas da caridade que deve ser exercitada por todos os que buscam a Cristo.

É da cólera que nasce a selvageria que tantas vítimas tem feito.

Da mansidão vem a indulgência, a simpatia, a bondade e o cumprimento do amor ao próximo.

O homem prudente é sempre manso de coração: persuade seus semelhantes sem se excitar; previne os males sem se apaixonar; extingue as lutas com doçura, e grava nas almas progressistas as verdades que soube estudar e compreender.

Os mansos e humildes possuirão a Terra, e serão felizes, o quanto se pode ser no mundo em que se encontram.

RESIGNAÇÃO E INDIFERENÇA

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos”.

(Mateus, V, 6.)

Bem-aventurados os que se revoltam contra a injustiça, mas são resignados e calmos.

Ai dos indiferentes, dos acomodaticios, dos covardes, dos servis, que em proveito próprio aplaudem a injustiça!

Há muita diferença entre a resignação e a indiferença.

A resignação é a conformidade ativa nos inevitáveis acontecimentos da vida.

A indiferença é a submissão passiva às injustiças deprimentes.

A resignação é cheia de amor, de sentimentos nobres, de elevadas paixões.

A indiferença nulifica o amor, aniquila a nobreza da alma, destrói as virtudes e deprime a moral.

A resignação nas provas é obediência aos decretos de Deus.

A indiferença nos sofrimentos é dureza de coração e ausência de submissão à vontade divina.

O resignado é santo, porque a resignação nasce da paciência, e a paciência é filha dileta da caridade.

O indiferente é um anormal: tem cérebro e não pensa; tem coração e não sente; tem alma e não ama.

O resignado não aparenta sofrimento, porque conhece a lei de Deus e a ela se submete com humildade.

O indiferente também não mostra sentir a dor, mas, orgulhoso e alheio aos ditames celestes, repele de si a idéia do sofrimento.

A resignação é excelente virtude, que precisamos cultivar; a indiferença é manifestação do egoísmo, que precisamos extirpar.

A resignação é a coragem da virtude.

A indiferença é a covardia da paixão vil.

Aquela eleva, dignifica, enaltece, santifica.

Esta deprime, desmoraliza, deprava e mata.

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos”.

Bem-aventurados os que não se submetem às injustiças da Terra, nem pactuam com os opressores, os vis turibulários das altas posições!

HIGIENE DO CORAÇÃO

“Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus”.

(Mateus, V,8.)

Há corações limpos e há corações sujos. Para aqueles reservou o Senhor a visão de Deus.

E assim como há necessidade da higiene do corpo, para que o corpo funcione regularmente, com mais forte razão faz-se preciso a higiene do coração, para que o Espírito ande bem.

É preciso limpar o coração para ver a Deus. Ninguém há de coração sujo que tenha olhos abertos para o supremo artifício de todas as coisas.

“A boca fala do que o coração está cheio; do interior procedem as más ações, os maus pensamentos”.

Coração sujo, homem sujo; coração limpo, alma límpida, apta para ver Deus.

Faz-se mister limpar o coração. Mas, de que forma começar esse asseio?

É preciso que nos conheçamos primeiramente; é preciso conhecermos o coração. *Nosce te ipsum*, conhece-te a ti mesmo! Saber quem somos e os deveres que nos cumpre desempenhar; interrogar cotidianamente a nossa consciência; exercitar um culto estritamente interno, tal é o início dessa tarefa grandiosa para a qual fomos chamados à Terra.

A limpeza de coração substitui o culto externo pelo interno. As genuflexões, as adorações pagãs, as preces cantadas e mastigadas, nenhum efeito têm diante de Deus.

O que o Senhor quer é a limpeza, a higiene do coração.

Fazer culto exterior sem o interior, é o mesmo que cair sepulcros que guardam podridões!

Limpar o coração é renunciar ao orgulho e egoísmo com toda a sua prole malfazeja! É pensar, estudar, compreender; é crer no amado Filho de Deus pelos seus ditames redentores!

É ser bom, indulgente, caridoso, humilde, paciente, progressista; é, finalmente, renunciar ao mal para abraçar o bem; deixar a aparência pela realidade; preferir o Reino dos Céus ao Reino do Mundo, pois só dentro do supremo reinado poderemos ver Deus!

LUZ MORTIÇA E SAL INSÍPIDO

“Vós sois o sal da Terra; se o sal se tiver tornado insípido, como se poderá restaurar-lhe o sabor? Para nada mais presta senão para ser lançado fora e pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; e ninguém acende uma candeia e a coloca sob o alqueire, mas no velador e assim alumia a todos os que estão na casa.

“De tal modo brilhe a vossa luz diante dos homens, que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos Céus”.

(Mateus, V, 13-16.)

O homem espiritual é o que procura satisfazer a razão e os sentimentos de seus semelhantes, ora transmitindo-lhes, com lógica e coerência, os ensinamentos de Jesus, ora praticando essa doutrina sublime, incomparável em sua grandeza, pelas verdades e consolações que nos proporciona.

O indiferente, o fanático, o supersticioso, o negador, o maldizente, o hipócrita, o que se não esforça pelo seu engrandecimento e não trabalha pelo bem geral, é *sal insípido*, é *luz mortiça*, que para nada mais presta!

O que não auxilia os pobres, o que não ensina os ignorantes, o que não se condói do mal alheio e não procura aliviá-lo, é *sal insípido*, só serve para ser pisado pelos homens, é *luz mortiça* que entenebrece em vez de iluminar.

Os discípulos de Jesus são a *luz do mundo* e o *sal da terra*; a sua tarefa é esclarecer seus semelhantes e ao mesmo

tempo procurar conservá-los fiéis aos ditames cristãos, proporcionando-lhes consolações.

O sal insípido não condimenta; a luz mortíça não ilumina!

“De tal modo brilhe a vossa luz, que os homens vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai que está no Céus”.

OS DOIS TESTAMENTOS E A REVOGAÇÃO DA LEI

“Não penseis que vim para revogar a lei e os profetas; não vim revogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo: passará o Céu e a Terra, mas de modo nenhum passará da lei um só i ou um só til sem que tudo se cumpra”.

(Mateus, V – 17-18.)

Assim como não existem duas “leis” em vigor, uma em oposição à outra, também não podem existir dois “testamentos” em validade, ambos contradizendo-se, defraudando-se aniquilando-se.

Existe a lei, existem os profetas; existiram os profetas e existiram a lei e os profetas.

Jesus não veio revogar a lei e os profetas, mas cumprir; lembrar o cumprimento da lei, trabalhar pelo cumprimento da lei, ensinar o cumprimento da lei, impor o cumprimento da lei.

Jesus é a luz do mundo: essa luz ilumina a lei, distingue-a do que não é lei, orientando todas as almas de um modo racional, inteligível, para cumprirem a lei, obedecerem a lei, praticarem as ordenações da lei.

Jesus é o caminho, a verdade e a vida: sendo sua principal missão *cumprir a lei*, a lei deve, forçosamente, limitar-se, circunscrever-se ao caminho que ele personificou, à verdade de que ele foi o paradigma, à vida de que deu o mais vivo exemplo.

A lei está intimamente ligada à incomparável personalidade de Jesus. O que a Jesus não se liga, não se adapta, não se

ajusta, não é lei; não é, portanto, caminho, não é verdade, não é luz, não é vida: é desvio, é falsidade, é morte, é treva.

“De modo nenhum passará da lei um só *i*, ou um só *til*, sem que tudo se cumpra”.

A lei é eterna, é de todos os tempos, de todos os povos; o seu escopo é felicitar os homens unindo-os pelo mesmo ideal a Deus. O ideal é o amor.

“O amor a Deus e ao próximo é a síntese, o resumo de toda a lei e os profetas”.

Tudo o que inspira desamor a Deus e ao próximo, não é lei, nem provém da lei ou dos profetas; tudo o que divide, desune, desarmoniza a família humana, está fora da lei; tudo o que tolhe a liberdade, o livre exame, a compreensão, não está compreendido na lei.

A lei foi dada por intermédio de Moisés, mas a graça e a verdade da compreensão da lei foi dada por Jesus Cristo; ele é a luz e a verdade.

A lei não é de Moisés; se fosse, passaria com Moisés, como a lei de Moisés do *dente por dente, olho por olho* passou, para não mais voltar; não só desapareceram dela o *i* e o *til*, como também todo o valor, toda a potência, todos os caracteres.

Para que a lei se cumpra, é preciso que desapareçam todos os opressores que, constituindo-se guardas da lei, não a praticam, mas corrompem-na. Para que a lei se cumpra, é preciso que o Velho Testamento seja posto à margem, porque “Na verdade, nenhum outro fundamento pode ser posto entre o Céu e a Terra senão Jesus Cristo”.

O maior dos profetas anuncia o maior dos enviados; o maior enviado exalta o ministério dos profetas, adstrito à lei sintetizada no amor a Deus e ao próximo.

Os *sacerdotes* foram postos à margem, como infratores da lei; as igrejas de pedra estão fora de lei: *delas não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada*. (Lucas XXI, 6.)

Os sacerdotes têm *uma* lei que não é a lei, assim como os cientistas e políticos têm *uma* lei, que não é a lei; suas

igrejas, suas academias, seus palácios têm os seus *mandamentos*, mas estes mandamentos não constituem a lei de Deus, são mandamentos e ordenações que estão fora da lei: têm passado, estão passando e passarão para desaparecerem para sempre.

Não pode haver dois testamentos, não pode haver duas leis de Deus: *há um só Deus, um só batismo, uma só fé, uma única verdade*. A lei das sinagogas, dos templos, do monte, foi revogada pelo Cristo: “É chegada a hora, e agora é, em que não adoreis a Deus em Jerusalém, nem no Monte Garizim, mas sim em espírito e verdade, porque são estes que o Pai procura para seus adoradores”. (João, IV, 21-24.)

A *lei das igrejas* não é parte integrante da lei, ela é a mesma das sinagogas, dos templos, dos montes; a *lei das igrejas* foi denunciada como infração da lei, por Jesus Cristo.

A lei não passará, nem um *i* nem um *til* deixará de ter o seu cumprimento.

O Espiritismo repete as palavras de Jesus: “Não penseis que vim revogar a lei e os profetas, não vim revogar, mas cumprir”.

O JURAMENTO

“Tendes ouvido o que foi dito aos antigos : Não jurarás falso, mas cumprirás para com o Senhor os teus juramentos. Eu, porém, vos digo que absolutamente não jureis; nem pelo Céu, porque é o trono de Deus; nem pela Terra, porque é o escabelo dos seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do Grande Rei; nem jureis pela vossa cabeça, porque nem um só cabelo podeis tornar branco ou preto; mas seja o vosso falar: sim, sim; não, não; pois tudo o que passa disto é de má procedência”.

(Mateus, V, 33-37.)

O Evangelho é uma espada de dois gumes que, manejada à direita e à esquerda, é capaz de destruir erros seculares e preparar a Humanidade para o cumprimento da palavra divina.

É impossível compreender-se o Espiritismo sem o Cristianismo. Este é, na verdade, a base fundamental da Nova Revelação.

Jesus não veio destruir a lei de Deus, mas, torná-la conhecida. E o Espiritismo repete as palavras do Filho de Deus.

Sendo o nosso fim fazer renascer nas almas o sentimento cristão, faz-se mister desembaraça-la dos interesses de seita, que as prendem ao jugo dos dogmas.

A palavra de Jesus não pode passar, nem uma vírgula lhe será tirada; a luz há de resplandecer nas trevas para iluminar aos homens a senda da perfeição que o Mestre veio traçar.

Quem poderá dispor, ainda que seja de um fio de cabelo, para contrariar a lei de Deus, se a ninguém é dado torná-lo realmente branco ou preto!

O homem de bem, aquele que tem por norma de vida o Evangelho, nada faz sem pensar, sem deixar o raciocínio amadurecer, sem buscar nas inspirações do Alto, os conselhos para as suas decisões que nunca atingem o juramento e se baseiam sempre no *sim* e no *não*! Sim, sim; não, não; o que passa daí, é de má procedência.

O juramento pode ser uma instituição humana, mas não divina. E com que autoridade ordenamos a nossos semelhantes jurar sobre o Evangelho, quando é nesse mesmo livro que se lê a expressa proibição do juramento, que no próprio dizer de Jesus “é de má procedência!”

O Senhor dotou-nos de inteligência, razão e liberdade, para que não nos escravizemos a quem quer que seja.

O juramento é uma condição de servidão que degrada: deprime-nos o caráter e nos força à execução de atos que muitas vezes reprovamos.

A exigência do juramento teve começo nas agremiações religiosas, que se desviaram do Cristianismo, para manter seus princípios dogmáticos.

Precisamos libertar-nos das religiões opressoras que exploram a consciência humana e lhes escravizam a razão.

Sim, sim; não, não. E o que está escrito é o que nos cumpre proferir em nossas resoluções.

A RELIGIÃO DOS HOMENS E A RELIGIÃO DE DEUS

“Tendes ouvido o que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás ao teu inimigo. Eu porém vos digo: Amai aos vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos Céus, porque Ele faz nascer o seu Sol sobre os bons e sobre os maus, e vir suas chuvas sobre os justos e injustos. Porque, se amardes aos que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos o mesmo? E se saudardes somente aos vossos irmãos, que fazeis de especial? Não fazem os gentios também o mesmo? Sede vós, pois, perfeitos, como o vosso Pai celestial é perfeito”.

(Mateus, V, 43-48.)

“Mas os fariseus, sabendo que Jesus fizera calar os saduceus, reuniram-se; e um deles, doutor da lei, para o experimentar, fez-lhe esta pergunta: Mestre, qual é o grande mandamento da lei?

“Respondeu-lhe Jesus: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. E o segundo semelhante a este é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Estes dois mandamentos resumem toda a lei e os profetas”.

(Mateus, XXII, 34-40.)

A religião dos homens não é a religião de Deus. A religião dos homens se resume nos sacramentos: batismo, confissão,

crisma, matrimônio, missas, extrema-unção, procissões, festas, dias-santos.

A religião de Deus é caridade, misericórdia, paz, paciência, tolerância, perdão, amor a Deus, amor ao próximo.

A religião dos homens é misericórdia sujeita ao numerário.

A religião de Deus está isenta do dinheiro do mundo.

A religião dos homens circunscreve a razão e o sentimento, prescrevendo a ignorância; não admite a evolução.

A religião de Deus reclama o estudo e proclama o progresso.

A religião dos homens consiste em dogmas e mistérios que a consciência repele e o sentimento repudia.

A religião de Deus derriba as barreiras do sobrenatural e afirma que nunca disse, nem dirá a última palavra, porque é de evolução permanente.

A religião dos homens escraviza as almas, escraviza a inteligência, anula a razão, condena a análise, a investigação, o livre-exame.

A religião de Deus manda ao indivíduo, como Paulo, examinar tudo, crescer em todo o conhecimento, fazer o estudo crítico do que lhe for apresentado para separar o bom do mau e não ter tropeço no “dia do Cristo”.

A religião dos homens não tem espírito: para ela o Evangelho é letra-morta, não tem a palavra de Jesus; seus santos são de pau e barro; suas virtudes, de incenso e alfazema; suas obras são folguedos, festanças com alarido de sinos, de foguetes, de fanfarra; seus ornamentos, de fitas e papéis de cores.

A religião de Deus é vivificada pelo Espírito da vida eterna, é acionada pelas Revelações sucessivas, baseia-se na palavra de Jesus, nos Evangelhos, nas Epístolas Apostólicas. Seus santos são espíritos vivos, puros, ou que se estão purificando e que vêm comunicar-se com os homens na Terra, para guiá-los à verdade; suas virtudes são as curas dos enfermos operadas por esses Espíritos, as manifestações de materializações, de transportes, de fotografia, que vem dar a certeza da imortalidade e estabelecer a verdadeira fé.

A religião dos homens é a aflição, o desespero, a morte; ao doente ela só oferece a confissão auricular; ao agonizante a extrema-unção e depois da morte o *De-Profundis* com as subseqüentes missas, que constituem um gravame eterno para a família do morto.

A religião de Deus é a consolação, a esperança, a vida; ao doente dá remédios, fluidos divinos para lenir o sofrimento; ao agonizante desvenda o reino da imortalidade e afirma o prosseguimento da vida independente da vida na Terra; dá de graça a misericórdia, cerca o paciente de amor e a todos recomenda a oração *gratuita* como meio de auxiliar os que sofrem.

A religião dos homens é composta de uma hierarquia que começa no pequeno cura de aldeia para se elevar através das dignidades de cônego, monsenhor, bispo, arcebispo, cardeal, ao caporal maior, o *Sumo Pontífice Infalível*, o Papa; cada qual se distingue pela tonsura, vestimenta, rubis, pedrarias de esmeraldas, brilhantes, diamantes e roupagens de seda, de púrpura, de holanda: obrigando o *hábito* a fazer o monge.

A religião de Deus é ministrada pelo Espírito, por intermédio dos *dons espirituais* de que fala o grande apóstolo da luz em sua gloriosa Epístola, hoje de divulgação mundial; ela não distingue o religioso, o cristão, pelo hábito, pela opa, pela batina, pelos anéis, pela coroa, pela mantilha, pelos rosários, pelas medalhas, pelas cruzes, porque qualquer tartufo ou “tartufa” pode usar essas insígnias; mas reconhece o cristão, o religioso pelo caráter, pelo critério, pela fé que dele emana, pela caridade que o caracteriza, pela esperança não fingida que manifesta.

A religião dos homens persegue, anatematiza, odeia e calunia os que são descrentes.

A religião de Deus perdoa, ora, auxilia, serve e ampara seus próprios perseguidores, detratores, caluniadores e adversários.

A religião dos homens se ilumina à luz do azeite, da cera, da eletricidade.

A religião de Deus é a luz do Mundo e de todo o Universo.

A religião dos homens é insípida, corruptível; usa o sal material.

A religião de Deus é o sal da Terra: conserva, transforma, purifica.

A religião dos homens tem igrejas de pedra, de terra, de cal, de ferro, de madeira.

A religião de Deus tem por igreja, como disse o apóstolo, almas, Espíritos vivificantes.

As igrejas dos homens são de matéria inerte, caem ao embate dos ventos, das tempestades, das correntezas.

Contra a Igreja de Deus os elementos não prevalecem; ela é imperecível e se nos mostra cada vez mais viva, mais luminosa.

A religião dos homens é a opressão, o orgulho, o egoísmo, a mercancia.

A religião de Deus é a da liberdade, da humildade, do amor, do desinteresse. A religião dos homens não é a religião de Deus: a religião dos homens é a dos homens e para os homens.

A religião de Deus é a luz universal que proclama a verdade, o caminho e a vida, repetindo a palavra do incomparável sábio e santo, Jesus o Cristo: *Amai os vossos inimigos; orai pelos que vos caluniam; que a vossa justiça seja maior que a dos escribas e fariseus; amai a Deus e ao próximo, porque neste amor se fundam a lei e os profetas; sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai celestial!*

A VIDA NA TERRA E A VIDA ETERNA

“Não andeis cuidadosos da vossa vida, pelo que haveis de comer ou de beber, nem do vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais que o alimento e o corpo mais que o vestido? Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em celeiros, e o vosso Pai as alimenta; não valeis vós muito mais que elas? E qual de vós, por mais ansioso que esteja, pode acrescentar um cúbito à sua estatura? E por que andais ansiosos pelo que haveis de vestir? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam; contudo vos digo que nem Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles! Se Deus veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé? Assim não andeis ansiosos dizendo: “Que havemos de comer? Ou: Que havemos de beber? Ou: Com que nos havemos de vestir? Pois os gentios é que precisam destas coisas: porque vosso Pai celestial sabe que precisais de todas elas. Mas buscai primeiramente o Seu reino e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Não andeis, pois, ansiosos pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.

(Mateus, VI, 25-34.)

O escopo da vida na Terra é o aperfeiçoamento do Espírito. Aquele que assim compreende eleva-se, dignifica-se, e livre dos entraves materiais, sobe às alturas inacessíveis ao sofrimento, alcançando a felicidade eterna.

Aquele que assim não quer compreender rebaixa-se, desmoraliza-se, e absorvido pelas más paixões, desce às voragens da dor, para expiar e reparar as faltas, as transgressões das leis divinas.

O que vive da carne, morre; o que vive do Espírito é imortal.

Lutas, fadigas, trabalhos e dores são luzes para os vivos e sepulcros para os mortos.

Uns pairam calmos e resistentes acima das misérias terrestres; outros jazem sob os escombros amontoados pelo tufão inclemente da adversidade!

O que vê com os olhos da carne, vê misérias, estertores, morte; o que vê com os olhos do Espírito, vê flores que murcham, prados devastados, regatos que secam, fontes que não vertem água, avarias, mutilações, cadáveres putrefatos; mas vê também cores que são perfumes, luzes que são forças, vidas que despontam, seres que se agitam, almas que vivem e Espíritos que vivificam.

No panorama do Universo as duas faces da vida se mostram como o verso e o reverso da medalha: cada efígie tem a sua cotação acima ou abaixo da “paz cambial”.

Nade se perde, nada se desvaloriza na equação proposta para chegar-se à incógnita da perfeição espiritual.

A lei vê passar o tempo, as gerações, a Terra e o Céu, mas permanece inflexível, aperfeiçoando as gerações, a Terra, o Céu, na sua ação lenta, mas decisiva e depuradora.

O escopo da vida é o cumprimento da lei, e o cumprimento da lei é a perfeição.

Os que transgridem a lei descem pelos tremedais das paixões vis aos báratros tenebrosos da dor; mas, aguilhoados pela dor, sobem aos cimos das glórias imortais!

Os que cumprem e proclamam o cumprimento da lei, voam por entre luzes, cores e perfumes às eternas mansões dos Espíritos soberanos, onde a harmonia, a verdade e a paz imperam na plenitude de seus direitos divinos.

A vida na Terra, para aqueles que na Terra têm o seu tesouro, como que termina no túmulo, porque só com o renascimento alcançarão a vida eterna.

A vida na Terra, para os que acumulam tesouros nos Céus, é a senda luminosa que liga a Terra aos Céus, é a estrada comunicativa que lhes permite a passagem para se apossarem desse tesouro.

Os que vivem na Terra pela Terra, são da Terra; os que vivem na Terra sem serem da Terra, são dos Céus.

A vida na Terra é efêmera; a vida nos Céus é eterna; e a posse da vida eterna consiste no cumprimento da lei: “Buscai o Reino de Deus e a sua justiça, que tudo o mais vos será dado por acréscimo”.

AS DUAS ESTRADAS E AS DUAS PORTAS

“Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e espaçosa é a estrada que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; porque estreita é a porta e apertada a estrada que conduz à vida e poucos são os que acertam com ela”.

(*Mateus, VII, 13-14.*)

Duas são as estradas que se apresentam aos homens: a da evolução e a da degradação.

Também são duas as portas que se abrem à pobre criatura humana: a porta da vida e a porta da morte.

Aqueles que caminham pela estrada da evolução, hão de forçosamente, passar pela porta estreita que conduz à vida.

Os que descem o declive da degradação, hão de atravessar a porta larga para viverem na morte!

Há vida na Vida e há “vida” na Morte!

Na vida da Terra há morte; na vida do espaço a vida venceu a morte.

A estrada da evolução é apertada, poucos são os que acertam com ela, mas grande é o número dos que não querem acertar, pois ouviram dizer que ela é “apertada”.

A estrada da degradação é larga, muitos são os que por ela passam e dela não querem sair, por ser espaçosa e facultar-lhes uma série considerável de diversões.

A estrada do progresso vê-se com os olhos da alma, e a alma a deseja ardentemente, para a aquisição de seus destinos felizes; a da degradação proporciona no presente os

gozos efêmeros do mundo e o homem material por ela caminha preso a essas delícias perecíveis.

A estrada do progresso, por ser apertada, exige conhecimentos, reclama atenção, critério, raciocínio, para que não se decline para a direita ou para a esquerda.

A estrada da degradação é guarnecida de todos os atrativos, festejada com todas as músicas: nela, os cinco sentidos humanos se fascina, embriagam-se pelas sensações exteriores, aniquilando o Espírito que fala à consciência, adormecendo a alma que deixa de agitar a razão.

Para subir-se pela estrada da evolução e entrar-se pela porta do progresso, é preciso prudência, fortaleza, temperança, retidão, fé, esperança e caridade. Por isso: “Estreita é a porta e apertado é o caminho que conduz à vida, e poucos são os que acertam com ela”.

A estrada da degradação é a da soberba, da avareza, da luxúria, da ira, do ódio, da gula, da preguiça, da inveja, de que o mundo está cheio; eis porque: “Larga é a porta e espaçosa é a estrada que conduz à perdição e muitos são os que por ela entram”.

Entrai pela porta estreita porque é a que dá entrada à vida eterna.

OS DOIS FUNDAMENTOS

“Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as observa, será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. E desceu a chuva, vieram as torrentes, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa e ela não caiu; pois estava edificada sobre a rocha. Mas todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as observa, será comparado a um homem néscio, que edificou a sua casa sobre a areia. E desceu a chuva, vieram as torrentes, sopraram os ventos e bateram com ímpeto contra aquela casa, e ela caiu; e foi grande a sua ruína”.

(Mateus, VII, 24-27.)

Nesta alegoria Jesus compara a crença com um edifício; a boa crença é semelhante ao sólido edifício construído sobre a rocha; a má crença é como um edifício de má construção, levantado sobre a areia movediça.

Há, pois, duas crenças: a crença verdadeira e a falsa crença.

A boa crença nasce do estudo, do livre-exame, da observação; é a crença ativa, racional, científica.

A má crença é passiva, tradicional, hereditária; aceita os dogmas que lhe são sugeridos, sem consciência, sem análise, sem convicção.

A crença verdadeira representa o edifício construído sobre a rocha; a falsa, a edificada sobre a areia movediça.

A alegoria é magnífica.

Quem quer construir um bom edifício, de duração e que possa, pela sua solidez, resistir às intempéries, procura um bom terreno, cava alicerces, bate e assenta sobre esses

alicerces uma base de pedras para que os alicerces suportem o peso da casa. Só depois é que ergue as paredes e conclui o prédio.

Outros há que não fazem questão de terreno, nem de alicerces. Constroem em qualquer lugar e até mesmo sem alicerces. Estas casas não oferecem garantia e se tornam perigosas aos moradores.

Assim é a religião; quem procura com boa vontade e livre de idéias preconcebidas a verdade, e está disposto a abraçá-la, está edificando sobre a rocha; quem se submete a qualquer doutrina, sem consciência do que faz, edifica sem base e em terreno movediço.

Mas, assim como não é bastante encontrar o terreno para ter a casa feita, também não basta encontrar a verdade para tê-la em si. É preciso construir a crença, como se constrói uma casa.

Logo que se acha o terreno, dele toma-se posse e se começa a construção: primeiro os alicerces, depois as paredes, depois o telhado, depois o acabamento interior e exterior.

Assim também quando se encontra a verdade, depois de tê-la procurado e de se estar certo pela investigação, exame, raciocínio, que é, de fato, a verdade, urge tratar da construção da crença, a começar do alicerce e este há de ser forçosamente o mesmo posto por Jesus, a Revelação divina, como disse ele aos seus discípulos: “Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”. (Mateus, XVI, 13-19.) E assim, com o material vindo do Céu e com o trabalho e esforço que empregamos, vamos, pouco a pouco, construindo o edifício da crença que tanto mais sólido e mais belo será, quanto maior for a dedicação que tivermos para ver terminada essa obra grandiosa, que será o nosso eterno abrigo.

Jesus comparou ambas as formas de crença, uma, a um edifício bem construído, e a outra, a uma casa mal edificada.

Um edifício bem construído guarda-nos das intempéries e das tempestades, livra-nos dos malfeitores, dá-nos sossego e paz.

Assim a verdadeira crença: consola-nos nas provações, livra-nos das emboscadas dos Espíritos maléficos, dá-nos calma, coragem e fortaleza para vencermos.

Uma casa mal edificada corre o risco de ser abalada pelas tempestades e ruir ao influxo da correnteza; sujeita a ser assaltada, sempre nos causa sobressaltos.

A crença cega é semelhante a uma casa assim construída ou adquirida; essa crença popular, tradicional, hereditária, sem Evangelho, sem Jesus Cristo, sem exame, sem raciocínio, no primeiro momento de adversidade, ameaça tais ruínas que põem em perigo seus próprios adeptos.

A crença não é mercadoria que se adquire na praça, nem dádiva que se aceita para ser agradável. Ela começa pelo estudo e pela investigação; cresce em nós à medida que a cultivamos. A crença é que nos ilustra e nos faz aproximar de Deus.

As casas mal edificadas estão sujeitas à demolição. A crença bastarda deve ser repudiada para dar lugar a nova edificação sobre sólidos fundamentos.

Examine cada qual a sua crença e observe se a “casa” é de solida construção e está erguida sobre fundamento inamovível.

JESUS E O CENTURIÃO

“Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, chegou-se a ele um centurião e rogou-lhe: Senhor, o meu criado jaz em casa paralítico, padecendo horrivelmente. Disse-lhe: eu irei curá-lo. Mas o centurião respondeu: Senhor, eu não sou digno de que entres em minha casa; mas dize somente uma palavra e o meu criado há de sarar. Porque também eu sou homem sujeito à autoridade e tenho soldados às minhas ordens, e digo a um: vai ali e ele vai; a outro: vem cá, e ele vem; e ao meu servo: faz isto, e ele o faz. Jesus ouvindo isto admirou-se e disse aos que o acompanhavam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé. E digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente, e hão de sentar-se com Abraão, Isaac e Jacó no Reino dos Céus; mas os filhos deste reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes. Então disse Jesus ao centurião: Vai-te, e como creste, assim te seja feito. E naquela mesma hora sarou o criado”.

(Mateus, VIII, 5-13.)

Cafarnaum era uma das grandes cidades da Galiléia, muito próxima à foz do Rio Jordão, onde João Batista costumava fazer suas pregações, convidando o povo ao arrependimento dos pecados.

E como ficava na estrada comercial que ia da cidade de Damasco ao Mar Mediterrâneo, o governo romano tinha lá uma milícia composta de cem soldados, sob a direção de um comandante.

Esse comandante tinha o título de *centurião*, justamente porque comandava cem soldados. Pelo que se compreende do

trecho que acabamos de ler, logo que o centurião teve conhecimento da entrada de Jesus na cidade da Cafarnaum, sem mais detenções fardou-se e foi à procura do moço nazareno, e encontrando-o logo, queixou-se do mal de que sofria o seu criado: “O meu criado jaz em casa paralítico, padecendo horivelmente”.

Ora, sendo Cafarnaum uma cidade populosa, de certa importância, a ponto de ser guardada por uma milícia de cem soldados, comandada por um centurião, havia forçosamente alguns “médicos” ali residentes – pois naquele tempo já os havia, tanto assim que um deles, Lucas, se tornou apóstolo de Jesus.

Pelo que diz o Evangelho, podemos ainda ficar sabendo que a moléstia que acometera o criado do centurião era paralisia, e paralisia que ocasionava grandes sofrimentos; sabemos ainda mais, que a moléstia do homem era grave, e que esse servo do centurião, segundo afirma Lucas, que era médico, estava até moribundo, nas vascas da agonia, às portas da morte. É impossível, pois, que o centurião, que era pessoa de recursos, e que muito estimava o seu servo, não houvesse chamado médicos para tratá-lo!

O doente não podia ter ficado até aquele momento sem medicação, embora a medicação não lhe tivesse dado melhoras.

Provavelmente desanimado com o tratamento da ciência daquele tempo, o centurião, homem instruído, sabendo das curas que Jesus havia operado, pois, pouco antes de entrar em Cafarnaum, o Mestre tinha curado um leproso, deliberou valer-se do grande médico espiritual para curar o servo.

E sabiamente agiu o centurião, porque seu pedido foi recebido com toda a consideração:

“Eu irei curá-lo”, disse Jesus. Admirável frase esta: “Eu irei curá-lo”!

Qual é o médico que, sem ver o doente, sem perscrutar, sem examinar; sem ver os olhos, tocar o ventre, o fígado, o peito ou as costas; sem auscultar o coração ou os pulmões, sem fazer análise de urina, ou de escarros, ou de fezes; sem

inquirir do doente, ou da pessoa que o assiste onde sente dor; se come, se bebe, se tem febre, pode dizer categoricamente a qualquer que o chama para socorrer um sofredor: “Eu irei curá-lo”?

Sabemos que todos os médicos podem dizer, ao serem chamados para assistir um doente: “Eu irei tratá-lo”, mas dizer: “eu irei curá-lo”?!

Só houve um na Terra que, sem tomar pulso, sem pôr termômetro, sem perguntar sintomas e sem ver o doente, nem lhe saber o nome, nem lhe indagar a idade, pôde afirmar sábia e categoricamente, quando lhe pediram auxílio: “Eu irei curá-lo”!

Eis porque sempre afirmamos que Jesus foi o maior de todos os médicos e que ninguém foi, nem é tão sábio quanto ele. O Mestre não tratava de doentes, não alimentava moléstias; curava os doentes, matava as moléstias. A sua ação no mundo foi verdadeiramente estupenda, extraordinária, maravilhosa. Só ele era capaz de fazer o que fez; só ele era capaz ainda hoje de fazer o de que nós precisamos; e o fará, se, como o centurião, soubermos implorar-lhe assistência.

Vimos que Jesus se prontificou imediatamente a ir à casa do centurião para curar o enfermo. Mas, que pensou o centurião sobre a resposta do Mestre?

“Senhor! Não sou digno de que entres em minha casa; porém dize somente uma palavra, e o meu criado há de sarar. Porque também sou homem sujeito à autoridade e tenho soldados às minhas ordens, e digo a um: vai ali, e ele vai; a outro: vem cá, e ele vem; ao meu servo: faze isto, e ele o faz”.

Quantos ensinamentos se tiram destas palavras, que, não sendo de Jesus Cristo, foram, entretanto, proferidas diante dele e mereceram a sua aprovação! “Eu não sou digno que entres em minha casa”. É esta a frase que todos nós deveríamos sempre, em nossas preces, em nossos rogos e de todo o coração, dizer ao Mestre, quando, todos os dias, lhe solicitamos graças e benefícios: “Senhor! dá-nos isto ou aquilo; faze-nos este ou aquele benefício, mas não venhas à nossa

casa, porque não somos dignos de que entres em nosso lar. Nossa paixões, nossos vícios, nossa inferioridade e o nosso coração pequenino nos fazem envergonhar em tua presença”.

Mas, infelizmente, não é isso o que dizemos. Todos chamam a Jesus em suas casas, todos querem vê-lo a seu lado; e alguns há que pretendem encerrá-lo em armários, ou então devorá-lo, metê-lo no ventre! (*)

Vede que iniquidade, que natureza avara de humildade tem a criatura humana!

O criminoso se constrange diante do magistrado: o réu se envergonha em face do juízes; a criatura humana, negra de ignorância, asquerosa de orgulho e de vaidade, horrenda de egoísmo, julga-se tão iluminada, tão casta, tão pura, a ponto de se dizer irmã do coração de Jesus; desse coração imaculado, puríssimo, que não palpita senão para fazer sentir o amor; que não movimenta as suas aurículas senão para transmitir, aos sofredores, uma parcela do seu puríssimo afeto; que não fala senão para abençoar e ensinar; que não brilha senão para arrancar as almas das trevas, da devassidão, das mentiras e dos enganos!

Não, não era preciso que o Espírito puríssimo entrasse em casa do centurião para que o servo desse comandante ficasse livre da enfermidade; assim como não era preciso que o centurião fosse pessoalmente abrir as “portas do cárcere” para libertar dele um prisioneiro que desejasse soltar.

“Também eu sou um homem sujeito à autoridade, Senhor; não és só tu que estás sob o domínio da autoridade; eu também o estou; com a diferença de que a minha autoridade é da Terra e a tua é do Céu. O meu chefe é o governador romano; o teu chefe é o governador do Universo. Mas, apesar disso, eu tenho soldados à minha disposição; assim como também sei que tu tens legiões de Espíritos santificados pela tua palavra, que estão sob o teu domínio. Eu digo a um dos meus soldados: vai para lá, e ele vai; a outro: vem para cá, e ele vem; a outro: faze isto ou aquilo, e ele o faz; tu, pela mesma forma, mandas na tua milícia; teus soldados e teus servos

fazem tudo o que tu ordenas, assim como os meus fazem tudo quanto eu ordeno. “Dize só uma palavra, e o meu criado há de sarar”, porque eu também, quando quero fazer qualquer coisa, seja prender um turbulento ou libertar um prisioneiro, digo só uma palavra, e são cumpridas imediatamente as minhas ordens!”

E Jesus, maravilhado ante a fé que amparava o centurião, cheio de alegria diante das palavras do soldado romano, vira-se para seus discípulos e lhes diz: “Em verdade vos afirmo, que nem mesmo em Israel achei tamanha fé!”

A luz não foi feita senão para iluminar, assim como a verdade para libertar, a esperança para consolar e animar, a caridade para amparar e purificar, e a sabedoria para guiar e engrandecer!

Todas estas virtudes, todos estes dons celestiais, que enchem a criatura de bem-estar e de paz, são raios coloridos de um mesmo Sol, são reflexos multicores de uma mesma estrela, que orienta os povos, que encaminha as nações, que eleva a dignidade humana, e cujas luzes penetram no coração, sobem ao cérebro e se expandem na alma. Essa venturosa claridade dos Céus a que nós chamamos fé, implantada no Espírito humano, nasce como o grão de mostarda da parábola, cresce e torna a crescer; cresce sempre sem parar, e, quando lhe chega o momento feliz de não mais elevar suas hastes, de não mais alongar seus galhos, de não mais engrossar seu tronco, de não mais estender suas raízes; quando chega esse momento, em que a nossos olhos parece completada a conta de seus dias, concluído o seu itinerário, finda a sua vida, é então que lhe é chegado o momento de maior crescimento, de maiores trabalhos, de mais produtiva vida, porque é então que ela vai frutificar, para depois, estender-se em ramificações cada vez mais consideráveis e crescentes, a ponto de se fazer seara e cobrir extensão considerável de terreno! Foi esta a fé que Jesus saudou com alegria, quando a viu cultivada pelo soldado romano; foi esta a fé, engrandecida pelos conhecimentos, purificada pela humildade, santificada pela prece na

peessoa do centurião, que o Mestre justificou, dizendo: “Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei tamanha fé!”

Além de dizer aos seus discípulos perto do centurião: “Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé”, o Mestre acrescentou, ainda, como para servir de incentivo àqueles que o ouviam, para que estudassem, para que fizessem também crescer a fé que possuíam:

“Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e hão de sentar-se com Abraão, Isaac e Jacó no Reino dos Céus; mas os *filhos deste reino* serão lançados nas trevas exteriores e ali haverá choro e ranger de dentes”.

Aqueles que estiverem fora das igrejas que paralisam o crescimento da fé; aqueles que têm a felicidade de não pertencer a esse reino do mundo, onde os sacerdotes aprisionam as almas, a política deprime o caráter e a ciência balofa entenebrece; aqueles que estão no Oriente ou no Ocidente, de um lado ou de outro, mas não estão dentro do reino do farisaísmo; aqueles que não são filhos desse reino, porque só têm como paternidade, como domínio o reinado de Deus – esses hão de subir às regiões da felicidade e da luz, onde estão os Espíritos puros, que viveram outrora neste mundo – Abraão, Isaac e Jacó! Hão de sentar-se à mesa espiritual, onde lhes serão oferecidos novos e ainda mais saborosos manjares, para engrandecerem mais ainda a sua fé, para tornarem-na maior, mais robusta, mais viva, mais luminosa, mais sábia, mais divina!

E os filhos deste reino, deste reino da mentira, da mercancia, do orgulho, da hipocrisia, das exterioridades e da idolatria, ficarão imersos nessas mesmas trevas por eles criadas; estagnaram a crença, como uma poça d’água na estrada; abdicaram os direitos do crescimento, do engrandecimento, da floração dessa plantinha cuja semente Jesus lhes colocara no coração; não terão nem árvore para sombra, nem flores para perfume, nem frutos para alimento; e chorarão de fome, e quebrarão os próprios dentes ao rangê-los no sofrimento, nas trevas!

E havendo Jesus dado todos esses ensinamentos a uns, e bênçãos a outros, pois que tanto os ensinamentos, como os aplausos do Mestre, são bênçãos de perfeição, ou seja, de aperfeiçoamento, depois de Jesus haver exaltado a fé do centurião, concluiu a sua lição dizendo ao comandante da milícia:

“Vai-te, e como creste, assim te seja feito!”

“Como creste, assim te seja feito” e o centurião foi e encontrou o seu criado curado, são.

Como creu o centurião?

Por que forma acreditava ele que a cura de seu servo se devia operar?

Naturalmente que, com a autorização e a mandado de Jesus, alguns dos Espíritos que acompanhavam o Mestre na sua missão, iriam à casa do centurião e a cura se operaria. Porque, como disse ele ao nazareno, “não precisas vir a minha casa, Senhor, mas com uma palavra tua meu servo há de sarar”; pela mesma forma que com uma palavra minha, os prisioneiros são postos em liberdade”.

Foi assim que o centurião creu, e foi assim que seu servo foi curado; e assim foi que Jesus afirmou ter ele de sarar, quando disse: “Como creste, assim te seja feito!”

(*) *Alusão à ingestão da hóstia, que, segundo o catolicismo, encerra o próprio Jesus.*

AS DUAS MORTES

“Vendo Jesus uma multidão em redor de si, mandou passar para a outra margem do lago. E chegou um escriba e disse-lhe: Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores. Respondeu-lhe Jesus: As raposas têm seus covis, e as aves do céu seus pousos, mas o Filho do Homem não têm onde reclinar a cabeça.

“E um outro discípulo disse-lhe: Senhor, deixa-me ir primeiro enterrar meu pai. Porém, Jesus respondeu-lhe: Segue-me, e deixa que os mortos enterrem seus mortos”.

(Mateus, VIII, 18-22.)

Existem duas vidas, devem conseqüentemente existir duas mortes: a morte concreta e a morte abstrata.

Quando o homem morre, os membros se lhe enrijecem, seu calor desaparece, suas células se multiplicam e se avolumam; a putrefação anuncia a desagregação molecular e a personalidade desfigurada desaparece nas voragens do túmulo.

Quando a alma morre, é o censo moral que se enrijece; e o frio da descrença caracteriza o cadáver; são as más paixões que denunciam a decomposição do indivíduo e ei-lo, sepulcro ambulante, em trânsito pelas necrópoles dos vícios, ostentando suntuoso mausoléu!

Há alma morta em corpo vivo, porque assim como o corpo sem alma é morto, o Espírito sem a fé que vivifica e felicita é um ser inerte como um cadáver.

O corpo morto tem olhos e não vê, tem ouvidos e não ouve, tem boca e não fala, tem cérebro e não raciocina, tem braços e não se move, tem pernas e não anda, tem nariz e

não cheira; o tato desaparece e até o coração, o fígado, o estômago, os intestinos, que produzem trabalho mecânico, jazem quedos, inertes, glaciais. A alma, quando morta, também perde a sensação e a percepção: não pensa, não sente a vida, não percebe a moral; nenhum som, nenhuma cor, nenhum perfume, nenhum ato generoso, nenhuma ação divina consegue despertar esse “Lázaro” encerrado em sepulcro de carne!

Como é terrível a morte da alma!

Mais estranha e penosa coisa é a morte da alma que a morte do corpo.

A morte do corpo é a libertação do Espírito; a morte da alma é a sua escravidão ao serviço da carne.

Há morte do corpo e há morte da alma.

Glorioso é o dia da morte do corpo para os Espíritos que vivem; terrível é o dia da morte do corpo para os Espíritos mortos. Entretanto para uns, como para outros, há ressurreição; aqueles ressurgem para a glória e estes para a condenação; daí a proposição de ficarem os mortos incumbidos do enterro dos seus mortos!

Existem duas mortes: a morte concreta que destrói a personalidade (o corpo – a figura aparente do Eu); e a morte abstrata, que adormece, desfigura, deprime a individualidade, o ser que prevalece na vida eterna.

A morte do corpo, para a *alma morta*, é o arrebatamento do indivíduo que fica forçado a alhear-se de todos os bens da Terra, de todos os gozos mundanos e até dos seres que o cercavam na vida do mundo.

A morte da alma é a abstração de tudo o que interessa à vida imortal, é a ausência de todos os bens incorruptíveis, é o desconhecimento da divindade, é a pobreza dos sentimentos nobres, do caráter, da virtude.

Existem duas vidas, existem duas mortes; existem duas estradas, duas portas; existem dois senhores, sigamos o Senhor do Céu e *deixemos que os mortos enterrem os seus mortos!*

A TEMPESTADE ACALMADA

“E entrando Jesus na barca, seus discípulos acompanharam-no, e eis que se levantou no mar tão grande tempestade que as ondas cobriam a barca; mas Jesus dormia. Os discípulos, aproximando-se, acordaram-no dizendo: Salva-nos, Senhor, que perecemos. Ele lhes disse: Por que temeis, homens de pouca fé? Então erguendo-se, repreendeu os ventos e o mar; e fez-se grande bonança. E todos se maravilharam dizendo: Que homem é este, que até o mar os ventos lhe obedecem?”

(Mateus, VIII, 23-27.)

A autoridade de Jesus é verdadeiramente universal.

Espírito superior que preside os destinos do nosso planeta, conhece-lhe a natureza, bem como a atmosfera que o circunscreve, assim como os Espíritos que atuam nos elementos; é sabedor, portanto, de que todos os fenômenos sísmicos e atmosféricos são dirigidos por seres inteligentes encarregados das manifestações da Natureza.

O Mestre, contemplando o temporal que se desencadeara no Mar da Galiléia, deliberou fazê-lo cessar a rogo de seus discípulos, e para que estes não perigassem, ordenou que o mar se acalmasse e os ventos não prosseguissem na sua faina destruidora!

Está claro que Jesus não se dirigiu ao mar e aos ventos, mas, sim, aos Espíritos que agitavam a atmosfera e encapelavam as águas. O vento e o mar não poderiam compreender, para obedecer às ordens do Mestre.

Esses fenômenos obedecem sempre a uma causa e Jesus, atuando sobre a causa, fez cessar o efeito!

Ensina, também, esta passagem, que com a fé em Jesus podemos, se lhe rogarmos, obtermos a calma nas tempestades da vida.

A Nova Revelação, com seus fatos maravilhosos, vem pôr-nos a par de tantas coisas que a ignorância humana considerava *milagres*, mas que não são mais que produtos ou resultados da ação de Espíritos que, em redor de nós, trabalham constantemente.

O MAIOR PROFETA

“Ipse et Elias qui venturus est”.

(Mateus, XI, 14.)

O maior profeta precede o maior enviado; aquele é a voz, este a ação; um clama, exorta, previne; outro aplaina as vales, arrasa montes, derriba árvores, e, em sua passagem pela Terra, deixa um caminho firme, vasto, imenso, luminoso, que se eleva à morada eterna do Pai!

João batiza com água os arrependidos, para apagar neles as nódoas dos eleitos; Jesus, com fogo, destrói e calcina as doutrinas humanas que lhes obscurecem as almas; se aquele limpa, o outro alveja, para que o Espírito de Deus reflita neles o “amor de Deus e do próximo, que resume a lei e os profetas”.

João representa os profetas: é o *maior dos profetas, dos nascidos de mulher*; Jesus é a graça e a verdade, que recebeu no Tabor os testemunhos da lei, pelo Espírito de Moisés, e da profecia, pelo Espírito de Elias; o nosso Mestre é o maior dos enviados: a VOZ O ACLAMOU, quando disse: “ESTE É O MEU FILHO DILETO – ouvi-o”.

Todas as VOZES do Pai celeste deram testemunho do nazareno: a lei, a profecia, a graça e a verdade; de fato, ele é o Filho Unigênito de Deus em sabedoria e amor.

João é o maior expoente da profecia, porque profetizou a vinda e a missão do maior dos enviados. O Espírito do Cristo é maior do que tudo e do que todos porque ele foi e é o expoente do Verbo de Deus: *Et verbum caro factum est et habitavit in nobis*: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós”.

Na Antiga Dispensação, Elias é o mais poderoso dos profetas; na Nova Dispensação, João Batista é o maior; na

Novíssima, Allan Kardec é o elevado bom senso, a sublimação da profecia em seu mais elevado surto: *Et si vultis recipere, ipse est Elias, qui venturus est!* “E se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir”.

Elias é o poderoso dominador das ÁGUAS; de frente para o alto fez parar as chuvas por três anos e seis meses; ergue um holocausto a seu Deus, o fogo o consome, o céu cobre-se de espessas nuvens e as chuvas caem em jorros para fertilizar a Terra! Nas margens do Jordão, sua paragem predileta, a um sinal de sua capa as águas se abrem e ele passa a pé enxuto.

Elias é o profeta das águas; João avoluma as águas do Jordão com a multidão que ouve a sua VOZ; Alan Kardec faz manar do coração, dos rins e do ventre dos que buscam a Jesus Cristo, *rios de água viva*, desvendando os arcanos do Espírito da profecia; mas quem batiza com o Espírito do Pai é aquele que É sobre todos!

Elias apelou para as águas e para o fogo; João para a água e para o sofrimento; Allan Kardec para o sentimento e para a razão, mas os três são um mesmo Espírito. Um fere e castiga, outro corrige e ensina, o último vivifica e salva!

O ESPÍRITO DE SISTEMA E AS NOVAS VERDADES

“Veio João não comendo nem bebendo, e dizem: Ele tem demônio. Veio o Filho do Homem, comendo e bebendo, e dizem: Eis um homem glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores! E contudo a sabedoria é justificada pelas suas obras”.

(Mateus, XI, 18-19.)

“Então lhe trouxeram um endemoninhado, cego e mudo; e ele o curou, de modo que o mundo falava e via. E toda a multidão, admirada, dizia: É este porventura, o Filho de Davi? Mas os fariseus, ouvindo isto, disseram: Este não expelle os demônios senão por Belzebu, chefe dos demônios”.

(Mateus, XII, 22-24.)

O mundo não tem progredido senão à custa de lutas e sofrimentos. Todas as novas descobertas, todas as grandes verdades, todos os grandes homens não têm conseguido exercer a sua missão no nosso planeta senão com grandes sacrifícios e depois de uma luta terrível contra o espírito de ignorância, que ensombra todas as camadas sociais!

Percorrendo atentamente as páginas dos Evangelhos, vemos a luta incessante que Jesus sustentou contra o espírito de sistema que compunha, não só a classe sacerdotal, mas também a classe doutoral do seu tempo.

Nos *Atos dos Apóstolos* acham-se narradas as perseguições que sofreram os discípulos do Mestre nazareno, que também enfrentaram não menores lutas com os “sábios” daquela época.

Mas não foram só eles que se sacrificaram neste mundo em que os grandes são os depositários das crenças avoengas.

Cada jato de luz que vibra na mansão das trevas agita os ignorantes sistemáticos, assim como os lampejos do Sol alvoroça os morcegos e as corujas que só se comprazem com a noite.

A árvore secular das idéias sistemáticas e preconcebidas dos nossos avós não pode cair com um ligeiro sopro, assim como a árvore dos bosques não cai ao primeiro golpe do machado; é preciso muitas “machadadas” e grande trabalho para arrasar a floresta inculta das concepções humanas. E o progresso não se faz de uma vez; vem paulatina, gradativamente, presenteando-nos com suas generosas dádivas, para que, ofertando aos poucos seus inestimáveis dons, nos tornemos afeitos ao trabalho e ao estudo, fonte principal de todo o entendimento humano.

Que tem sido a vida de todos os grandes homens que nos têm legado o bem-estar que agora possuímos? Aí está a História, de cujas páginas não se poderá excluir uma só letra, e que demonstra o quanto pode o espírito de classe, os conservadores de rotina unidos aos poderes conjugados do papado.

Disse um sábio contemporâneo, falando de Allan Kardec: “Aquele que se adiantou cem anos a seus contemporâneos, precisa de mais cem anos para ser compreendido”.

Esta verdade se reflete em todas as épocas históricas.

Antes do Cristo, Sócrates havia sido consumado pela cicuta, por causa da sua doutrina, precursora do Cristianismo. E depois do Cristo, quantos suplícios infligiram aos apóstolos, quer no ramo da Ciência, quer no ramo da Religião! É quase incalculável o número de mártires que passaram pelo batismo da perseguição.

Galileu teve de reparar a “insólita pretensão” que teve de ver a Terra girar em torno de seu eixo, fato este ensinado atualmente no mundo todo e abraçado pela Congregação Papalina, que, afinal, abjurou a crença antiga de “parada do Sol por ordem de Josué”.

Giordano Bruno foi queimado vivo por afirmar a existência de outros mundos.

Bailly, o célebre astrônomo francês, e Lavoisier, o grande químico, foram guilhotinados durante a Revolução Francesa; Priestley, pai da Química Moderna, viu incendiada a sua casa e destruída a sua biblioteca, entre exclamações da população inconsciente: “Não queremos mais filósofos!”

Com grande dificuldade lutou Cristóvão Colombo para nos deixar este grande legado, a América, onde nascemos, donde tiramos o pão cotidiano, e onde atualmente vivemos!

Quando Arago apresentou à Academia o seu trabalho sobre a navegação a vapor, levantou-se uma tempestade tão grande que quase a sua descoberta naufragou entre apupos e maldições da *gente sábia!*

A Lei da Gravitação foi considerada uma heresia, uma blasfêmia contra os ensinamentos ortodoxos, e Newton não pode escapar ao desprezo de grande número dos seus contemporâneos.

Os estudos da eletricidade dinâmica, feitos por Galvani, foram repelidos pelo mundo; entretanto, todos nós hoje gozamos, não só desta descoberta, como também de todas as que nos proporcionam comodidade e bem-estar.

É que a verdade termina sempre pelo triunfo, e quando ela começa a iluminar, os obstáculos não conseguem senão retardar-lhes a marcha, mas chegando o termo, vem a vitória!

Quanto tempo levou em lutas o magnetismo, antes que os sábios lhe abrissem as portas das academias?

Mas os fatos se impunham e a verdade conseguiu triunfar na luta que lhe moviam seus perseguidores.

Pois bem; todas essas lutas, essas perseguições, esses trabalhos que sofreram as grandes verdades e seus defensores, se têm repetido em relação ao Espiritismo e aos seus seguidores.

Uns acoimam-no de diabólico; outros dizem que ele produz loucura; outros que é contrário à religião. São as mil bocas da ignorância falando do que não estudaram!

São as investidas do espírito de sistema contra as novas idéias, que vêm desenraizar erros, decepar a árvore secular da ignorância, causa de todos os sofrimentos na Terra.

Enfim, o mundo não se transforma sem lutas; é da luta que vem a vitória e, então, a verdade aparece.

Nos tempos antigos, como hoje, a luz não pode ser suportada pelas trevas. O argumento demoníaco está ainda muito valorizado pelos sectários. Mas estão próximos os tempos em que a verdade dominará, guiando os homens para os seus destinos imortais!

O SÁBADO E O TEMPLO

“Naquele tempo, em um sábado, passou Jesus pelas searas; e seus discípulos, tendo fome, começaram a colher espigas e a comer. Os fariseus, vendo isto disseram-lhe: os teus discípulos estão fazendo o que não é lícito fazer nos sábados. Ele, porém, lhes disse: Não leste o que fez Davi, quando ele e seus companheiros tiveram fome? Como entrou na casa de Deus e como eles comeram os pães da proposição, os quais não lhe era lícito comer, nem aos seus companheiros, mas somente aos sacerdotes? Ou não leste na lei que, aos sábados os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? Digo-vos, porém: Aqui está quem é maior que o templo. Mas se vós tivésseis conhecido o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado os inocentes, porque o Filho do Homem é Senhor do sábado”.

(Mateus, XII, 1-8.)

Que é o sábado?

Um dia convencional para designar o sétimo da semana.

Que é o templo?

Uma casa feita por mãos humanas onde se ajuntam os sectários de uma crença.

Se subirmos algumas centenas de léguas num balão, onde ficou o templo? Onde está a grandeza do templo?

Se nos elevarmos algumas milhas no espaço, onde está o sábado? Onde estão os sete dias da semana? Onde está o dia? Onde está a noite? Que é a noite?

Todo o hemisfério está banhado de luz e nas alturas tudo é luz!

O sábado, como templo, pertence à Terra.

Aquele que é da Terra, só trata das coisas da Terra: do sábado, do templo, do dia, da noite; porque não conhece as coisas do mundo espiritual.

A religião da Terra consiste em holocaustos e sacrifícios, mas nem uns nem outros pertencem à religião do Céu.

“Misericórdia quero e não sacrifício”: sem preocupações estéreis com espigas que se possam colher em dias de sábado, ou de quaisquer pães de proposição que haja nos templos!

Jesus é maior que o templo.

O discípulo não deve ser maior, mas deve ser como o Mestre.

O discípulo de Jesus é maior que o templo. Jesus é senhor do sábado; o discípulo de Jesus é senhor do sábado.

O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado.

O sábado fica na Terra, a alma sobe para o Céu.

O templo! Caem as chuvas, sopram os ventos e é grande a ruína daquela casa.

O Espírito! Quanto mais sopram os ventos, mais o Espírito se eleva; quanto mais descem as chuvas, mais para o Alto se dirigem as almas!

Formal desprezo manifesta o Mestre para com o templo: “Aqui está quem é maior do que o templo”.

Coisa secundária é o sábado: “O Filho do Homem é Senhor do sábado”.

Sábado, templo, sacerdotes, holocaustos e sacrifícios, não fazem parte da religião de Deus, são preceitos e formalidades humanas que desaparecem ao rugir da tempestade e ao correr do tempo.

O ENSINO DA RELIGIÃO

“Todo o escriba instruído no Reino dos Céus é semelhante a um pai de família, que do seu tesouro tira coisas novas e velhas”.

(Mateus, XIII, 52.)

Depois da exposição das sete parábolas comparativas ao Reino dos Céus e a sua aquisição, Jesus, para melhor gravar no ânimo de seus discípulos a necessidade do estudo de toda a Religião e de toda a Filosofia em suas fases evolutivas do saber humano, comparou todos os fatos e teorias que deles ressaltam e a História registra, com um tesouro, que o um pai de família possui e onde existem moedas velhas e moedas novas, bens antigos, mas de valor, e bens de aquisição recente, constituindo todos o mesmo tesouro.

Há muita coisa velha que não se pode desprezar, assim como há muita coisa nova que não podemos pôr à margem, sem prejudicar nosso tesouro.

É assim a religião.

Ela não consiste só nas aquisições do passado, mas na recepção dos fatos e idéias presentes e futuras, que a enriquecem.

A religião de Jesus é uma religião de progresso, de evolução, e, não, de paralisação.

O próprio Cristo disse: “Muitas coisas tenho para vos dizer, mas não as podeis suportar agora; porém, quando vier o Espírito da Verdade, ele vos guiará em toda a verdade; vos fará lembrar tudo quanto vos tenho dito e vos anunciará as coisas que estão para vir”. (João, XVI, 12-13).

Aqueles que limitam a religião a um artigo de fé ou a um dogma, desvirtuam os seus princípios, paralisam a sua

marcha, extinguem finalmente, a chama sagrada que deve sempre arder ao impulso de renovados combustíveis.

Nas ciências, nas artes, nas indústrias, o homem progride não só mantendo os velhos conhecimentos que não são senão os elementos primordiais para novas formas que a eles se adaptam, como também pelas novas aquisições com que engrandecem o seu saber.

O mesmo se dá na religião. A religião primitiva, revelada a Abraão, não prescrevia ordenação, mas se limitava a ensinar ao homem a existência do Deus único, ilimitado em atributos, Criador de tudo quanto existe.

A esta, seguiu-se a doutrina do Sinai, que, confirmando a primeira revelação, ampliou seus ditames com as prescrições morais observadas no Decálogo. Entretanto, a religião não estancou aí o seu manancial, que se avolumava constantemente, pois a fonte viva da revelação jorra sem cessar. E assim como à Revelação Abraâmica seguiu-se a Revelação Moisaica, a esta sucedeu a Revelação Cristã.

Quase dois mil anos depois de Moisés, veio o revelador vivo da doutrina do amor, que, longe de revogar esta lei, afirmou que lhe vinha dar cumprimento.

Tudo o que precede do amor prevalece desde o começo e prevalecerá eternamente: é “palavra que não passa”. Tudo o que não é do amor, não pode fazer parte da lei e passará, assim como passa a erva e como passa tudo o que não é permanente.

O “escriba instruído no Reino dos Céus” sabe muito bem que no grande tesouro da religião há moedas velhas e moedas novas de amor, que constituem a sua riqueza; por isso, para beneficiar seus filhos, tira desse tesouro as moedas de que necessita e com as quais enriquece os que lhe estão sujeitos.

Não há religião cristalizada: a verdadeira religião é progressiva. Aos velhos conhecimentos ajunta outros novos, à medida que, pelo nosso esforço, nos preparamos para recebê-los. Essa medida, a seu turno, dilata-se com a nossa boa vontade, pelo estudo, pela pesquisa, pela investigação e por meio da

prece, que nos põe em relação com os Espíritos superiores encarregados de auxiliarem nossa evolução espiritual.

Não pode ser de outra forma, porque a religião não se limita à Terra; ela se estende a todos os mundos planetários e interplanetários, a todos os sóis, a todas as constelações e dilata-se pelo Universo inteiro, onde seres inteligentes vivem, estudam, amam e progridem!

Cada um tem o seu grau de evolução, que é tanto maior quanto mais intensa é a vontade, o desejo do estudo e do progresso, e ninguém pode assimilar conhecimentos superiores à sua inteligência e ao seu grau de cultura moral e espiritual.

Foi por isso que Jesus disse a seus discípulos, como se depara no capítulo XVI, 12, 13, de João: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da Verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que estão para vir”.

Este trecho é característico e plenamente demonstrativo do que afirmamos: a religião não é um *punctum stans*, uma divindade imóvel, mas sim um *punctum fluens*, fonte viva, que jorra incessantemente água pura e cristalina! E assim como as revelações não cessam: à Abraâmica sucedeu a Moisaica e a esta a Cristã, a Revelação Espírita, que é a revelação das revelações, como complemento da Revelação Messiânica, vem trazer aos homens, novos conhecimentos filosóficos, novos conhecimentos científicos, novos conhecimentos religiosos, todos oriundos dessa fonte, cujo manancial se tem mostrado inesgotável através dos séculos!

E o “escriba instruído do Reino dos Céus” sabe muito bem disso; por esse motivo, e também porque, cauteloso, não deixa de adquirir conhecimentos com os quais enriquece o seu tesouro, dele tira coisas novas e velhas, como faz o bom pai de família, para instruir aos que lhe estão afetos.

JESUS ANDA SOBRE O MAR O PEDIDO DE PEDRO

“Na quarta vigília da noite foi Jesus ter com eles, andando sobre o mar. Os discípulos vendo-o andar sobre o mar, perturbaram-se e exclamaram: É um fantasma! E de medo gritaram. Mas Jesus imediatamente lhes falou: Tende ânimo, sou eu: não temais. Disse Pedro: Se és tu, Senhor, ordena que eu vá por cima das águas até onde estás. E ele disse: Vem. E Pedro saindo da barca andou sobre as águas e foi para Jesus. Quando, porém, sentiu o vento teve medo e, começando a submergir-se gritou: Salva-me, Senhor! no mesmo instante Jesus, estendendo sua mão, segurou-o e disse-lhe: Por que duvidaste, homem de pouca fé? E entrando ambos na barca, cessou o vento. Então os que estavam na barca adoraram-no dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus”.

(*Mateus, XIV, 25-33.*)

A vida de Jesus e seus feitos são verdadeiramente maravilhosos. O seu poder dominava todos os elementos; a sua sabedoria conhecia todos os mistérios; por isso a sua ação era prodigiosa. Médiun divino que resumiu todos os *dons* e conversava com todos os grandes profetas do além que o seguiam em sua missão e o auxiliavam, ele caminha por sobre o mar a pés enxutos, de acordo com a *lei da levitação dos corpos* que o Espiritismo ensina e explica atualmente.

Seus discípulos, vendo-o caminhar sobre as águas, e como era noite, não o conheceram distintamente, julgando tratar da aparição de algum Espírito, fato que, parece, tinham já observado várias vezes, dado o temor que lhes sobreveio e sua exclamação: “É um fantasma!”

Depois de o Mestre se haver dado a conhecer, foram tomados de confiança e Pedro suplicou-lhe permissão para ir ao seu encontro “por cima das águas”.

Acedendo Jesus, Pedro sai da barca envolto nos fluidos de seu Mestre, e também auxiliado na levitação pelos Espíritos que acompanhavam a Jesus, até que, vacilando, isto é, perdendo a fé, perdeu o auxílio superior e se foi submergindo!

Reconhecendo, cheio de temor, o desamparo divino, apela novamente para Jesus, sendo por este amparado; ao contacto com o nazareno, volta-lhe a fé, e foi transportado para a barca em companhia do Mestre.

Este fato maravilhou tanto aos que estavam na barca, que adoraram a Jesus, dizendo: “Verdadeiramente és Filho de Deus!”

A TRADIÇÃO E O MANDAMENTO

“Então vieram de Jerusalém a Jesus alguns fariseus e escribas e perguntaram-lhe: Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? pois não lavam as mãos quando comem pão. Respondeu-lhes: E vós, por que transgredis o mandamento de Deus por causa da vossa tradição? Pois Deus disse: Honra a teu pai e a tua mãe, e também: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe, seja morto; mas vós ensinais: Aquilo que eu te poderia dar já ofereci a Deus; o tal não precisará mais honrar a seu pai nem a sua mãe. Assim invalidais a palavra de Deus por causa da vossa tradição”.
(*Mateus, XV, 1-6.*)

A pretensão e o orgulho religioso se têm revoltado em todos os tempos contra os princípios fundamentais da religião, substituindo o mandamento pela tradição.

Essa obra nefasta do farisaísmo se vai eternizando a ponto de chegarmos ao esquecimento das coisas divinas, como acontece em nosso século.

O homem tradicionalista não conhece absolutamente a religião. Preso aos dogmas e preceitos humanos, limita-se ao culto exterior, deixando o interior cheio de rapina e podridão.

Eis o maior dos pecados: comer o pão sem lavar as mãos. Ontem, como hoje, não era pecado comer o pão com o suor alheio, mas quem chegasse a comê-lo sem “lavar as mãos”, cometia crime de lesa-divindade!

Estando de mãos limpas, bem lavadas com sabonete fino, todos podem tomar parte da “mesa da comunhão”, certos de que dali sairão limpos de pecados.

Os figurões já sabem disso: lavam as mãos, ornem as igrejas com imagens e lanternetas; e os pobres que passem

fome, os enfermos que se lamentem, os desprotegidos da sorte que chorem!

Desde que as capelas estejam ornadas, as imagens bem vestidas, os altares dourados e os sinos bimbando, apresentando-se o culto com vida, pereçam os pobres na sua nudez, gritem os sofredores, conserve-se frio e sem lume o fogão dos infelizes!

Obedecida a tradição, que importa o mandamento!

O mandamento é de Deus e Deus não se vê; a tradição é dos homens e aí estão os homens guardando a tradição, “tesouro” que lhes legaram seus pais e avós!

Não é isso o que se observa em toda parte? Onde estão os hospitais, os asilos, as escolas para as crianças órfãs?

E aqueles que ainda se vêem, com que descaso são mantidos, e como são dirigidos!

Não há dúvidas de que há absoluta paridade entre a época atual e aquela em que Jesus veio ao mundo.

Os mesmos escribas e fariseus de outrora se manifestam hoje, e de tal modo que parece ainda mais impertérito que os de então.

Em todas as classes sociais a perversão de caráter salienta-se de maneira tão nojenta que é preciso andar no mundo sem ser do mundo, para se poder fazer alguma coisa em proveito próprio.

Fariseus surgem de todos os lados com perguntas insidiosas; escribas pervertidos desnaturam a missão da imprensa; falsos profetas e obreiros fraudulentos especulam com as coisas mais santas, levando a confusão aos lares e às sociedades!

Decididamente não se vê mais que tradição – mãos lavadas!

A misericórdia não mais alimenta os corações e a fé há muito não aquece as almas com a sua chama vivificadora. Atualmente, o que se vê são holocaustos e sacrifícios, e a palavra de Deus invalidada por causa da tradição.

Os ensinamentos de Jesus permanecem encerrados por aqueles que se dizem seus representantes, para que a tradição continue a vigorar e os mandamentos das igrejas não sejam absorvidos pelos mandamentos de Deus.

O culto não é dado ao Criador, como o Espírito ensinou a Abraão, a Moisés e pelos lábios de Jesus, mas à criatura, contra os preceitos do Decálogo e os ensinamentos cristãos, tão esquecidos em nossa época.

Entretanto, tenhamos fé, nem tudo está perdido. Quando o Sol se esconde no poente e a Terra é envolvida no manto de trevas, tudo parece caos, confusão, mas, daí a pouco surge a alvorada e o mesmo Sol ilumina o mundo e dá-lhe vida.

Tenhamos fé: a uma época de miséria sucede outra de fartura, assim como às seis vacas gordas sucederam as magras, e as espigas bem granadas vieram substituir as chochas.

EXAME DAS RELIGIÕES

“Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Adoram-me, porém, em vão, ensinando doutrinas que são preceitos de homens”.

(*Mateus, XV,8-9.*)

A religião não consiste num amálgama de dogmas e na proclamação de mistérios.

A religião é parte da verdade, que se concede aos que a procuram e lhes é dada de acordo com o seu grau de elevação moral.

O conhecimento da religião cresce nas almas, na proporção do progresso moral e espiritual de cada uma.

Como acontece com a aquisição de quaisquer ramificações do saber, a religião não prescinde do estudo, da análise, do livre-exame.

Paulo, doutor dos gentios, aconselhava a seus ouvintes, para obtenção do conhecimento da religião, o exame nítido, racional, inteligente de todas as Escrituras; por esse meio chegariam ao conhecimento da verdade: *Examinar tudo, mas abraçai só o que for bom* (I Tess., V, 21.)

Pedro remata a sua Epístola Universal com a bem significativa sentença: “Crescei no conhecimento e na graça de N. S. Jesus Cristo”. (II Pedro, III, 18.)

João diz peremptoriamente numa das suas cartas, condenando a ignorância: “Deus é luz; se dissermos que temos comunhão com Ele e andarmos em trevas, mentimos e não praticamos a verdade”. (I João, I, 5-6) Tiago não é menos categórico, quando pretende avivar-nos sobre as tentações e provações, lembrando-nos suas causas e efeitos: “A fortaleza

deve completar a sua obra para que sejais perfeitos e completos, não faltando em coisa alguma". (I, 4.)

O conhecimento das circunstâncias que nos cercam se deve completar com o conhecimento da nossa individualidade e dos nossos deveres religiosos; do contrário não teremos fortaleza para resistir às tentações e vencer as provas.

O homem religioso não é, pois, o escravo do culto que repete maquinalmente as orações do breviário, mas, sim o que estuda e compreende as revelações que lhe são transmitidas.

"Examinar tudo e abraçar só o que for bom" é examinar todos os sistemas religiosos e fazer com inteligência e critério a seleção do que for bom, rejeitando os erros que a religiões ensinam como *artigos de fé*.

Está claro que um sistema religioso que proclama a infalibilidade de seus sacramentos pretende ser intangível e não admite se lhe repudie uma palavra, quanto mais um *preceito*!

O crítico, por mais competente que seja, filiado a esse *credo* terá de submeter-se ainda ao que não julgue bom.

Por exemplo: o católico e o protestante, embora repugne à sua razão os dogmas das penas eternas e do diabo, não têm liberdade para impugnar sua religião; têm, à força, de submeter-se a eles ou então serem excluídos da comunhão a que pertencem.

Para gozar das regalias do *todo*, é princípio de Teologia, indispensável se torna que o adepto aceite as *partes* integrantes do princípio conjeturado".

"Quem não aceita a *parte* prejudica o *todo*, não pode, *ipso facto*, fazer parte desse todo".

A sentença de Paulo, pelo que se vê, caduca em face do exame de uma religião única, porque tendo de aceitar o *todo*, é impossível rejeitar o *que não for bom*.

O mesmo acontece às demais recomendações epistolares de Pedro, Tiago e João.

Para os sacerdotes do Catolicismo e Protestantismo a sua religião é a verdade revelada, integral, completa. Aqueles que

fizeram *profissão de fé* é porque chegaram ao conhecimento da verdade máxima, não têm de crescer no *conhecimento e na graça de N. S. Jesus Cristo*; já estão crescidos, não têm mais que crescer, atingiram o ponto culminante da verdade religiosa, sabem tanto quanto o Cristo, seu conhecimento é mesmo igual ao de Deus, porque para essas religiões, Jesus Cristo é o próprio Deus que se manifestou na *segunda pessoa da Trindade*.

Conclui-se que, falecendo aos católicos e protestantes os atributos de perfeição com que a sua religião deveria revesti-los, estão eles, sem dúvida, fora da verdadeira religião, necessitando, portanto, pôr em prática as recomendações apostólicas para obterem o conhecimento da verdade, cujos preceitos se resumem na memorável sentença de Paulo: “Examinai tudo, mas abraçai só o que for bom”.

Foi, portanto, com justa razão que o Cristo repetiu aquelas palavras ao povo de então, semelhante ao de hoje, discípulos dos escribas, saduceus e fariseus: “Este povo honra-me com os lábios, mas seu coração está longe de mim. Adoram-me, porém, em vão, ensinando doutrinas que são preceitos de homens”.

O FERMENTO DOS FARISEUS E DOS SADUCEUS

“Quando os discípulos passaram para o outro lado, esqueceram-se de levar pão. Disse-lhes Jesus: Olhai e guardai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus. Eles, porém, discorriam entre si, dizendo: 'É porque não trouxemos pão. Jesus percebendo-o, prosseguiu: Por que estais discorrendo entre vós por não terdes pão, homens de pouca fé? Não compreendeis ainda, nem vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens e de quantos cestos levastes? Nem dos sete pães para quatro mil, e de quantas alcofas levantastes? Como não compreendeis que não vos falei a respeito de pão? Mas eu vos disse: guardai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus. Então entenderam que lhes não dissera que se guardassem do fermento dos pães, mas sim da doutrina dos fariseus e dos saduceus”.

(Mateus, XVI, 5-12.)

Numa das grandes viagens missionárias que fizera, Jesus havia saído de Genesaré, passara por Tiro e Sidon, atravessara a Galiléia e chegara a Magdala, nesse largo percurso operando grandes maravilhas, quer curando enfermos, quer saciando a fome a quatro mil pessoas e uma vez, e, de outra, alimentando, miraculosamente, cinco mil pessoas, com a multiplicação dos pães.

Os seus feitos tinham por fim salientá-lo como o salvador dos desiludidos das religiões humanas. Ele quis, em sua passagem pela Terra, deixar essas provas da sua autoridade moral e científica.

Saindo do Monte Carmelo, na Galiléia, onde multiplicara os pães e os peixes pela segunda vez, Jesus passou numa barca para os confins de Magdala, tendo depois os doze discípulos ido ao encontro do Mestre.

Era costume de alguns dos apóstolos, devido às longas tiradas que faziam com o seu amado Mestre, carregar os pães com que deveriam alimentar-se em caminho. Dessa vez, porém, dado o caso da multiplicação dos pães no deserto, que haviam saciado a fome de uma multidão enorme, composta de homens, mulheres e crianças, os discípulos deixaram de levar pão.

Sentados em torno de seu Mestre, como costumavam fazer para ouvirem seus ensinamentos, Jesus começa recomendando-lhes, com grande insistência, que se acautelassem contra o *fermento dos fariseus e saduceus*.

Não compreendiam eles, porém, o que queria dizer aquela expressão: “fermento dos fariseus e dos saduceus”; julgavam que o Senhor os censurava por não terem levado pão.

Por haver Jesus empregado a palavra *fermento*, julgavam eles tratar-se de *pão*, porque para a panificação é necessário fermento.

Então lhes diz Jesus: “Não compreendeis que não vos falo de pão, nem vos censuro por não terdes trazido pão? Pois acabastes de ver como fiz aparecer pães para quatro mil pessoas e sobraram muitos cestos e pedaços. Eu, que já fiz isso a uma enorme multidão, não poderei fazer o mesmo no momento em que sentirdes fome e vos seja preciso comer pão? Homens de pouca fé, de rude compreensão, por que estais discorrendo inutilmente? Por que pensais só no pão da terra, que vós comeis mas dentro de poucas horas, sentis de novo a necessidade de comer? Por que não pensais no pão do Céu que vos saciará para sempre? Pois se eu falei do fermento dos fariseus e dos saduceus, como discorreis sobre o pão?”

Foi então que os discípulos compreenderam que Jesus se referia à doutrina dos fariseus e dos saduceus.

Se é verdade que há necessidade de fermento na feitura do pão, também é verdade clara que grande é a diferença que existe então entre o pão e o fermento.

O pão sacia a fome, embora por momentos, e se transforma em corpo, auxilia o trabalho, anima a palavra, para que o Evangelho ressoe e a luz brilhe.

O fermento azeda o estômago, molesta as vísceras, mata o corpo, impede a palavra, tolhe o Evangelho, extingue a luz, sufoca a verdade.

Quão grande é a diferença entre o pão e o fermento!

Pois se o fermento, que é feito de farinha se torna tão perigoso, tão venenoso, tão mortífero, que diremos do fermento religioso?

A religião dos fariseus e dos saduceus era tão prejudicial, causava tanto mal às almas, que Jesus não se animou a chamá-la *religião* nem *doutrina*, chamou-a *fermento*!

Os fariseus e os saduceus eram os sacerdotes, os padres daquela época, os mesmos que não perdiam ocasião de perseguir a Jesus. Mas por que o faziam?

Porque Jesus ensinava ao povo a religião de Deus e dizia abertamente que o que os sacerdotes ensinavam não era religião nem doutrina: era *fermento*!

Fermento de dogmas, fermento de sacramentos, fermento de orações, fermento de cultos, fermento de cerimônias, fermento de procissões, fermento de imagens; e todos esses fermentos juntos envenenavam as almas por tal forma, que ninguém podia conseguir a salvação.

Jesus veio salvar o homem da dor e o único meio era aplicar o remédio para a salvação do homem; Jesus veio salvar o homem do naufrágio, havia de fazer que ele abandonasse a barca apodrecida que tinha os cascos carcomidos e estava naufragando com a tripulação.

A religião não consiste em dogmas, nem em cultos exteriores; isto não passa de *fermento religioso*!

Guardar-se do fermento dos fariseus e dos saduceus é sábia precaução recomendada por Jesus.

Cuidado com os *fermentos* que com inscrições atraentes de religião, prejudicam os homens. Cuidado com o *fermento* dos padres e dos pastores!

Religião é fé e misericórdia!

IMORTALIDADE E RELIGIÃO

“Indo Jesus para as bandas de Cesaréia de Filipo, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem? Responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias, ou algum dos profetas. Mas vós, continuou ele, quem dizeis que sou eu? Respondeu Simão Pedro: Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo. Disse-lhe Jesus: Bem-aventurado és Simão Bar Jonas, porque não foi a carne e o sangue quem to revelou, mas meu Pai que estás nos Céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; e as portas do Hades não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus; o que ligares sobre a Terra será ligado nos Céus; o que desligares sobre a Terra, será desligado nos Céus. Então ordenou a seus discípulos que a ninguém dissessem que ele era o Cristo”.

(Mateus, Cap. XVI, 13-20.)

A religião está para a imortalidade como o corpo para a alma. Não há corpo sem alma, nem pode haver religião sem imortalidade; por isso todas as “religiões” que em vez de acoroçoarem, agridem e negam os fenômenos, os efeitos da imortalidade, não passam de espectros, de fantasmas cobertos com o manto da religião, mas que, na verdade, são sombras de misticismo que se esvaem aos primeiros clarões da verdade.

Um corpo sem alma é morto; uma religião sem imortalidade é cadáver embalsamado, que hoje ou amanhã será inumado.

A religião é um corpo vivo de ação permanente em que o cérebro e o coração proclamam as grandezas da imortalidade.

A religião é a grande reveladora da vida na eternidade. A religião é a reveladora; a imortalidade é a Revelação. Nascidas juntas, uma completa a outra.

A Revelação é a pedra sobre a qual edificou Cristo a sua Igreja: *super hanc petram edificabo ecclesiam meam*; a imortalidade é a Revelação. A Religião de Jesus em tempo algum será destruída, porque disse o Mestre e Senhor: “Minha palavra não passará”.

Mateus, V, 18: *Donec transeat coelum et terra, iota unum, aut unus apex non praeteribit a lege, donec omni fiant.* (Vulgata.)

A religião de Jesus tem o seu fundamento na imortalidade; a sua palavra é de vida eterna. As “religiões” do mundo são produtos dos concílios e propriedades dos padres.

A religião de Jesus Cristo nasceu da Revelação, criou-se na Revelação, vive e viverá animada pelos influxos vivificantes da Revelação; a Revelação é a sua luz, o seu calor, a sua vida; por isso ela tem permanecido e permanecerá por todos os séculos dos séculos.

Não há religião sem imortalidade, nem imortalidade sem religião.

A verdadeira religião tem obrigação de demonstrar a imortalidade, porque a imortalidade é a sua base inabalável.

Assim como o corpo externa e proclama a existência da alma que lhe dá vida; assim como as “sombras” se manifestam nos ares e os “deuses” descem à Terra para responder aos apelos de imortalidade, que lhes fazem os homens, a religião há de aceitar, há de referendar, há de incutir, há de propagar a verdade das manifestações dos Espíritos que são os Reveladores da Revelação!

A religião de Jesus tem por base a Revelação.

Quando Simão Pedro disse, respondendo a Jesus, “Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo”, Jesus aclamou-o bem-aventurado porque “O MEU PAI QUE ESTÁ NOS CÉUS TO REVELOU”, e acrescentou: *super hanc petram edificabo ecclesiam meam*, isto é, sobre a Revelação edificarei a minha igreja (*).

A religião do Cristo é a sublime escada que une a vida da Terra à vida do Céu. À sua luz devem caminhar todas as almas, porque só ela é o Céu das nossas fagueiras esperanças, e a esperança da nossa felicidade eterna.

(*) *Vide: O Diabo e a Igreja*

REENCARNAÇÃO OU PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS CORPÓREAS

“Os discípulos dirigem-se a Jesus e perguntam-lhe: Por que dizem os escribas que importa vir Elias primeiro? Jesus lhes responde: Elias certamente há de vir restabelecer todas as coisas. Eu, porém, vos digo que Elias já veio e eles não o conheceram, antes, fizeram dele tudo quanto quiseram. Assim também o Filho do Homem há de padecer em suas mãos. Então conheceram seus discípulos que era de João Batista que ele lhes falava”.

(Mateus, XVII, 10-13.)

A reencarnação é um dos princípios fundamentais do Cristianismo.

A idéia de que João Batista era o Espírito de Elias reencarnado, tornou-se tão firme nos discípulos de Jesus que não admitiam, absolutamente, dúvida a respeito. E é de notar que o Senhor não dissuadiu seus discípulos desse pensamento; ao contrário, confirmou-o categoricamente: “Se vós quereis bem compreender, João Batista é o Elias que há de vir”. (Mateus, XI, 14-15).

E o Mestre acrescenta: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”.

No tempo de Jesus, como sói acontecer hoje, havia muita gente *sem ouvidos* para ouvir estas coisas; a palavra do nazareno era, pois, dirigida unicamente a quem *tinha ouvidos para ouvir*.

A reencarnação das almas, dissemos noutro capítulo, é a glorificação da justiça divina, ao passo que a doutrina da vida única destrói todos os atributos do Criador.

Além disso, essa doutrina salienta as qualidades boas ou más, como peculiares ao Espírito e não ao corpo e diz que, pelo progresso, os bons ficarão ainda melhores e os maus se tornarão bons, dependendo essas aquisições do trabalho que cada um de nós desenvolva para benefício próprio. O corpo não é mais que um agente, um instrumento para a manifestação dessas qualidades. Ao deixar o corpo, o Espírito leva consigo tudo o que tem de bom ou de mau, e, durante as sucessivas encarnações, ele se depura, expurgando a maldade e aperfeiçoando-se na bondade.

O Espírito é semelhante a um operário que empreita uma obra, e o corpo é o instrumento que ele usa para executar o serviço. Quando perde ou quebra a ferramenta, o operário adquire outra ou outras, até executar a obra; o Espírito, quando o corpo morre, toma outro corpo, ou outros corpos, tantos quantos sejam necessários para terminar a tarefa.

O supremo artífice do Universo dá a seus operários tantos instrumentos, tantos corpos quanto sejam necessários para que eles cumpram suas missões.

Bonita doutrina! dirão uns; belos ensinamentos! dirão outros; mas tudo isso não passa de palavras, palavras que soam bem, mas somente palavras; e perguntarão: “Se assim fosse certamente nos lembraríamos da nossa existência ou das nossas existências passadas”.

Responderemos também com uma interrogação: quem pode penetrar nas profundezas do subconsciente?

A faculdade da memória tem sido assunto de estudo dos filósofos de todos os tempos e, atualmente, embora muita luz se tenha feito sobre essas dobras obscuras da consciência, a faculdade da memória tem seus caprichos que só depois de evoluirmos muito, poderemos descobrir.

Por exemplo: nesta mesma existência alimentamo-nos no seio materno e não nos recordamos deste ato por nós mesmos praticado.

Mesmo depois de adultos, decoramos um discurso, uma poesia, que recitamos numa reunião, e no correr dos anos

esquecemo-nos das palavras, das frases e até do tema sobre que versou aquela dissertação. Há fatos que ocorreram na nossa vida de que não temos a mais leve recordação!

Como lembrar-nos de fatos que se passaram em outras vidas, que tivemos com outros corpos, os quais, certamente, eram diferentes em perfeição dos que temos hoje?

O esquecimento do passado é necessário ao nosso bem-estar presente e ao nosso progresso; permite ação mais livre e nos ajuda a passar mais suavemente pelas provas a que nos submetemos.

Se todos conservassem a lembrança de existências passadas, com a nitidez que se deseja, essa lembrança, como é natural, associar-se-ia à recordação de todas as pessoas com quem vivemos e ficaríamos conhecendo não só a nossa vida anterior como a dos que nos cercam, principalmente se os seres com que convivemos tivessem convivido conosco na precedente vida.

E o que resultaria daí?

Não é difícil prever a série de perturbações e contrariedades a que ficaríamos submetidos.

A vida de todos ficaria devassada para uns e outros.

Herodes ou Caifás, por exemplo, se estivessem em nosso meio, teriam de suportar o desprezo de todos, e quem sabe se não lhes seria negado o pão e a água!

Suponhamos que se desse o caso de o leitor ser a reencarnação de Herodes, e de se recordar de sua existência ao tempo de Jesus. Não seria uma vida de prantos, de humilhação, de desespero que teria o amigo de passar, sem necessidade alguma, prejudicando até seus afazeres atuais e o seu progresso?

O perdão que Deus nos concede, é o esquecimento das faltas; se não houvesse esse esquecimento, viveríamos sob a dor pungitiva dos crimes praticados, pois é certo os praticamos, dada a inferioridade em que todos nos achamos. Não é o remorso que nos dilacera de dor?

Eis por que Deus, em seus altos desígnios, não permite que nos recordemos de nossas existências passadas.

Entretanto, alguns há que se lembram, não só da sua passada existência, como de diversas vidas que tiveram na Terra. Outros há a quem é revelada a existência anterior.

E não são poucos os que se recordam de sua vida transata. Teófilo Gautier, Alexandre Dumas afirmaram terem-se recordado de suas existências passadas. Lamartine chegou a descrever lugares, rios, vales, e a sua própria casa da Judéia, onde vivera em vida anterior, sem que nesses lugares tivesse estado na sua última existência.

Juliano, o apóstata, afirmava ter sido Alexandre da Macedônia; Pitágoras dizia recordar-se de várias existências, citando aquelas em que fora Herneotínio, Eufórbio e por fim um dos argonautas.

Não é preciso citar mais nomes.

Cada um de nós revela o que foi; por isso uns nascem com disposição para o bem, outros para o mal. O “pecado-original” consiste nos erros e faltas de nossa passada encarnação, erros que precisamos corrigir para obtermos a felicidade que desejamos. E Deus nos concede sempre meios e tempo para esse trabalho de aperfeiçoamento. O Senhor não apaga, a quem quer que seja, a lâmpada da esperança; os nossos trabalhos, as nossas dores, as nossas fadigas nunca são esquecidas pelo bom Deus.

Não cabe nesta obra outras considerações ainda mais persuasivas sobre o estudo da reencarnação em face da Ciência, por exemplo, o do Espiritismo Experimental. O leitor estudioso deve, a esse respeito, consultar os livros de Gabriel Dellanne: *Evolução Anímica, O Espiritismo Ante a Ciência e A Reencarnação*; de Léon Denis: *No Invisível e O Problema do Ser, do Destino e da Dor*; e de Rochas: *As Vidas Sucessivas e a Exteriorização da Motilidade*.

PEDRA REJEITADA

“Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta como a pedra angular; isto foi feito pelo Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos?”

(Mateus XXI, 42.)

“A pedra que os edificadores rejeitaram se tornou a cabeça da esquina. Da parte do Senhor se fez isto; maravilhoso é aos nossos olhos”.

(Salmos, CXVIII, 22-23.)

“Estavas vendo até que uma pedra foi cortada sem mão, a qual feriu a estátua nos pés de ferro e de barro, e os esmiuçou”.

(Daniel, II, 34.)

“Indo Jesus para as bandas de Cesaréia de Filipo, perguntou aos seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem? Responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas. Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou? Respondeu Simão Pedro: Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo. Disse-lhe Jesus: Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos Céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do Hades não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus; o que ligares sobre a Terra, será ligado nos Céus; e o que desligares sobre a Terra será desligado nos Céus”.

(Mateus, XVI, 13-19.)

A Revelação é a base fundamental da religião.

Toda a Moral, toda a filosofia, toda a Ciência, tem por base a Revelação. Ela é o fundamento de todo o progresso, é a Pedra inamovível sobre a qual se ergue o edifício da verdade, que abriga a Humanidade.

Infelizmente assim não têm entendido os homens, que se constituíram guias dos povos, pastores de almas, os dirigentes da opinião pública de todos os tempos.

Todos esses edificadores de sistemas filosóficos, religiosos e científicos têm posto de lado a PEDRA sobre a qual se arrima a verdadeira construção. Por isso vemos a Ciência sem ideal, a Filosofia sem lógica e a Religião sem provas, sem razão e sem sentimento, agitando a Humanidade num desvaivamento tão acentuado, que se pode contar o número daqueles que procuram orientar-se pela bússola da verdadeira vida.

Daí a resolução divina em colocar a “Pedra Rejeitada” como “Cabeça de Esquina”; e os que nela tropeçam são esmagados!

Se examinarmos a História veremos sábios e doutos de todos os tempos reduzidos a zero pelo poder irrepreensível da Revelação! Ainda mesmo os que se julgavam intangíveis às forças que esse poder encerra, tiveram de ceder, Deus sabe como, às injunções superiores, pagando até com a vida, o tributo que lhe deviam.

A História Sagrada é um registro admirável da ação persistente e irreprimível da Revelação; ora são os gênios, os Espíritos protetores do nosso mundo que, utilizando-se da Revelação, no guiam na íngreme estrada da evolução: ora são os seus prepostos, que, na sua ação benfazeja, abatem reinos, aniquilam poderes e ferem com a espada flamejante da verdade os falsos apóstolos, os ministros fraudulentos que, na louca pretensão de infalibilidade, atiram as almas aos báratros insondáveis do fanatismo e da superstição!

Exemplifiquemos:

Na infância da Humanidade, Abraão recebe a Revelação da unidade de Deus e do seu poder sobre o Universo todo:

foi a Primeira Revelação. Nenhum mandamento, nenhum preceito foi estabelecido nesta manifestação. Mais tarde os prepostos divinos baixam ao Sinai e Moisés recebe o Decálogo, que, além de referendar a manifestação abraâmica, prescreve deveres necessários aos povos daquela época.

Simples em sua clareza, claro em sua manifestação, o Espírito do Sinai estabeleceu em dez preceitos as bases da moral social que prepararia as gentes para um novo surto às regiões esclarecidas da espiritualidade.

Infelizmente, como sói acontecer em todas as manifestações do Alto, a má interpretação humana, mesclando-se ao pensamento divino, desnaturou o Decálogo, transformando-o num código draconiano onde quase se prescreve o “dente por dente, olho por olho”.

Mas a verdade primitiva, apesar de tudo, permanece para aquele que tem olhos para ver.

Passam-se os tempos, novos tempos vêm e o Céu delibera enviar à Terra uma nova mensagem, visível e tangível; é a revelação Cristã, vestida com todos os esplendores do Espírito. Este é que testifica a verdade do Verbo. Exaltando o valor da pedra, a Revelação que foi posta como *pedra angular* dos seus ensinamentos, mas que foi *rejeitada pelos edificadores*, tornou-se a *Cabeça da Esquina* na qual tropeçam os inscientes e deturpadores da lei.

O divino Messias não deixa de mencionar essa pedra como fundamento de sua religião, não deixa de mencionar a Revelação como sendo o fundamento da sua Igreja: *Super hanc petram edificabo ecclesiam meam*, “Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”.

Parece bem claro o texto para que nos detenhamos em mais considerações.

A palavra do homem é resultado da *carne e do sangue*, mas a *confissão de Pedro* não saiu da *carne* ou do *sangue*, mas sim da Revelação divina: *Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo*. “Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”.

Novamente os tempos se esvaem e a Humanidade progride.

Passam-se quase 20 séculos; mas a palavra não passa, e a Revelação dá um novo impulso ao mundo paralisado pelas idéias avoengas, malsãs que fazem abstração da alma: eis que o Espiritismo, como um Pentecostes solene, derrama sobre a Terra os clarões da sua sublime Revelação.

“Eu tenho ainda muitas coisas para vos dizer mas não as podeis suportar agora; porém o Espírito da Verdade, que permanecerá convosco, vos guiará em toda a verdade”.

Revelação Abraâmica, Revelação Moisaica, Revelação Cristã, Revelação Espírita; aquela, a primeira; esta, a última; revelação das revelações!

Reúne, congrega, esclarece, explica todas as revelações passadas e anuncia as futuras; é a Revelação básica da Moral, da Filosofia, da Ciência, da Religião.

Eis em suas linhas gerais o caráter brando e instrutivo da Revelação.

Examinemo-la agora por outro prisma:

O reinado de Nabucodonosor havia atingido o seu apogeu quando morre o grande rei, sucedendo-lhe no trono seu neto Baltazar.

Certo dia, é dado um grande banquete em palácio. Homens e mulheres da sua corte, convivas, faziam brindes com esses vasos deixados por Nabucodonosor, quando uma mão fluídica aparece próxima à parede. O rei treme de pavor, seu corpo tiritado de assombro, mas a mão, movida por força indômita, escreve: *M'ane, Thecel, Phares!*

É a “pedra cortada sem mão, a qual feriu a estátua nos pés de ferro e de barro, e os esmiuçou”.

É a Revelação – agulhão terrível contra o orgulho e a vaidade – que veio pôr termo a um reinado improfícuo!

Prossigamos a análise:

Oprimidos pela escravidão do Faraó no Egito, os israelitas sofrem as mais duras provações. O poder despótico do rei não dá tréguas aos escravos, quando o Senhor, compadecidos de seus filhos, chama a Moisés e Arão, reveste-os de *dons* e envolve-os nas graças da Revelação!

Não é preciso transcrever os prodígios operados ante o faraó por aqueles insignes varões. Os magos, com toda a sua arte e seu encanto, não conseguiram dominar as “pragas” que envolviam os egípcios, e se chegaram a imitar algumas delas, foi para servir de castigo ao rei endurecido, proclamado, por fim, o Espírito, a liberdade de Israel e a subjugação de seus terríveis opressores!

Leiam a História, porque é dela que extraímos estes fatos gloriosos que exaltam a Revelação caracterizada por todos esses fenômenos objetivos e subjetivos, cuja causa única é a presença do Espírito revestido de seus elevados atributos!

No ano de 916 antes da Era Cristã, Achab, rei de Israel, mandara edificar um templo ao deus Baal, onde pontificavam 450 sacerdotes do mesmo ídolo.

Foi quando o profeta Elias, apresentando-se ante o rei, disse-lhe: “Tão certo como Deus existe, não há de chover do céu nem uma gota de orvalho sobre esta terra má, até que eu o consinta”. E durante três anos e seis meses não choveu: depois Elias pediu chuva ao céu e o céu deu chuva e a terra produziu seus frutos.

Logo depois, o mesmo Elias combate com os 450 sacerdotes de Baal. Dois holocaustos foram armados e enquanto o de Baal, com seus 450 padres, permanece inócuo, o de Elias, a rogos deste, é devorado pelas chamas que ele atrai do céu!

A Revelação é extraordinária, admirável! Com o seu auxílio Moisés faz passar os israelitas pelo Mar Vermelho a pés enxutos, e Elias, abre, a seu turno, as águas do Jordão e o atravessa livre, dirigindo-se para Jericó.

Foi a Revelação que bateu às portas de Nínive e fez o povo vestir-se de cilício, cobrir-se de cinza e jejuar.

Foi a Revelação que moveu os lábios e as penas de Isaías para que proclamasse as grandezas de Deus; é ela que em todo os tempos suscitou profetas e constituiu apóstolos; foi ela que se mostrou admirável e gloriosa a Jacó: este, adormecido sobre a *pedra de Betel*, símbolo da mesma Revelação, viu os Céus abertos, e, por uma escada que

repousava sobre a Terra, subirem e descerem Espíritos, no seu dever contínuo de evolução e auxílio de progresso aos que ainda em atraso pediam o carinho dos seus superiores para se elevarem aos píncaros supremos da espiritualidade.

Todo homem, toda a Humanidade é perfectível: de século em século, de ano em ano, de dia em dia, a Humanidade conquista novas luzes que lhe dão superioridade moral, material e espiritual. Esta verdade é axiomática. Todos os progressos conquistados nos são proporcionados pela Revelação.

Infelizmente não se tem compreendido assim, porque os *edificadores*, na ânsia de glórias e subordinados a idéias bastardas, rejeitaram a PEDRA ANGULAR, que, afinal, foi posta como CABEÇA DE ESQUINA!

TRÍADE DEVASTADORA AI DE VÓS QUE NEGLIGENCIAIS OS PRECEITOS DA LEI!

“Ai de vós escribas e fariseus hipócritas! Porque fechais aos homens o Reino dos Céus; pois nem vós entraís, nem deixais entrar os que desejam entrar!

“Ai de vós, porque rodeais a Terra e o Mar para fazer um prosélito, e o fazeis em dobro mais filho da Geena do que vós!

“Ai de vós, guias de cegos que dizeis: quem jurar pelo santuário, isso nada é; mas quem jurar pelo ouro do santuário, fica obrigado ao que jurou!

“Ai de vós que dizimais o endro, a hortelã, o cominho e vos esqueceis dos pontos principais da lei, que são a justiça, a misericórdia e a fé!

“Ai de vós que limpais o exterior do copo e do prato, mas estais cheio de rapina e podridão! Sois semelhantes aos sepulcros branqueados, que, por fora parecem vistosos, mas por dentro são cheios de ossos e imundícias.

“Ai de vós que erigis os túmulos dos profetas, que os vossos pais mataram! Sois, na verdade, filhos daqueles que mataram os profetas. Raça de víboras, como escapareis da condenação de Geena?”

(Mateus, XXIII, 13-33.)

A população mundial está dominada por uma tríade devastadora: Política, Religião, Ciência; Política sem ideal e sem caráter, Religião sem fé, Ciência sem sabedoria.

Todas as baixeiras que caracterizam e deprimem a pobre Humanidade, todas as enfermidades físicas, morais e espirituais que afetam os homens, têm fundas raízes nessa árvore genealógica de todos os vícios e paixões más, que bestializam as pobres almas e as agrilhoam a esse terrível suplício de Tântalo.

“Mistério humano”, semelhante ao da “Trindade Papalina”, que escravizou os mais sagrados dotes da liberdade e da justiça, produto teratológico do egoísmo e do orgulho dos Átilas e dos Herodes de todos os tempos: “tríade devastadora”, demolidora pelos seus princípios, astuciosa pelas suas manifestações, pérfida pelos seus fins mercatórios, tem aniquilado todos os ditames do bom senso, abastardado todas as inteligências a abafado todas as luzes com que o Sol pujante do progresso aquece a Terra.

Nos governos, como nas igrejas e nas academias, lavra desoladamente o dolo, a má fé, a fraude consciente, o monopólio das posições para a exploração do direito das gentes, o espírito de mercancia que na pretensão astuta de *poder, de crer e de saber*, não respeita a justiça, espezinha a caridade e agride a verdade, a célica virtude à qual o Cristo dedicou uma vida inteira.

É de indispensável urgência uma reação forte, vigorosa contra esse mal acabrunhador que vem, há longos séculos, falseando todos os princípios da ordem, todas as manifestações da moral, todas as luzes da sabedoria!

E o Espiritismo aí está, com os seus prepostos visíveis e invisíveis, para dar o golpe fatal às instituições cujo maquiavelismo ensombra as consciências, mantendo-as na ignorância dos divinos preceitos do Cristianismo.

A sua tarefa é a mesma inscrita no estandarte do Cristianismo, erguido bem alto pelo grande apóstolo dos gentios: *Restaurare Omnia* – restaurar tudo, o indivíduo, a família, a sociedade, os governos, a Religião, a Ciência.

Infundir o Espírito novo nas gerações, presente e vindoura, e aniquilar para sempre o reinado da matéria, que tanto tem infelicitado a Humanidade.

A luta está travada, e dos formidáveis monumentos que simbolizam a supremacia humana, não ficará pedra sobre pedra, que todas serão derribadas!

Os pagueiros do enorme rebanho, que do Alto velam pelo destino das almas, já entraram em ação decisiva, e a tríade devastadora será precipitada como a Grande Babilônia, cidade que nunca mais será achada. Então sob os impulsos regeneradores do progresso e bafejos incessantes da verdade, governos e povos, igrejas e crentes, academias e alunos se orientarão na senda gloriosa do porvir, guiados pelo Espírito, em busca da felicidade imperecível.

A nós espíritas resta a solidariedade na fé, a união no trabalho, a energia na luta, para que cada qual, em seu posto, cumpra a tarefa que lhe foi confiada.

Ai dos escribas e fariseus!

Ai dos cegos, guias de cegos!

Ai dos sepulcros caiados!

Ai dos sacerdotes, rabinos, pastores e políticos venais!

ODRES NOVOS – VINHO NOVO ODRES VELHOS – PANOS NOVOS E VESTIDOS VELHOS

“Ninguém cose remendo de pano novo em vestido velho; de outra forma o remendo novo tira parte do velho, e torna-se maior a rotura. Ninguém põe vinho novo em odres velhos, porque o vinho fará arrebentar os odres e perder-se-á o vinho e também os odres; pelo contrário, vinho novo é posto em odres novos”.

(*Marcos, II, 21-22.*)

Não vale pôr remendo de pano novo em vestido velho; vai-se o vestido e fica o remendo.

Querer corrigir os erros das “religiões” com fragmentos da Nova Revelação, é querer remedar vestido velho com pano novo.

As religiões sacerdotais são *odres velhos* curtidos de dogmas, de sacramentos; não suportam absolutamente a força da nova verdade vinda do Céu.

Essas comparações foram feitas por Jesus a propósito da pergunta que lhe fizeram acerca do jejum que os discípulos de João Batista observavam e os de Jesus não.

“Como podem os meus discípulos jejuar se eu estou com eles?” (Lucas, V, 33-39.)

“Minha palavra não cabe nas vossas igrejas; justamente por isso ela não vos foi oferecida diretamente, mas foi anunciada de cima dos telhados, nos montes, nos campos, nas praças e nos mares.

“Tirar um fragmento da verdade, que eu leguei ao mundo todo, para suprimir o jejum dos discípulos de João e dos fariseus, seria o mesmo que pôr remendo de pano novo na rotura de um vestido velho”.

As igrejas, em tempo algum, serviram de receptáculo, de vaso sagrado para o vinho novo da revelação.

O Decálogo não foi transmitido aos hebreus pelos sacerdotes nem pelas igrejas do Egito, mas no Monte Sinai pela mediunidade de Moisés.

O Cristianismo não foi dado ao mundo do Templo de Jerusalém, nem pelos fariseus, nem pelos escribas, nem pelos saduceus, nem pelos essênios, nem pelos samaritanos, nem no Monte Garizim, mas por Jesus, homem independente de todas as igrejas e de todas as seitas religiosas.

O Espiritismo, tal como a Primeira Revelação, a cristã, também foi e continuará a ser manifestado ao mundo, fora de todas as igrejas e de todas as ortodoxias.

“Não se põe vinho novo em odres velhos: pela fermentação os odres partem-se e o vinho se derrama”.

Acresce ainda a circunstância do paladar: o que se acostumou ao vinho velho não quer o novo. Assim também aqueles que se acostumaram com velhas religiões, não podem querer a nova, mesmo porque a “religião”, dizem, é como o vinho: quanto mais velho melhor.

Para odres velhos, vinho velho; para velhos incrustados dos parasitos das velhas religiões, religião velha!

As túnicas com que os cristãos se vestem no mundo espiritual não são feitas de remendos, assim como os odres que têm de receber o vinho novo, não são os velhos; daí o aviso a Nicodemos, mostrando-lhe a necessidade de *renascer da carne e do Espírito*.

O *Espírito velho* prejudica, deteriora a *carne nova*, ou seja a *nova geração*; pela mesma forma o Espírito novo não pode ser assimilado pela *carne velha* (a velha geração). É necessário que se dê o *renascimento* do Espírito, pela modificação das idéias, e do corpo, sem o que não se verá o Reino de Deus.

A esta operação Paulo chamou: “a substituição do *homem novo* pelo despojamento do *homem velho*”; e acrescentou: “os que são de Cristo se tornam *novas criaturas*”. Debalde, por isso, é esperar de *religiosos*, anquilosados pelas tradições e dogmas avoengos, a modificação e regeneração dos costumes; assim como é utopia julgar que dos parasitos que compõem a Ciência oficial, venha o progresso da Ciência, e por eles nasça uma filosofia racional que exalte a pesquisa, o livre exame orientado pelos sãos princípios da Lógica.

Pela mesma maneira se pode aplicar a parábola aos representantes dos governos corrompidos que têm acendido o fogo da guerra, devastando nações, oprimindo povos, degradando o caráter nacional, empobrecendo o erário, erigindo a politicagem de campanário, adstrita a interesses subalternos.

Esses *religiosos, cientistas e políticos* não podem receber o *vinho novo*, são *vestidos velhos*, nos quais não cabe o remendo de *pano novo*, de idéias novas de paz, de ordem e progresso. São *odres velhos*, que estouram ao contacto do *Espírito novo*, só assimilável pela nova geração.

“Ninguém põe remendo de pano novo em vestido velho; não se põe vinho novo em odres velhos!”

A FÉ E O AMOR

“Uma mulher que havia doze anos padecia de uma hemorragia e que tinha sofrido bastante às mãos de muitos médicos e gastado tudo o que possuía, sem nada aproveitar, antes ficando cada vez pior, tendo ouvido falar a respeito de Jesus veio por detrás entre a multidão e tocou-lhe a capa; porque dizia: se eu tocar somente as suas vestes, ficarei curada. E no mesmo instante cessou sua hemorragia, e sentiu no seu corpo que estava curada do seu flagelo.

“E Jesus disse-lhe: Filha, a tua fé te curou; vai-te em paz, e fica livre de teu mal”.

(Marcos, V. 25-34.)

Sabedoria e santidade são os dois atributos para a aquisição da felicidade.

A luz dá sabedoria, a religião dá santidade, mas só o amor resume toda a lei e a profecia.

A esperança consola e anima; a caridade robustece e ampara; a fé salva; o amor anima todas estas virtudes; o amor é a lei.

Os homens titubeiam; a Humanidade degrada; tudo parece perdido como a nau batida pela tempestade! Eis que aparece o amor e faz ouvir sua voz convincente: tudo se acalma!

A bonança sucede à impetuosidade dos ventos e à fúria dos mares! A luz sucede às trevas como o dia sucede à noite!

Não há o que melhor manifeste a lei de Deus do que o amor. Seu nome, escrito unicamente com quatro letras, indica os quatro pontos cardeais da felicidade espiritual; suas letras são luzes; sua luz brilha mais e aquece melhor que o Sol!

A esperança está ligada à imortalidade; mas a fé é inseparável do amor.

A mulher enferma, cheia de fé, aproxima-se do Senhor, toca-lhe as vestes. “Assim fazendo, pensou, ficarei curada do mal que há muitos anos me aflige”. E o milagre efetuou-se!

Assim também sucederá a todos aqueles que tiverem fé e de Jesus se aproximarem: “O que me seguir não verá trevas”.

Todos os que tiverem fé, e com fé buscarem vencer as dificuldades, triunfarão porque o amor coopera com a fé para abater barreiras, destruir domínios, aniquilar empecilhos e suprimir dificuldades.

“Se tiveres fé, disse Jesus, dirás a este monte: passa-te para lá e ele passará”.

“Se tiveres fé, dirás a esta figueira: transplanta-te para além, e assim acontecerá”.

A missão exclusiva de Jesus foi reviver os corações na fé, para que as almas cheguem às alturas do amor de Deus.

Em todas as suas excursões, o Mestre semeava fé, para que as gentes, com o seu produto, granjeassem os tesouros do amor.

É assim que, cultivando seus ensinamentos, nós alcançaremos os mundos de luz que se movimentam no éter acionados pela vontade de Deus.

A luz dá sabedoria e salva; Jesus é o caminho, a verdade e a vida; o amor é a lei.

A TRANSFIGURAÇÃO NO TABOR

“Seis dias depois tomou Jesus consigo a Pedro, a Tiago e a João, e os levou em particular a um alto monte. E foi transfigurado diante deles; e as suas vestes tornaram-se resplandecentes e em extremo brancas, como nenhum lavandeiro sobre a Terra as pode alvejar. E lhes apareceu Elias com Moisés, e estes falavam com Jesus.

“Então Pedro disse a Jesus:

“Mestre, bom é estarmos aqui, e façamos três tabernáculos: um para ti, outro para Moisés e outro para Elias. Porque não sabia o que havia de dizer: pois estavam aterrorizados. E veio uma nuvem que os envolveu; e dela saiu uma voz dizendo: Este é o meu filho dileto; ouvi-o!

“E eles olhando de repente em redor, não viram mais ninguém consigo, senão só a Jesus.

(Marcos, IX, 2-8.)

Jesus tomou três de seus discípulos, Pedro, Tiago e João, e levou-os ao Monte Tabor, e mostrou-se a esses, que havia escolhido para apostolar a causa, tal como era no mundo da verdade; ou seja, apareceu-lhes em Espírito; tão belo e radiante estava, que o evangelista, por não conhecer outra expressão para descrever a apresentação do Cristo de Deus, disse “haverem-se tornado em extremo resplandecentes as suas vestes”; acrescentando Mateus: “O seu rosto brilhava como o Sol!”

Diz mais o texto que Jesus, em sua alta e divina sabedoria, resolveu invocar os Espíritos de Moisés e de Elias, que vieram trazer a excelência do seu testemunho para a glorificação da lei de Deus, que ele, Jesus, estava ensinado aos seus discípulos.

E ainda, para maior convicção daqueles que representavam o Colégio Apostólico, uma nuvem os envolveu e a voz do Céu clamou, apontando-lhes Jesus: “Este é o meu filho diletto – Ouvi-o!”

Como vemos, o divino Mestre revestiu-se de todos os esplendores, cercou-se de todos os testemunhos, para demonstrar a seus futuros seguidores a tarefa que lhes estava confiada: testemunho da Terra – os três discípulos que iriam transmitir aos demais as cenas indescritíveis que presenciaram: testemunho do mundo dos Espíritos – representados dignamente pelos Espíritos de Moisés e de Elias, que apareceram positivamente a todos; testemunho do próprio Jesus que, destacando-se do corpo material com que subira ao monte, apresentou-se com o corpo imortal com que ascenderia ao infinito; testemunho, finalmente, do Supremo Pai, que, ecoando da nuvem de fluidos amorosos com o seu divino Verbo, confirmou, mais uma vez, a sua dileção pelo filho amado, que deveria ser ouvido e obedecido por aqueles que, mais tarde, teriam de apregoar suas palavras redentoras pelo mundo todo!

Conclui-se daí que os esplendores do Cristo não são materiais, mas espirituais; as manifestações do Cristo não são carnaís, mas manifestações de Espíritos.

Ouvir a Cristo deve, pois, ser o nosso principal anelo.

Ouvir a Cristo pelos discípulos, ouvir a Cristo pelos representantes do mundo espírita, ouvir a Cristo pela voz que fala nas nuvens, porque todos dão testemunho do Cristo, em terra, nos ares, no mundo espiritual!

A lei do Cristo Jesus demonstra a existência da alma, pelo desdobramento e transfiguração; demonstra a imortalidade da alma, com a aparição e comunicação de Moisés e de Elias; e o Verbo, nas nuvens, sanciona o divino amor abrangendo o infinito para que a “palavra não passe e seja cumprida integralmente”.

A transfiguração é a pregação do Cristianismo com todas as forças da sua vida eterna.

A PROVA DA RIQUEZA

“Jesus olhando ao redor de si disse: Quão difficilmente entrarão no Reino de Deus os que têm riquezas! Os discípulos ficaram surpreendidos com estas palavras. Mas Jesus tornou a dizer-lhes: Filhos, quão difícil é entrar no Reino de Deus os que confiam nas riquezas! É mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no Reino de Deus. E eles ficaram sobremaneira admirados, dizendo entre si: Quem pode então ser salvo? Jesus olhando para eles, disse: Aos homens é isto impossível, mas a Deus, não; porque a Deus tudo é possível”.

(Marcos, X, 23-27.)

A opulência tem as suas virtudes, os seus feitos gloriosos, mas são grandes os escolhos dos que se acham na opulência.

Espíritos predestinados, talvez para concorrerem com maior soma de benefícios para o engrandecimento material, moral e espiritual de seus irmãos, eles, a mais das vezes, se esquecem da missão que vieram desempenhar .

O orgulho insuflado pelos bajuladores, pelos servís, que não conhecem outro deus que o do ouro, tem transviado muitas almas, conduzindo-as a rudes e penosas provações, pelo mau emprego da fortuna que o Criador lhes concedeu para o seu aperfeiçoamento e o aperfeiçoamento de seus semelhantes.

O homem rico tem mais dificuldades a vencer que o pobre. Além de tratar de si e dos seus, além de procurar manter as exigências sociais, além de estudar e estudar muito porque dispõe de mais tempo que o pobre, ainda lhe cabe o dever restrito de exercer a caridade, quer socorrendo os necessitados

do corpo, quer ensinando os ignorantes, dirigindo a todos palavras de conforto, de coragem, de resignação.

Deus não condena a riqueza e ninguém é condenado por ser rico.

O que Deus condena é o mau uso que se faz da fortuna.

“Como é difícil entrar um rico no Reino dos Céus! É mais fácil – disse Jesus – passar um camelo pelo fundo duma agulha do que um rico se salvar”.

Esta sentença do Mestre vem em apoio das provas por que passam aqueles que pediram bens de fortuna para se lhes oferecer ocasião de mais benefícios prestarem a seu próximo, e, portanto, progredirem mais rapidamente. E basta ler em *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec, a comunicação do Espírito da Condessa Paula, desencarnada em 1851, para ver que o dinheiro é também um poderoso auxiliar para conquistarmos a fortuna imperecível que os ladrões não roubam, as traças não roem e a ferrugem não consome.

Aqueles que pediram pobreza, porque não se julgavam à altura de desempenhar os deveres impostos pela riqueza, devem manter a coragem e resignação, pois a verdadeira fortuna é a que nos proporcionam as virtudes que praticamos e das quais nos cercamos.

Aos ricos, repetimos o último trecho da comunicação da Condessa Paula:

“E vós ricos, tendes sempre em mente que a verdadeira fortuna, a fortuna imorredoura, não existe na Terra; procurai antes saber o preço pelo qual podeis alcançar os benefícios do Todo Poderoso”

Deveres espíritos

O GRANDE MANDAMENTO

“Chegou um dos escribas, e tendo ouvido a discussão e vendo que Jesus lhes havia respondido bem, fez-lhe esta pergunta: Qual é o primeiro de todos os mandamentos? Respondeu Jesus: O primeiro é: Ouve, ó Israel: O Senhor é nosso Deus, o Senhor é um só; e amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior que estes. Disse-lhe o escriba: Na verdade, Mestre, disseste bem que Ele é um; e não há outro senão Ele; e que o amá-lo de todo o coração, de todo entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo, excede a todos os holocaustos e sacrifícios. Vendo Jesus que ele havia falado sabiamente, disse-lhe: Não estás longe do Reino de Deus.

“E ninguém mais ousava interrogá-lo.

(*Marcos, XII, 28-34.*)

Três são os deveres indispensáveis à criatura humana: 1º para com Deus; 2º para consigo mesmo; 3º para com seu próximo. Nisto resumiu Jesus a lei e os profetas.

Sendo Deus o autor de nossa existência, o nosso verdadeiro Pai, devemos dedicar, primeiramente a Deus, todos os nossos haveres, a nossa própria vida.

Os deveres do homem estão em relação com o seu grau de adiantamento, com as suas aptidões físicas, intelectuais e psíquicas.

Ninguém pode dar senão o que tem, mas é fora de dúvida que devemos dar a Deus tudo o que temos. E como os haveres que dedicamos a Deus são retribuídos com centuplicados juros, cumpre-nos aproveitar todas essas dádivas para proveito próprio e em proveito do próximo.

É do cumprimento desses deveres que começa a felicidade.

Satisfeitos os deveres que temos para com Deus, ocorre-nos tratar daqueles que se relacionam com a nossa própria individualidade. É claro que essas obrigações são de natureza material, intelectual e espiritual.

O homem veio à Terra para progredir e esse progresso depende do bom emprego que faça do tempo para zelar do seu corpo, proporcionando-lhes a natural manutenção, e cultivar o Espírito, oferecendo-lhe luzes; luzes de vida eterna; luzes de sabedoria verdadeira; luzes de moral perfeita.

O corpo é um intermediário para as recepções e manifestações exteriores; é preciso que o tratemos e nos utilizemos dele como quem trata e se utiliza de uma máquina para executar o trabalho de que está encarregado.

O Espiritismo abrange a parte material e a parte psíquica do indivíduo; exige tratamento do corpo e cultivo do Espírito, sem detrimento um do outro.

Pela mesma maneira nos cumpre fazer para com o nosso próximo.

Próximo é aquele que se aproxima de nós, seja em corpo, seja em Espírito:

Há próximos que estão longe de nós e próximos que estão perto.

Na esfera do Espírito prevalece a lei de similaridade. No terreno da matéria, a lei da atração.

Os principais próximos são os que nos estão ligados pela lei da afinidade psíquica.

Os próximos secundários são os que se valem de nós para suprir a sua necessidade; necessidade de ordem material ou de ordem espiritual, porque os nossos deveres para com o próximo, para conosco e para com Deus são de ordem material e espiritual.

O homem que cumpre o seu dever, a nada mais fica obrigado. Quando o homem faz o que pode, Deus faz por ele o que ele por si mesmo não pode fazer.

Feliz daquele que faz tudo o que pode e deve fazer, pois esse é o bom emprego do talento para a aquisição de outros tantos talentos.

Três são os deveres indispensáveis do homem: para com Deus, para consigo mesmo, para com o seu próximo.

O preceito é este: ama a Deus; ama a ti mesmo; ama ao teu próximo; instrui-te e procura instruir o teu próximo. Faze tudo isso de todo o teu entendimento, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças.

Não há outro mandamento.

OS SINAIS DOS TEMPOS

“Ao sair Jesus do templo, disse-lhe um dos seus discípulos: Olha, Mestre, que pedras e que edifícios! Disse-lhe Jesus: Vê estes grandes edifícios? Não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada.

“Estando ele sentado no Monte das Oliveiras, defronte do templo, perguntaram-lhe em particular Pedro, Tiago e João e André: Dize-nos quando sucederão estas coisas, e que sinal haverá quando elas estiverem para se cumprir? Então Jesus começou a dizer-lhes: Vede que ninguém vos engane. Muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu, e enganarão a muitos. Quando porém, ouvirdes falar de guerras, e rumores de guerras, não vos assusteis: porque é necessário que assim aconteça mas não é ainda o fim. Pois se levantará nação contra nação, e reino contra reino. Haverá terremotos em vários lugares, e haverá fomes: estas coisas são o princípio das dores. Estais vós de sobreaviso; pois vos hão de entregar aos tribunais e sereis açoitados nas sinagogas, e haveis de comparecer diante dos reis e governadores por minha causa, para lhes servir de testemunho. Mas é necessário que primeiro o Evangelho seja pregado a todas as nações. E quando vos conduzirem para vos entregar, não vos preocupeis com o que haveis de dizer, mas falai o que vos for dado naquela hora, porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo. Um irmão entregará à morte a seu irmão e um pai a seu filho; e os filhos se levantarão contra seus pais e os farão morrer. Sereis também odiados de todos por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até o fim será salvo.

“Quando, porém, virdes a abominação da desolação estar onde não deve (quem lê entenda), então os que estiverem na

Judéia fujam para os montes; o que se achar no eirado, não desça e nem entre para tirar as coisas de sua casa; e o que estiver no campo, não volte para tomar sua capa. Mas ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Rogai que não suceda isso no inverno; porque aqueles dias serão de tribulação, tal qual nunca houve deste o princípio da criação por Deus feita até agora, nem haverá jamais. E se o Senhor não abreviasse aqueles dias, ninguém seria salvo; mas por causa dos eleitos, que ele escolheu, os abreviou.

“Então se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo acolá! Não acrediteis; levantar-se-ão falsos Cristos e falsos profetas, e farão milagres e prodígios, para enganar os eleitos se possível fora. Estais vós de sobreaviso; de antemão vos tenho dito todas as coisas.

“Mas naqueles dias, depois daquela atribulação, o Sol escurecerá, a Lua não dará mais claridade, as estrelas cairão do céu e as potestades celestes serão abaladas. Então se há de ver o Filho do Homem vindo nas nuvens com grande poder e glória. E ele enviará os anjos e ajuntará os seus eleitos dos quatro ventos, da extremidades da Terra à extremidade do céu”.

(Marcos, XIII, 1-27)

Este trecho do Evangelho, provavelmente da última fase da vida de Jesus, é digno do nosso estudo e atenção.

Já o Mestre havia lançado o seu libelo contra os escribas e fariseus, os cegos guias de cegos, que erigiam os sepulcros dos profetas a quem seus pais haviam trucidado; aos traficantes das graças de Deus; aos vendilhões do templo. Ele já havia lamentado Jerusalém, que matava os profetas e enviados que transpunham suas portas quando, ao chamarem os discípulos sua atenção para as grandezas do templo, aproveitou-se da oportunidade para proferir, perante eles, o seu Sermão Profético, como o chamam os Evangelhos.

Foi nessa ocasião que Jesus falou aos discípulos dos tempos que haviam de chegar e das ocorrências que se

desenrolariam no mundo, até a iniciação de uma nova fase de vida para a Humanidade.

Sem outro exórdio que pudesse desviar a atenção dos admiráveis painéis por meio dos quais mostrou aos que o cercavam os fatos que se desenrolariam depois da sua passagem para a espiritualidade, começou Jesus a falar do grande e suntuoso Templo de Jerusalém, do qual não ficaria pedra sobre pedra.

Era este o sinal maior dos acontecimentos que estavam próximos, e foi justamente o que se realizou.

Do Templo de Jerusalém não ficou pedra sobre pedra, como também não ficará pedra sobre pedra de todos os monumentos que o orgulho, a vaidade e o egoísmo humano edificaram em nome de Deus!

Grande era a missão que cumpria ao Mestre levar a termo, e de retirada do Templo onde ele havia apostrofado os sacerdotes, o Mestre seguiu para o Monte das Oliveiras, sítio predileto onde, por várias vezes, se tinha reunido com os seus discípulos, mostrando-lhes do alto do pico, cuja vista abrangia extensos horizontes, as belezas da Natureza matizada pelos reflexos do Sol.

Sentado na relva, melancólico e pensativo, começou então o Mestre a responder às perguntas daqueles que deveriam apostolar a sua causa, salientando os fatos que assinalariam o fim dos tempos do mundo sacerdotal, que precederia o início do mundo espiritual, ou seja da fase iniciativa do reinado do Espírito sobre a matéria. Tomando como símbolo das grandezas humanas o Templo de Jerusalém, Jesus fez ver a seus discípulos que todas essas pompas luxuosas, que adormecem o Espírito e aniquilam o sentimento, distraem os homens de seus deveres para com Deus e o próximo, impedindo as almas de cumprirem seus deveres evangélicos.

O Mestre já havia também predito os grandes martírios que teria de sofrer, predições que se realizaram à letra; mas que tudo isso era preciso que se cumprisse; e que ele voltaria ao mundo no tempo da restauração final da sua palavra. Mas,

antes disso, o mundo teria de passar por grandes transformações e a Humanidade por grandes sofrimentos.

Perguntando-lhe os discípulos a época em que ocorreriam esses acontecimentos, Jesus começou por ensiná-los a raciocinar, ensinando-lhes a discernir os homens e os Espíritos, a fim de poderem distinguir os tempos preditos.

“Cuidado! Ninguém vos engane, porque muitos virão em meu nome dizendo: eu sou o Cristo, e enganarão a muitos.

“Se alguém vos disser: eis aqui o Cristo ou ei-lo ali, não acrediteis; porque hão de levantar-se falsos Cristos e falsos profetas e mostrarão tais sinais e milagres que, se fora possível, enganariam até os escolhidos.

“Se disserem que o Cristo está no deserto, não saiais; se disserem que está no interior da casa não acrediteis, porque assim como o relâmpago sai do Oriente para o Ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem”.

Com esta exposição Jesus fez ver que a sua vinda não seria como daquela vez, em que fora crucificado; viria em *Espírito*, presidindo o grande movimento de espiritualização do mundo, tal como se está verificando sob os auspícios do Espiritismo! Frisou bem os mistificadores, que apresentariam o “Cristo” fechados em câmaras e no interior das casas, assim como os que aparecem nos desertos, arrebatam multidões curiosas e constituem redutos de fanáticos.

E foi só depois de bem exaltar o sentimento e o raciocínio de seus discípulos, que o Filho de Deus julgou acertado narrar as dores por que o mundo teria de passar e as lutas que seus seguidores teriam de sustentar na obra da regeneração humana.

“Haveis, primeiramente, de ouvir rumores de guerra, mas não vos assusteis, porque não é ainda nessa ocasião que virá o fim, pois levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino, e haverá fome e terremotos em vários lugares; mas tudo isso é o princípio das dores”.

Esta predição está realizada e continua a se verificar; as guerras que têm assolado ultimamente o planeta não deixam dúvida sobre a realização da previsão. Os ataques contra a

palavra apostólica, levando os divulgadores da fé aos tribunais, têm continuado desde os primeiros tempos do Cristianismo.

Desde os tempos de Nero, prosseguindo sempre, estendendo-se à alçada da Igreja de Roma, que entregava os “hereges” ao *braço forte* para lhes serem infligidos os maiores suplícios, a história dos inquisidores e da Inquisição, compondo páginas de sangue na História da Humanidade, deixam ver claramente o cumprimento também desse trecho do Evangelho.

A Grande Guerra de 1914-18, que fez mais de 30 milhões de vítimas; a grande peste que levou outras tantas ou ainda mais; as lutas que fervilham em todo o mundo não são mais que os sinais característicos, preditos pelo nazareno, do fim dos tempos em que o mundo terá de passar por uma completa reforma no que se refere à moral.

Jesus acrescentou que, em virtude da iniquidade a que os homens se entregariam, o amor se esfriaria e não haveria mais caridade; os afetos se extinguiriam e o caráter se abastardaria.

É o que estamos vendo por toda a parte! O luxo, as pompas, a ganância do ouro, o desejo da multiplicação de fortunas; o egoísmo endeusado; e de outro lado, o desprezo para com os necessitados, para com os enfermos e abandonados!

Em vez de hospitais, erguem-se igrejas; em vez de casas de instrução, constroem-se cadeias; em vez de luz, a Humanidade veste-se de trevas!

Um dos mais característicos “sinais dos tempos” é a pregação do Evangelho, como está escrito:

“Este Evangelho será pregado pelo mundo todo; então virá o fim”. Graças ao Espiritismo, ou seja, aos Espíritos da Verdade, este convite para seguir a Cristo se está realizando como um aviso amoroso da vinda, em Espírito, de Jesus, que restabelecerá na Terra o reinado do Espírito.

A pregação do Evangelho é o machado posto à raiz das árvores infrutíferas. É a exortação à regeneração dos costumes para a espiritualização dos homens.

Outro característico igual é: “a abominação da desolação predita pelo profeta Daniel, que se havia de verificar no lugar santo”.

É fato bem patente aos olhos de todos: o que os homens chamam *lugar santo* são as igrejas; e não há quem conteste a *desolação* que lavra nas igrejas!

Que é atualmente *religião*? Nada. O que é uma igreja? Um lugar abominável, onde se pode encontrar tudo menos amor a Deus, caridade, amor ao próximo, respeito, moral!

A igreja atual é um ponto de diversão como qualquer outro, é um botequim de festas onde se mercadejam frangos e leitões.

Que é a religião do povo, hoje?

Onde está a fé, a esperança, a caridade, que unem, sustentam, amparam e elevam a massa popular? O que há são tráficos de missas, tráficos de batismos, tráficos de casamentos, tráficos de nascimentos e tráficos de mortos! Tudo é mercadoria, tudo se vende na religião do povo, tudo se mercadeja nas igrejas dessa Babilônia!

A imortalidade, a comunhão das almas e dos santos, desapareceu do Credo; o diabo venceu a divindade: o Inferno tragou o Céu!

Não há crença, não há fé; para a massa do povo, tudo termina com a morte; a igreja proclamou: *pulvis est, et in pulveris reverteris*, “*és pó e ao pó tornarás*”, *spiritus qui vales non redit*. “*Os mortos não retornam*”. O túmulo é então, a última palavra da vida! Eis o sinal certo do fim dos tempos; eis a desolação e a abominação, predita por Jesus, imperando no “lugar santo”!

As últimas predições do Mestre, exaradas no referido capítulo, versam sobre os fenômenos físicos, os sinais no céu. Todos dizem: “o tempo está mudado”. De fato, o tempo está mudado e essa mudança foi predita por Jesus há quase dois mil anos, para assinalar o fim do mundo da carne e o advento do mundo do Espírito.

Finalmente, diz o texto: “As estrelas cairão do céu e as potestades serão abaladas”.

Essas estrelas mais não são que os Espíritos superiores, que viriam tomar parte nessa restauração, mesmo porque só eles serão capazes de abalar as potestades, os governos civis e religiosos, da Terra e do espaço, que conduziram os homens à degradação em que se acham!

Eles vêm ajuntar os escolhidos dos quatro ventos e chamá-los a formar esse reino desejado, que pedimos cotidianamente ao Senhor no Pai Nosso.

Vamos concluir, aconselhando o leitor a tomar um lugar nas fileiras do Cristo, porque só assim ficará resguardado dos males futuros que farão ruir o mundo velho com suas paixões, para, removidos os escombros, erguer-se em cada alma uma cátedra onde o Espírito da Verdade possa pontificar!

A CEIA PASCOAL

“Chegada a hora, pôs-se Jesus à mesa e com ele os apóstolos. E disse-lhes: Tenho ansiosamente desejado comer convosco esta Páscoa antes da minha paixão; pois vos digo que nunca mais a hei de comer, até que ela se cumpra no Reino de Deus. Depois de receber o cálice, havendo dado graças, disse: Tomai-o e distribuí-o entre vós; pois vos digo que desde agora não beberei o fruto da videira até que venha o Reino de Deus. E tomando o pão e tendo dado graças, partiu-o e deu aos discípulos, dizendo: Este é o meu corpo que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Depois da ceia tomou do mesmo modo o cálice dizendo: Este cálice é a nova aliança em meu sangue, que será derramado por vós”.

(Lucas, XXII, 14-20.)

“Estando eles comendo, tomou Jesus o pão e, tendo dado graças, partiu-o e deu aos discípulos, dizendo: Tomai e comei; este é o meu corpo. E tomando o cálice, rendeu graças e deu-lhes, dizendo: Bebei dele todos; porque este é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado por muitos para remissão de pecados. Mas digo-vos que desta hora em diante não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que hei de beber de novo convosco no reino do meu Pai.

(Mateus, XXVI, 26-29.)

“Estando eles comendo, tomou Jesus o pão e, tendo dado graças, partiu e deu-lhes, dizendo: Tomai-o; este é o meu corpo. E tomando o cálice, rendeu graças, e deu-lhes; e todos beberam dele. E disse-lhes: Este é o meu sangue, o sangue

da aliança, que é derramado em favor de muitos. Em verdade vos digo que nunca mais beberei do fruto da videira, até aquele dia em que hei de beber de novo no Reino de Deus”.

(Marcos, XIV, 22-25.)

Narram as Escrituras que o profeta Ezequiel, arrebatado em Espírito, de Babilônia, onde se achava cativo, foi em Jerusalém, e nesta cidade um anjo mostrou-lhe um santuário que tinha a porta fechada; e disse-lhe que “*fora daquela porta assim fechada, assentar-se-ia o príncipe à mesa, para comer o pão na presença do Senhor*”. (Ezequiel, 44, 1-3)

Extraordinário transporte espírita! Belíssima visão profética! Maravilhosa comunicação premonitória, que se realizou à letra, algumas vintenas de anos depois!

Arrebatado em Espírito, com grande antecedência, viu o profeta Ezequiel a cena estupenda que se deveria desdobrar através dos tempos: “Jesus, o príncipe da paz, sentado a uma mesa a partir o pão com seus discípulos, na cidade de Jerusalém”, tal como relembramos neste escrito, pela leitura dos Evangelhos.

No “santuário” só podia ser repartido “o pão da proposição”, pelos sacerdotes; para Jesus, que tinha por missão infundir no Espírito humano a nova lei do amor, do perdão e da adoração a Deus em *Espírito e Verdade*, o santuário fechou as portas!

Era preciso que assim acontecesse para que a Doutrina Cristã sofresse a contingência das duras impugnações com que os reacionários de todos os tempos encaravam todas as idéias novas, até a mais nobre e pura, a mais santa e verdadeira com que Deus quis auxiliar seus filhos.

Entretanto, o pão não ficou inteiro e repartiu-se com tanta fartura que até hoje, 20 séculos depois, podemos com ele saciar a nossa fome de entendimento! Milagre ainda maior

do que aquele que multiplicou peixes e pães que saciaram 5.000 pessoas. Aqueles pães e peixes, embora matassem a fome de tanta gente e sobrassem ainda doze cestos, não chegaram até nós; ao passo que este pão se reflete através das gerações e envolve nossa alma em fluidos benéficos, que verdadeiramente saciam o Espírito.

Respingando com minuciosa atenção os trechos evangélicos acima transcritos, vemo-los em íntima relação com os capítulos 13, 14, 15 e 16 do Evangelho de João, que recomendamos à atenção dos leitores. E assim chegamos à conclusão, pondo em concordância os quatro Evangelhos, que o fim de Jesus, celebrando a ceia, não foi comer o pão, por isso diz o evangelista: “Tomando o pão partiu-o; deu-o aos discípulos e disse-lhes: tomai e comei, este é o meu corpo, que vai ser dado por vós; e com o cálice cheio de vinho, ofereceu-lhes, dizendo: bebei, este é o sangue do Novo Testamento que vai ser derramado em vosso benefício”.

Por essa passagem se vê claramente que Jesus não tratava do *pão material nem do vinho de uva*, mas da sua doutrina, que é o alimento do Espírito, e precisa ser repartido com todos, para que todos os Espíritos não sintam fome de conhecimentos religiosos; para que todos sejam saciados com esse pão que nos dá um corpo novo, incorruptível, imortal.

As duas espécies: *pão* e *vinho*, não são mais que alegorias, que dão idéia da *letra* e do *Espírito*; assim como a *carne* e o *sangue* especificam a mesma idéia: *letra* e *Espírito*.

Queria Jesus mais uma vez lembrar a seus discípulos que o seu corpo – que é a sua doutrina – não pode ser assimilada unicamente à letra, mas precisa ser estudada e compreendida em *Espírito e Verdade*; por isso o Mestre acrescentou, quando os judeus se escandalizaram por haver ele dito que seus discípulos necessitavam *comer a sua carne e beber o seu sangue*: “A carne para nada presta, o Espírito é que vivifica; as palavras que eu vos digo são Espírito e Vida”.

Não é, pois, com o pão, nem com a hóstia, que devemos comungar, mas, sim, com a palavra do Cristo, com a sua doutrina.

Diz Davi nos Salmos 78 – 24 e 26, profetizando sobre Jesus:

“O trigo do Céu desceu à Terra, e os anjos deram de comer aos homens”.

Duas coisas notamos nesta passagem: primeiro, o trigo é do Céu: segundo, os anjos é que deram de comer aos homens.

Ora, se o trigo é do Céu, o pão não pode ser material, mas sim espiritual; e se os anjos é que deram de comer aos homens, está se cumprindo em nossos dias a palavra profética de Davi, porque a Doutrina do Cristo está sendo oferecida em todos os pontos do globo, a todos os homens, pelos Espíritos.

Anjo quer dizer *Espírito mensageiro de Deus*. E não são estes que vêm lembrar-nos a palavra divina e descerrar aos nossos olhos as portas da imortalidade?

Jesus Cristo, encarnando a palavra de Deus, o Verbo, disse que ela é pão. Davi profetizando sobre a distribuição do pão aos homens, afirmou que essa tarefa estava a cargo dos anjos.

Eis o característico bem saliente da nossa doutrina, *fac-símile* da pura doutrina de Jesus, ou seja a mesma doutrina de Jesus: “ser pão, e ser repartida por anjos”.

O pão da Vida, que é o pão do Céu, não pode mesmo ser ministrado por homens, tenham eles o título que tiverem, embora se revistam de todas as aparências sugestivas para atrair as almas.

Continuemos, entretanto, a examinar se esta afirmação é ou não a verdade sagrada.

Qual foi o primeiro pão espiritual que a Bíblia nos diz ter sido dado aos israelitas?

– Os dez mandamentos (ou seja, o Decálogo), escritos nas Tábuas da Lei.

Quem os escreveu?

– Moisés? Não! Diz o texto que Moisés subiu ao Sinai e Jeová (um dos Espíritos guias de Israel) foi quem os escreveu pela mediunidade de Moisés.

Quem fez Davi e Isaías escrever? Quem fez mover os lábios de Malaquias, de Jeremias, de Ezequiel e Daniel? Não foram os anjos, os Espíritos, segundo se lê nos próprios textos destes livros encerrados na Bíblia?

Quem anunciou a Maria o nascimento do Messias, e, portanto, a materialização do Verbo de Deus? Não foi um Espírito chamado Gabriel?

Que falou por Estevão e anunciou por Ágabo coisas que se iam realizar, e de fato, se realizaram? Não foram os Espíritos?

Qual homem na Terra se pode julgar com autoridade para falar das coisas do Céu? Homem, um só. Jesus, porque nele havia encarnado o Verbo de Deus e ele era o pão, podia dar-se a si mesmo, a todos; mas desde que o mundo existe, não consta nas páginas da História que outro homem o igualasse.

– Os apóstolos! Poderia alguém dizer.

Mas os apóstolos não foram apóstolos enquanto não receberam o Espírito no Cenáculo.

Todo o pão que eles distribuíram durante sua estadia na Terra, foi manipulado pelos anjos, pelos Espíritos de Deus, que depois da explosão de Pentecostes nunca os deixaram. Foi neste dia que eles receberam o “batismo” e foi nesse dia que ficaram “batizados”, porque “estar batizado” é estar envolto, é estar imerso nos fluidos vivificadores dos Espíritos Santos.

E se assim não é, quais foram as obras que eles praticaram, qual doutrina pregaram antes de receberem o Espírito, no Cenáculo?

O homem que, num calmo momento de meditação, olhar para o passado, verá assombrado as transformações profundas,

maravilhosas mesmo, operadas à sua atenção desprevenida. E se olhar para a vida do mundo, abismar-se-á ao ver como o dia-a-dia, minuto por minuto, o tempo, supremo iconoclasta, vem destruindo as mais basilares teorias, as mais incontroversas idéias, os mais sólidos monumentos, as mais inatacáveis fortalezas erguidas pela vontade humana!

Mas a palavra de Jesus foi e será inatingível; a palavra de Jesus não passou: é permanente, eterna, imutável! Assim está escrito e assim se há de cumprir. Ela é indispensável à evolução da Humanidade e há de realizar, sem dúvida alguma, a sua missão providencial, libertadora, reformando todas as instituições decrépitas e alimentando, como pão que é, todos os homens que, à procura de novos estágios de liberdade, buscarem o seu espírito vivificante.

A lição da Ceia e do Lavapés é a lição do amor, da humildade, para aquisição das glórias vindouras.

O PRECURSOR DO CRISTIANISMO

“Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor”.

(Malaquias, IV, 5.)

“Nos dias de Herodes, rei da Judéia, houve um sacerdote chamado Zacarias, da turma de Abia; sua mulher era descendente de Arão, e chamava-se Isabel. Ambos eram justos diante de Deus, andando irrepreensíveis em todos os mandamentos e preceitos do Senhor. E não tinham filhos, porquanto Isabel era estéril, e ambos de idade avançada.

“Estando Zacarias a exercer diante de Deus as funções sacerdotais na ordem da sua turma, coube-lhe por sorte, segundo o costume do sacerdócio, entrar no santuário do Senhor e queimar incenso. E apareceu a Zacarias um anjo do Senhor, em pé à direita do altar do incenso. Zacarias, vendo-o, ficou turbado, e o temor o assaltou. Mas o anjo lhe disse: Não temas, Zacarias, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, a quem chamarás João; e terás gozo e alegria, e muitos se regozijarão com o seu nascimento. Porque ele será grande diante do Senhor, e não beberá vinho nem bebida forte; já desde o ventre de sua mãe será cheio do Espírito Santo, e converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor Deus deles; ele irá diante do Senhor no espírito e poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, converter os desobedientes, de maneira que andem na prudência dos justos, a fim de preparar para o Senhor um povo dedicado. Perguntou Zacarias ao anjo: Como terei certeza disto? Porque eu sou velho e minha mulher já é de

idade avançada. Respondeu o anjo: Eu sou Gabriel que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e a trazer-te estas boas novas, e tu ficarás mudo e não poderás falar, até o dia em que estas coisas acontecerem, porque não deste crédito às minhas palavras, que a seu tempo se hão de cumprir. O povo estava esperando a Zacarias, e maravilhava-se, enquanto ele se demorava no santuário. Quando ele saiu não lhes podia falar, e perceberam que tinha tido uma visão no santuário; e ele lhes fazia acenos e continuou mudo.

“Cumpridos os dias do seu ministério, retirou-se para sua casa.

“Depois deste dias Isabel, sua mulher, concebeu e ocultou-se por cinco meses, dizendo: Assim me fez o Senhor nos dias em que ele pôs os olhos sobre mim, para acabar com o meu opróbrio entre os homens”.

(Lucas, I, 5-25.)

“Naqueles dias levantando-se Maria, foi apressadamente à região montanhosa, a uma cidade de Judá, e entrou na casa de Zacarias e saudou a Isabel. Apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança deu saltos no ventre dela, e Isabel ficou cheia do Espírito Santo e exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto de teu ventre! Como é que me vem visitar a mãe de meu Senhor?

(Lucas, I, 39-43.)

“Chegando o tempo de dar à luz, Isabel teve um filho.

“Os seus vizinhos e parentes, sabendo da grande misericórdia que o Senhor manifestara para com ela, participaram do seu regozijo. No oitavo dia vieram circuncidar o menino, e iam dar-lhe o nome de seu pai Zacarias. Sua mãe, porém, disse: Não, mas será chamado João.

“Disseram-lhe: Ninguém há entre teus parentes que tenha este nome. E perguntavam por acenos ao pai, que nome queria que lhe pusessem. Ele pedindo uma tabuinha, escreveu: João é o seu nome. E todos se maravilharam.

“Imediatamente lhe foi aberta a boca e solta a língua, e começou a falar, bendizendo a Deus. O temor apoderou-se de todos os vizinhos; e divulgou-se a notícia de todas essas coisas por toda a região montanhosa da Judéia, e todos os que delas souberam as guardavam no coração, dizendo:

“Que virá a ser então este menino? Pois, na verdade a mão do Senhor era com ele”.

(Lucas, I, 57-66.)

“Ora o menino crescia e se fortalecia em espírito, e habitava nos desertos até o dia de sua manifestação a Israel.”

(Lucas, I, 80.)

“No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia, Herodes tetrarca da Galiléia, seu irmão Filipe tetrarca da região da Ituréia e da Província de Traconites e Lisânias tetrarca de Abilínia. Sendo sumos sacerdotes Anás e Caifás, veio a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto. Ele percorreu toda a vizinhança do Jordão, pregando o batismo do arrependimento para remissão de pecados, como está escrito no livro das palavras do profeta Isaías: Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas; todo o vale será aterrado e todo o monte e outeiro será arrasado, os caminhos tortos far-se-ão direitos, e os escabrosos, planos; e todo o homem verá a salvação de Deus.

“Dizia, então, às multidões que saíam a ser batizadas por ele: Raça de víboras, quem vos recomendou que fugísseis da ira vindoura? Dai, pois, frutos dignos do vosso arrependimento, e não comeceis a dizer dentro de vós: Temos como pai Abraão; porque vos declaro que dessas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. O machado já está posto à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não dá bom fruto, é cortada e lançada ao fogo. Perguntava-lhe o povo: que havemos então de fazer? Respondeu-lhes: aquele que tem duas túnicas dê uma ao que não tem; e aquele que tem comida, faça o mesmo.

Foram também publicanos serem batizados e perguntaram-lhe: Mestre, que havemos de fazer? Respondeu ele: Não cobreis mais que aquilo que vos está prescrito. Perguntaram-lhe também uns soldados: e nós que havemos de fazer? Respondeu-lhes: a ninguém façais violência, nem deis denúncia falsa: contentai-vos com o vosso soldo”.

(Lucas, III, 1-14.)

“Assim, pois, com muitas exortações, anunciava o Evangelho ao povo; mas o Tetrarca Herodes, sendo repreendido por ele por causa de Herodias, mulher do seu irmão, e por todas as maldades que Herodes havia feito, acrescentou ainda sobre todas, a de fazer encerrar a João no cárcere”.

(Lucas, III, 18-20.)

“O rei embora entristecido, contudo por causa dos seus juramentos e também dos convivas, mandou dar-lha, e ordenou que degolassem a João no cárcere. E foi trazida a sua cabeça num prato, e dada à moça; e ela a levou à sua mãe”.

(Mateus, XIV, 9-11.)

“Enquanto desciam o monte, ordenou-lhes Jesus: a ninguém conteis esta visão, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos. Perguntaram-lhe os discípulos: por que dizem então os escribas que Elias deve vir primeiro? Respondeu ele: na verdade Elias há de vir e restaurará todas as coisas; declaro-vos, porém, que Elias já veio, e não o conheceram, antes fizeram-lhe tudo quanto quizeram: assim também o Filho do Homem há de padecer em suas mãos. Então os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista”.

(Mateus, XVII, 9-13.)

Era chegado o tempo de o mundo receber o complemento da revelação do Sinai e o Cristo de Deus se apresentava para descer das regiões luminosas aos antros do mundo físico.

Uma falange inumerável de Espíritos preparou-se para auxiliar o Mestre na sua tarefa missionária. Uns teriam de

preceder à sua vinda; outros, acompanhá-lo na sua missão; outros, afinal, viriam secundar-lhes os esforços em Espírito, na nossa atmosfera terrestre, auxiliando da melhor maneira que por Deus lhes fosse permitido.

As Escrituras dizem que, pela boca do profeta Malaquias, havia sido dado o anúncio da nova encarnação de Elias, que fora, de fato, também o maior dos profetas da Antiga Dispensação.

Vinha ele, como o anjo mensageiro, diante da face do Senhor, para anunciá-lo aos povos, pois tão ilustre pessoa necessitava à sua chegada, que algumas luzes estivessem acesas, para iluminarem a incomparável figura que vinha representar, no mundo, o Verbo Divino.

Chegado o tempo da recepção do Espírito que fora Elias, e que deveria ser João Batista, um Espírito mensageiro do Alto, e conhecido na Terra pelo nome de Gabriel, dirige-se a uma família da Judéia, cujos chefes idosos e sem filhos, tinham por nome Zacarias e Isabel, e lhes anuncia a encarnação desse filho, que era o profeta Elias, a quem dariam todos os cuidados paternais.

A mensagem do Espírito não foi aceita por Zacarias, necessitando o Espírito revelador tornar, ao que deveria ser o pai da criança, mudo durante todo o tempo de gravidez de sua esposa, como prova do aviso que lhe fora dado.

E assim aconteceu, tendo sido dado pelo Espírito até o próprio nome do infante, que deveria chamar-se João, que quer dizer o *Enviado*.

Como se nota nos Evangelhos, o nascimento de João Batista veio precedido de augúrios e de promessas espirituais para aqueles que buscavam o Reino de Deus.

Durante o tempo de gravidez da esposa de Zacarias, colóquios espirituais, arrebatamentos da alma, êxtases se verificaram no lar daqueles que veriam muito em breve o aparecimento do grande missionário, que seria a voz clamando no deserto das consciências.

Por ocasião da visita de Maria, mãe de Jesus, à sua prima Isabel, o Espírito saudou Maria, como se depreende da narrativa, e esta, também envolta nos fluidos dos divinos mensageiros, pronunciou a inspirada prece que hoje corre mundo com o título *Magnificat*: “A minha alma engrandece o Senhor, o meu Espírito se alegrou em Deus meu Salvador...”

Afinal, chegando o tempo determinado, Isabel teve um filho e só então soltou-se a língua de Zacarias, cujas primeiras palavras foram para lembrar o nome de João, que o Espírito havia posto naquele que seria seu filho carnal.

Estas manifestações foram divulgadas por toda a região montanhosa da Judéia, e as populações se quedavam apreensivas, porque diziam: “a mão do Senhor está com este menino”.

Zacarias, tomado pelo Espírito, falou acerca do futuro de seu filho, e da missão que ele vinha desempenhar no mundo.

O escopo do Evangelho é anunciar a todos o caminho da salvação, e indicar os meios para se encontrar o mesmo.

Esse livro não foi escrito para narrar genealogias, nem publicar biografias, que pouco aproveitariam ao progresso da Humanidade e ao realce da religião.

É esse, sem dúvida, o motivo pelo qual o evangelista cala sobre a vida do Batista, até o dia da sua manifestação a Israel, ou seja, o dia em que o precursor saiu abertamente ao mundo para o exercício da sua nobre tarefa; o texto do evangelista limita-se a estas palavras: “O menino crescia e se fortalecia em Espírito e habitava nos desertos, até o dia da sua manifestação a Israel”.

Que teria feito ele no decorrer desse tempo? O evangelista não o diz, mas é muito fácil prever-se.

Fazia provavelmente o que faz toda a gente pobre, todos os que não são acariciados pela fortuna do mundo: trabalhava, lutava, esforçava-se para a manutenção da existência material.

Passai em revista a vida de todos os grandes homens que nos legaram centelhas de verdades imperecíveis, de todos os próceres do pensamento, de todos os gênios que vieram trazer-nos o progresso material, moral e espiritual, e vereis que desde a infância até a velhice, eles se têm manifestado ao mundo como máquinas que trabalham incessantemente, vivendo mais para os outros que para si próprios.

Assim deveria acontecer a João Batista, operário do trabalho espiritual, já exercitado nas lides da vida corpórea.

Aquele que vinha anunciar a vinda do Messias e aparelhar o seu caminho, não podia deixar de cumprir os preceitos que nos mandam trabalhar para viver.

João Batista não podia ter passado uma vida de ócio, embrenhado desde a infância nos desertos, para fugir aos deveres materiais impostos a todas as criaturas.

E quando o Evangelho diz que o Batista habitava os desertos, dá a entender o menosprezo que seus contemporâneos faziam daquelas individualidades, que, por “não se trajarem de finas roupas e não habitarem palácios”, deixavam de merecer a atenção dos seus concidadãos e com especialidade a dos grandes da sua época.

É possível que, antes de iniciar a sua missão, como era costume dos antigos profetas, João se retirasse para o deserto afim de preparar-se, pelo jejum e oração, para o desempenho dos seus deveres sagrados.

E foi esta certamente a explicação que Jesus quis dar e deu veladamente aos que procuravam a João, aos que, nas cercanias da cidade de Naim, desejavam ver a João: “O que saíste a ver no deserto? Uma cana agitada pelo vento? Ou um homem vestido de roupas finas? Mas os que se vestem ricamente e vivem no luxo, assistem nos palácios dos reis”.

Nessa mesma ocasião o divino Mestre, dando a conhecer a todos o grande Espírito que o precedera, como revelador da sua vinda, disse: “João é um profeta, muito mais que

profeta, porque é da sua pessoa que está escrito: eis, aí envio ante a tua face o meu anjo, que há de preparar o teu caminho”.

Mas, afinal, chegamos à fase luminosa da vida do mensageiro do Alto, em que a sua luz brilha como um relâmpago, e a sua voz ecoa como um trovão.

Foi no décimo-quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pilatos governador da Judéia, Herodes tetrarca da Galiléia e sumos sacerdotes, Anás e Caifás, que circulou pela Palestina o boato do aparecimento de um profeta que agitava as massas populares em torno de sua respeitável figura; e nas margens do Jordão, por onde passava, as multidões afluíam para ouvirem-no. Uns, dele se acercavam seus passos redentores; outros, ávidos de manifestações físicas e sinais exteriores, pediam-lhe o *batismo da água*, julgando, sem dúvida, que a perfeição e a pureza podem viver no corpo quando o Espírito está sujo!

A uns e outros João atendia dando a cada um o de que cada um precisava para expiação das faltas e redenção de Espírito.

Gênio franco, leal, sincero, intimorato, austero, o Batista, cuja missão principal era preparar almas para o Senhor, aparelhar veredas por onde Jesus pudesse passar, aterrar vales, arrasar montes e outeiros, aplainar estradas escabrosas, destruir as tortuosidades para que as estradas se tornassem direitas; trazia ele um arsenal de instrumentos para cortar árvores seculares, abater matas que ensombravam as consciências, arrancar raízes de nefastas plantas que prejudicavam a seara, para que a semente do Evangelho, que ia ser semeada, produzisse o fruto necessário!

E, assim, é que profligou o orgulho de classe e de família, combateu com grande tenacidade os vícios, atacou com admirável energia as paixões, despertou nas almas o desejo do arrependimento por meio das boas obras que deveriam

praticar; profligou, enfim, a vaidade humana, fazendo ver que Deus poderia suscitar até das próprias pedras filhos a Abraão; e afirmou que a salvação para o Reino de Cristo não consistia senão do desinteresse, no desapego aos bens terrenos, na severidade de costumes, na limpidez do caráter, no cumprimento do dever!

Aos que lhe perguntavam: “o que havemos de fazer para estarmos com o Cristo”, respondia: “aquele que tem duas túnicas dê uma a quem não tem; o que tem comida, faça o mesmo”.

A uns publicanos que dele se aproximaram solicitando-lhe o batismo, respondeu: “não cobreis mais do que aquilo que está prescrito”.

A uns soldados que foram ter a ele, disse: “a ninguém façais violência, nem deis denúncia falsa; contentai-vos com o vosso soldo”.

Não pararam aí as instruções que o mensageiro de Deus nos legou para que nos aproximemos do Cristo.

Salientando muito bem a sua tarefa, deixando bem claro o papel que ele representava em face da espiritualização das almas, nunca quis assumir a missão que só a Jesus estava afeta. É assim que dizia franca e peremptoriamente de nada valer o seu *batismo de água*, pois o que viria depois dele teria de batizar com o Espírito Santo e Fogo.

Só a Jesus devia ser dada a glória por todos os séculos!

Mas essas palavras não agradaram as almas afeitas às coisas materiais: os espíritos contumazes se revoltaram contra a nova doutrina; o sacerdócio tecia, em segredo, maquinações maléficas contra o enviado; o tetrarca da Galiléia, ferido em seu amor-próprio pela revelação, por parte do profeta, de desonestidades que praticara; Herodias, sua cunhada, cercada de uma corte enorme de aduladores, deliberaram, como meio mais eficaz, prender o profeta da revelação Cristã, dando-lhe, por fim, a morte afrontosa da decapitação!

E assim foi: cingindo a coroa do martírio, tecida pelos grandes da sua época, desapareceu do cenário do mundo,

alçando-se aos altos empíreos das glórias imortais, aquele grande Espírito, sábio, generoso e santo, que dedicou sua existência terrestre a serviço de muitos homens que, após a sua vinda, têm bebido, nos seus ensinamentos, o elixir restaurador que nos dá vida, para caminhar em busca do Cristo Jesus.

Tal é, num ligeiro esboço biográfico, a história do grande missionário que chamamos o precursor do Cristianismo, ou o Batista da Revelação Cristã.

MARIA DE MAGDALA

“Um dos fariseus convidou-o para jantar com ele. E entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa. Havia na cidade uma mulher que era pecadora, e esta, sabendo que ele estava jantando na casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro com perfume e, pondo-se-lhe aos pés, chorando, começou a regá-los com lágrimas, e os enxugava com os cabelos da sua cabeça, e beijava-lhe os pés e ungia-os com perfume. Ao ver isto, o fariseu que o convidara, dizia consigo: se este homem fosse profeta, saberia quem é que o toca e que sorte de mulher é, pois é uma pecadora. Então Jesus disse ao fariseu: Simão, tenho uma coisa para te dizer. Ele respondeu: Dize-a, Mestre. Certo credor tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos denários, e o outro cinqüenta. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou a dívida a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais? respondeu Simão: suponho que aquele a quem mais perdoou. Replicou-lhe: Julgaste bem. E virando-se para a mulher, disse a Simão: vês esta mulher? Entrei na tua casa e não me deste água para os pés, mas esta mos regou com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo; ela porém, desde que entrou, não cessou de beijar-me os pés. Não ungiste a minha cabeça com óleo, mas esta com perfume ungiu os meus pés. Por isso te digo: Perdoados lhe são os seus pecados, que são muitos, porque ela muito amou. Mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama. E disse à mulher: perdoados são os teus pecados. Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer consigo mesmos: Quem é este que até perdoa pecados? Mas Jesus disse à mulher: “A tua fé te salvou; vai-te em paz”.
(*Lucas, VII, 36-50.*)

“Ora, estando Jesus em Betânia, na casa de Simão, o leproso, chegou-se a ele uma mulher que trazia um vaso de alabastro com precioso perfume, e lho derramou sobre a cabeça, quando ele estava à mesa. Vendo isto, os seus discípulos indignaram-se e disseram: Para que este desperdício? Pois o perfume podia ser vendido por muito dinheiro e ser dado aos pobres. Mas Jesus percebendo isto, disse-lhes: Por que molestais esta mulher? Pois ela me fez uma boa obra. Porquanto os pobres sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes; porque derramando ela este perfume sobre o meu corpo, fê-lo para a minha sepultura. Em verdade vos digo que onde quer que for pregado em todo o mundo este Evangelho, será também contado para memória sua, o que ela fez”.

(Mateus, XXVI, 6-13.)

“Quando iam de caminho, entrou ele em uma aldeia; e uma mulher chamada Marta hospedou-o. Esta tinha uma irmã chamada Maria, a qual, sentada aos pés de Jesus, ouvia o seu ensino. Marta, porém, andava preocupada com muito serviço; e chegando-se disse: Senhor, a ti não se te dá que minha irmã me tenha deixado só a servir? Dize-lhe, pois, que me ajude. Mas respondeu-lhe o Senhor: Marta, Marta, estás ansiosa e te ocupas com muitas coisas; entretanto poucas são necessárias, ou antes uma só; porque Maria escolheu a boa parte que não lhe será tirada”.

(Lucas, X, 38-42.)

“Logo depois andava Jesus pelas cidades e aldeias, pregando e anunciando as boas novas do Reino de Deus, e iam com ele os doze e algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades; Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demônios, Joana, mulher de Cusa, procurador de Herodes, Suzana e muitas outras, as quais o serviam com os seus bens”.

(Lucas, VIII, 1-3.)

“Era o dia da Parasceve (*), e ia começar o sábado. E as mulheres que tinham vindo da Galiléia com ele , seguindo a José, viram o túmulo e como o corpo de Jesus fora posto nele; voltando depois, prepararam aromas e bálsamos”.

(*Lucas, XXIII, 54-56.*)

“Maria, porém, estava junto à entrada do túmulo, chorando. E enquanto chorava, abaixou-se e olhou para dentro do túmulo, e viu dois anjos com vestes brancas, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira, outro aos pés. Eles lhe perguntaram: Mulher, porque choras? Respondeu ela: Porque tiraram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. Tendo dito isto, virou-se para trás e viu a Jesus em pé, mas sem saber que era ele. Perguntou-lhe Jesus: Mulher por que choras? A quem procuras? Ela supondo ser o jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria! Ela virando-se disse-lhe: Mestre! Disse-lhe Jesus: Não me toques; porque ainda não subi a meu Pai, mas vai a meus irmãos e dize-lhes que subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus. Maria Madalena foi contar aos discípulos: Vi o Senhor, e ele disse-me estas coisas!”

(*João, XX, 11-18.*)

Maria Madalena é a mulher de quem Jesus expeliu sete Espíritos maus. Cheia de gratidão pela graça que obtivera, vai à casa de Simão, sabendo que Jesus lá estava; sem se preocupar com a dignidade do fariseu, sem temer escândalos nem preconceitos, lança-se aos pés do divino Mestre e lhe oferece tudo o que tem: perfume, lágrimas, coração e Espírito! A extraordinária mulher não abandona mais o seu salvador: segue-o por toda parte acompanhada daquele préstito de

(*) *Parasceve: a sexta-feira, entre os judeus, dia em que eles se preparavam para celebrar o sábado. Na Liturgia Católica é a sexta-feira santa.*

mulheres que, como ela, haviam recebido graças e espalhavam sobre os passos do extraordinário Messias o eterno perfume das suas esperanças.

Lição profunda que precisa tornar-se conhecida para proveito de todos.

Não é só pela inteligência que o homem se eleva a Deus, mas também pelo coração, pelo sentimento.

O sentimento é a alma da virtude, é o motor das grandes ações.

É o sentimento que transforma e modela a alma; é ainda o sentimento que exprime todos os afetos puros, todas as gratidões imorredouras.

Tanto na mulher como no homem, o sentimento é a corda vibrátil das grandes emoções.

Platão, impulsionado pela palavra de Sócrates, põe de lado tudo o que é do mundo e com seu Mestre vai cultivar a beleza e a bondade, que sintetizam a sabedoria universal.

Madalena, arrebatada pelo amor de Jesus, renuncia aos gozos da Terra e segue os passos do galileu humilde, em sua alta missão de regeneração e redenção.

A palavra do moço da Galiléia, repassada de doçura, cheia de mansidão, a arrebatava, e com ele, inicia sua tarefa de caridade e de amor!

A doutrina Judaica, cheia de preconceito para com as mulheres, foi esmagada pelo brado do amor divino, pelo Verbo poderoso de Deus!

Libertador da mulher, Cristo outorgou-lhe a missão de amar e profetizar; revestiu-a das faculdades preciosas do Espírito para a realização do divino desiderato de unir ambos os mundos, ambas as Humanidades: a Humanidade que se arrasta na Terra, e a Humanidade que flutua nos Céus!

A história de Maria de Magdala é a história da reabilitação da mulher; para o cumprimento de seus deveres cristãos, Jesus não faz seleção de sexo em seus trabalhos missionários. Ao contrário, acerca-se das mulheres, que, mesmo sem que ele falasse, pressentiam, naquela eminente figura, o Messias prometido.

A intuição lhes dizia, no fundo da alma, que elas estavam diante do Filho de Deus.

Não era preciso que Jesus lhes demonstrasse sua individualidade, que fizesse milagres e prodígios para que cressem: elas adivinhavam. E é sem dúvida por esse motivo que o Mestre, na folga de seus trabalhos missionários, tinha prazer em descansar na Aldeia de Betânia, onde, com especialidade, se hospedava em casa de Marta, Maria e Lázaro. Era ali que ele se abria em suas consolações mais doces e que, em amenas palestras, falava da vida de além-túmulo, cujos ensinamentos não ousava ainda confiar a seus discípulos.

Nos tempos primitivos havia um grande desprezo pela mulher.

A mulher era um ser secundário, sem primazia intelectual, entretanto, não podiam deixar de reconhecer na mulher um instrumento suscetível às manifestações psíquicas.

Quer da manifestação dos fenômenos de animismo, quer nos fenômenos propriamente espíritas, o sexo feminino sobrepuja o chamado sexo forte; é mais passível, mais dócil, mais dotado de sensibilidade, e, pois, de mediunidade.

Segundo afirmam diversos observadores, dentre estes Pitres, um terço das mulheres é dotado de mediunidade, ao passo que no sexo masculino só um quinto de homens possui essa faculdade. (*)

Em 360 pessoas magnetizadas por Bertillon, 265 eram mulheres, 50 homens, e 45 meninos. De um estudo feito em 17.000 indivíduos, a um, a mulher representa percentagem mediúnica de 12 por cento, ao passo que o homem não excede a 7 por cento, quase a metade. Que quer dizer esta estatística, se não que as mulheres são mais suscetíveis às coisas divinas que os homens? Os sacerdotes das antigas religiões, que eram profundos no estudo da alma, compreendiam muito bem o poder da mulher como intermediária entre o mundo visível

e o invisível. E tanto isso é verdade que a mulher era escolhida para todos os fins de mediunidade.

O Oráculo de Delfos, tão famoso na História, era dirigido por sacerdotes, por homens, mas o exercício do mediunismo estava afeto às mulheres.

Entre os judeus, segundo refere o Velho Testamento, as mulheres mantinham relações com os Espíritos. Maria, irmã de Moisés, era profetiza, assim como Débora e Holda. No Endor, o Espírito de Samuel é evocado por uma mulher. Vemos no Novo Testamento que a profecia era exercida por mulheres, de preferência a homens.

O apóstolo Paulo chega a desligar e a adormecer a mediunidade de uma moça, que disso tirava proventos para seus senhores.

Na Galiléia e na Betânia, as mulheres mereciam mais confiança para a profecia do que os homens.

Por fim, os sacerdotes deliberaram destituir a mulher, privando-as das suas funções proféticas. É possível que daí se originasse o vestuário e a raspagem do rosto dos padres.

O grande criminalista César Lombroso dedica um capítulo do seu livro *Espiritismo e Hipnotismo* a este fato, em verdade digno de exame.

Por que o padre usa batina? Por que o padre não usa barba e bigode?

Mas não entremos nestas indagações; continuemos com nosso tema, que é a libertação da mulher das peias materiais.

Maria, de Betânia, é uma figura saliente no Evangelho; seu amor acendrado por Jesus faz dela a verdadeira mulher espiritual. Muitos escritores sacros exaltam o nome de Maria

(*) Não obstante, cumpre observar que a mediunidade existe em estado latente na quase totalidade das criaturas humanas, de ambos os sexos.

Madalena, e a própria Igreja chegou a santificá-la. São Modesto, grande prelado, diz que Madalena era a cabeça e diretora das pessoas de seu sexo, que iam após Jesus Cristo. No começo do século VIII, as Igrejas do Oriente e do Ocidente estabeleceram o culto a Madalena. Os religiosos gregos tributavam-lhe culto e a consideravam igual aos apóstolos.

De fato, a simpática figura, a quem dedicamos umas páginas do nosso livro, é digna da mais expressiva consideração e do mais acrisolado amor.

Se estudarmos a vida de Maria Madalena, veremos a extrema dedicação que ela votava a Jesus. O amor gentílico foi substituído, naquela criatura, pelo amor divino, e, por toda a parte ela segue, com rara abnegação, o seu salvador!

Em todos os passos dolorosos da vida do redentor, aparece Maria como o símbolo, a personificação da mulher espírita.

Arrastado ao calvário, Maria acompanha a Jesus: pregado este na cruz infamante, ela não o abandona: ajoelhada, de cabelos em desalinho, participa da agonia!

Jesus expira, lançam seu corpo num sepulcro; ela afasta-se, porque a isso é constrangida por soldados pretorianos; mas não se contém; enquanto uns fogem atemorizados e outros se escondem e temem, ela, a mulher extraordinária, não pensa em si mesma, não cogita dos males que lhe poderiam advir, mas prepara bálsamos perfumados e volta ao sepulcro para dar o seu testemunho de amor sincero àquele que lhe dera a vida da alma, deixando ver que, nem mesmo a morte tem poder para extinguir do seu espírito os sinceros afetos que devota a seu Mestre!

E foi então que, caminhando de um lado para outro, no paroxismo de sua dor, Maria é mais uma vez agraciada com a visão do seu Senhor, que, em voz maviosa chama-a pelo seu próprio nome: "Maria!"

Louca de júbilo, precipita-se aos pés de Jesus Espírito, e ele pede-lhe evitar o contato, porque não havia ainda dado conta ao Pai celestial da sua tarefa. Logo após, estando ela com outras santas mulheres, Jesus lhes aparece e dá-lhes a

recomendação: “Ide e dizei a meus irmãos que partam para a Galiléia, porque será lá que eles me verão”.

E na mesma tarde a mensagem tem o seu cumprimento: “Estando os onze reunidos, com as portas fechadas, viram Jesus entrar. Ele tomou o seu lugar entre eles, falou-lhes com doçura, increpando-os pela sua incredulidade, depois lhes disse: “Ide para Jerusalém, e não vos retireis de lá até que se cumpram os dias em que haveis de receber o Espírito, para depois sairdes por toda a parte a pregar o Evangelho”.

Enfim, Madalena é o espelho no qual as mulheres cristãs devem mirar-se para serem felizes não só nesta vida como também na outra.

O Espiritismo, salientando o papel que Madalena desempenhou no Cristianismo, vem concorrer para a libertação da mulher do fardo do mundo e do jugo das religiões sacerdotais. Vem garantir-lhe o direito do estudo, do livre-exame e até do apostolado.

É no trabalho espírita, porque não lhe faltam dons, que a mulher pode progredir com maior facilidade; é pelo estudo e pela instrução que ela se libertará do preconceito e das modas nefastas que a deprimem, tornando-a fator da concupiscência e da sensualidade.

O mundo se transforma; a mulher precisa renovar-se no Espírito do Cristo!

Dotada de sensibilidade e receptividade para as revelações do além, ela deve tornar-se dócil, estudar, instruir-se, para libertar-se do jugo da Igreja, e, consciente de seus deveres e de seus dons, auxiliar a obra de espiritualização, sob o influxo do Espírito da Verdade, encarregado de realizar, na Terra, o Reino de Deus.

MONOGENIA DIABÓLICA

“Estava Jesus expelindo um demônio, e era este mudo; e tendo saído o demônio, falou o mudo, e maravilhou-se a multidão; mas alguns deles disseram: É por Belzebu, príncipe dos demônios, que ele expele os demônios; outros, para o experimentarem, pediam um sinal no céu. Ele, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo o reino dividido contra si mesmo será desolado, e cairá uma casa sobre outra. Também se Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Pois dizeis que expulso os demônios por Belzebu. Se expulso os demônios por Belzebu, por quem os expellem os vossos filhos? Por isso eles mesmo serão os vossos juízes. Mas se pelo dedo de Deus expulso os demônios, logo é chegado a vós o Reino de Deus. Quando o homem valente, bem armado, guardar a sua casa, os seus bens estarão seguros; mas quando sobrevier outro mais valente e o vencer, tirar-lhe-á toda a armadura em que confiava e repartirá os seus despojos. Quem não é por mim, é contra mim, e quem comigo não ajunta, espalha”.

(Lucas, XI, 14-23.)

As Doutrinas Romana e Protestante, não há negar, constituem edição aumentada e ilustrada da religião Judaica. Seus pontos de contato são tão frisantes, mormente no que se refere à Romana, seus sistemas tão salientes, que pode-se afirmar sem medo de errar, são elas um prolongamento do Judaísmo.

A construção filosófica que serve de base à Doutrina Judaica pouco difere da que orienta os asseclas do Romanismo e do Protestantismo.

O espírito de orgulho não se salienta mais naquela do que nestes; as estultas pretensões de posse da verdade absoluta, mantidas pelos sacerdotes judeus, caracteriza hoje os padres e pastores; a ambição do poder, que forçava o sacerdócio hebreu a adorar a César, verifica-se nos sacerdotes de Roma, que se aliam e dão a sua sanção moral aos governos pouco dignos, aos grandes, embora sejam estes ladravazes e corruptos.

A *moeda de César*, com que o fariseu tentou a Jesus, predomina no clero de Roma.

O egoísmo de seita não se traduz mais à letra do Judaísmo que à *letra e ao espírito* do Catolicismo.

Se o Romanismo não tivesse aperfeiçoado as exterioridades e os ritos do seu culto, sua doutrina seria o *fac-símile* daquela que condenou Jesus como um ser desequilibrado e demoníaco!

Outra coisa digna de nota no Romanismo, e no que sobrepuja o Judaísmo, são as pompas e o fausto de que se reveste.

Nunca se viu, em todas as épocas, sacerdócio mais amigo de grandezas, de ouro, de pedrarias, de púrpura, de brocado, de lentejoulas, de dourados, de prateados, de diamantes, de safiras, de esmeraldas, de topázios, de rubis, coroas, de diademas, de ornatos; de palácios, de palacetes, de monumentos luxuosamente ornamentados, como aqueles em que ministram os sacerdotes da religião de Roma! As pompas, as cerimônias, as solenidades, as festas e festanças, os festins e festividades com que o Romanismo agita os povos, cidades, vilas e aldeias, ultrapassam todas as cerimônias e pompas do Judaísmo, tão condenadas pelo Cristo, ultrapassam mesmo – duro é dizê-lo, mas ninguém o pode contestar – as festas do boi Ápis dos egípcios, as bacanais gregas, as saturnais romanas, as festas de Cibele e a dos doidos da Idade Média!

Se por outro lado passarmos em revista o dogmatismo feroz com que o Judaísmo mantinha escravizado o povo inteiro, não deixaremos de verificar que na sinagoga, ainda havia um raio de tolerância que permitia o confronto das

Escrituras, ao passo que na Igreja nada mais se ouve que o duro e monótono ritual, que não afeta a inteligência nem toca o sentimento!

Satanás e Inferno eterno, figuras salientes do Judaísmo, ajustaram-se perfeitamente ao Romanismo e Protestantismo, estendendo ainda mais a sua ação!

As preces pagãs, condenadas nos Evangelhos, constituem fonte de renda para a Igreja, e os sacramentos, habilmente revistos, foram revestidos de pompas que proporcionaram propinas vantajosas às finanças religiosas de Roma. O Hades dos gregos e a Geena dos judeus foram transformados em Inferno, Purgatório, Limbo, e o “Reino dos Céus”, que o Mestre disse *achar-se em nós*, foi deslocado para *além do firmamento*, e só têm direito à entrada aqueles que levarem ingresso do *representante* de S. Pedro!

O Código Penal e o Código Civil do Judaísmo também passaram por uma inteligente revisão, sendo-lhe acrescentados direitos e ordenações atenuantes e parágrafos agravantes. A indulgência, as promessas, os óbulos não foram esquecidos para consubstanciar a vida do Romanismo e fortificar o seu poder.

É quase que absoluta a paridade existente entre o Romanismo e o Judaísmo. O Catolicismo é, pois, uma ramificação, ou seja, um complemento ilustrado do farisaísmo, e por constituição monogênica, após sucessivos crescimentos, se apresenta tal como o ser que lhe deu origem, com a simples diferença do progresso realizado devido às influências do meio e do tempo.

Seus pontos de contato são tão frisantes, seus sistemas tão salientes, suas práticas tão semelhantes, que não é para admirar tenha o Catolicismo repellido o Espiritismo, pelo mesmo motivo pelo qual o Judaísmo repeliu o Cristianismo, e, usando até na impugnação, a mesma proposição atirada à face do Cristo Jesus: “É por Belzebu que ele expele os demônios”.

Mas é chegado o tempo de brilhar a luz: e assim como desapareceram da Terra o *iguanodonte*, e o *megalossauro*, o

Catolicismo, como o Judaísmo, semelhante a múmias, relembram um passado de ignorância e de atraso, servirão como padrões a lembrar essas gerações incultas, amortalhadas na noite dos tempos.

Quanto a Satanás e Belzebu, pedimos ao leitor consulte nosso livro *O Diabo e a Igreja* em Face do Cristianismo.

EXPLOÇÃO DE MEDIUNIDADE

“Quando o homem valente, bem armado, guardar a sua casa, os seus bens estarão seguros; mas quando sobrevier outro mais valente do que ele e o vencer, tirar-lhe-á toda a armadura em que confiava e repartirá os seus despojos.

(Lucas, XI, 21-22.)

Parece-nos chegado o tempo de o Espiritismo reivindicar os seus direitos alienados pelas seitas parasitárias, que têm mantido a ignorância das massas e entravado o progresso da Humanidade.

Cremos que essa manifestação, mesmo em seus primórdios, será o grande acontecimento do século, assinalando uma nova etapa de progresso espiritual para os povos e as nações.

A explosão da mediunidade assinalada nas Escrituras, como grande fator das manifestações espíritas não só entre crentes mas entre descrentes, não deixará de realizar-se, e o tempo vem próximo em que os religiosos de todas as religiões, católicos, protestantes, muçulmanos, budistas, ocultistas ou teosofistas, até mesmo judeus intransigentes, ver-se-ão forçados a procurar a verdade, que se lhes descortinará inteira.

“Enquanto o homem valente, bem armado, guarda a sua casa, seus bens estão seguros: mas quando sobrevém outro mais valente do que ele e o vence, tira-lhe toda a armadura em que confiava e reparte os seus despojos”.

Esta doutrina, em seu cumprimento, realizará, sem dúvida, o mais alto desiderato espírita, solucionando a questão religiosa obscurecida pelos mercadores da fé e pelo menos-prezo das gentes para com as coisas espirituais.

A mediunidade, que existe em estado latente em quase todas as criaturas humanas, terá a sua manifestação espontânea,

e então, sobrevivendo uma nova luz, luz que tem sido vedada pela classe sacerdotal, a sociedade desenvolver-se-á pelos sentimentos afetivos e fraternais de auxílio recíproco, que a comunicação do Espírito lhe facultará.

O momento atual denuncia uma ação decisiva do Alto para resolver o problema, não dizemos da unificação das crenças, mas da *unificação dos crentes* sob as sólidas bases da verdadeira fraternidade. (*)

Falamos desiludidos da *unificação das crenças*, pois é impossível que os guardas fiéis da fé avoenga, presos como estão aos interesses do mundo, possam render-se mesmo à evidência da palavra viva.

A resolução desse problema vital não está afeta ao homem; é obra do Céu e o Céu em todos os momentos difíceis da Humanidade tem feito sentir a sua ação, por vezes de modo violento, o que não é dado ao homem prever.

Não há dúvidas de que atravessamos um momento crítico. Em seu Sermão Profético, Jesus, após ter assinalado os pródromos da “grande tribulação” que precederia a sua vinda, lembra, com a Parábola da Figueira, o advento do Reinado de Deus, que virá substituir o Reinado Sacerdotal, transformando por completo a face moral e espiritual do planeta.

A explosão da mediunidade, cujos elementos já se fazem notar em todos os lares, e ainda mais dentro das igrejas, repetimos, vai ser o acontecimento sensacional do século; a profecia de Joel, repetida por Pedro no Cenáculo de Jerusalém, verá a sua ampla realização, pois, diz o Senhor:

“Nos últimos dias derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos mancebos terão visões e os vossos velhos sonharão sonhos”.

(*) É o que atualmente se vem cumprindo (1976).

SALVAÇÃO PELA FÉ

“E disseram os apóstolos ao Senhor: Aumenta-nos a fé. O Senhor respondeu: Se tivésseis fé como um grão de mostrada, diríeis a este sicômoro: arranca-te e transplanta-te no mar; e ele vos obedeceria. Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou guardando gado, quando ele voltar do campo lhe dirá: Vem já sentar-te à mesa; e que antes não lhe dirá: Prepara-me a ceia e cinge-te e serve-me, enquanto como e bebo; e depois comerás tu e beberás? Porventura, agradecerá ao servo por ter este feito o que lhe havia ordenado?”

(Lucas, XVII, 5-9.)

A fé é o maior tesouro da alma.

A fé é o grande ascensor, é a luz que ilumina os nossos destinos, enriquece a nossa inteligência e exalta o nosso coração. A fé é o emblema da perfeição, é a insígnia do poder.

Por isso disse Jesus a seus discípulos: “Se tivéssemos fé do tamanho de uma semente de mostarda, diríeis a este sicômoro: transplanta-te no mar, e ele vos obedeceria”.

A fé transplanta sicômoros e transporta montanhas.

A fé é um cabedal que valoriza a alma, como o ouro segundo o mundo, valoriza o homem.

Na esfera material o homem vale pelo que tem.

Na esfera espiritual cada um vale pela fé que possui.

Assim como acontece no mundo material, acontece no mundo moral e psíquico.

No mundo terreno aparecem os haveres terrenos; no mundo dos Espíritos, os haveres intelectuais e espirituais.

Para se possuir legalmente haveres da Terra, é indispensável o trabalho, o raciocínio, o esforço.

Para se adquirir a verdadeira fé, haver maior que todos os haveres da Terra, também é indispensável o trabalho, o raciocínio, o estudo, o esforço.

A prosperidade, quando não vem do latrocínio, do dolo, é produto do esforço do trabalho. A prosperidade espiritual é uma conquista do Espírito humano.

Os haveres materiais se resumem no dinheiro; os haveres espirituais se caracterizam pela firmeza da fé, que motiva e sustenta a crença.

A fé, por isso mesmo, é o tesouro que sustenta as finanças da esperança e da caridade.

O dinheiro facilita o bem estar físico.

A fé felicita o homem, não só espiritualmente, como também fisicamente.

Mas, assim como o dinheiro não se ganha sem o trabalho honesto, para que ele seja bem ganho, a fé não se adquire sem grande esforço.

Que disse o Mestre, quando os discípulos lhe pediam lhes aumentasse a fé?

“Eu não posso dizer que vos senteis já à mesa e que comais. Trabalhai primeiramente: preparai a ceia, isto é, trabalhai; cingi-vos, ou seja, ilustrai-vos; servi-me para aprenderdes a fazer o que eu desejo”.

A fé não se compra nos templos de mercadores, nem nas feiras; não se dá por esmola, nem se adquire por herança.

As graças caem dos Céus, como as chuvas; a esperança brilha longínqua como um astro perdido no espaço infinito; a caridade aquece, vivifica; ilumina e ampara como o Sol, mas a fé só se obtém pelo cumprimento dos mais sagrados deveres, e especialmente, pela aquisição de conhecimentos, pois di-lo Allan Kardec: “Fé verdadeira é a que pode encarar a razão face a face, em qualquer época da Humanidade”. É a “fé racional” que o Espiritismo proporciona.

A fé é substância, como substância é a semente de mostarda.

Todas as graças tem Deus concedido aos homens, menos a fé! Por isso se vê em todas as religiões e todos os religiosos dessas religiões dotados de dons, a nos cativarem pela bondade, nos maravilharem por sua paciência, nos atraírem por sua caridade. Entretanto, em todas as religiões e entre todos os religiosos dessas religiões, notamos logo a ausência da fé.

E por que assim acontece?

Porque a fé não se adquire sem estudo, sem trabalho, sem o exame-livre, sem o exercício do livre arbítrio. E as religiões e os religiosos, em matéria de livre-exame, de livre-arbítrio para o estudo, são como os cegos em face da luz, são como os surdos em relação aos sons; por isso não têm fé.

Quem lhes cega o entendimento?

O dogma, o orgulho de saber, o espírito preconcebido.

Quem lhes aferroa os ouvidos?

Onde há presunção de sabedoria, dogma, não há fé, porque o dogma se mascara com a túnica da fé e toma, usurpa o lugar da fé.

Poderosa é a fé para combater o dogma, assim como transporta montanhas e transplanta sicômoros; mas a fé não se impõe pela força, a cada um foi dada a liberdade de abater o dogma, remover essa pedra que sepulta a alma humana.

Quando o Senhor proporcionou a recuperação de Lázaro, fê-lo com a condição de os homens removerem a pedra do sepulcro.

A fé não cabe num sepulcro com lápide.

Pediram os apóstolos ao Senhor: “Aumentar-lhes a fé”.

Que fez o Senhor?

Propôs-lhes a parábola:

“Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura, ou guardando gado, lhe dirá quando ele voltar do campo: Vem já sentar-te à minha mesa; e que antes não lhe dirá: prepara-me

a ceia, cinge-te, serve-me enquanto eu como e bebo; e depois comerás tu e beberás?”

A fé é comida. A fé é bebida. E assim como comer e o beber não se obtêm sem o adquirir e o fazer, também a fé não se conquista sem a aplicação de meios adequados à sua obtenção.

A fé é a sabedoria consubstanciada no amor que nos conduz a Deus. Esta é a fé que salva!

PROVAS DA IMORTALIDADE QUE JESUS DEU A SEUS DISCÍPULOS

“Nesse mesmo dia, dois dentre eles caminhavam para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios, conversando ambos de tudo quanto se tinha passado. E aconteceu que quando eles falavam e conferenciavam a seu respeito, Jesus veio unir-se a eles e caminhava ao lado deles, mas seus olhos estavam como que fechados, a fim de que eles não pudessem reconhecê-lo. Ele lhes disse: Sobre o que conversais e por que estais tristes?

“Um deles, chamado Cleofas, tomando a palavra lhe disse: Sois tão estrangeiro em Jerusalém que não sabeis o que se tem passado ali naqueles dias? O que? lhes disse ele. Eles responderam: Sobre Jesus Nazareno, que foi profeta poderoso diante de Deus e de todo o povo, e de que modo os principais do sacerdotes e os nossos senadores o entregaram para ser condenados à morte e o crucificaram. Ora, esperássemos que fosse ele quem resgatasse Israel, e, entretanto, depois de tudo isto, eis já o terceiro dia que estas coisas sucederam. Por outro lado certas mulheres, das que conosco estavam, nos encheram de pasmo, tendo ido de madrugada ao túmulo; e não havendo achado o seu corpo, voltaram, declarando que tinham visto anjos, os quais diziam estar ele vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo, e acharam que era assim como as mulheres haviam dito, mas não o viram. Então ele lhes disse: Ó insensatos e tardios de coração, para crer em tudo quanto os profetas disseram! Não era preciso que o Cristo sofresse todas as coisas e que entrasse assim na sua glória? E começando por Moisés e depois por todos os profetas, ele lhes explicava o que tinham

dele dito as Escrituras. E quando estavam perto da aldeia para onde iam, ele deu mostra de que ia mais longe – mas eles o forçaram a parar, dizendo: ficai conosco, porque é tarde e o dia está na sua declinação; e entrou para ficar com eles.

“Estando com eles à mesa, tomou o pão, abençoou, e tendo partido, lhes deu.

“Ao mesmo tempo se lhes abriram os olhos e eles o reconheceram; mas ele desapareceu diante deles. Então disseram um ao outro: Não é verdade que sentíamos abrasar-se-nos o coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?

“Levantando-se no mesmo instante, voltaram para Jerusalém, e acharam juntos os onze apóstolos e os que com eles estavam reunidos, os quais diziam: É verdade que o senhor ressuscitou e apareceu a Simão? “E os dois contaram também o que lhes havia acontecido em caminho e como reconheceram Jesus no partir do pão.

“Enquanto assim conversavam, Jesus apresentou-se no meio deles e lhes disse: A paz esteja convosco; sou eu, não temais. Mas na perturbação e espanto de que se achavam possuídos, eles julgavam ver um Espírito.

“E Jesus lhes disse: Por que vos perturbais? E por que se sugerem tantos pensamentos em vossos corações? Olhai para as minhas mãos e para os meus pés e reconhecei que sou eu mesmo; tocai-me, e considerai que um Espírito não tem carne nem osso, como vedes que eu tenho.

“Depois de ter dito isso, mostrou-lhe as mãos e os pés. Mas como não acreditavam ainda tão cheios estavam de alegria e admiração, ele lhes perguntou:

“Tendes aqui alguma coisa que se coma? Eles lhe apresentaram uma posta de peixe e um favo de mel. Comendo Jesus diante deles tomou o resto, lhes deu e disse-lhes: Eis o que eu vos dizia quando ainda estava convosco; que era necessário que tudo quanto estivesse na lei de Moisés, nos profetas, nos Salmos, se realizasse. Ao mesmo tempo lhes abriu o espírito a fim de que entendessem as Escrituras e disse:

é assim que está escrito e é assim que era preciso que o Cristo sofresse, e que ressuscitasse dentre os mortos, no terceiro dia, e que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados em todas as nações, principiando de Jerusalém. Ora vós sois testemunhas destas coisas. E eu vou enviar-vos o dom de meu Pai que vos tem sido prometido; entretanto, demorai na cidade até que sejais revestidos da força lá do Alto".

(Lucas, XXIV, 13-49.)

Magnífica narrativa! Quem poderá negar-lhe a veracidade e o sucesso que causou aos povos daquele tempo tão estupenda manifestação?

Era passado o sábado gordo, o Sol brilhava no firmamento em caminho do poente; caminhavam dois homens em busca de Emaús, e no caminhar iam lembrando as cenas sangüinolentas verificadas no Gólgota; a morte do inocente, a tirania de Herodes, o servilismo de Pilatôs, Anás e Caifás, os sumos sacerdotes; a degradação e a indiferença de uns e a malevolência de outros; a perversão da opinião pública que preferiu Barrabás a Cristo! Caminhavam sob a impressão pungente da morte dolorosa que se dera àquele em que eles viam a redenção de Israel, quando Jesus redivivo lhes aparece, com eles conversa e, censurando a insensatez com que interpretavam as Escrituras, acompanha-os e se lhes mostra, no partir do pão, quando se achavam prontos para a ceia!

"Insensatos e tardos de coração" – embora discípulos do nazareno – não podiam, sem que se lhes abrisse o entendimento, compreender as verdades reveladas pelos profetas ou médiuns, precursores da boa nova cristã.

Mas a crença na verdade não os havia ainda libertado do erro; voltaram os dois para Jerusalém, onde se uniram aos onze apóstolos e ao narrarem a aparição do Senhor a Simão, e como o reconheceram a partir do pão, eis que Jesus no meio deles se apresenta, envolvendo-os nos eflúvios de sua paz: *Pax vobis; ego sum, nolite timere*. Paz seja convosco: sou eu, não temais.

Julgando ver um ser impalpável, idêntico aos Espíritos de diversas categorias que, é certo, tinham visto muitas vezes, assustaram-se, mas Jesus, que *já tinha subido ao Pai* e do Supremo Criador recebera a palavra, segundo a qual deveria tornar-se não somente visível, mas ainda tangível àqueles que deviam secundar os seus pés, ordena-lhes que o toquem e considerem que “os Espíritos que lhes têm aparecido não são de carne e osso”.

Era mesmo difícil aos futuros apóstolos do Cristianismo acreditarem na materialização de Espíritos, fato que, provavelmente, até aquele momento somente três dentre eles haviam observado.

O amado Filho de Deus não se agasta com a falta de compreensão dos doze e prefere dar-lhes provas convincentes da verdade anunciada: *Tendes aqui alguma coisa que se coma? Eles apresentaram-lhe uma posta de peixe e um favo de mel, e Jesus comeu diante deles.*

Destarte ficaram preparados para receber o DOM que lhes fora prometido, ordenando-lhes o Mestre que *demorassem na cidade até que fossem revestidos da força do Alto.*

O fogo de Pentecostes ainda não tinha baixado do Céu, mas o cumprimento da profecia de Joel ia ter o seu início.

Os apóstolos precisavam receber o batismo de fogo do amor de Deus; no Cenáculo ia ter lugar a mais importante sessão espírita que a História relembra. Os médiuns de variedades de línguas, de prodígios, de maravilhas iam ser desenvolvidos e os DONS *da cura, da fé, da palavra, da escrita, da ciência, de discernir os Espíritos* iam ser concedidos aos discípulos para o exercício de sua elevada missão.

A EXPLOÇÃO DE PENTECOSTES

“Então os levou até Betânia e, levantando as mãos, os abençoou. E enquanto os abençoava, apartou-se deles e foi elevado ao céu. Eles, tendo-o adorado, voltaram para Jerusalém com grande gozo; estavam continuamente no templo bendizendo a Deus”.

(Lucas, XXIV, 50-53.)

“Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar, e, de repente, veio do Céu um ruído como de vento impetuoso que encheu toda a casa onde estavam sentados e lhes apareceram umas como línguas de fogo, as quais se distribuíram, para repousar sobre cada um deles, e todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem”.

(Queira o leitor ter a bondade de consultar o Novo Testamento e ler todo o capítulo, que deixamos de transcrever devido à sua extensão.)

(Atos dos Apóstolos, II.)

Tendo Jesus conduzido seus discípulos para Betânia, abençoou-os e deles se separou.

Narra o evangelista Lucas que, depois de terem os apóstolos prestado ao divino nazareno o culto de gratidão pelo muito amor que o Mestre lhes votara, voltaram para Jerusalém, cheios de alegria e constantemente se achavam no templo louvando e bendizendo a Deus.

Preparavam-se certamente os discípulos do redivivo para receberem o poder do Alto, poder que lhes havia sido prometido, para o desempenho de sua missão.

De modo que, concentrados pelo espírito de oração e meditação nas coisas divinas, tornaram-se aptos para assimilarem o Espírito em suas mais portentosas manifestações.

Cumpriu-se o dia de Pentecostes – todos estavam concordemente reunidos, quando, de repente, veio do Céu um som, como de um vento veemente e impetuoso e encheu toda a casa em que se achavam. E por eles foram vistas como que línguas de fogo, que pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram cheios de Espírito e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.

Em Jerusalém habitavam judeus e varões religiosos de todas as nações.

Correndo aquela voz, ajuntou-se a multidão e estava confusa porque cada um os ouvia falar em sua própria língua. E todos pasmaram e se maravilharam, dizendo uns aos outros: “Não são galileus todos estes homens que estão falando? Como, pois, ouvimos cada um na nossa própria língua?”

O *dom das línguas*, o *dom de curar*, o *dom das maravilhas*, o *dom da Ciência*, todas as graças tinham sido dispensadas aos continuadores da missão de Jesus; eram eles os intermediários (*médiuns*) dos Espíritos santificados, para que a doutrina fosse a todos transmitida!

A sessão realizada no Cenáculo foi assistida por partos, medos, elamitas e os que habitavam a Mesopotâmia, a Judéia, a Capadócia, o Ponto, a Ásia, a Frígia, a Pantília, o Egito, e partes da Líbia junto de Cirene e forasteiros romanos, tanto judeus como cretenses, árabes; todos ouviram e observaram as maravilhas do invisível!

Mas, uma assembléia pública composta de homens de diferentes condições e moralidade, não pode ter opinião uníssona. Daí o fato de uns atribuírem os fenômenos à embriaguez dos apóstolos; outros não tomavam a sério os fatos e blasonavam.

Foi nessa ocasião que o apóstolo Pedro levantou-se e esclareceu:

“Estes homens não estão embriagados, mas é o que foi dito por Joel: Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda a carne, os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, os vossos velhos terão sonho”.

“Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado (com o batismo do Espírito) e recebereis o dom do Espírito Santo, porque a promessa vos pertence, aos vossos filhos e a todos os que estão longe, a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar”.

E assim realizou-se, sob a direção suprema de Jesus, a sessão para o desenvolvimento dos médiuns, que deveriam transmitir a seus irmãos da Terra, a palavra do Céu.

Pentecostes foi a palavra que escolheram para exprimir tão notável acontecimento. Deriva do grego *Pentekosté* e significa “qüinquagésimo”, ou seja, 50 dias.

De dois *Pentecostes* nos fala a História: *Pentecostes dos judeus* e *Pentecostes dos cristãos*: o primeiro é uma glorificação do Antigo Testamento, o segundo, do Testamento Novo.

A festa judaica de Pentecostes era celebrada para relembrar o dia em que Moisés recebera as Tábuas da Lei, os mandamentos do Sinai.

A recepção do Decálogo efetuou-se justamente cinquenta dias depois dos israelitas comerem o Cordeiro Pascoal, já libertados da escravidão do Egito.

A festa cristã de Pentecostes é celebrada cinquenta dias depois da ressurreição de Jesus Cristo.

Que coincidente relação parece existir entre uma e outra festa!

Os judeus festejavam a sua libertação do jugo do Faraó e dos egípcios; os cristãos festejavam a sua libertação do jugo das trevas da morte pelas aparições de Jesus Cristo e o concurso de seus prepostos do mundo espiritual.

Além disso, outra coisa admirável se observa entre o Pentecostes cristão e o do Antigo Testamento; um e outro

celebram a promulgação da lei divina; cinqüenta dias depois do maravilhoso livramento do povo judeu. Deus dá a Sua lei a Moisés, no Monte Sinai; e cinqüenta dias depois da mais pujante prova de vida eterna, que o maior de todos os Espíritos dá à Humanidade para o seu livramento dos grilhões da morte, desce o Espírito Santo sobre os discípulos do nazareno, e, sobre a pedra fundamental da Revelação, ergue a Igreja viva que deveria transmitir à Terra os ensinamentos do Céu!

O VERBO DE DEUS

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Tudo foi feito por Ele, e nada de que tem sido feito foi feito sem Ele. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e contra ela as trevas não prevaleceram. Houve um homem enviado por Deus, e chamava-se João; este veio como testemunha para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. Havia a verdadeira luz que, vinda ao mundo, alumia a todo homem. Ele estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas a todos que o receberam, aos que crêem em seu nome, deu Ele o direito de se tornarem filhos de Deus: os quais não nasceram do sangue nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas sim de Deus. O Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do Filho Unigênito do Pai; João deu testemunho dele e clamou dizendo:

“Este é o de quem falei: Aquele que há de vir depois de mim, tem passado adiante de mim, porque existia antes de mim. Pois todos nós recebemos da sua plenitude, e graça sobre graça: porque a lei foi dada por intermédio de Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. Ninguém jamais viu a Deus; o Filho Unigênito que está no seio do Pai, esse o revelou”.

(João, I, 1-18.)

O Verbo de Deus é a causa eficiente de todas as coisas.

“Tudo foi feito por ele; e nada do que tem sido feito foi feito sem ele”.

Ele estava no Espírito de Jesus, a vida que era a luz dos homens. A luz resplandeceu nas trevas, e contra elas as trevas não prevaleceram, porque a luz rebrilhou além do túmulo quanto os homens a julgaram extinta.

Houve um homem, João Batista, que, sendo o maior dos profetas, teve a missão de dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por seu intermédio.

João não era a luz, porque a luz só estava na vida; o Espírito de Jesus era a vida; João só veio para testificá-lo: havia a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, alumia a todo homem.

O Cristo estava no mundo, o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas a todos os que o receberam, deu Ele o direito de se tornarem filhos de Deus: os quais não nasceram do sangue, nem da vontade do homem, mas sim de Deus.

O Verbo se fez carne, viveu com um corpo humano, habitou entre nós, cheio de graça, de poder, de verdade; o Verbo com a luz afugentou as trevas; com a vida aniquilou e venceu a morte, fazendo-se o caminho sem trevas e sem morte para subir ao Pai; vimos a sua glória, glória como a do Unigênito de Deus porque nenhum outro, senão Jesus, sacrário do Verbo de Deus, desempenhou missão igual.

João Batista deu testemunho de Jesus Cristo, dizendo: “Este é o de quem falei: Aquele que há de vir depois de mim, tem passado adiante de mim, é mais adiantado do que eu, porque já existia antes de mim; o seu Espírito é primogênito do Pai, com relação a este mundo, que já é uma construção sua. Pois todos nós recebemos da sua graça porque somos seus súditos. Ele é o governador da Terra”.

A lei foi dada por intermédio de Moisés, que foi o médium encarregado de receber a lei, para reger o povo hebreu, que se achava sob a sua direção; mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo, porque só Ele foi portador do Verbo de Deus, que é a graça e, ao mesmo tempo, a verdade; por isso Jesus é a verdade. Ninguém jamais viu a Deus, porque Deus não

se revelou pessoalmente ao mundo, mas unicamente pelo seu Verbo; esse o revelou; por isso o Verbo “era Deus”.

Jesus é o caminho, a verdade, a vida; o sal da Terra, a luz dos homens; só por Ele subiremos ao Pai; tudo isso o Verbo de Deus disse e João Batista o testificou.

O BATISMO DE JESUS E O BATISMO DAS IGREJAS

“E disse-lhes Jesus: Ide; por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura. O que crer e for batizado será salvo; mas o que não crer será condenado”.

(Marcos, XVI, 15-16.)

Naqueles dias Jesus veio de Nazaré da Galiléia, e por João foi batizado no Jordão. Logo ao sair da água, viu os Céus abrirem-se e o Espírito Santo, como pomba, descer sobre ele; e ouviu-se uma voz dos Céus: Tu és o meu filho dileto, em ti me agrado”.

(Marcos, I, 9-11.)

“Depois veio Jesus da Galiléia ao Jordão ter com João para ser batizado por ele. Mas João objetava-lhe: Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim? Respondeu-lhe Jesus: Deixa por agora; porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele anuiu. E batizado que foi Jesus, saiu logo da água; e eis que se abriram os Céus e viu o Espírito de Deus descer como pomba e vir sobre ele; e uma voz dos Céus disse: Este é o meu filho dileto, em quem me agrado”.

(Mateus, III, 13-17.)

“Quando todo o povo havia recebido o batismo, tendo sido Jesus também batizado e estando a orar, o Céu abriu-se e o Espírito Santo desceu como pomba sobre ele em forma corpórea, e veio uma voz do Céu: Tu és o meu filho dileto e em ti me agrado”.

(Lucas, III, 21-22.)

“No dia seguinte viu João a Jesus que vinha para ele, e disse: Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! Este é o mesmo de quem eu disse: Depois de mim há de vir um homem que tem passado adiante de mim porque existia antes de mim. Eu não o conhecia, mas para que ele fosse manifestado a Israel, é que eu vim batizar com água. E João deu testemunho dizendo: Vi o Espírito descer do Céu como pomba, e permaneceu sobre ele. Eu não o conhecia, mas o que me enviou a batizar com água, disse-lhe: Aquele sobre quem vires descer o Espírito e ficar sobre ele, esse é o que batiza com o Espírito Santo. E eu tenho visto e testificado que ele é Filho de Deus”.

(João, I, 29-34.)

Não basta ler os Evangelhos, é preciso estudá-los. Os que se limitam a uma simples leitura dos Evangelhos não têm o direito de citá-los para fazerem prevalecer suas idéias preconcebidas.

Quantos Evangelhos foram escritos para fazer um Evangelho?

Quatro: Evangelho segundo Mateus, segundo Marcos, segundo Lucas e segundo João, sem enumerar as cartas apostólicas dirigidas às diversas igrejas existentes naquele tempo.

Não se pode, portanto, limitar a interpretação da palavra a um Evangelho; é preciso pôr todos eles em confronto, e, além de tudo, é indispensável buscar na letra dos Evangelhos o espírito que vivifica.

Pelo que se depreende da leitura dos quatro Evangelhos, com referência ao batismo, ficamos compreendendo que esta expressão – batismo – tem uma significação muito diferente daquela que as igrejas lhe deram.

Examinemos detidamente os quatro evangelistas. Marcos limita-se a dizer que Jesus foi batizado por João no Rio Jordão e que dissera a seus discípulos que fossem por todo o mundo, pregassem o Evangelho a toda criatura; o que cresse e fosse batizado seria salvo, mas o que não cresse seria condenado.

Mateus diz que Jesus fez questão de receber o batismo de João, e acrescenta que, ao sair Jesus da água, o povo que estava presente ouviu uma voz que disse: “Este é o meu Filho dileto”; e que essa voz vinha dos Céus. Diz mais o trecho que “VIU os Céus abrirem-se e o Espírito, como pomba, descer sobre ele”.

Aquele OUVIU-SE, do texto, comparado como o VIU, indica bem claramente que foram muitos os que *ouviram*, mas um só *viu*. O leitor verá mais adiante que a manifestação *visual* atingiu unicamente a João Batista, ao passo que a *auditiva*, atingiu a todos que estavam por essa ocasião no Jordão.

Este ponto é importante para a boa interpretação.

Lucas diz somente que: tendo o povo recebido o Batismo de João, Jesus também o recebeu.

João não diz que Jesus houvesse recebido o batismo de João, mas parece esclarecer bem o fim do encontro que o Mestre teve com o Batista:

Eu não o conhecia, mas para que ele fosse manifestado a Israel, é que eu vim batizar com água. Eu não o conhecia, mas o que me enviou a batizar com água, disse-me: Aquele sobre quem vires descer o Espírito e ficar sobre ele, esse é o que batiza com o Espírito Santo. Eu tenho visto e testificado que esse é o Filho de Deus.

O texto, por si só, é tão claro que dispensa qualquer interpretação. Até justifica plenamente o motivo por que João fora batizar.

O evangelista nada diz sobre a recepção do batismo por Jesus, ou de Jesus ter sido batizado por João. Será possível que este evangelista, que acompanhava todos os passos de seu Mestre amado, silenciasse sobre o batismo, ponto que, ao ver das igrejas, é o mais importante, se de fato Jesus tivesse sido batizado por João?

Em face dos Evangelhos, pode-se afirmar peremptoriamente que o Batista batizou a Jesus?

Mas nós sabemos que esse ato se realizou, visto Mateus tê-lo afirmado; o motivo principal, entretanto, não se prende

ao *batismo-sacramento*, mas sim à pregação do Cristo, à manifestação de Jesus, como veremos.

Jesus, diz Mateus, apresentou-se a João para receber o seu batismo.

Mas com que fim? Será que o Espírito mais puro que veio à Terra ter-se-ia maculado, de modo a necessitar lavar-se dessas manchas? E julgava João ter o seu batismo virtude superior a do Cordeiro de Deus, como ele o chamou?

Está claro que, sendo Jesus limpo e puro, não poderia pedir asseio nem pureza a uma água como a do Jordão.

Os padres e ministros, afeitos ao batismo, dizem que Jesus assim procedeu para dar exemplo. Mas exemplo de quê? No Evangelho nada consta dessa lição de exemplo. Exemplo de submissão? Mas João Batista era o primeiro a dizer que seu batismo nenhum valor tinha, e que o fim a que foi destinada essa “prática” não foi outro que o de ficar conhecendo a Jesus e manifestá-lo, apresentá-lo às multidões.

Jesus não quis dar exemplo de espécie alguma, mas o seu fim foi dar-se a conhecer a João, o seu precursor, para que ele se desempenhasse da missão de apresentá-lo como o Messias que devia vir. E o Espírito testemunhou quando disse ao Batista: “Este é o meu filho dileto em quem me comprazo”.

No versículo 31 do capítulo I do evangelista João lê-se que “João Batista não conhecia a Jesus mas tinha ciência da sua vinda”, e, mais ainda, que o fim de João batizando o povo era atrair grande multidão a ver se no meio desse povo poderia encontrar o Messias e reconhecê-lo, como o Espírito o havia anunciado.

No versículo 33, João repete novamente não conhecer a Jesus, mas o que o enviou a batizar com água, disse-lhe: “Aquele sobre quem vires descer o Espírito e ficar sobre ele, esse é o que batiza com o Espírito Santo; eu tenho visto e testemunhado que ele é o Filho de Deus”.

Jesus não podia dizer a João: “Eu sou o Messias”, porque mesmo naquele tempo muitos tratantes se diziam “messias” representantes de Deus.

Ele tinha de *revelar-se* como o Messias e não se *dizer* Messias, e o Espírito precisava *testificar*, como aconteceu.

Acresce ainda outra circunstância: João não exaltava o seu batismo. E tanto é assim que aos que vinham a ele pedindo o batismo, o profeta do deserto dizia: “Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? Dai, pois, frutos dignos de arrependimento e não digais dentro de vós: temos Abraão por pai...” (Mateus, III, 7-9.)

O batismo de João, desvirtuado pelas seitas que dividiram o Cristianismo, não é mais que o arrependimento, a mudança de vida, para a recepção da Doutrina de Jesus e o conseqüente *batismo do Espírito*. E foi assim que Pedro e André, que eram discípulos de João Batista, se fizeram discípulos de Jesus.

Mas, digamos mais alguma coisa sobre o batismo, já que a isso nos propusemos.

Todos sabem que as Igrejas Romanas e Protestante como também a Ortodoxa, tem cada qual a sua espécie de batismo. Dentre todas, porém, a que mais se salienta pelos seus aparatos é a Romana.

Falemos, de preferência sobre esta, porque é, para nós, a religião tradicional, a que se constitui obrigatória no nosso país, a que obrigava todos a se submeterem a seus sacramentos, até à proclamação da República, a qual, graças a Deus, nos livrou de tal opressão e cativeiro.

O “batismo de Roma” consiste em duas ou três palavras pronunciadas pelo padre, que aplica água, azeite e sal, ao “catecúmeno”. Diz a igreja que, com esse sacramento, o indivíduo fica limpo do “pecado original” e, salvo de todas as penas, está apto para entrar no Céu.

Façamos uma análise profunda desse sacramento, com a seguinte comparação.

Tomemos duas crianças, ambas filhas de pais cristãos: uma morreu depois de receber o batismo, a outra também morreu, mas antes de receber tal sacramento.

Segundo a Igreja, uma foi para o Céu, outra para o Limbo.

Mas, que mérito tem a criança que se batizou para ir ao Céu, e que demérito tem a que não se batizou para ir ao Limbo, se tanto uma como a outra não influíram para tal fim?

A que recebeu o batismo, não o recebeu pelos seus esforços, por sua vontade; a que deixou de receber tal “graça” também nada fez para que assim acontecesse; como pode o Supremo Senhor, que é todo amor e justiça, galardoar uma e condenar outra?

Outra consideração também nos ocorre:

A Igreja, para justificar o “seu batismo”, diz ser ele o antídoto do pecado original que, de Adão e Eva, se transmitiu a todo o gênero humano.

Mas, que Deus é esse em quem a Igreja crê existirem sentimentos tão revoltantes de ódio a ponto de castigar pecados antigos, de pessoas que nenhuma afinidade tinham conosco, exercendo a sua vingança em toda a Humanidade!?

“O filho, diz Ezequiel, não responde pelas faltas dos pais, nem estes pelas daqueles”.

O Evangelho diz: “Cada um é responsável por suas obras”. E isto é claro, lógico e racional. Até o “peru da fábula”, com que o sr. Jaubert ganhou o prêmio nos jogos florais de Toulouse, defende-se da acusação que lhe moviam por haver o “Adão dos Perus” pecado, e dizem que, além da unânime absolvição do Tribunal, ganhou palmas do auditório.

Mas deixemos de lado a ironia inocente e argumentemos.

Vamos escolher um casal, marido e mulher, que quando crianças foram batizados na Igreja. Mais tarde apareceu na cidade onde residiam um bispo ou “missionário”, e o batismo foi confirmado com a “crisma”.

Está claro que o pecado que assinalava esses dois entes desapareceu, se é que “o batismo apaga o pecado original”.

Logo depois eles têm um filho: essa criança não pode absolutamente ter vestígio algum de pecado, visto seus pais já se haverem libertado desse sinal ignominioso!

Ou quererão os sacerdotes dizer que o Espírito é oriundo de Adão e Eva, e não de Deus? Mas se assim é, o sacerdócio

desconhece os Evangelhos e os princípios mais rudimentares da religião!

A nosso ver, que está de pleno acordo com os textos evangélicos, o verdadeiro batismo não ultrapassa os limites do Espírito.

Nunca, de forma alguma pode ser um ato material.

Promover a educação da criança, ensiná-la a amar a Deus e ao próximo, a ser humilde, boa, caritativa, indulgente, laboriosa e espiritual, eis o começo do preparo espírita para a conseqüente recepção do batismo do Espírito Santo, cuja tarefa está confiada exclusivamente a Jesus e àqueles designados por ele, como se depreende da leitura dos Evangelhos.

Acresce ainda outra circunstância, que melhor elucida a questão do batismo: este vem depois de estabelecida a crença.

A *crença* deve, portanto, preceder sempre o *batismo*. “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. O que crer e for batizado será salvo; mas o que não crer, será condenado”. (Marcos, XVI, 15-16.)

Nesta passagem vê-se claramente que é condição imprescindível para a recepção do batismo – o crer; a crença precede sempre a “graça” do batismo. Por esse motivo Jesus mandou os seus discípulos *pregarem o Evangelho a toda criatura*. É de notar que Jesus não os enviou a batizar, mas sim a *pregar o Evangelho*, para que o “batismo” viesse depois pelo Espírito.

Assim o entendeu sabiamente Paulo, o doutor dos gentios, conforme se depara nos *Atos dos Apóstolos*, XIX, 1-7: “Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo, tendo atravessado as regiões mais altas, foi a Éfeso; achando ali alguns discípulos, perguntou-lhes: *Recebestes o Espírito Santo quando crestes?* Responderam eles: Não, nem sequer ouvimos falar que o Espírito Santo é dado, ou que há Espírito Santo. Que batismo pois, recebeste? perguntou ele. Responderam-lhe eles: o batismo de João. Paulo, porém, disse: *João batizou com*

o batismo do arrependimento dizendo ao povo que cresse naquele que havia de vir depois dele, isto é, em Jesus. Eles, tendo ouvido isto, foram batizados em nome do Senhor Jesus. Havendo-lhes Paulo imposto as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e falavam em diversas línguas e profetizavam. Eram ao todo cerca de doze homens”.

Esta interpretação está de pleno acordo com as palavras do Batista, no capítulo III, 7-12 do Evangelho segundo Mateus.

Conclui-se, pois, que o intuito de João Batista, indo ao Jordão batizar *com o batismo do arrependimento*, em primeiro lugar foi atrair as multidões para recomendar aos homens: “Preparei o caminho do Senhor; endireitai as suas veredas; arrependei-vos do mal; praticai o bem; espiritualizai-vos”. Em segundo lugar foi, como disse o próprio João, “para que Jesus fosse manifestado a Israel” e ao mesmo tempo para que ele, o Batista, ficasse conhecendo a Jesus, de acordo com o sinal que lhe daria Aquele que o tinha enviado, ou seja: “Aquele sobre quem vires descer o Espírito e ficar sobre ele, esse é o que batiza com o Espírito Santo”. (João, I, 33.)

A seu turno, Jesus não foi a João Batista com o fim de receber o batismo de espécie alguma, mas sim para apresentar-se ao seu precursor como o Messias anunciado e fosse, por sua vez, anunciado por João como o Enviado de Deus, revestido de todos os sinais do Céu, como se verificou ao ouvir-se a voz: “Tu és o meu filho dileto, em ti me agrado”. (Marcos, I, 11.)

A questão do batismo tem preocupado grandes pensadores da Era Cristã.

Desde os apóstolos, uns eram de opinião que se devia efetuar o *batismo da água por imersão*, ao passo que outros julgavam esta prática de nenhum valor.

No capítulo III, 22, do evangelista João, lê-se que Jesus foi com seus discípulos, para a Judéia e “ali se demorava com eles, e *batizava*”. Mas no mesmo Evangelho, talvez devido

à controvérsia já existente sobre o *batismo*, o mesmo evangelista, no capítulo IV, 2, diz claramente que “Jesus mesmo *não batizava*, mas sim, seus discípulos”.

Em I Cort., I, 14-17, há um trecho em que se nota a dissensão que havia *por causa do batismo*, onde Paulo diz: “Dou graças que a nenhum de vós batizei, senão a Cristo e a Gaio; para que ninguém diga que fostes batizados no meu nome. E batizei também a família de Estéfanos; além destes não sei se batizei algum outro. *Pois não me enviou Cristo a batizar, mas a pregar o Evangelho*; não em sabedoria de palavras, para que não seja vã a cruz do Cristo”.

Pedro diz em *Atos dos Apóstolos*, X, 47, ter ordenado batizar com água, em nome de Jesus Cristo, uns gentios que tinham recebido o Espírito Santo, mas parece ter-se arrependido daquele ato, quando, referindo-se ao *batismo*, diz na sua I Epístola Capítulo III, 21: “... através das águas, a qual, figurando o batismo, agora vos salva, NÃO a purificação da imundice da carne, *mas a questão a respeito de uma boa consciência para com Deus*”.

Pelo que se observa, apesar de ser o *batismo por imersão* aplicado aos que já haviam recebido a palavra e tinham crido, ainda assim era esse ato condenado por muitos seguidores de Jesus.

No tempo de Tertuliano, muitos filósofos cristãos insurgiram-se contra a virtude do batismo, por entenderem que *uma simples ablução com água não pode ter o condão de lavar os pecados e de abrir o caminho para o Céu*.

Foi esse o modo de se expressar de ilustres homens do século II, que deu origem ao Tratado do Batismo, de Tertuliano, obra que parece também *condenar o batismo das crianças*, embora não participe da opinião dos seus contemporâneos, que condenavam o batismo tal como era feito.

São inúmeras as seitas que, desde o começo, dividiram o Cristianismo, e não aceitavam terminantemente o batismo, prática que serviu como pedra de escândalo na interpretação da palavra clara, simples e humilde meigo Rabi da Galiléia.

Os *marcosianos*, os *valentinianos*, os *quintilianos* sustentavam que a graça, como dom espiritual, não podia nascer de sinais visíveis e exteriores.

Os *selencianos* e os *hermianos* rejeitaram também a *água*, mas, interpretando materialmente, à letra, os Evangelhos, substituíram aquela matéria pelo *fogo*!

Na Idade Média houve muitas agremiações religiosas oriundas do Cristianismo que combatiam “o batismo da Igreja”, tais como os *maniqueus*, os *albigenses* e outros. Eles declaravam peremptoriamente que, com o simples *batismo pela água*, era absolutamente impossível comunicar ao neófito o Espírito Santo: para eles, o verdadeiro batismo espiritual consistia na imposição das mãos, invocando sobre o neófito o Espírito Santo e salmeando a oração dominical.

Os *valdenses* e outros rejeitavam como inútil o batismo das crianças, por não haver ainda naquela idade a fé indispensável.

Os *anabatistas* rejeitavam o batismo das crianças como inútil, porque exigiam para a validade do sacramento a fé do neófito, a qual não julgavam substituível pela fé dos padrinhos.

Santo Tomás de Aquino sustentava que a eficácia do batismo dependia da própria fé do neófito, que não podia ser substituída pela fé dos padrinhos.

Os *armênios* julgam o *batismo* mero símbolo e afirmam, no tocante ao *batismo das crianças*, não verem nessas crianças culpa alguma para serem condenadas por não terem sido batizadas.

Os *quakers* negam em absoluto a utilidade do batismo.

Finalmente, longe iríamos se passássemos para estas páginas a síntese do que se tem escrito e discutido sobre o batismo.

Submetido ao crivo da razão, ao calor da discussão, ele não pode permanecer, porque não é de Jesus Cristo; é palavra que passa, é “matéria” que seca e desaparece como a flor da

erva; é um culto, como tantos outros, oriundos da adoração ao “bezerro de ouro”, que tem absorvido judeus e gentios, desviando suas vistas dos preceitos preconizados pelo Filho de Deus, cujos ensinamentos o Espiritismo vem restabelecer, convencendo os homens da justiça, da verdade e da lei.

ASCENSÃO ESPIRITUAL

“Partiu, pois Jacó, de Berseba, e foi para Harã; chegou a um lugar onde passou a noite, porque já o Sol era posto; e tomou uma das pedras daquele lugar e a pôs por sua cabeceira e deitou-se naquele lugar.

“E sonhou: e eis que uma escada era posta na Terra, cujo topo tocava no Céu; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela; e o Senhor estava em cima e disse: Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão teu pai e o Deus de Isaac; essa terra em que estás deitado ta darei a ti e à tua semente; e a tua semente será como o pó da terra, e estender-se-á ao ocidente, ao oriente, ao norte e ao sul, e em ti na tua semente serão benditas todas as famílias da Terra. E eis que estou contigo e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra; porque não te deixarei, até que haja feito o que te tenho dito.

“Acordado Jacó do seu sono, disse: na verdade o Senhor está neste lugar; e eu não sabia”.

“Então levantou-se Jacó pela madrugada e tomou a pedra que tinha posto por sua cabeceira, e a pôs por coluna e derramou azeite em cima dela; e chamou o nome daquele lugar – Be-tel (Casa de Deus); o nome, porém, daquela cidade, antes era Luz. E Jacó fez um voto dizendo: Se Deus for comigo, me guardar nesta viagem, e me der pão para comer e roupa para vestir; e eu em paz tornar à casa de meu pai; o Senhor será o meu Deus; e esta pedra que tenho posto por coluna será a casa de Deus e de tudo quanto me der pagarei o dízimo.

(*Gênese, XXVIII, 10-22.*)

“Jesus vendo Natanael aproximar-se dele, disse: Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo! Perguntou-lhe Natanael: Donde me conheces? Respondeu Jesus: Antes que Filipe te chamasse eu te vi, quando estavas debaixo da figueira. Replicou-lhe Natanael: Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel. Disse-lhe Jesus: Por eu te dizer que te vi debaixo da figueira, crês? Maiores coisas do que estas verás. E acrescentou: Em verdade vos digo que vereis o Céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem”.

(João, I, 47-51.)

A ascensão espiritual é uma escada sublime, que, assentada na Terra, vai ter aos Céus, mas, na sua trajetória, o homem só pode subir esses degraus por meio da Revelação, porque a Revelação é o poderoso motor que movimenta a alma para a realização do seus destinos imortais!

Dormindo na “cidade da luz”, Jacó vê a escada que lhe é mostrada, por onde sobem e descem anjos sob a suprema direção do Senhor, que se acha no topo dessa escada. E a Revelação lhe fala: “Eu sou o Senhor, Deus de Abraão e de Isaac; esta terra em que estás deitado te darei e a teus descendentes, que serão tão numerosos como as areias do mar, e estarei contigo e te guardarei onde quer que estejas e por onde quer que fores, porque não te deixarei”.

Jacó desperta e admira-se de que o Senhor ali estivesse. Pela madrugada tomou a PEDRA sobre a qual inconscientemente reclinara a CABEÇA, colocou-a como a *coluna* que deve prevalecer, derramou sobre a pedra simbólica o azeite, que é o símbolo da fé, e chamou aquele lugar de CASA DE DEUS em vez de Cidade da Luz.

Na verdade é preciso que se esteja na luz para ver a casa de Deus, que é a Revelação.

Onde está Deus, está a Revelação, porque a Revelação é a palavra de Deus convidando o homem à ascensão espiritual.

Comparemos o sonho de Jacó com a parábola do filósofo:

“No meio de uma cadeia de montanhas eleva-se aos ares um pico isolado, sobre o qual se percebe confusamente um antigo edifício.

Um ousado viajante forma o projeto de o escalar.

“As ervazinhas suspensas aos flancos dos precipícios, um tronco carunchoso, uma pedra movediça, tudo lhe serve de ponto de apoio: trepa, salta, arrasta-se e, finalmente, coberto de suor e fatigado, chega ao desejado vértice; e levantando os braços aos Céus, exclama cheio de alegria: Sempre venci!

“Toda a cadeia de montanhas se desenrola a seus pés. Os mais belos horizontes se abrem diante dele. O que só via em parte, agora abrange e domina num lance de vista.

“Embaixo, ao longe, vê obstáculos contra os quais desfaleceram seus primeiros esforços, e ri-se da sua inexperiência; de pé, contempla os que finalmente vencerão, e admira-se da própria audácia.

“Os companheiros, muito fracos para vencerem as dificuldades do caminho, não o puderam seguir senão com a vista, mas nesse dia ficara conhecido um atalho, porque só é visível esse caminho, do alto da montanha. É por aí que desce, então, o viajante que chegou ao alto da montanha, é por aí que ele se coloca à frente dos companheiros que ficaram no sopé do monte e lhes diz: Segui-me! Ele os conduzirá sem perigo e sem fadiga até o cimo, cuja conquista tanto lhe custara.

Graças a ele, a montanha já se tornou acessível!

CAIRBAR SCHUTEL

Todos os viajantes podem, do alto, admirar o famoso edifício, os panoramas sublimes, os magníficos horizontes que dali se descobrem”.

Eis a imagem da nossa ascensão às gloriosas paragens da imortalidade.

Os homens comuns caminham sem se elevar ao vértice da montanha, porque vão e voltam em delongas por caminhos que não os conduzem às alturas espirituais.

Por vezes elevam-se ao meio do morro, mas voltam atraídos aos planos inclinados, porque não transitam pelo verdadeiro caminho, o atalho que conduzi-los-ia com segurança ao ápice da montanha.

Mas vamos aclarar a parábola.

A cadeia de montanhas constitui as diversas religiões sacerdotais; o edifício antigo é a Revelação sobre a qual Jacó alicerçou toda a sua fé; as ervinhas suspensas aos flancos são as virtudes que nos conduzem ao amor a Deus e ao próximo; o declive, que atira os homens ao precipício, são as más paixões.

O viajante que subiu ao cume é Jesus, seguido de seus mensageiros, onde se destaca Allan Kardec, que nos ensinou o caminho para também galgarmos o ápice.

Os companheiros que tentaram a ascensão são todos os que atualmente se esforçam por chegar a esse lugar, mas que, outrora, presos à atração da Terra e vencidos pelas dificuldades, pararam na estrada.

Todos os que estudam, pesquisam, analisam, estão caminhando. Os Evangelhos nos aparecem iluminados pelos fulgores do Espírito; a morte perde o seu caráter fúnebre e

a espiritualidade da vida reflete-se em nossas almas, como as estrelas no espelho das águas.

São dois mundos que se entrelaçam, são dois planos de vida que se mostram solidários, um como complemento do outro; são duas Humanidades que, numa permuta de provas e de afetos, se declaram solidárias, são finalmente, anjos que descem a auxiliar outros, que pelo esforço, também se tornarão anjos, porque trabalharão para subir.

A ascensão espiritual é o resultado da mesma lei do progresso material e da evolução intelectual: tudo vibra tudo se harmoniza no amor e na solicitude de Deus para com todos os seus filhos.

COLÓQUIO DE JESUS COM NICODEMOS

“Havia um homem dentre os fariseus, chamado Nicodemos, principal entre os judeus; este foi ter com Jesus à noite e disse-lhe: Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; pois ninguém pode fazer estes milagres que tu fazes, se Deus não estiver com ele, Jesus respondeu-lhe: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer sendo velho? pode, porventura, entrar novamente no ventre de sua mãe e nascer? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, o que é nascido do Espírito é Espírito. É-vos necessário nascer de novo. O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai: assim é todo aquele que é nascido do Espírito. Como pode ser isso? perguntou-lhe Nicodemos. Respondeu-lhe Jesus: Tu és mestre em Israel e não entendes estas coisas? Em verdade, em verdade te digo que falamos o que sabemos e testificamos o que temos visto e não recebéis o nosso testemunho. Se vos tenho falado das coisas terrenas, e não me credes, como que creereis, se vos falar das celestiais? Ninguém subiu ao Céu, se não aquele que desceu do Céu, a saber, o Filho do Homem. Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna”.

(João, III, 1-15.)

Este Evangelho prega o encontro de Jesus com Nicodemos: ou por outra, a visita que Nicodemos fez ao nazareno, à noite.

Vamos estudá-lo em sua simplicidade edificante e procuraremos compreendê-lo, porque do seu conhecimento nos vem uma soma considerável de luzes e verdades.

Diz o trecho que: “Havia um homem dentre os fariseus, chamado Nicodemos, principal entre os judeus e este foi ter, à noite, com Jesus”.

Os fariseus eram, como foi descrito no capítulo, “Fermento dos Fariseus e Saduceus”, um grupo muito grande de indivíduos, que formavam uma religião, como atualmente é grande o número se pessoas que compõem a religião de Roma.

Entretanto, quanto à pessoa deste chefe do farisaísmo, não era um homem mau, ao contrário, dentre todos os sacerdotes dessa religião, dois salienta o Evangelho que se mostravam tolerantes para com a palavra de Jesus Cristo. Um era Gamaliel, que foi mestre de Paulo, antes que este apóstolo se tornasse cristão; e o outro foi Nicodemos.

Mas vós sabeis que o orgulho, o respeito humano e o preconceito constituem embaraços muito grandes para a nossa espiritualização, para nos aproximarmos de Jesus.

Nicodemos era, pois, um homem bom, e, por esse motivo, desejava imensamente encontrar-se com Jesus, para conversar com o Mestre sobre assunto religioso, porque tivera notícias das pregações do nazareno e das curas que ele fazia.

Mas como era rico, principal entre os judeus, era “mestre da religião farisaica” e não queria que o povo e os outros sacerdotes da sua seita soubessem dos seus desejos mais íntimos; e para que tudo ficasse escondido, em reserva, resolveu procurar Jesus à noite, porque assim ninguém ficaria sabendo da visita.

Por isso diz o evangelista João: *Nicodemos foi ter com Jesus à noite.*

Em chegando à casa onde o Mestre estava hospedado, que era na cidade de Jerusalém, por ocasião de uma festa de Páscoa, que os judeus celebravam, o “principal fariseu”

entabulou conversação com Jesus dizendo-lhe: “Rabi, sabemos que és Mestre, vindo da parte de Deus, pois ninguém pode fazer estes milagres que fazes, se Deus não estiver com ele”.

Por esta saudação, vós podeis perfeitamente compreender que Nicodemos não era um descrente, ou inimigo de Jesus; ao contrário, era um crente nos *milagres* operados por Jesus, que consistiam, quase que totalmente em curas de enfermos diversos.

Quanto, pois, a essa parte que se relaciona com os fatos produzidos pelo nazareno, Nicodemos neles acreditava, portanto em desacordo com os demais sacerdotes da sua “religião”, enquanto estes diziam que Jesus agia sob a influência do diabo, Nicodemos cria piamente que a influência que assistia o nazareno era divina; tanto assim que ele diz: *Ninguém pode fazer estes milagres que tu fazes, se Deus não estiver com ele.* O que faltava pois a Nicodemos para se tornar cristão, para seguir a Jesus? Desde que ele acreditava nos fatos, nos fenômenos, como os chamamos hoje; desde que achava que esses fatos eram autorizados por Deus, não os atribuindo à origem diabólica, por que não se apresentou logo como um dos discípulos do nazareno?

Isto quer dizer que não basta crer nos milagres, nos fatos, nas curas que assinalam, por certa forma, o Cristianismo, para sermos cristãos.

Precisamos também crer na palavra, na doutrina que Jesus pregava.

Em nosso tempo, como vemos, a maioria do povo também crê nos fenômenos, nas curas, e muitos são os que pedem remédios para a cura de suas enfermidades; são milhares os Nicodemos que, às ocultas, desejam conversar sobre Espíritos, sobre as almas, e que procuram saber a razão das causas que os determinam, mas, também como Nicodemos, continuam filiados às suas religiões, que amaldiçoam a legítima doutrina de Jesus, hoje, como os fariseus amaldiçoavam a mesma doutrina, ontem. Não basta crer nos fatos; é preciso compreendê-los depois de os haver estudado.

Não basta dizer que os fatos vêm de Deus, é preciso saber como eles vêm de Deus. E para chegar ao conhecimento desses fatos, temos de estudar justamente o que Jesus fazia questão que fosse estudado, ou seja, a vida eterna.

O ponto principal das pregações de Jesus era a vida eterna.

Em torno da vida eterna é que sempre giravam os maravilhosos conceitos da sua filosofia, da sua doutrina de verdadeira fé, de amor puro e imaculado.

Todas as sentenças de Jesus eram luzes, iluminando a vida eterna, a vida imortal.

No Sermão do Monte, o Mestre, para consolar os sofredores, os humildes, os perseguidos, os mansos de coração, nada lhes dá, presentemente, senão a certeza da felicidade na imortalidade, e, por certa forma, se esforça para que todos esses que choravam e viviam coagidos e famintos tivessem certeza absoluta da imortalidade, dessa vida do além que é a vida eterna, na qual seriam todos fartos e providos de tudo o que necessitassem se ouvissem e cressem na sua palavra.

Nicodemos, como se vê no texto do Evangelho, embora não fosse mau homem, estava tão impregnado dos ensinamentos da religião Farisaica, consistentes quase que só em cultos e práticas exteriores, que vacilava a respeito da *outra vida*, duvidava que o homem, depois de morto o corpo, pudesse continuar a viver, e que houvesse, de fato, uma vida real *além do túmulo*.

Jesus conhecia essa parte fraca de Nicodemos, e foi por isso que, logo após a saudação do “primaz dos judeus”, disse: *Em verdade, em verdade te digo, que se alguém não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus.*

Estas primeiras palavras, ditas assim de supetão ao sacerdote de uma religião que se dizia a única verdadeira, tem profunda significação para aqueles que desejam estudar, conhecer e seguir a religião de Jesus Cristo.

Assim como a criança recém-nascida não tem religião alguma, não está presa a nenhuma doutrina e nenhum conhecimento tem de coisa alguma, assim também devem

colocar-se aqueles que querem estudar a religião de Jesus Cristo, porque a alma, estando cheia de religião antiga, que foi obrigada a receber por doação dos ascendentes, não pode receber a religião do Cristo, assim como uma casa que está habitada por uma família não tem lugar para receber outra família ou outros moradores.

Jesus, dizendo a Nicodemos: *Se alguém não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus*, disse antecipadamente ao “primaz dos judeus” que, fosse quem fosse, não alcançaria a graça do Reino de Deus se continuasse preso ao Reino do mundo, no qual prevalecem as doutrinas dos sacerdotes, as doutrinas e religiões de invenção humana.

Precisava, primeiro de tudo, sair desse reinado, deixar essa obediência, pôr de lado todos esses dogmas, todos esses sacramentos, todos esses cultos, todos esses falsos ensinoss, e tornar-se ignorante como uma criança que nasce de novo.

Assim como uma criança nasce para este mundo, tendo vindo do outro e nada se lembrando desse outro mundo donde veio, assim também o homem deve deixar aquela religião arcaica, na qual vive sem conhecer a verdade e sem ter consolação de espécie alguma, para depois aprender o que o Cristo Jesus está ensinando.

Por outras palavras: pôr de lado todo espírito preconcebido, todo orgulho de saber, todo egoísmo de virtudes, toda presunção de estar de posse da verdade; porque o “camelo” assim carregado não pode entrar no Reino do Céu.

Acresce ainda outra circunstância: ninguém pode carregar dois pesos; embora a doutrina de Jesus *seja leve*, o “camelo” sobrecarregado e quase sem poder andar com tanta carga, não a suportará; assim como não se podem impor a quem quer que seja dois *jugos*. O boi, que tem um jugo que já lhe molesta muito o pescoço, que sangra e caleja, não admitirá mais outro jugo, embora seja suave como a palavra do Mestre, pois em última hipótese, ele não ficará sabendo qual o jugo que lhe pesa; por isso, assim como o camelo precisa alijar uma carga, para tomar a si *outro fardo*; assim como o boi precisa libertar-se

do jugo que o oprime, para atrelar-se a outro jugo, assim também o homem precisa atirar para longe de si todas as crenças velhas que lhe pesam na consciência e lhe oprimem a alma, para receber a religião amorosa de Jesus, que, como disse o Mestre, não pesa, é suave e agradável de ser carregada.

É este o primeiro nascimento que Jesus proclamou, como condição de salvação para todas as criaturas humanas, e especialmente para os sacerdotes de todas as religiões humanas, mesmo porque Jesus falava naquela ocasião a um religioso que era sacerdote e principal representante de religiosos e sacerdotes dessas religiões.

Pelo que se depreende da nova pergunta de Nicodemos a Jesus, já se pode concluir: ele, não lhe convindo *nascer de novo por esta forma* – abandonar sua seita, seus dogmas, seus cultos, suas honras, suas vaidades, seus preconceitos – fingiu não entender a palavra, a ordem expressa do redentor do mundo.

E então muito admirado por haver o Mestre proferido tal sentença, perguntou: “Como pode o homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, entrar novamente no ventre materno e renascer?”

Ao que Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus; o que é nascido da carne é carne; o que é nascido do Espírito é Espírito. Não te maravilhes de eu te dizer: necessário vos é nascer de novo”.

Por este trecho vemos, bem claro, que as condições de salvação impostas por Jesus são duas: “nascer da água e nascer do Espírito”.

Vamos analisar a primeira proposição: “nascer da água”.

Que pretende o Mestre dizer com isto: “nascer da água?”

Não pode ser outra coisa senão: nascer neste mundo, com um corpo carnal; pois todos os corpos orgânicos e inorgânicos são, em última análise, produtos da água.

Sem água, em nosso mundo não haveria nascimento, crescimento e vida.

Tudo nasce da água, tudo vive da água; os peixes nos mares, nos lagos e nos rios, donde vêm? Da água. Os animais nos campos e nas matas, donde vêm, senão da água?

Os pássaros que perambulam na Terra e voam nos ares, não é da água que vêm?

Até as ervas nascem da água!

Plantai uma semente ou um galho, uma muda, deixai-os sem água e eles não nascerão. Tirai os peixes das águas e eles morrerão. Os animais dos campos, das matas; os pássaros rasteiros e dos ares; os homens das roças e das cidades, todos eles, sem água, não nasceriam, não cresceriam, não viveriam porque a água é condição de vida para os corpos, e até nosso próprio corpo contém três quartas partes de água, com a qual se alimenta, vive, cresce e se nutre.

Água por dentro, água por fora; e até a própria criança no ventre materno não dispensa a água que a envolve e lhe dá vida.

É da água que vem tudo; portanto, “nascer da água” não quer dizer outra coisa, senão nascer neste mundo com corpo da natureza, que é peculiar ao gênero humano.

Notai! O trecho do Evangelho é bem claro: “nascer da água”.

Explicação mais clara do que esta, nem mesmo a água, por mais límpida e cristalina que seja.

Não é preciso pedir emprestado o *dogma do batismo* das igrejas, para explicar uma coisa que o próprio Evangelho, que é a palavra de Jesus, ensina e explica com toda a clareza.

Aqueles que vêm a este mundo e ficam imbuídos dessas crenças irrisórias, crenças que nada ensinam, que nada explicam, e que, tendo empanados os olhos por esses cultos e sacramentos sacerdotais chegam a ponto de só crerem nesta vida; descreem completamente da vida eterna, da vida do Espírito, da vida no espaço, da imortalidade, como aconteceu com Nicodemos, que não compreendia a palavra do Mestre;

só poderão salvar-se e entrar no Reino de Deus morrendo, para verem face a face a vida eterna, a imortalidade, e depois votarem a este mundo, “nascendo da água com um corpo de carne”, fazendo-se crianças para então, sem preconceitos, sem vaidades, sem orgulho, estudarem a Doutrina de Jesus e receberem essa *chave* com a qual se abre a porta do Reino do Céu.

Vamos passar agora à segunda condição de salvamento: “nascer do Espírito”.

Como atrás ficou explicado, segundo os dizeres de Jesus, há necessidade de nascer da água, para entrar no Reino de Deus isto é, é preciso entrar na vida material, na vida carnal, justamente esta vida em que vivemos com um corpo de carne.

Mas como esta vida não é bastante para efetuarmos a nossa ascensão para a felicidade, mesmo neste mundo Deus nos facultou, como premissa da vida eterna, a vida Espiritual, a vida moral, porque o homem não vive só do corpo, não vive só de pão.

Esta vida espiritual não é uma coisa visível, pois afeta somente o nosso “Eu” íntimo, o nosso Espírito que também é invisível.

É uma vida interior que sentimos, proclamada por todos os povos, por todos os códigos de moral e esboçada maravilhosamente por Jesus Cristo no seu Evangelho.

É nesta vida que se manifestam os prazeres e os sofrimentos, também invisíveis. De um lado, as virtudes, a santidade, a paz de consciência, a alegria de coração; de outro as paixões más, o remorso, a tristeza.

Dizendo Jesus: “forçoso é nascer do Espírito”, chamou a atenção de Nicodemos para esta vida interior, a fim de que ele ficasse sabendo que, sendo ele, Jesus, portador de um Espírito novo, que deve normalizar em todas as almas a vida do Espírito, todos os que quiserem entrar no Reino de Deus precisam *nascer desse Espírito, viver nesse Espírito*; assim como os que entram na vida carnal, nasce da água e vivem da água.

O nascimento, tanto da água como do Espírito, é indispensável.

Não é bastante nascer da água, não basta tomar um corpo de carne neste mundo e nascer aqui, não basta nos encarnarmos aqui nesta Terra, precisamos, principalmente, “nascer do Espírito”; por isso o Mestre acrescentou no versículo 6: *O que é nascido da carne é carne; o que é nascido do Espírito é Espírito.*

Quando visitou o Mestre, Nicodemos já havia “nascido da água”, mas não havia nascido do Espírito; por isso Jesus lhe disse: “o que é nascido da carne, é carne”, quer dizer: “aquele que só no mundo terreno vê meio de nascimento e de vida”, é material, porque ainda não percebeu que o homem não é somente carne, é também Espírito; e assim como o homem tem corpo material e espiritual, existem também mundo material e mundo espiritual.

Nicodemos permanecia boquiaberto e admirado diante de Jesus, pois não compreendia a doutrina nova que o nazareno lhe pregava; Jesus insiste, afirmando: “Não te maravilhes de eu te dizer, necessário vos é nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde ele vem, nem para onde vai: assim é todo aquele que é nascido do Espírito”.

Esta lição vem confirmar mais uma vez a primeira sentença pronunciada pelo Mestre, logo que Nicodemos o saudou: *Em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.*

Jesus insiste com Nicodemos para que ele se torne como uma criança, que não sabe donde veio, nem para onde vai; e fez uma comparação do conhecimento que temos sobre o vento: “Sabemos que o vento existe porque ouvimos a sua voz, seu ruído, seu sussurro; mas não sabemos donde ele vem, nem para onde vai”.

Nicodemos acreditava que o Espírito vinha de Adão e Eva e que de lá todos descendiam; e que, ao sair deste mundo, iria para o seio de Abraão ou para a Geena. Acreditava assim,

porque assim eram os *artigos de fé* da religião Farisaica, da qual era sacerdote; mas Jesus afirmou não ser verdadeira essa crença, quando disse: “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde ele vem, nem para onde vai”: assim é aquele que é nascido, *que acaba de nascer do Espírito*; abjura essas crenças falsas, caducas, e fica crendo só no Espírito, embora não saibas donde vem, nem para onde vai; porque depois, com vagar, aprenderás; o camelo estando descarregado e o boi sem jugo, fácil lhes será receber *o fardo leve e o jugo suave*, prometido e oferecido por Jesus a todos os que se acham prontos para o trabalho.

Mas Nicodemos, por mais que Jesus explicasse, não encontrava meios de compreender; ou então fingia não compreender; porque lhe era preciso abandonar as crenças velhas de sua religião, que lhe tentavam dizer donde ele vinha e para onde ia, embora o próprio Nicodemos não cresse nas afirmativas falsas da religião de que era sacerdote.

E continuando a manifestar admiração, vira-se para Jesus e pergunta: “Como pode ser isto?”, ao que o Mestre lhe respondeu: “Tu és mestre em Israel e não entendes estas coisas? Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como crereis, se vos falar das celestiais?”

Por sua vez, Jesus se mostra admirado por não compreender Nicodemos a sua palavra tão clara. “Tu és mestre, tu ensinas aos outros e não entendes isto que te estou ensinando? Se eu somente estou falando daquilo que podes ver com teus olhos e que todos podem observar todos dias – Se eu mostro os Espíritos nascendo em corpos, e os corpos nascendo da água: falo-te de coisas que qualquer pessoa pode saber, porque são coisas que se vêem sempre, bastando só prestar atenção, e tu não entendes; como poderei falar-te das coisas celestiais, que ninguém pode ver com os olhos da carne, e que se acham ocultas ao homem que só é nascido da carne?”

Jesus prosseguiu: “Nós falamos o que sabemos e testificamos o que temos visto; assim acontece com o que acabo de dizer-te, e não recebes meu testemunho, esse próprio

testemunho que está diante de tuas vistas; como poderei falar-te daquilo que não está ao alcance de tua vista?”

Terminou Jesus lembrando a Nicodemos uma passagem das Escrituras, que diz haver Moisés levantado uma serpente no deserto, por ocasião em que os israelitas atravessaram certa região, depois da saída do Egito, onde proliferavam víboras peçonhentas, cujas picadas matavam instantaneamente. Todos aqueles que olhavam a Serpente de Bronze não sofriam mal, embora fossem picados pelas víboras.

É que a ele, Jesus, importava também sofrer todas as injustiças, todo o repúdio dos homens, ser levantado, ser crucificado; porque assim a sua vida seria um exemplo luminoso da doutrina que ele pregava, e todos aqueles que se tornassem crentes nas suas palavras, teriam a vida eterna, ou seja, não ficariam limitados, como estão os demais homens, à vida terrena, como o próprio Nicodemos estava.

OS ENSINOS DE JESUS À MULHER SAMARITANA

“Quando, pois, o Senhor soube que os fariseus tinham ouvido dizer que ele, Jesus, fazia e batizava mais discípulos que João (se bem que Jesus mesmo não batizasse, mas sim seus discípulos), deixou a Judéia e voltou para a Galiléia. Precisava atravessar a Samaria. Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto das terras que Jacó deu a seu filho José; era ali a Fonte de Jacó. Cansado da viagem, estava Jesus assim sentado ao pé da fonte; era cerca da hora sexta. Uma mulher da Samaria veio tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber. Pois seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos. Disse-lhe então a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim que sou mulher samaritana? (Porque os judeus não se comunicam com os samaritanos.) Respondeu-lhe Jesus: Se tivesses conhecido o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe terias pedido, e ele te haveria dado água viva. Ela lhe respondeu: Senhor, não tens com que a tirar, e o poço é fundo; donde, pois, tens essa água viva? És tu porventura, maior do que nosso pai Jacó que nos deu este poço, do qual ele bebeu e seus filhos e os seus gados? Replicou-lhe Jesus: Todo o que bebe desta água tornará a ter sede: mas quem beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede; pelo contrário a água que eu lhe der, virá a ser nele uma fonte de água que mana para a vida eterna.

“Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem venha aqui tirá-la. Disse-lhe ele: Vai, chama teu marido e vem cá. Respondeu a mulher: Não

tenho marido. Replicou-lhe Jesus: Disseste bem que não tens marido; porque cinco maridos tiveste, e o que agora tens, não é teu marido; isso disseste com verdade.

“Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que és profeta. Nossos pais adoraram neste monte; e vós dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar. Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me, a hora vem em que nem neste monte, nem em Jerusalém, adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis, nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus; mas a hora vem e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em Espírito e Verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é Espírito; e é necessário que os que o adoram, o adorem em Espírito e em Verdade. Eu sei, respondeu a mulher, que vem o Messias (que se chama Cristo); quando ele vier, anunciar-nos-á todas as coisas. Disse-lhe Jesus: “Eu o sou, eu que falo contigo”.

(João, IV, 1-26.)

Os tempos que atravessamos são de renascimento dos Evangelhos, de pregação da palavra divina. Parece que temos chegado ao terceiro dia, isto é, ao dia da ressurreição do Cristianismo, única doutrina que, em sua pureza primitiva, nos proporciona toda a consolação de que necessitamos na luta pela vida e toda a luz que não podemos dispensar para a purificação de nossas almas!

Chegando Jesus a Sicar, a cidade de Samaria, repousou perto da Fonte de Jacó, quando, à hora sexta, uma mulher veio tirar água. O Mestre pediu-lhe de beber e ela admirou-se de lhe pedir água um “judeu”, porque os judeus não se comunicavam com os samaritanos, por motivos religiosos.

Jesus fez-lhe ver, então, que o “dom” de Deus era mais do que judeu, mais do que samaritano, e disse à mulher: “Se tu conhecesses o “dom” de Deus e quem te pede água, tu lhe terias pedido “água” e ele te daria, porque quem beber da “água” que eu lhe der, nunca mais terá sede”. A mulher julgou primeiro que Jesus lhe oferecia um meio menos

trabalhoso de obter água, sem buscá-la no Poço de Jacó, mas depois de ter o Mestre afirmado que a “fonte” jorrava para a “vida eterna”, e depois de haver revelado à samaritana fatos ocorridos em sua existência, maravilhada pelos ensinamentos incomparáveis que recebera naquele momento, ensinamentos que nunca tivera ocasião de ouvir dos mestres samaritanos, deixou o cântaro e foi imediatamente para a cidade chamar o povo para que fosse ver aquele homem que lhe dissera tudo o que ela tinha feito e perguntava insistentemente: “Não será este o Cristo?”

Este quadro, que desenha os puros sentimentos de fraternidade em sua eloqüente lição, nos repete a adoração a Deus, em Espírito e Verdade. Ele ensina mais, que o “dom” de Deus é a luz que nos guia para a verdade, que essa luz não é privilégio de castas, de seitas, de famílias. Jesus, sendo judeu de nascimento e afirmando que não era verdadeira a adoração no templo de Jerusalém, assim como não o era no Monte Garizim dos samaritanos, dá-nos uma idéia clara de que, estando Deus em toda a parte, em toda a parte devemos adorá-lo, esforçando-nos por cumprir a sua lei.

Ensinou mais o Mestre, que a água que sacia toda sede é a que jorra do Alto, a sua doutrina, ministrada pelo Espírito de Deus. É assim que, num grande dia de festa em Jerusalém, ele levantou-se e exclamou: “Quem tiver sede venha a mim e beba. Quem crê em mim, como disse a Escritura, do seu interior manarão rios de água viva”. (João, VII, 37-38.)

Explicando as palavras do Mestre, diz João no versículo seguinte: “Disse isso a respeito do Espírito que iam receber os que nele cressem”. A água é, pois, a doutrina ministrada pelo Espírito.

Doutrina de vida, de luz, de verdade, de paz!

Doutrina que abrange ambos os mundos, carnal e dos Espíritos, doutrina única, que nos garante a felicidade eterna!

O PARALÍTICO DA PISCINA

“Havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. Ora, em Jerusalém, junto à porta das ovelhas, há um tanque, que em hebraico se chama Betsaida, o qual tem cinco alpendres. Nestes jazia um grande número de enfermos, cegos, coxos, paralíticos, esperando que se movesse a água. Porque descia um anjo em certo tempo ao tanque, e agitava a água; e o primeiro que entrava no tanque, depois de se mover a água, ficava curado de qualquer doença que tivesse. Achava-se ali um homem, que havia trinta e oito anos esta enfermo. Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava assim desde muito tempo, perguntou-lhe: Queres ficar são? Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água for movida; mas enquanto eu vou, outro desce antes de mim. Disse-lhe Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda. Imediatamente o homem ficou são, tomou o seu leito e começou a andar. Era sábado aquele dia, pelo que disseram os judeus ao que havia sido curado: Hoje é sábado, e não é lícito levar o teu leito. Ele respondeu: Aquele que me curou, esse mesmo me disse: Toma o teu leito e anda. Eles lhe perguntaram: quem é o homem que te disse: Toma o teu leito e anda? Mas o que havia sido curado, não sabia quem era, porque Jesus se tinha retirado, por haver muita gente naquele lugar. Depois Jesus o encontrou no templo e lhe disse: Olha, já estás são; não peques mais, para que não te suceda coisa pior. O homem foi dizer aos judeus que Jesus era quem o havia curado. Por isso os judeus perseguiram a Jesus, porque fazia estas coisas nos sábados. Mas Jesus disse-lhes: Meu Pai não cessa de agir até agora e eu também; por isso, pois, os judeus procuravam com maior ânsia tirar-lhe

a vida, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus".
(*João, V, 1-18.*)

O progresso humano tem como base a Revelação. É ela a luz que em todos os tempos tem iluminado as gerações para que conheçam os esplendores divinos.

Sem Revelação não há Ciência, nem Arte; não há Filosofia, nem Religião.

Na infância do Espírito, a Revelação é como um véu que deixa passar unicamente uma certa porção de luz para que não se lhe ofusque o entendimento; mas, à medida que o Espírito evolui, à proporção que a inteligência se desenvolve, o sentimento se aperfeiçoa e o Espírito cresce em conhecimentos, a Revelação lhe abre horizontes novos, auxiliando sua ascensão para a posse da liberdade total no seio dos espaços infinitos.

Se consultarmos a história da Ciência, veremos que os novos inventos e as novas descobertas são oriundos da revelação pessoal, cujo executor, Espírito missionário que aqui veio para tal fim, não é mais que um emissário do invisível que, no momento da realização de sua tarefa, é cercado dos mensageiros da imortalidade para o bom cumprimento da tarefa que veio desempenhar.

A navegação marítima e aérea, a locomoção terrestre pelo vapor e pela eletricidade, aí estão como provas do que dizemos, do progresso que nos anima bafejado pelo calor intenso da Revelação.

A Arte de hoje está mais aperfeiçoada que a de ontem.

Novos instrumentos têm facultado aos homens trabalho que ontem lhes seria impossível executar.

O mesmo se vê na Filosofia e na Religião. Segundo a lei Moisaica e o atraso daquela época, "Deus vingava a iniquidade dos pais nos filhos até a 3ª geração".

Por essa ocasião proclamava-se a lapidação de adúlteras na praça pública e prevalecia a lei da resistência: "dente por dente, olho por olho".

Depois, com a evolução religiosa, os profetas, sob o influxo da Revelação, ou seja, da comunicação dos Espíritos encarregados do progresso humano, projetaram mais intensamente a sua luz, até a recepção do Cristianismo, doutrina excelente que não se pode comparar ao Moisaísmo.

Daí a distinção da Velha e da Nova Dispensação: Antigo e Novo Testamento.

A Nova Dispensação marca uma nova era no mundo, pois, abolidos os artigos e parágrafos do Código Antigo, que lesavam a lei do perdão e da caridade e proclamados estes preceitos como único meio de salvação, deu-se Deus a conhecer na magnitude de seu amor, confirmando o que dissera pela boca do profeta: “Não quero a morte do ímpio, mas sim que o ímpio se converta e se salve”. (Ezequiel, XVIII, 23.)

Na escala evolutiva dos conhecimentos religiosos, como em todas as manifestações do pensamento, a evolução, seja no terreno material ou no plano espiritual, não faz transições bruscas. Com muita razão disse o filósofo: *Natura non facit saltus*, “A Natureza não dá saltos”.

A leitura da história religiosa vem em apoio desta afirmação.

Na junção do Moisaísmo com o Cristianismo aparece a figura majestosa de João Batista, o maior dos profetas, ora com o machado em punho a cortar pelas raízes as árvores estéreis, ora de pá, charrua e picareta, derrubando outeiros, arrasando montes, nivelando vales, de modo a aplainar veredas novas ao intelecto humano, onde a semente do Cristianismo deveria germinar, brotar, crescer, florescer e frutificar!

Entrelaçando num mesmo elo as verdades religiosas proclamadas na Antiga Lei com as erigidas pela Nova Lei, o profeta separa e exclui, como quem separa o joio do trigo, as idéias nocivas ao desenvolvimento humano, para que possam prevalecer as verdades promissoras que o Cristo gravou nos corações dos que querem seguir seus passos amorosos.

Em torno dessas verdades se reuniram os humildes, os sedentos de justiça, os famintos de verdades novas, os sofrendores vencidos ao peso do mundo, os aflitos a quem as trevas oprimiam a razão, os perseguidos por amor à justiça, todos os que, extasiados ante a grande figura do profeta, tomaram novas veredas, que deveriam conduzi-los a Jesus.

E foi para estes que o Mestre prometeu a galardão nos Céus; foi para estes que reservou as bem-aventuranças, inclusive a graça de serem chamados filhos de Deus, e de verem a Deus.

Enfim, surgiu o Cristianismo, que apresenta uma concepção de moral inexcedível, embora no sentido filosófico e científico (pois o Cristianismo é Filosofia, Ciência e Religião). Mas o Cristo não disse tudo, dado o atraso do povo de então. Foi o que deu motivo à Terceira Revelação, a mais extraordinária e pujante manifestação da vida na eternidade.

A Humanidade não pára a sua marcha e quando parece deter-se por um instante, as águas se agitam ao influxo dos anjos e os coxos continuam a caminhar em busca da perfeição!

Existia em Jerusalém uma fonte que o povo considerava milagrosa; segundo acreditavam, periodicamente descia àquelas paragens um anjo, que movimentava as águas: o enfermo que se achasse no tanque no momento em que se movia a água, de lá saía completamente são.

Como é natural, uma romaria de estropiados procurava na água de Betsaida a cura para seus males.

Dentre um número avultado de coxos, cegos, e paralíticos, que lá se achavam à espera de que a água se movesse, estava um homem que havia 38 anos ficara paralítico.

Jesus, cujos olhares perscrutadores desciam aos foros mais recônditos da consciência humana, tomado de compaixão pelo mais enfermo de todos os doentes e o mais desprotegido que lá estava, e para dar um ensinamento que deveria repercutir

através das gerações, sem aguardar a agitação das águas, ele próprio, revestido do poder que lhe vinha de Deus, deliberou curar o paralítico, cujos 38 anos haviam sido de martírio e, portanto, de reparação dos pecados que havia cometido. E com um gesto de generosidade se dirige ao enfermo e lhe diz: “Queres ficar são?”

O doente, com sua crença infantil e sem conhecer aquele que consigo falava, lhe responde: “Senhor! Não tenho quem me ponha no tanque quando a água se mover”.

Disse-lhe então Jesus: “Levanta-te, toma o teu leito e anda”. E imediatamente, ao influxo da divina palavra, a paralisia desapareceu; os membros desataram-se-lhe e o homem ficou são!

São muitos os ensinamentos que colhemos deste episódio. No primeiro, realça o fato físico da cura, que ultrapassa todo o entendimento humano; no segundo, o ensino moral que a Nova Revelação salienta e explica, tal como nenhuma outra filosofia é capaz de fazer.

A poderosa ação de Jesus, cuja autoridade sobre os Espíritos maléficos era extraordinária, aliada à manipulação dos fluidos atmosféricos convertidos em substância medicamentosa, explica a cura do enfermo há tantos anos paralítico.

A fluidoterapia já representa hoje um papel de destaque na Medicina e os próprios médicos não desconhecem seu valor, embora lhe dêem nomes novos, como *sugestão*, *hipnotismo*, etc. Esse método de curar foi usado pelos apóstolos e discípulos de Jesus, e os *médiuns-curadores* dele se utilizam, atualmente, com grande proveito.

O Espiritismo, revelado à Humanidade onde haurir as forças e consolações nas vicissitudes da vida, ensina que podemos perfeitamente, por intermédio dos mensageiros de Deus, conseguir a cura de nossos males.

Não há milagres nesta ordem de fatos, mas simplesmente fenômenos de uma natureza toda espiritual, que os inscientes não podem compreender por não se dedicarem ao estudo de suas leis e à investigação de sua origem.

Encarado pelo lado científico, o fato aí está, tal como narra o Evangelho, e em Ciência não é costume admitir-se unicamente palavras: exigem-se fatos, e fatos que se possam verificar, como aconteceu ao paralítico da piscina, o qual não passou despercebido aos sacerdotes do tempo de Jesus.

Encarando a narração do Evangelho pelo lado moral, perguntamos a nós mesmos: por que só um enfermo mereceu a graça da cura sem a agitação das águas, enquanto os outros permaneceram esperando o momento azado para entrar no tanque?

É que, sem dúvida, todos os que ali estavam, como acontece ainda hoje com a maioria dos enfermos que buscam as curas espíritas, buscavam unicamente a cura do corpo, a cura dos males físicos, enquanto que o paralítico provavelmente não só desejava a liberdade do corpo, como também a do Espírito.

A “água movida” poderia restabelecer a físico, mas, como matéria que é, não atingia a alma. É o que acontece às águas de varias fontes, mesmo do nosso país – Caldas, Lindóia, Caxambu, Cambuquira.

As nossas águas termais curam também os que têm dinheiro e que delas se abeiram em estações. Os que não o têm, ficam ao redor das piscinas sem terem quem os ponham nos tanques, ao moverem-se as águas, mas muitas vezes, recebem do Alto a virtude que os liberta dos males. E assim como a água do Poço de Jacó não saciava e nunca saciou completamente a sede da samaritana, a água da piscina, a seu turno, não podia também curar completamente os enfermos; era uma cura aparente, exterior, que deixava os enfermos sujeitos a moléstias ainda mais graves.

Mas o ponto principal do trecho evangélico é que, sem entrar na *piscina*, o paralítico havia 38 anos, ficou são.

Mas qual o motivo, já perguntamos, porque Jesus limitou a cura a um, quando tantos se achavam em redor da piscina? Seria porque Jesus não poderia ou não quereria curar os outros?

É, talvez, porque só o parálítico, pela sua crença estivesse apto a receber a cura, e os outros, não. É, com certeza, porque os outros não acreditavam que Jesus pudesse curá-los, e tivessem mais fé na água da piscina do que no Mestre, preferiam a água material à espiritual!

Pode ser ainda porque os demais, em grande atraso espiritual e moral, rejeitaram as exortações do Mestre, pois não era costume ir Jesus curando cegamente sem anunciar aos enfermos a palavra da vida.

Parece não haver dúvida sobre esta hipótese da exortação. As palavras do Mestre, ao encontrar-se ele com o parálítico no templo – “Olha, não peques mais para que te não suceda coisa pior”, dão indício de que houve, por ocasião da cura, exposição doutrinária que enunciou o motivo da moléstia.

Ocorrendo a cura do parálítico num sábado, os judeus, que eram fiéis observadores dos dias, das horas, das práticas exteriores e ritos de sua Igreja, revoltaram-se contra Jesus por haver “violado o sábado”, e quiseram impedir o “curado” de levar sua cama. Mas o recém-sarado, sem obedecer ordens subalternas, limitou-se a responder: “Aquele que me curou disse: – Toma o teu leito e caminha”.

“Ele me disse que *caminhasse*, eu não posso deixar de ouvir sua palavra para ouvir a vossa, que nunca teve poder de me curar, nem mesmo de me colocar no tanque quando a água se movia”.

Voltando às recomendações de Jesus – “Olha, não peques mais para que não te aconteça coisa pior”, parece querer o Mestre dizer ao paciente, como nos íamos referindo, que aquela enfermidade tinha por causa o pecado que ele cometera. Cessada que foi a ação do pecado, sob a palavra de Jesus, cessou imediatamente a moléstia, sendo restituída a liberdade do doente.

Mas os Judeus eram cegos de Espírito, não viam o que Jesus lhes mostrava; como acontece com a maioria da Humanidade atual, ainda semelhante a um rebanho de ovelhas cegas guiado por cegos, os judeus, em vez de aprenderem a lição que lhes era oferecida, deliberaram perseguir a Jesus, sob o pretexto de que ele curava num sábado!

Então o Mestre dirige-se animosamente a eles e diz-lhes: “O meu Pai não cessa de agir”, quer dizer: “O que está descrito na vossa lei, que Deus descansou no 7º dia, após a criação do mundo, não é verdade, porque Deus, o meu Pai, trabalha sem cessar, e eu também trabalho sempre”.

E assim, prodigalizando a todos os momentos de sua vida na Terra, lições substanciais e edificantes aos que dele se acercavam, Jesus estabeleceu o amor a Deus e a caridade, princípios básicos da religião que devemos abraçar.

A RESSURREIÇÃO - O ESPÍRITO - A FÉ

“Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos, ouvirão a voz do Filho do Homem e sairão: os que fizeram o bem para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição do juízo.”
(*João V, 28-29.*)

“Quando vier o Espírito da Verdade, que procede do Pai, dará testemunho de mim, e vós também dareis porque estais comigo desde o começo.”
(*João XV, 26-27.*)

“Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações; e eu vos confiro domínio real, assim como meu pai mo conferiu, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino; e vos sentareis sobre tronos para julgardes as doze tribos de Israel.”
(*Lucas, XXII, 28-30.*)

“O Espírito é que vivifica, a carne para nada aproveita.”
(*João VI, 63.*)

“Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a este sicômoro: arranca-te e transplanta-te no mar, e ele vos obedeceria.”
(*Lucas, XVII, 6.*)

Completara-se o período de 40 dias durante o qual Jesus, senhor e salvador nosso, depois da crucificação e morte de

seu corpo, permanecera com seus discípulos, congregando-os num mesmo Espírito para que pudessem, igreja militante, dar começo à nobre missão que lhes havia sido outorgada

As aparições diárias de Jesus àquela gente que deveria secundá-lo no ministério da divina lei, haviam abrasado seus corações; e seus suaves e edificantes ensinamentos, cheios de mansidão e humildade, tinham exaltado aquelas almas, elevando-as às culminâncias da espiritualidade, saneando-lhes o cérebro e preparando-os, vasos sagrados, para receber os Espíritos santificados pela sua palavra, como antes lhes havia ele prometido, conforme narra o evangelista João.

Tinha o Mestre de deixar a Terra, transpor os mundos que flutuam em derredor do Sol e elevar-se à sua suprema morada, para prosseguir na tarefa que Deus lhe confiara.

Avizinhava-se o momento da partida. Ele iria, mas com ampla liberdade de ação. Sempre que lhe aprouvesse viria observar o movimento que se teria de operar entre as “ovelhas desgarradas de Israel”, as quais ele queria reconduzir ao “sagrado redil”.

Ao dar-lhes suas últimas instruções, recomendou-lhes que não saíssem de Jerusalém, (Lucas, XXIV, 49), onde veriam o cumprimento da promessa de que lhes falara, e que era a comunhão com o Espírito.

Nesse ínterim, os discípulos o interrogaram a respeito do tempo em que o reinado de Deus viria estabelecer-se no mundo. Ao que lhes respondeu: “Não vos compete saber tempos nem épocas da transformação do mundo, mas sim serdes minhas testemunhas em toda a Terra, da doutrina que ouvistes, para que o Espírito seja convosco.”

Deveriam os discípulos identificar-se com o Espírito e conhecer o Espírito da Verdade, para, com justos motivos, anunciar às gentes, a Nova da Salvação que libertá-las-ia do mal. Quem seria, pois, esse Espírito da Verdade, esse extraordinário Consolador que, portador de todos os dons e com todos os poderes, viria realizar tão grande missão?

Seria um ente singular, miraculoso, abstrato, sem significação decisiva e patente para os novos arautos propulsores do progresso humano?

Certamente que não, o Espírito Santo, Espírito da Verdade, Espírito Consolador, conquanto representando em unidade a Ciência, o Amor, a Filosofia, há de forçosamente constituir a coletividade de Espíritos evoluídos, não mais sujeitos às vicissitudes terrenas, e em completa harmonia de vistas para o bom exercício da alta missão que, de fato, desempenharam e continuam a desempenhar.

O Espírito Santo não é um símbolo, uma entidade abstrata, misteriosa, mas as altas individualidades, os ilustres sábios e santos do mundo espiritual, que assumiram o encargo de executar a lei divina, e o fazem aqui na Terra pelo ministério dos profetas, ou seja, pelos médiuns, porque *profeta*, na linguagem antiga, outra coisa não é senão *médium*.

O Evangelho emprega no singular a expressão Espírito Santo, não para designar uma pessoa, mas uma coletividade, como nós empregamos a palavra governo, para exprimir a *junta governativa* de um país ou de uma cidade.

Os discípulos, que iam receber a investidura de apóstolos, constituíam a igreja militante, isto é, a que age na Terra; assim como os Espíritos que compõem a unidade santificante, constituem a igreja triunfante.

De maneira que, em rigor, podemos afirmar que, atualmente, segundo se depreende do trecho, Pedro, Paulo, João, todos os apóstolos e os chamados santos que se distinguiram por suas virtudes, fazem parte dessa Unidade – Espírito Santo, assim como no tempo em que eles estavam no mundo, outros Espíritos Santos, do mundo espiritual, vieram testemunhar-lhes e transmitir, por seu intermédio, as mensagens divinas que lhes cabia divulgar.

Mas, narram os *Atos dos Apóstolos* que, havendo Jesus concluído os ensinamentos preparatórios para que seus discípulos

pudessem receber o Espírito, estes viram o grande Messias, de volta à eterna morada, ir-se elevando aos ares até que desapareceu aos olhos de todos.

Maravilhados com tão singular ascensão, cheios de alegria, admirados do extraordinário poder do divino Mestre, eles se mantinham, olhos fitos no céu, quando foram atraídos por dois elevados Espíritos que, trajando vestiduras brancas, se puseram a seu lado, e lhes perguntaram: “Galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus que se elevou nesse momento dentre vós para ser acolhido nos Céus, pela mesma maneira virá, quando precisar visitar a Terra.”.(Atos, I, 10-11)

Quantos fenômenos interessantes, quantos fatos espíritas de aparições, de comunicações, de visões, narra o Evangelho! Quantas provas de imortalidade deu o ilustre nazareno a seus discípulos! Quantas luzes irradiam desta passagem que estamos estudando!

Como poderiam aparecer dois varões com vestiduras brancas, se não houvesse Espíritos no espaço? Onde poderiam vir eles se não houvesse uma outra vida além do túmulo? Como poderia Jesus ficar quarenta dias, depois de sua morte, com seus discípulos, se o homem fosse toda matéria? E como poderia ele se elevar aos espaços se esse corpo, que sobrevive à morte corporal, não fosse de natureza espiritual, como o proclamou o apóstolo dos gentios!

Foram esses fatos portentosos que ergueram os galileus conturbados pela morte de seu Mestre; foram essas aparições que os encheram de fé e fizeram que arrostrassem todos os tropeços, afrontassem todos os suplícios, vencessem todas as barreiras! Foi o grito da imortalidade que lhes despertou o raciocínio, venceu-lhes a timidez, vivificou-lhes o cérebro e o coração para que saíssem por toda a parte a anunciar a todas as gentes, a palavra do Deus vivo, os esplendores da vida eterna!

Ao influxo de generosos sentimentos, cheios de vida, revestidos de energia, iluminados por essa esperança que só a verdadeira fé pode dar, é que eles, descendo do Monte das

Oliveiras, onde haviam recebido as ordens do Filho de Deus, voltaram para Jerusalém, onde ficaram aguardando a recepção da ilustre visita do Espírito Consolador, para iniciarem a missão redentora que com tanta coragem desempenharam.

E então passaram mais ou menos dez dias em profunda meditação, em fervorosas orações, mantendo na doce calma do Cenáculo, os sentimentos da mais viva fraternidade, que os envolvia com as meigas carícias dos olhares de Deus.

Dentre todos, além dos onze apóstolos, salientavam-se as santas mulheres, e o total formado era de 120 pessoas, que perseveraram unânimes em oração e recordando os altos ensinamentos que seu Mestre lhes legara.

A história do Cristianismo é a suave melodia que canta a glória desses acontecimentos maravilhosos de que nos falam as Escrituras, começados no Sinai e sancionados pelos reaparecimentos do grande enviado.

Quem estudar com boa vontade e critério, todo esse desenrolar de manifestações espíritas, todos esses fenômenos supra-sensíveis e supra-normais relatados por todos os profetas e patriarcas referidos no Velho Testamento e referendados no Novo por uma soma não menos considerável de fatos, que estão em íntima ligação com o mundo espiritual; quem estudar com espírito desprevenido todas essas manifestações espíritas que tanta esperança nos vêm dar, não pode deixar de Ter uma fé viva, robusta, inteligente, racional, de que o fim da religião é preparar-nos, não só para a vida presente como também e, especialmente, para a futura, onde, na pátria invisível, prosseguiremos nosso labor de aperfeiçoamento para nos aproximarmos de Deus.

Justificada nesses princípios, nossa fé se ergue poderosa, inabalável, semelhante àquela “casa construída sobre a rocha”, lembrada na parábola.

É o sentimento da imortalidade que nos anima, é a certeza da outra vida que nos faz viver nesta com a fronte erguida, sem desfalecer, embora sangrando os pés por estradas pedregosas, dilacerando as carnes nos espinhos que tentam impedir nossa marcha triunfal para o bem, para a verdade, para Deus.

É revestidos da imortalidade que singramos os mares borrascosos da adversidade em frágil batel, sem que ondas impetuosas nos afastem do norte da vida.

Sem essas luzes que nos vêm do Além, sem essas claridades que surgem dos túmulos, sem esse poderoso farol habilmente manejado pelos Espíritos do Senhor, como poderíamos manter a estabilidade na fé?

Sem dúvida alguma, o Espiritismo é a base em que se fundamenta essa crença que nos arrima e fortalece.

É ele ainda que nos ensina a benevolência, o amor, a humildade, o desapego aos bens do mundo; as altas lições de altruísmo, de abnegação que a imortalidade nos impõe.

Como poderíamos, ante uma sociedade materializada e metalizada, renunciar a gozos, fortuna, posições, comodidades, se não tivéssemos a certeza das nossas convicções e se essas convicções não se assentassem em fatos positivos, palpáveis, visíveis, tangíveis que os Espíritos nos proporcionam?

Como poderíamos nesta época de depressão moral que atravessamos, de mercancia vil, de rapina descarada, de toda sorte de baixezas, como poderíamos esforçar-nos para nos livrarmos da corrupção do século, até com prejuízo da nossa vida material?

Qual é o homem racional que, tendo certeza de que tudo acaba no túmulo, renuncia a fortuna, prazeres, bem-estar, em benefício de terceiros, em benefício de outros que terão também, forçosamente, como fim da existência, uma cova rasa no quadrado de um cemitério?

Qual é esse louco que, podendo comer, beber, folgar, alimentar-se do suco da vida, tendo certeza de que tudo termina com a morte, vai viver do bagaço, vai repartir o seu sangue com os maltrapilhos e párias que encham as ruas e as praças?

Olhai as grandes catedrais com todas as suas pompas, perscrutai seus sacerdotes, observai os felizes do mundo com suas comodidades, sua fortuna, inquiri suas crenças e vereis que a fé não lhes anima o coração!

Saí pelas ruas, pelas praças, agitai a bandeira da imortalidade e vereis todos esses gozadores atirar sobre vós e o vosso estandarte, as mais duras imprecações, as mais loucas diatribes!

É que lhes falta a fé para o raciocínio, falta-lhes o critério que nasce da mesma fé, falta-lhes a verdade para melhor se guiarem na trilha do dever imposto por Deus.

Entretanto, assim como pensam, agem. Só crêem nesta vida, aproveitam dela tudo o que ela tem de bom, porque, de fato, é irrisório e irracional sacrificar prazeres e comodidades para ter em recompensa as voragens do *nada*.

Sem a fé, nenhum sentimento generoso poderá erguer a alma humana; sem a fé, nenhuma caridade, nenhuma esperança, nenhuma virtude pode nascer, crescer, florescer, frutificar na consciência dos homens.

A fé é o principal motor da religião, é o fator de todos os atos nobres, de todos os arroubos da alma, de todas as boas ações.

Ela remove todas as dificuldades para aquele que caminha para Deus; brilha na inteligência como o Sol no espelho das águas; dignifica o homem, eleva-o ilumina-o e santifica-o!

Não há palavra que ocupe menor número de letras e mais saiba falar ao cérebro e ao coração.

Com uma só sílaba exprime tudo o que necessita a criatura para conseguir a sua salvação.

Ter fé é ter certeza nos nossos destinos imortais, é guiarmo-nos por essa estrada grandiosa, iluminada, que o Cristo nos legou.

Ter fé é ser possuidor do maior tesouro que a alma humana pode adquirir na Terra.

Foi interpretando esta grande virtude, que Paulo dedicou toda a sua grande Epístola aos romanos, chegando a afirmar

que todos os grandes da Antigüidade, pela fé, venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram as promessas, taparam as bocas aos leões, extinguiram a violência do fogo, evitaram o fio de espadas; de fracos se tornaram fortes, fizeram-se poderosos e puseram em fuga exércitos estrangeiros!

O Espiritismo vem fazer realçar estes três fatores do progresso humano: a ressurreição, o Espírito e a fé, como partes integrantes de um mesmo todo e indispensáveis ao outro, testemunhos vivos que se afirmam e se completam.

Colunas principais do Cristianismo, são eles que nos dão a visão da outra vida, na qual colheremos o frutos do nosso trabalho, dos nossos esforços, pelo nosso próprio aperfeiçoamento.

O PÃO DA TERRA E O PÃO DO CÉU

“No dia seguinte, a multidão, que ficara do outro lado do mar, notou que não havia ali senão uma barca e que Jesus não tinha entrado nela com seus discípulos, mas que estes tinham partido sós; chegaram, porém, outras barcas de Tiberíades, perto do lugar onde comeram pão, depois de o Senhor ter dado graças. Quando, pois, a multidão viu que Jesus não estava ali, nem seus discípulos, entraram nas barcas e foram a Cafarnaum em procura de Jesus: Mestre, quando chegaste aqui? Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Vós me procurais, não porque visteis milagres, mas porque comestes dos pães e vos fartastes. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece pela vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará, porque sobre ele imprimiu o seu selo o Pai, que é Deus.”

(João, VI, 22-27.)

Há pão do Céu, assim como há pão da Terra; há alimento para a alma, assim como o há para o corpo; o alimento do corpo acaba, entretanto, como o corpo; o da alma permanece para a vida eterna.

Quem somente trabalha pelos manjares da Terra, não tem a comida do Céu; quem trabalha pela comida do Céu tem o pão da Terra e o pão que permanece para a vida eterna.

Há muitas espécies de trabalho da mesma forma que há diversas qualidades de trabalhadores; trabalhos da Terra, trabalhos do Céu na terra.

Aqueles jazem como túmulos bem ornados nas necrópoles, que desabam ao rugir das tempestades; os do Céu aparecem nas alturas, iluminados pelo fulgir dos astros e brilho das estrelas.

O que é da Terra, na Terra permanece; o que é do Céu, persiste na vida eterna.

No trabalho exclusivamente terreno, os membros cansam, o suor goteja, o cérebro se aniquila, a vida se extingue.

No trabalho do Céu, o fronte se eleva, a alma se engrandece, o corpo se fortalece, a mente se aclara, e a vida se eterniza.

Quem só trabalha para o que é da Terra, trabalha para o que perece. Quem trabalha para o que é do Céu, trabalha para o engrandecimento moral e espiritual de si próprio e de seus semelhantes, trabalha pela comida que permanece para a vida eterna.

Há Trabalho e trabalho; assim como há Pão e pão; assim como há tesouros na Terra e Tesouros no Céu.

Quem vive do Espírito busca as coisas do Céu; quem vive da carne busca as coisas da Terra; a carne para nada serve, o Espírito é que continua a viver.

“Trabalhai, não pela comida que perece, mas sim pela comida que permanece para a vida eterna.

RECONHECIMENTO E GRATIDÃO

“De caminho para Jerusalém, passava Jesus pela divisa entre a Samaria e a Galiléia. Ao entrar ele numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos, que ficaram de longe, e levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem compaixão de nós! Jesus logo que os viu disse-lhes: Ide mostrar-vos aos sacerdotes. E em caminho ficaram limpos. Um deles, vendo-se curado, voltou dando glória a Deus em alta voz, e prostrou-se com o rosto em terra aos pés de Jesus, agradecendo-lhe, e este era samaritano. Perguntou Jesus: Não ficaram limpos os dez? Onde estão os outros nove? Não se achou quem voltasse a dar glória a Deus senão este estrangeiro? E disse ao homem: levanta-te e vai; a tua fé te curou.”

(Lucas, XVII, 11-19).

“Muitos dos seus discípulos se retiraram, e não andavam mais com Jesus. Perguntou, então Jesus aos doze: Quereis vós também retirar-vos? Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna: e nós temos crido e conhecemos que tu és o Santo de Deus.”

(João, VI, 66-69).

“Marta, preocupada com o serviço, chegando-se ao Senhor disse: a ti não se te dá que minha irmã me tenha deixado só a servir? Manda-lhe, pois, que me ajude. Mas respondeu-lhe o Senhor: Marta, está muito ansiosa e te ocupas com muitas coisas, entretanto poucas são necessárias, ou antes uma só; porque Maria escolheu a boa parte que não lhe será tirada.”

(Lucas, X, 40-42).

“Aí tendes uma guarda; ide segurá-lo como entendeis. Partiram eles e tornaram seguro o sepulcro, selando a pedra e deixando ali a guarda”.

(*Mateus, XXVII, 65-66.*)

“Passado o Sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para ir embalsamá-lo.”

(*Marcos, XVI, 1.*)

Reconhecimento e gratidão são as duas expansões da alma humana, que assinalam muito bem o estado moral de cada indivíduo.

O reconhecimento é o testemunho da genuinidade de uma coisa, de um fato, de uma pessoa.

O reconhecimento é princípio inteligente que nos aproxima de verdade.

Como ato de discernimento, o reconhecimento pode dar lugar ao bom ou mau juízo que façamos de um objeto ou de uma pessoa.

Como virtude moral, o reconhecimento é o princípio da gratidão: onde aquele chega ao seu mais elevado cimo, esta começa a sua espiral que se eleva ao infinito.

O reconhecimento, que é discernimento espiritual, obedece sempre ao estado de espírito do julgador.

O reconhecimento, como produto do benefício, é a confissão do bem, pelo bem que o bem nos fez.

A gratidão grava a idéia do bem e mantém, pelo autor do benefício, vivo sentimento de carinho.

O reconhecimento lembra a idéia do benefício.

A gratidão aviva a lembrança do benfeitor.

O reconhecimento é um movimento de inteligência, variável, como variável é a inteligência em cada ser humano.

A gratidão é uma confirmação da razão, sancionada por gesto do coração.

Há reconhecimento e há gratidão; onde aquele pára, por não poder continuar o seu caminho, esta começa, num sulco de luz, a ascensão para a eternidade.

Não há virtude mais nobre, por isso mesmo mais rara que a gratidão. Ela nos conduz pelo amor e nos eleva a Deus.

Muitas são as almas reconhecidas, mas poucas são as que têm gratidão.

Dos dez leprosos curados em terras da Palestina, só um voltou a dar graças ao Senhor. De todos os restabelecidos pelo Senhor não se contam, talvez, três, que lhe seguissem os passos. De todos os que ouviram dos melodiosos lábios a palavra de salvação, insignificantes foi o número dos agradecidos; inúmeros foram os que reconheceram o Verbo de Deus, e muito maior em número foram os que, apesar de O reconhecerem, repudiaram a sua palavra.

Padres, doutores, rabinos, escribas, fariseus, governadores e césaes, depois que reconheceram o poder do Verbo Divino, é que resolveram crucificar o inocente!

E aquele mesmo que depois de haver mostrado o seu reconhecimento na mais alta expressão de inteligência, lava as mãos ao derramamento de sangue e acede ao sacrifício da vítima, porque não tem coragem de ser grato.

O mundo está cheio de reconhecidos, mas vazio de gratidão.

De oitenta e quatro discípulos que seguiam o Mestre Nazareno, setenta e dois abandonaram-no em meio do caminho dando motivo à pergunta do humilde galileu aos outros doze: “E vós também não vos quereis retirar? Ao que respondeu Pedro: Para quem havemos nós de ir, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna!”

O reconhecimento incita o interesse; a gratidão reveste o amor.

Marta e Lázaro são reconhecidos, mas só Maria tem gratidão: “*Venit mulier habens alabastrum unguenti nardi spicati pretiosi et fracto alabaastro, effudit super ejus* – uma mulher com um frasco de fino perfume de nardo ungiu-O”. (Marcos, XIV,3.)

Nicodemos, movido pelo reconhecimento, vai ao encontro de Jesus, mas como não tem gratidão, espera a noite para se aproximar do Filho de Deus: *Nicodemus hic venit ad Jesum nocte*. (João, III, 1-2.)

No reconhecimento só age o interesse.

Na gratidão é o amor que fala.

Para guarda do sepulcro, Herodes envia milícia; Madalena leva flores e perfumes.

O reconhecimento é o princípio inteligente que nos aproxima da verdade; a gratidão é um dever que a ela nos alia.

Na vida particular, como na vida social, há reconhecimento e gratidão; mas aquele, quando lustrado pela nobreza de caráter, é o princípio em que germinam as graças que nos dão a pureza de sentimento.

O reconhecimento é, finalmente, para a gratidão, o que a bolota é para o carvalho.

Assim como aquela só se transforma em árvore por força do tempo e poder dos elementos, o reconhecimento só se caracteriza em gratidão depois de um cultivo acurado da lei do amor lembrada pelo Cristo e de uma evolução proveitosa do Espírito nos ciclos ascendentes da verdade.

A PALAVRA DE VIDA ETERNA

“Muitos dos seus discípulos se retiraram e não andavam mais com ele. Perguntou então Jesus aos doze: Quereis vós também retirar-vos? Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna; e nós temos crido e conhecemos que és o Santo de Deus.”
(*João, VI, 66-69.*)

A imortalidade é a luz da vida; ela é a alma da nossa alma; a esperança da nossa fé; e a mãe do nosso amor.

Sem imortalidade não pode haver alma, sem alma não há esperança, fé, amor; e sem esperança, fé e amor tudo desaparece de nossas vistas: família, sociedade, religião, Deus!

A imortalidade é a base, o alicerce, a rocha viva onde se assenta esta trilogia sublime, é o farol luminoso que esclarece todas as virtudes, que ilumina toda a sabedoria, que nos desvenda, finalmente, os arcanos dos nossos destinos, resplandecendo sobre nossas cabeças o amor de Deus, essa auréola de santidade que brilha na fronte dos justos.

Urge, pois, que busquemos, primeiramente, a imortalidade, para crermos firmemente na palavra de Jesus. Urge que estudemos a imortalidade, que conversemos com a imortalidade, que ouçamos a imortalidade com seus substanciosos ensinamentos, a fim de, firmes e resolutos, orientarmos a nossa vida, regularmos os nossos atos na senda religiosa que nos foi traçada.

O homem não pode atender ao dever religioso sem conhecer, e não pode crer que estudou a esse respeito sem que tenha a certeza da imortalidade, a convicção cientificamente comprovada do prosseguimento da vida além do

túmulos, onde, pelos seus esforços, pelos seus trabalhos, poderá conquistar a verdadeira felicidade.

Só a fé no futuro nos livra do obscurantismo, do fanatismo, da ignorância.

A palavra de vida eterna é a maior preciosidade que Jesus nos legou.

E assim compreenderam seus discípulos quando, ao inquirir-lhes o Mestre se não queriam também se retirar como o fizeram os demais que o seguiam cegamente e com interesse em pães e peixes, responderam: “Para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna”.

Jesus fez muitas maravilhas: curou enfermos, multiplicou pães e peixes, transformou água em vinho, acalmou mares e ventos, mas essas maravilhas não prendiam os doze discípulos; não foi por elas que eles continuaram a acompanhar Jesus, mas sim porque: “Só Ele tinha a palavra de vida eterna.”

A palavra de vida eterna vale mais que todas as maravilhas, mais que o mundo todo, porque as maravilhas se acabam, o mundo se extinguirá, mas a vida eterna perdurará para sempre, e aí colheremos os frutos do nosso labor, o mérito dos nossos esforços.

Quando Pedro respondeu a Jesus: “Só tu tens palavras de vida eterna”, ele já havia visto a vida eterna. Jesus já o havia levado ao Tabor, onde chamou os Espíritos de Moisés e de Elias, que há muito tinham desencarnado, para lhe testificar a existência da vida eterna.

Moisés e Elias já tinham atravessado os umbrais da morte, e, entretanto, vieram demonstrar que a morte não existe na acepção da palavra, mostrando-se assim aos três apóstolos, Pedro, Tiago e João.

Há vida, não só na Terra, também há vida eterna.

A vida eterna é o princípio básico da vida na Terra.

E é de notar que o Mestre não se contentou em dizer e a provar que há vida eterna, com a manifestação de Moisés e de Elias. Ele mesmo voltou da vida eterna, após a Tragédia do Gólgota, para confirmar essa Nova da Salvação.

Tomé não acreditava, porque não estivera no Tabor; duvidava da vida eterna. E quando os outros discípulos contaram a Tomé que Jesus lhes havia aparecido, respondeu que só acreditaria se suas mãos tocassem os sinais dos cravos e o sinal da ferida produzida pela lança.

É de notar que o divino modelo não se negou a essas provas, mas, ao contrário, facultou-as para que o seu discípulo recebesse a verdadeira crença.

Mas as aparições de Jesus não se limitaram aos discípulos; apareceu a muitas mulheres e a mais de quinhentas pessoas, segundo narram os Evangelhos.

Tudo se extingue neste mundo: o dinheiro se acaba, as grandezas terrenas se esvaem, mas a palavra de Jesus permanece para sempre!

Quem quiser ser feliz, mesmo nesta vida, precisa buscar a palavra de Jesus e dela não se separar.

De modo que, havendo, como há, vida eterna e nela permanecendo a palavra de Jesus, sempre seremos discípulos daquele que veio ao mundo para salvar e não para condenar o mundo. E ouvindo seus preceitos, imitando seus exemplos, pedindo à vida eterna as luzes precisas para nos guiarmos no mundo efêmero em que nos achamos, não nos faltarão graças e misericórdias para vencermos as lutas e extinguirmos as trevas que nos oprimem.

BUSCAI A VERDADE E A LIBERDADE

“Jesus disse aos judeus que criam nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sois meus discípulos; e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.
(João, VIII, 31-32.)

O homem é um ser dotado de razão e de sentimento. São estes os dois pólos da vida psíquica através da qual se realça o eixo do ideal mantenedor da evolução gradativa do Espírito!

O homem é um ser polarizado pelo raciocínio e vivificado por sentimentos de virtude, por afetos que o prendem à fraternidade e só quando usa esses atributos em busca da verdade, ergue-se, dignifica-se, eleva-se e santifica-se.

Fora dessa esfera de ação e de educação o homem é *besta*! *Besta* porque não sente, *besta* porque não pensa!

Pensar é existir; assimilar afeições, virtudes, amor; é viver: *Cogito, ergo sum!*, Penso, logo existo!”

Há homens que pensam; há homens que sentem; uns e outros estão nos primórdios da vida. É preciso, entretanto, que o *pensar* seja acompanhado do *sentir*, porque o *pensar* sem o *sentir*, o *sentir* sem o *pensar*, são faculdades abstratas que encaminham a alma para o grande ideal, mas não o libertam completamente da ignorância e do atraso.

Na alma livre, o *pensar* se completa com o *sentir*, e o *sentir*, com o *pensar*, porque a verdade não teme o erro, a luz não pode ser absorvida pelas trevas.

Todos os grandes pensamentos só podem ser assimilados depois de sentidos, e todos os nobres sentimentos só podem ser compreendidos depois de pensados.

Quando Descartes proclamou: *Cogito, ergo sum*, não só pensou como sentiu; pensou existir e sentiu a vida em si próprio.

A compreensão não vem só do raciocínio, mas do raciocínio aliado ao sentimento: são estes os dois grandes faróis luzentes da estrada da vida.

Abri clareiras ao vosso entendimento pelo raciocínio; alargai as esferas do sentimento; não vos atemorizeis ante as alturas e longitudes, porque a águia e o condor não transpõem o círculo do seu vôo; os pássaros têm seus limites nos ares!

Homens! Voai, desprendeis-vos da escuridão da ignorância que cerceia a vossa inteligência e vos ata a pesados dogmas!

Voai! Daí expansão à vossa razão, deixai palpitar os vossos corações aos generosos sentimentos para ascenderdes às esferas da Ciência e do Amor, onde a verdade brilha com todos os seus esplendores!

Lembraí-vos, ó homem! que sois dotado de razão e sentimento!

Buscai a palavra de Jesus, permanecei na sua palavra, sede verdadeiramente seus discípulos, e “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”!

O CEGO DE SILOÉ

“Jesus, ao passar, viu um homem cego de nascença. Perguntaram-lhe seus discípulos: Mestre, quem pecou para que este nascesse cego, ele ou seus pais? Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais, mas isto se deu para que as obras de Deus nele sejam manifestas. É necessário que façamos as obras de quem me enviou enquanto é dia; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar. Estando eu no mundo, sou a luz do mundo. Tendo assim falado e fazendo lodo com saliva, aplicou-o nos olhos do cego, dizendo: Vai lavar-te no tanque de Siloé (que quer dizer, Enviado). Ele foi, lavou-se e voltou com vista. Então os vizinhos e os que dantes o conheciam de vista, como mendigo, perguntavam: Não é este o que se assentava para mendigar? É ele mesmo, respondiam uns; não é, mas é parecido com ele, diziam outros. Porém ele dizia: Sou eu mesmo. Perguntaram-lhe, pois: Como te foram abertos os olhos? Respondeu ele: Aquele homem chamado Jesus fez lodo, ungiu-me os olhos e disse: Vai a Siloé e lava-te: então fui, lavei-me e fiquei vendo. E eles perguntaram: Onde está ele? Respondeu: não sei”.

“Levaram aos fariseus o que fora cego. Ora, era Sábado o dia em que Jesus fez lodo e lhe abriu os olhos. Então os fariseus, por sua vez, perguntaram-lhe como recebera a vista. Ele respondeu: Aplicou lodo aos meus olhos, lavei-me e agora vejo. Pelo que alguns dos fariseus diziam: como pode um homem pecador fazer tais milagres? E havia dissensão entre eles. Tornaram a perguntar ao cego: Que dizes tu a respeito dele, visto que te abriu os olhos? É profeta, respondeu ele. Mas os judeus não acreditaram que ele tivesse sido cego e tivesse recebido a vista, enquanto não chamaram os pais dele e os interrogaram: É este vosso filho, que vós dizeis ter

nascido cego? Como, pois, vê agora? Responderam seus pais: Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego; mas como agora vê, não sabemos, ou quem lhe abriu os olhos, nós não sabemos; interrogai-o, já tem idade; ele mesmo falará por si. Isto disseram seus pais porque tinham medo dos judeus; porquanto estes já tinham combinado que se alguém confessasse ser Jesus o Cristo, fosse expulso da sinagoga. Por isso disseram seus pais: Ele já tem idade, interrogai-o. Então chamaram pela Segunda vez o homem que fora cego e lhe disseram: Dá glórias a Deus: nós sabemos que este homem é pecador. Ele respondeu: Se é pecador eu não sei: uma coisa sei: Eu estava cego e agora vejo. Perguntaram-lhe, pois: Que te fez ele? Como te abriu os olhos? Ele lhes respondeu: Já vo-lo disse e não ouvistes: por que quereis ouvir outra vez? Porventura quereis também vós tornar-vos seus discípulos? E injuriaram-no e disseram: Discípulo dele és tu; mas nós somos discípulos de Moisés, mas este não sabemos donde ele é. Respondeu-lhes o homem: É maravilhoso que não saibais donde ele é, e contudo, ele me abriu os olhos. Sabemos que Deus não ouve a pecadores, mas se alguém temer a Deus e fizer a sua vontade, a este ele ouve. Desde que há mundo, nunca se ouviu que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença. Se este homem não fosse de Deus, nada poderia fazer. Eles lhe replicaram: Tu nasceste todo em pecados e nos estás ensinando? E lançaram-no fora.”

“Soube Jesus que o haviam lançado fora e encontrando-o, lhe perguntou: Crês tu no Filho do Homem? Quem é ele, Senhor, para que eu creia nele? Respondeu o homem.

“Disse-lhe Jesus: Já o viste e é ele quem fala contigo. E ele disse: Creio Senhor; e o adorou. Jesus prosseguiu: Eu vim a este mundo para um juízo, a fim de que os que não vêem, vejam; e os que vêem, se tornem cegos. Ouvindo isto alguns dos fariseus, que estavam com ele, perguntaram-lhe: Porventura somos nós também cegos? Respondeu-lhes Jesus: Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas agora dizeis: Nós vemos; fica subsistindo o vosso pecado.”

(*João, IX, 1-41*).

A vida de Jesus é uma lição extraordinária. Fonte de ensinamentos inesgotáveis que jorra para a vida eterna, só por ela seremos capazes de nos fortalecer para o cumprimento dos desígnios divinos.

Todos os mestres da Terra têm errado e continuam a errar, só Jesus falou a eterna verdade, que irá sendo assimilada à proporção que crescermos no seu conhecimento e à medida que as graças de Deus abundarem em nós.

Jesus passava e viu um homem que era cego de nascença, e logo que viu o cego conheceu tudo. Pela natureza da cegueira conheceu não só que o cego o era de nascença, mas também que seus pais não haviam pecado para que o cego assim nascesse, isto é, que a “mazela” não era hereditária.

Conheceu mais o médico excelente: que a cegueira desse homem não provinha de pecado que ele houvesse cometido; mas, antes, que aquela enfermidade longe de ser um castigo, era uma graça de Deus, para que suas obras fossem manifestas.”

Três coisas podemos supor deste trecho que acabamos de ler:

1 – Que a cegueira de nascença é produzida por pecados dos pais.

2 – Que a cegueira de nascença é produzida por pecados do próprio cego.

3 – Que a cegueira de nascença é graça de Deus para que suas obras sejam manifestas.

Vamos analisar estas três proposições em ligeiros detalhes. *A cegueira de nascença é produzida por pecado dos pais?*

Dura coisa é ir contra os ensinamentos sagrados, ou sofismar com o sentido das Escrituras.

Como poderemos afirmar, de um lado, que os “filhos não pagam pelos pecados dos pais”, e , de outro, dizer que “a cegueira de nascença é produzida por pecados dos pais”?

Não será, porventura, uma injustiça e uma blasfêmia afirmar-se que, se os pais roubaram, injuriaram, mataram, perseguiram, os filhos venham a sofrer as conseqüências destes desatinos, destes pecados, destes males praticados por seus progenitores?

Se Jesus disse aos seus discípulos que cada um é responsável por suas obras, como posso eu responder pelos pecados de meus pais?

Jesus nunca faltou com a verdade; sua palavra é de vida e de luz; nele não há trevas; como afirmar que “a cegueira pode Ter como causa os pecados dos pais?”

Está escrito no trecho do Evangelho que acima transcrevemos, que, havendo os apóstolos perguntado ao Mestre: “Quem pecou para que este homem nascesse cego, ele ou seus pais?”, Jesus respondeu: “Nem ele pecou nem seus pais.”

Pela pergunta dos apóstolos compreendemos que eles acreditavam ser a cegueira de nascimento ocasionada, ou por pecados de pais, ou por pecado do próprio Espírito.

E pela resposta que Jesus lhes deu, também podemos compreender que esta crença não era destituída de fundamento, porque, se fosse, Jesus, que lhes estava ensinando, que era o Mestre de todos eles, lhes diria: “Errais no vosso pensamento, porque o pecado dos pais não pode cegar os filhos, assim como ninguém pode pecar antes de nascer.”

Mas Jesus não lhes disse isto: deixou que alimentassem a sua crença, o seu modo de pensar, e se limitou a afirmar, quanto *àquele cego*, que: “nem ele pecara, nem seus pais, mas se havia produzido aquela cegueira para que as obras de Deus fossem manifestas”.

De fato, de acordo com os ensinamentos do Cristo, iluminados pelo Espiritismo, os filhos não podem pagar pelos pecados dos pais, mas os pecados dos pais podem chegar ao auge de cegar os filhos.

Eis aqui a interpretação da crença dos apóstolos, que Jesus não quis destruir: Se os pais furtam, os filhos não são

responsáveis pelo furto; se eles matam, os filhos não são responsáveis pela morte; se eles mentem, caluniam, difamam, os filhos não têm de responder pela mentira, pela calúnia, pela difamação; mas se os pais educam os filhos nessas paixões, nesses vícios, esses defeitos dos pais se refletem nos filhos e os filhos pagam as conseqüências funestas dessa má educação; pela mesma forma, os pais têm de prestar severas contas a Deus pelas faltas que seus filhos praticarem, visto serem elas causadas pela educação que receberam no lar.

De modo que, quer falando moralmente, quer falando espiritualmente, os pais são condenados pelas faltas dos filhos, e os filhos são condenados pelas faltas dos pais.

Conta-se a história de uma mulher que nunca soube dar educação ao filho e que, tornando-se este ladrão e assassino, fora condenado à forca. Solicitado, como era de uso noutros tempos, a fazer o seu último pedido, disse Ter o desejo de beijar a sua mãe antes de morrer. Foi-lhe dada permissão e para tal fim fizeram a velha subir as escadas da forca, onde se achava o filho prestes a ser executado.

Ele abraçou a mãe, e, chegando o seu rosto ao dela, com os dentes arrancou-lhe um pedaço de carne da face, e disse: “Tu és culpada do meu suplício; ele é o resultado da educação que me deste”.

Eis aí um fato que resume milhares de outros fatos que se verificam no mundo: de *filhos sofrerem o pecado dos pais e pais sofrerem o pecado dos filhos*.

Assim como acontece no plano moral, também acontece no plano espiritual.

Haverá mal que mais tenha feito sofrer os filhos do que a “religião” chamada “dos nossos pais”?

Não é este o maior dos pecados dos pais, pelo qual pagam os filhos?

O que acontece aos filhos de católicos e de protestantes que herdaram, como se a religião fosse dinheiro, casa ou fazenda, a “religião de seus pais”?

Nós temos tido a felicidade de estar em relação com o mundo espiritual e de conversar com os “mortos”, sabemos

bem de perto quão grandes são os sofrimentos dos que carregam para o além-túmulo essa herança sem valor. Embora os comunicantes não deixem de ser Espíritos de certa categoria, passam muito tempo em grande perturbação; caminham de um lado para outro sem encontrar o Céu, o Inferno e o Purgatório, que haviam recebido por “herança” de seus pais; e começam a verificar que os sacramentos que receberam nenhum benefício lhes fez, e até despertarem desse terrível pesadelo, bebem o fel que lhes foi dado, em vez da água pura da revelação espiritual! E a dor por que passam também os pais perturbados, ao verem assim alucinados seus filhos, a ponto de não os conhecerem, nem quererem ouvi-los, para se iniciarem na vida espiritual!

Mesmo excluindo esse quadro muito comum, que se desenrola no outro plano da vida, não será um sofrimento atroz para um pai, pensar que seu filho foi para o “Inferno eterno” que lhe ensinaram existir do outro lado do túmulo? Ou então o filho que vê morrer seu pai ou sua mãe, julgar esses entes queridos condenados para sempre ao reino de Plutão?

Eis como o pai paga pelo filho, e o filho pelo pai.

Quando Jesus disse que: “quem amasse mais a seu pai, a sua mãe, a seus irmãos, a seus amigos do que a Ele, não seria digno dEle”, quis afirmar que o pecado de crenças falsas e preconceitos dos pais é tão venenoso, tão prejudicial, que chega a contaminar os filhos, obscurecendo-lhes a visão da vida espiritual.

Donde vêm as guerras, o ódio, o egoísmo, as dissensões? Não será das más crenças dos pais, refletindo-se nos filhos?

Diz a sentença popular: “tal pai, tal filho”, fazendo alusão a essa herança prejudicial que impede o progresso da família e da sociedade.

Encontrando Jesus o “cego de nascença”, viu logo que a cegueira era de nascimento e não provinha do pecado dos pais, por isso deliberou curar o cego.

Se a cegueira desse cego viesse do pecado dos pais, é bem possível que o Mestre não se arrojasse a fazer tão dificultosa cura.

De quantos cegos espirituais está cheio o mundo, sem que o próprio Jesus atualmente os possa curar!

E isso por quê? Porque a cegueira é proveniente do pecado dos pais; a “religião enganosa” dos pais fez belidas nos olhos dos filhos, e como a vista é coisa melindrosa, eles não permitem que se lhes tirem a catarata.

A cegueira pode ter por causa o pecado do próprio cego.

Como analisar esta hipótese sem admitir a lei da reencarnação?

Como pode Deus criar uma alma pecadora, e por ser pecadora, condená-la à cegueira?

Admitindo uma única existência terrestre para cada indivíduo, não se explica porque uns nascem cegos, outros surdos, outros aleijados, outros idiotas, outros estúpidos; ao passo que outros são sadios e inteligentes!

As religiões dominantes não explicam essas anormalidades.

Encarando-se a questão em face da Filosofia Espírita, aquilo que parecia hipótese, o viver muitas vezes na Terra, torna-se realidade. Chega-se à conclusão de que o Espírito já existia antes do nascimento do corpo, e continua a existir depois da morte desse mesmo corpo, e, por uma série de vidas sucessivas, se vai aperfeiçoando, passando por provas necessárias ao seu progresso e adquirindo conhecimentos indispensáveis à sua evolução.

O que é deformado fez mau uso dos seus membros; o aleijão é o resultado do mau emprego dos órgãos que o Espírito fez, quando encarnado de outra vez na Terra.

A língua foi dada ao homem para falar bem; se ela falar mal, estará desviando o seu itinerário e paralisar-se-á um dia, como a locomotiva fora dos seus trilhos.

Os olhos são duas luminárias para guiar o corpo, como diz o Evangelho – se eles não desempenham esse mister, se escurecem.

É a isto que se chama “cegueira produzida pelo próprio cego”.

Entretanto, este pecado é mais fácil de extinguir-se do que o outro, esta cegueira é mais fácil de ser curada do que a outra, que resulta do pecado dos pais, porque quando foi o próprio cego que pecou, o pecador é um só, e quando foram os pais que pecaram, os pecadores são três: o pai, a mãe e o filho; o pai porque ensinou, a mãe porque confirmou, o filho porque aceitou e referendou o pecado, passando-o à sua descendência.

Cegos por pecados próprios, diz o Evangelho haver Jesus curado muitos durante a sua peregrinação na Terra. Além daqueles a quem abriu os olhos diante dos mensageiros de João Batista e em outras ocasiões narradas pelos evangelistas, refere Mateus que, logo após a ressurreição da filha de Jairo, curou a dois que o seguiam e clamavam: “Filho de Davi, tem compaixão de nós”.

Quando Jesus passava na estrada de Jericó, outros dois clamavam: “Filho de Davi, tem misericórdia de nós”.

E o divino Mestre fê-los recuperar a vista.

Passemos à terceira hipótese:

A cegueira de nascença é graça de Deus para que suas obras sejam manifestas.

Todas essas doenças incuráveis que Jesus curou, durante a sua passagem por este mundo, são graças de Deus; e os doentes, longe de serem pecadores ou sofrerem a consequência do pecado de seus pais, eram Espíritos missionários, enviados para que neles as obras de Deus fossem manifestas. Foi isto que Jesus quis dar a entender, quando curou o “cego de nascença”, e disse, em primeiro lugar, “que nem ele nem seus pais pecaram, mas deu-se isto para que as obras de Deus fossem manifestas”; e em segundo lugar, quando mandou o “cego” lavar-se na *piscina de Siloé*.

Siloé quer dizer enviado, e mandando Jesus lavar-se o cego naquela piscina, quis mostrar a seus discípulos e aos mais que assistiam à cura, que aquele “cego” era “enviado”.

Enviado para que as obras de Deus fossem manifestas publicamente por seu intermédio.

Passemos agora ao cego propriamente dito.

Exame feito no cego.

Jesus passou, viu um homem cego, viu que a causa da cegueira não era pecado próprio do cego, nem de seus pais.

Viu mais, que a cegueira em vez de ser treva, era luz, e deliberou curar o homem, porque, curando-o, as obras de Deus seriam manifestas.

Havia muitos anos vivia o homem que era cego, e vivia andando pelas ruas porque era mendigo e esmolava.

Todos os dias os fariseus encontravam esse homem e nunca se deram ao incômodo de examiná-lo, nem de tentar curá-lo. Foi preciso que os vizinhos do cego o levassem à sinagoga, à igreja, para ser examinado pelos sacerdotes do farisaísmo que, apesar de todos os testemunhos de cegueira, não quiseram crer que o homem tivesse sido cego de nascença!

Inquiriram as testemunhas, mas não creram nas testemunhas; inquiriram os pais do cego, e não acreditaram nos pais do cego; inquiriram o cego e não acreditaram no cego; finalmente, por causa de todas as informações e afirmações, o cego foi expulso da igreja! Sabendo Jesus disso, deliberou dar uma lição aos fariseus, pois era mister fazer a obra de Deus resplandecer ainda com mais intensidade.

Chamou, então, o que fora cego e lhe perguntou: “Crês tu no Filho de Deus?” “Quem é ele, Senhor?”, perguntou o cego. “Sou eu que falo contigo”, respondeu Jesus. O homem que fora cego tornou: “Creio, Senhor”, e o adorou. Jesus então disse abertamente: *Eu vim a este mundo para um juízo, a fim de que os que não vêem vejam; e os que vêem se tornem cegos.*

Esta sentença mostra a justiça dos desígnios de Deus e a sua admirável sabedoria.

O cego que era pobre, que mendigava, despido de sabedoria, de aparatos, fora da igreja, foi curado, viu Jesus, afirmou sua crença no Filho de Deus e o adorou.

Os fariseus, que não eram cegos, que não eram pobres, que não mendigavam, que eram cheios de sabedoria terrena, que eram sacerdotes e estavam dentro das igrejas, viram Jesus, mas não creram em Jesus, não o receberam e até o perseguiram e crucificaram!

Que triste contraste entre os fariseus e o cego!

E por que é assim? Porque o cego se fez cego por amor à glória de Deus, para que a glória de Deus fosse manifesta; ao passo que os fariseus se fizeram videntes por ódio à glória de Deus, para que a glória de Deus, para que a glória de Deus não fosse manifesta.

O que não via começou a ver, e os que pensavam ver se tornaram cegos! Cegos, completamente cegos; cegos da pior espécie de cegueira: a cegueira espiritual, moléstia que permanece na vida eterna!

Tão cegos eram os fariseus, e tanto mais cegos se tornaram, que chegaram ao auge de não mais se conhecerem e de nem mesmo saber que eram cegos! Tal foi a confusão em que se achavam que perguntaram a Jesus: “Porventura somos nós também cegos?”

E Jesus respondeu-lhes, fazendo alusão ao cego de nascença a quem havia curado, porque não tinha pecado e por ser necessária a manifestação das obras de Deus: “Se fôsseis cegos não teríeis pecado algum, mas o vosso pecado fica subsistindo, porque vós dizeis: Nós vemos.”

Mas, que viam os fariseus?

Viam o mundo, viam as ruas, viam as casas, viam as coisas da Terra, viam o dinheiro!(*).

Mas, será isto, verdadeiramente, *ver*? Se assim é, qualquer asno também vê. O asno também vê as ruas, as casas, os carros.

Os fariseus viam como vêem os asnos, mas não viam como vêem aqueles que querem ver manifestas as obras de Deus. Na verdade, eles *não* viram Jesus, *não* viram a cura do cego, *não* viram o cego, *não* viram as obras de Deus que foram manifestas a todos! Entretanto, o cego fora curado diante deles, Jesus estava à sua frente, e as obras de Deus foram manifestas ante os seus olhos!

As graças de Deus são luzes que nos iluminam o caminho da vida, que nos mostram as obras divinas, desvendando-nos o reino da felicidade imortal.

Quem ama a Deus e procura cercar-se de suas obras, se é cego, fica vendo; se é surdo, ouve; se é mudo, fala; porque as obras de Deus vivificam os nossos sentidos para nos extasiar com as suas maravilhas.

(*) *Viam a lei, e diz Paulo: "É evidente que pela lei ninguém será justificado diante de Deus, porque o justo viverá da fé."* (Gál., III, 11.)

VIDA E DESTINO

“Eu sou a porta das ovelhas. Todos os que vieram antes de mim, são ladrões e salteadores. Eu sou a porta: se alguém entrar por mim, será salvo; e entrará, sairá e achará pastagem. O ladrão não vem senão furtar, matar e destruir; eu vim para que elas tenham vida e a tenham em abundância.”

(João X, 8-10.)

A vida é uma luta acérrima, um caminhar incessante para a realização do destino. O destino é a luz que, quanto mais dela nos aproximamos, mais clareia e realça os horizontes da vida.

A vida material tem nascente e ocaso: nasce com as carícias promissoras da aurora; morre abafada nas trevas da noite!

E a vida nasce e renasce tantas vezes quantas são as areias do mar e os átomos do ar!

Na Terra imperam as alternativas: o dia estende seu luzente lençol de gaze, iluminando aos olhos humanos, as belezas da Natureza; a noite obumbra as alegrias e as esperanças com o seu manto tenebroso.

No alto fulgem estrelas, mas se avolumam nuvens; ora, a aragem derrama fluidos nas pétalas das rosas e dos jasmims, perfumando a atmosfera; ora, estrugem os raios concentrando a seiva das plantas no caule trêmulo de terror!

Nas fases tão diversas da vida terrestre, à pureza da alma sucedem as paixões malsãs, e a estas, a enfermidade e a velhice acabrunhadora.

Enquanto louras crianças correm e folgam nos prados atapetados de musgos e sombreados por arvoredos, e os moços

fascinados pelas grandezas e dominados pela volúpia embrenham-se nos tremedais, os velhos e desvalidos curvados ao peso dos anos e das dores, caminham para o túmulo na esperança do renascimento!

Na alegria e na tristeza, na abundância e na miséria, na velhice e na mocidade, na saúde e na enfermidade, na sabedoria e na ignorância, na vida e na morte, o Espírito pode paralisar a sua marcha ascensional para a verdade, mas não se exime do seu destino!

Nas encostas das montanhas também raiam claridades e descem chispas luminosas.

A luz do destino projeta auroras do nascimento à morte e realça, na sua plenitude, os horizontes da vida eterna.

Tenhamos fé: a vida é luta acérrima para a conquista da perfeição; o destino é grandioso e acena com promissoras felicidades. Tudo caminha para a luz!

No caminho palmilhado pelo Cristo, brilham as verdades precursoras do destino; ele é a luz que clareia aos homens o roteiro da perfeição; nele está a vida de todas as grandes almas; ele é o caminho, a verdade e a vida; ele nos guia para o destino e o destino é a vida eterna, onde reinam as mais perenes felicidades.

Tenhamos fé e caminhemos na luz da vida pelo caminho traçado por Jesus; bom pastor, ele quer que tenhamos vida, e no-la dá em abundância!

AS CONVERSÕES NA HORA DA MORTE

“Não há doze horas no dia? Se alguém andar de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas se alguém andar de noite tropeça, porque nele não há luz.”

(João XI, 9-10.)

Um dos fatos significativos que se tem observado nas religiões dos homens, e com muita especialidade na Igreja Romana, é o da conversão do herege nas proximidades da morte.

Esses fatos são mesmo comuns, seja porque o refratário à crença, ao aproximar-se a hora fatal agarra-se a todas as tábuas que julga de salvação e declara-se convertido; seja porque, mesmo contra a vontade do delinqüente, e quando se trata de personagem de renome, a Igreja o torna converso.

O fato é que escritores materialistas, livres-pensadores, que passaram a vida inteira negando os “santíssimos sacramentos” da Igreja, e até viveram em atitude hostil aos reverendíssimos prelados, na antevisão da morte aproximam-se, ou diz-se que se aproximaram da religião de Roma, e alguns, da religião Protestante.

Parece uma lei *fatal*, que em Psicologia poder-se-ia chamar de *inversão de idéias*, essa que desune os sábios e pensadores personalistas da Igreja, e, *in-extremis*, os une de novo, como logo após o batismo da pia.

O fenômeno, entretanto, é perfeitamente explicável.

O indivíduo que pertencia à Igreja por herança ou doação, que lhe fizeram seus antepassados, chegando a idade da razão, não se conforma com os artigos de fé que lhe foram impostos;

considera-se, ou consideram-no excomungado, e na expansão do gênio, seja na Arte, na Ciência ou na Filosofia, alveja com certeiras setas os dogmas sacerdotais. E quando o estro declina e desaparece, como uma chama, por falta de combustível, torna ao seu primitivo ponto, inconsciente, como era antes como quanto dileto filho da Igreja!

Entretanto, convém não esquecer que nenhum sábio, filósofo, artista ou douto, quando em plena cerebração de suas idéias geniais, tomou a sério o *problema do ser e do destino*, e mesmo em suas palavras escritas e verbais, quando alguém fazia referência à divindade, não se mantinha na altura de verdadeiro filho de Deus.

Esta proposição é digna de nota.

Cada um deles, salientando-se o mais possível em sua esfera de ação, criava religião pessoal que, forçosamente, teria de ser absorvida por outra do mesmo gênero, *humana*, que contasse com maior influência, maior número de indivíduos, como mantenedores materiais e morais de tal sistema.

O número é sempre vencedor, a força maior vence a menor; enquanto a ação perdura, perdura a reação, mas quando aquela declina, esta vence; e assim a *religião* do número tem vencido.

O poeta na expansão do seu estro, o músico e o pintor absorvidos pela melodia de sons e harmonia das cores, o filósofo abstraído com a ética dos indivíduos, o sábio fascinado pelas maravilhas da criação, o douto extasiado com as letras, encerrado nas bibliotecas, cada qual compenetrado das funções que lhe exalta a personalidade, esquecem-se dos deveres espirituais para consigo, para com seus semelhantes, para com Deus!

Então cada um cria o seu *deus*, a quem erigem altares, onde eles próprios são louvados como *criadores* em detrimento do Criador!

Quando chega o momento da desilusão, em que a musa se esvai, os ouvidos se cerram, a vista escurece, a razão adormece, a Ciência se torna bastarda e a sabedoria não

corresponde às exigências da alma, desaparece o *deus* que criaram, abatem-se os altares, e eles, retrocedendo à *crença hereditária*, batem às portas das igrejas, que muito se honram em contar como os filhos, embora mortos, tão grandes personalidades!

Não é a alma, em busca da salvação, que à Igreja causa regozijo, mas a *honra do nome do morto*, que lhe satisfaz o orgulho!

A senilidade é como a infância: entrega-se inconscientemente, forçada pelas circunstâncias, como o recém-nascido ao batismo *sectário*.

Na véspera da morte física, como no começo da vida terrena, o homem, que não descortinou os horizontes da alma, da imortalidade, não inquiriu os arcanos celestes, as magnificências de Deus, é sempre o mesmo: infantil em seu nascimento, infantil em sua decrepitude.

“Se alguém andar de dia não tropeça, porque vê a luz do mundo; mas se alguém andar de noite, tropeça porque nele não há luz.”

Não é a Arte, a Poesia, a Ciência, a Filosofia, a eloquência, a sabedoria terrena que dão a luz espiritual; não são os títulos honoríficos, auríferos e doutorais que abrem os olhos da alma; não é a água, o sal, o óleo e meia dúzia de palavras em língua morta, mas sim o estudo imparcial da religião, estudo isento de preconceito e de personalismo; é o estudo humilde com o propósito de conhecer a verdade para abraçá-la, é a submissão aos desígnios de Deus, causa eficiente de tudo quanto existe.

A lei fatal do arbítrio, do estudo, do trabalho, do livre-exame e sobretudo da *vivência* cristã obriga a grandes e pequenos, sábios e ignorantes.

Não há doze horas no dia? Pois, estuda, trabalha, examina e pesquisa enquanto te favorece a razão, para que quando te faltarem as forças e a morte de ti se aproximar, não te atemorize nem te trague nas trevas!

NAS PEGADAS DE JESUS

“Tenho-vos dito estas coisas estando ainda convosco; mas o Paracleto, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.”

(João, XIV, 25-26.)

A religião de Jesus é a eterna religião da luz e da verdade. Ela não se limita à prática de simples virtudes, tal como os homens a julgam. Abrangendo os amplos horizontes da vida espiritual, ensina-nos os meios indispensáveis para a aquisição da imortalidade.

A religião de Jesus não desaparece no túmulo, mas ergue-se como um Sol majestoso além da campa; onde tudo parece mergulhar em trevas, no nada, a verdade, a vida se manifesta com todo o fulgor!

A religião de Jesus não é a religião da cruz, mas a religião da luz! Não é a religião da morte, mas a da vida! Não é a religião do desespero, mas a da esperança! Não é a religião da vingança, mas a da caridade! Não é a religião dos sofrimentos, mas a da felicidade!

A morte, o desespero, o martírio, os sofrimentos, são oriundos das religiões humanas, assim como a cruz é o instrumento de suplício inventado pelos carrascos da velha Babilônia, da Roma Primitiva, cujos senhores massacravam corpos e almas, infringindo os preceitos do Decálogo.

A religião de Jesus não é a religião da força, mas sim a religião do direito.

Quando as multidões absortas se aproximavam do Mestre querido, para ouvirem suas prédicas ungidas de fé, perfumadas

de caridade e cintilantes de esperança, nunca o moço nazareno lhes acenou com uma cruz; nunca pretendeu colocar sobre os ombros de seus infelizes irmãos o peso do madeiro infamante.

Ao contrário, atraía-os com olhares de piedade e em suas sublimes exortações, em seus amorosos conselhos, para todos tinha palavras de perdão, de afeição, de consolação.

Aos aflitos e desanimados dizia: “Vinde a mim vós que vos áchais sobrecarregados; aprendei de mim, que sou humilde e manso de coração; tomai sobre vós meu jugo, que é suave, meu fardo, que é leve, e achareis descanso para as vossas almas.”

A grande missão de Jesus foi abater todas as cruzes que o mundo tinha levantado; foi arrasar todos os calvários. Ele foi o portador do bálsamo para todas as feridas, do consolo para todas as aflições, da luz para todas as trevas.

Só aquele que tiver a ventura de percorrer as páginas do Novo Testamento e acompanhar os passos de Jesus desde o seu nascimento até a sua morte e gloriosa ressurreição, bem poderá avaliar no que consiste a doutrina do ressuscitado.

É admirável ver o grande evangelizador no meio da plebe maltrapilha, repartindo com todos, os tesouros do seu amor! Falava-lhes a linguagem do Céu; convidava-os à regeneração, à perfeição; fazia-lhes entrever o futuro cheio de promessas salutaras; animava-os a buscarem as coisas de Deus; finalmente, procurava gravar naquelas almas, turbadas pelo sofrimento, o benévolo reflexo da vida eterna, que ele tinha por missão oferecer a todas as almas.

Jesus não foi o emissário da espada, o gladiador que leva o luto e a morte à família e à sociedade; mas sim o médico das almas, o príncipe da paz, o mensageiro da concórdia; o grande expoente da fraternidade e do amor a Deus.

Ao longo das estradas pedregosas por onde passou, pelas cidades e aldeias, o Mestre concitava os seus ouvintes a serem bons, apontava-lhes os tesouros do Céu e a todos garantia o auxílio desse Deus invisível, cujo amparo se estende aos pássaros do céu, aos lírios dos campos.

Após o seu admirável Sermão do Monte, e para demonstrar a ação de suas palavras, cura um leproso que, prostrado a seus pés, o adora, dizendo: “Senhor, se quiseses, bem me podes tornar limpo!”

Na sua viagem para Cafarnaum, um centurião aproxima-se dele, pede-lhe a cura de um seu criado: a milícia celestial se agita e o doente se restabelece.

Chegando à cidade de Cafarnaum, entra em casa de Pedro e encontra de cama, presa duma febre maligna, a sogra deste. Imediatamente, ao toque de suas mãos compassivas, a pobre velha se ergue.

Acompanhado de seus discípulos, numa barca no Mar da Galiléia, a tempestade se desencadeia, o vento sopra rijo e as ondas se encapelam. Os discípulos, tomados de pavor, apelam para o Mestre, e a uma palavra sua os ventos cessam, o mar se acalma.

Chegados à outra banda, ele expele uma legião de Espíritos malignos que obsediavam um pobre homem.

Ao sair novamente da terra dos gadarenos e de volta a Cafarnaum, uns homens se aproximam do nazareno e levam-lhe um paralítico que jazia em um leito. O doente recebe o perdão de suas faltas e o homem, curado, rende graças a Deus.

Jairo, um chefe de sinagoga, sabendo os grandes prodígios operados por Jesus, corre ao seu encontro, pede-lhe libertar sua filha da morte. Enquanto Jesus caminha para a casa de Jairo, uma mulher que sofria, havia doze anos, moléstia incurável, toca-lhe na túnica e sara. Chegado o Mestre à casa do fariseu, livra a mocinha das garras da morte!

Eis que Jesus sai da casa de Jairo, dois cegos correm após o Mestre, clamando: “Filho de Davi, tem misericórdia de nós!” Seus olhos se abrem e eles saem a divulgar na Galiléia, as grandes coisas que o Senhor lhes fez.

No mesmo instante um grupo de homens traz ao Filho de Deus um mudo endemoninhado; Jesus expulsa o Espírito maligno e o mudo recupera a fala!

E à proporção que as graças eram dadas, a multidão crescia, porque nelas crescia a palavra de Deus; e Jesus andava por toda parte anunciando a todos o Reino de Deus: contava parábolas, fazia comparações e, sob a forma de alegoria, transfundia nas almas a vontade suprema para que todos, removendo obstáculos, pudessem com o auxílio divino, libertar-se dos sofrimentos acabrunhadores por que passavam.

Durante um longo período de três anos consecutivos, Jesus, todo dedicado à alta missão que tão bem desempenhou, não perdeu um só momento para deixar bem esclarecida a sua tarefa libertadora.

Grande reformador religioso, aboliu todos os cultos, todos os ritos, todos os sacramentos de invenção humana, que só têm servido para dividir a Humanidade, formar seitas, constituir partidos, em prejuízo da unificação dos povos, da fraternidade que soube proclamar bem alto.

E foi por isso que fariseus e escribas, sacerdotes, doutores da lei e pontífices congregados em conciliábulo maléfico, concitaram a turba bestializada contra o meigo Rabino, e unidos aos Herodes, aos Caifases, aos Pilatos e Tartufos; uns por malevolência sanguinária, outros por ambição e orgulho, outros por avareza, vil mercancia, covardia e subserviência, levaram o meigo evangelizador ao patíbulo infamante, torturando-o com morte acintosa.

Mas o triunfo da verdade não se fez demorar; quando todos julgavam morto o redentor do mundo, quando julgavam haver abafado a sua doutrina de amor, eis que a pedra do sepulcro, onde haviam depositado o corpo do moço galileu, estremece ao toque de dois luminosos Espíritos; a cavidade da rocha se mostra vazia; Jesus aparece a Maria Madalena, ressoa por toda parte o eco da ressurreição!

Triunfante das calúnias, das injúrias, dos tormentos, dos suplícios, da morte, o filho amado de Deus reenceta suas substanciosas lições, embalsamando seus amorosos discípulos com os eflúvios da imortalidade, únicos que nos garantem fé viva, esperança sincera e caridade eterna!

Não valeu a prevenção dos sacerdotes, a ordem de Pilatos; não valeram os selos que lacravam o sepulcro e os soldados que o guardavam; no alvorecer do primeiro dia da semana tudo foi derribado, e o Cristo, ressuscitado, voltou à arena mundial, vitorioso na luta contra os seus terríveis algozes!

E em sua narrativa cheia de simplicidade, diz o Evangelho, por todos os evangelistas, que o Cristo Jesus apareceu depois de morto, comunicou-se com os onze apóstolos, apareceu aos demais discípulos, e, depois, a mais de quinhentas pessoas das cercanias de Jerusalém; explicou-lhes novamente as Escrituras, repetiu-lhes a sua doutrina, que não pode ficar encerrada num túmulo, nem numa igreja: produziu diante deles fenômenos estupendos, como a pesca maravilhosa, anunciou-lhes todas as coisas que deviam acontecer, garantiu-lhes a vinda do Consolador, prometeu-lhes, além disso, a sua assistência até a consumação dos séculos, não só a eles, mas a todos os que lhe seguissem os passos e alou-se às altas regiões do espaço, donde velaria por todos.

A religião de Jesus não consiste em dogmas e promessas falazes; é a religião da realidade.

Religião sem manifestações e comunicações de Espíritos, é a mesma coisa que cidade sem habitantes ou casa sem moradores.

A religião consiste justamente nessa comunhão de Espíritos, nesse auxílio recíproco, nessa afeição mútua.

Por que é o Cristo a nossa esperança e a nossa fé? Por que lhe dedicamos amor, respeito, veneração? Por que nele confiamos nas nossas aflições? Por que lhe fazemos preces? Por que lhe devotamos admiração e lhe rendemos graças?

Porque sabemos que ele pode e vem iluminar-nos a vida, robustecer-nos a crença, proteger-nos e amparar, auxiliar-nos e acariciar, como um pai devotado proporcionaria a felicidade e o bem-estar a seus filhos.

Pois, sendo Cristo as primícias do Espírito, como afirma o apóstolo Paulo; estando certos de que ele ressuscitou, apareceu, comunicou-se, porque não podem fazer o mesmo

aqueles Espíritos que nos foram amigos, parentes, aqueles que viviam conosco, mantendo mútua afeição?

Na *Epístola aos Coríntios* diz o apóstolo da luz: “Se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou e é vã a nossa fé.”

A ressurreição do Cristo implica a ressurreição dos mortos; e se fosse contrária à lei de Deus, a manifestação, a aparição, a comunicação dos mortos, Jesus teria infringido essa lei; teria ido de encontro ao seu primeiro mandamento, que diz termos obrigação de obedecer ao nosso Pai celestial, amá-LO de todo nosso coração, entendimento e alma e com todas as nossas forças!

Mas já que o Cristo apareceu e se comunicou, é sinal certo de que a lei de Deus consiste na comunicação dos Espíritos. Jesus não invocou, no Tabor, os Espíritos de Moisés e Elias?

Esta é a religião de Jesus, pois se baseia em fatos irrefutáveis; esta é a religião da fraternidade, porque tem por base a afeição verdadeira, que não termina no túmulo; seguir as pegadas de Jesus é o bastante para que sejamos por ele guiados e vençamos também como ele venceu a morte com o triunfo da ressurreição.

O SERMÃO DO CENÁCULO

(*João, XIV – XVIII.*)

O Sermão do Cenáculo é tão importante, edificante e substancial quanto o Sermão do Monte.

Este, é a entrada do Espírito na vida perfeita; aquele é a força, a esperança e a fé para prosseguirmos nessa tão gloriosa senda.

O Sermão do Monte é a prédica pública, dirigida à multidão que, sequiosa da verdade, corria pressurosa a beber, na fonte primordial, os ensinamentos que lhes aclaravam o entendimento e lhes afagavam o coração oprimido.

O Sermão do Cenáculo é o conjunto de conselhos, exortações e recomendações que Jesus dirige particularmente àqueles que, de fato, querem ser seus discípulos.

Leiam os capítulos XIV, XV, XVI e XVII de João e verão neste discurso de Jesus, a bela insofismável, concisa e maravilhosa Doutrina Cristã que o respeitável Mestre fundou na Terra.

O Lavapés e a Ceia não passam de símbolos, pretexto para a reunião, onde o Mestre deveria exortar, consolar e fortificar seus discípulos, para que, com fé e coragem, resistissem às provas por que iriam passar com a Tragédia do Gólgota.

O principal de tal reunião não consiste, pois, na Ceia e no Lavapés, como julgaram as igrejas e os sacerdotes. O principal consiste nos ensinamentos que daí decorrem, como luzes cintilantes, através das páginas dos Evangelhos.

Depois de haver Jesus repartido com aqueles que deveriam cuidar da sua doutrina, o pão, que para Jesus simbolizava a mesma doutrina, e o vinho que, como essência da vida, representa o Espírito que há de vivificá-la sempre; depois de,

munido de uma bacia e cingido de uma toalha, lavar e enxugar os pés de todos, em sinal de humildade e pureza da alma, começa o seu memorável discurso com as doces palavras de resignação, conforto e esperança: “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus? Crede também em mim; na casa de meu Pai há muitas moradas...”E prosseguindo em seus ditames garante-lhes que, nem ele, Jesus, deixaria de os assistir e proteger, como também sob a sua direção, o Pai celestial lhes enviaria o Espírito Consolador, cuja falange de mensageiros os auxiliaria na sua gloriosa tarefa.

Jesus proporciona-lhes toda sorte de auxílio, garante-lhes todas as bem-aventuranças, diz-lhes que continuaria a viver, voltaria, se manifestaria e lhes daria assistência por todos os séculos dos séculos!

Faz ainda mais; avisa-lhes que não se manifestaria ao mundo, porque o mundo não estava preparado para recebê-lo; os homens não tinham os “corpos lavados” quanto mais os pés para segui-lo. Garante, por fim, a seus futuros apóstolos, o amor de Deus, e acrescenta que tudo o que lhes havia dito fora com o assentimento do Pai: que a palavra não era sua, mas sim de Deus.

Após este substancioso intróito, transfundiu em seus discípulos o espírito vivificante da fé na imortalidade e, em forma de parábola, prosseguiu em suas exortações.

Começa o Mestre comparando-se a uma videira, e anuncia que é a “verdadeira videira” .

A videira é composta de tronco, galhos, folhas e frutos.

Os galhos saem do tronco e têm por fim produzir folhas e frutos.

Assim também seus discípulos devem estar unidos a ele, como os galhos à videira, e para permanecerem na videira precisam dar frutos, como galhos que são da videira verdadeira. E faz-lhes ver que a “vara que não der frutos será cortada e lançada fora”, mostrando assim a necessidade do trabalho espiritual para a frutificação da virtude. E assim como o *galho*, a vara recebe a seiva da videira, labora, manipula-a para que brotem frutos, – as uvas – assim também os

apóstolos ou discípulos recebem o Espírito da fé do seu Mestre, para trabalharem com esse Espírito, abençoada seiva, a fim de brotarem os frutos desse labor.

A fim de melhor frisar a necessidade do cumprimento desse dever, Jesus diz que o viticultor da videira, representado nele, é o Pai celestial, é o Criador de todas as coisas, é , finalmente, Deus.

Com esta afirmação o Mestre quis dizer que sua obra é divina, celestial e, portanto, nenhuma potestade conseguirá destruí-la, pois o viticultor não deixará de zelar pela sua videira.

Então o Senhor abre a seus seguidores o seu amoroso coração, embalsamado dos mais puros sentimentos e dos mais vivos afetos e lhes diz: “Assim como o Pai me amou, assim também eu vos ameí; permaneci no meu amor; e se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor.”

Disse mais: que eles só seriam seus amigos se fizessem o que ele lhes ordenara, e passou então a preveni-los do que lhes estava para acontecer: “que o mundo os aborreceria, que eles seriam perseguidos, mas não se dessem por vencidos, porque venceriam”.

Insistiu tenazmente para que todos esperassem a “vinda do Espírito da Verdade, dos Espíritos encarregados de guiar seus passos, de lhes alumiar o caminho, de lhes fortificar a fé”. Disse que esses Espíritos dariam testemunho dele, e fariam mais ainda: “convenceriam o mundo do pecado, da justiça e do juízo”.

Determinou a seus discípulos dissessem às gerações *não ter ele dito a última palavra, mas, ao contrário, haver ainda muita coisa a dizer; não o fazia porque eles não compreenderiam, mas o Espírito da Verdade ficaria encarregado dessa missão; apóstolos invisíveis estariam sempre com aqueles que quisessem receber a sua palavra, e além de explicá-la a contento, anunciariam as coisas que teriam de acontecer.*

Finalmente, o Mestre oferece aos seus seguidores, sua palavra de despedida; demonstra a sua compaixão por todos; exorta-os novamente para que se precavenham nas tribulações; anima-os à vitória; mostra-se-lhes como vencedor e lhes anuncia a aproximação da hora em que iam ser espalhados, cada um para o seu lado.

Conclui, afinal, a sua tocante prédica com uma prece, uma oração, um brado da alma para melhor santificar as suas palavras, para fazê-las vibrar na alma de seus discípulos, para unir aquela igreja nascente aos agentes da divina vontade; para unir aquele punhado de homens, que para o futuro seriam baluartes da verdade; finalmente para lhes demonstrar que estava em íntima ligação com o Pai dos Espíritos e que dEle havia recebido todas as ordens.

É de ver que Jesus, nessa mesma prece, não só orou por aqueles que consigo se achavam; mas pediu até por nós, que meditamos hoje nos seus ensinamentos e por todos aqueles que mais tarde receberão esses ensinamentos.

Esses atos, essas palavras, esse espírito de dedicação, esse zelo sobre-humano, esse caráter edificante com que o divino Mestre ilustrou todos os momentos de sua vida, ungido sempre daquela caridade que excede a todo entendimento humano; essa prece extraordinária, admirável, em que, num colóquio de amor com o Supremo Criador, resumiu, deu conta da sua grandiosa missão e ao mesmo tempo solicitou para todos o amparo dos Céus, só podiam ser apreciados à luz do Espiritismo, porque é, na verdade, esta doutrina que estava destinada pelo próprio Jesus a transfundir na alma humana a seiva vivificante do Evangelho.

O Sermão do Cenáculo encerra, como o do Monte, todas as condições doutrinárias, para felicitar o homem na Terra e divinizá-los nos Céus.

Quem ouve estas palavras e põe em prática estes ensinamentos, edifica sua casa sobre rocha; e embora soprem os ventos e corram as águas, a casa permanece e o amparo dos bons Espíritos nunca falta a seus moradores.

COMUNHÃO DE PENSAMENTO

“Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas; pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.”

(*Mateus, XI, 29-30.*)

“Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que por meio da sua palavra hão de crer em mim; a fim de que todos sejam um, e que, como tu, Pai, és um em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho dado a glória que tu me tens dado, para que sejam um como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que sejam aperfeiçoados em um.”

(*João, XVII, 20-23.*)

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.”

(*João, XIV, 6*)

Comunhão vem do latim *communio*, que quer dizer, “sociedade, participação mútua”, e, segundo Cícero, “parentesco, relações comuns de opiniões e crenças”.

Pensamento é ato particular do Espírito, ou uma operação de inteligência.

Comunhão de pensamento é, portanto, participação do Espírito.

Comungar vem da palavra *communicare*, “comunicar, conversar, participar, corresponder-se”.

O Pe. Manuel Bernardes diz:

“A confiança com que os santos da Terra se “comunicam com os santos do Céu.”

Garret diz: “*Comungava* silenciosamente comigo nestas graves meditações.”

Comungar em pensamento é Ter o mesmo modo de pensar: a mesma crença religiosa, científica, política ou literária.

Os homens de ciência têm a sua exegese implacável; os literatos estão sujeitos a certas e determinadas regras; os políticos têm a sua comunhão exclusivista, e o sectarismo religioso a sua comunhão de pensamento intolerante, como se depara em nossos dias.

Mas o homem verdadeiramente religioso, discípulo de Jesus, deve comungar em pensamento com seu Mestre.

Por isso é que o nazareno assim se expressou: “Aprendei de mim que sou humilde e manso de coração; tomai o meu jugo e o meu fardo; sede um comigo, assim como eu sou um com o Pai celestial: eu sou o caminho, a verdade e a vida; só por mim ireis ao Pai.”

Se comungamos em pensamento com Jesus, estamos na caridade, *Deus Caritas est*, e Deus nos dá a graça da sabedoria do Céu.

Para que comunguemos com os homens, em pensamento, é preciso que os homens comunguem em pensamento com Jesus.

Só em Jesus encontramos a força para domar as nossas paixões, só ele tem a verdade que esclarece, a vida que alimenta; só nele vemos o caminho que nos conduz a Deus.

E para comungar em pensamento com Jesus é preciso estudar seus ensinamentos e pôr em prática suas ordenações.

A humildade, o estudo, o trabalho, o raciocínio, a boa vontade, a prece, são os elementos indispensáveis para chegarmos ao Mestre e com ele aprendermos a ser humildes e mansos de coração, para podermos desvendar as maravilhas da vida eterna!

CRUZ E CRUZES

“Eles tomaram a Jesus; e ele próprio carregando a sua cruz, saiu para o lugar chamado Calvário, e em hebraico Gólgota, onde o crucificaram e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio.

“Pilatos escreveu também um título e o mandou colocar no alto da cruz; nele estava escrito: JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS.”

(João, XIX, 17-19.)

Cruz! Madeiro infamante, que serviste de instrumento ao suplício do meu Mestre! Símbolo de torturas e desventuras, emblema da malícia humana, invento satânico do ódio e da vingança, primórdio de todos os aparelhos, de todas as máquinas, de todos os utensílios, de todas as grades, de todos os ferros, lança, punhal, cutelo, que massacram corpos e espezinham almas, eu te maldigo, como a luz maldiz as trevas, como a verdade maldiz o erro, como o amor maldiz o mal!

És tu, santo dos fariseus e custódia dos ignorantes, que até hoje perambulas pelas estradas e pelas ruas, apregoando virtudes mortíferas, afamada pelos parvos e mercadores, depois da cena trágica do Gólgota; e pela magia de mil olhares em ti concentrados, arrastas todos os dias, as trevas do espaço, milhões de Espíritos que gritam como um mocho agoureiro das necrópoles e esvoaçam, cegos como vampiros, sem arrimo, sem alimento e sem repouso.

Maldita cruz! As tuas vítimas clamam pela minha voz, e as tuas penas serão o juízo, perante as almas, da tua condenação!

Cruz maldita do suplício da Palestina, que entravaste dois mil anos de progresso humano! Cruz que te firmaste

irredutível ante a mais poderosa vontade de Deus que se mostrou na Terra! Cruzes pequeninas, que participastes no massacre de ladrões, de adúlteros de párias, de falsários; cruzes de todos os tamanhos que consumastes as obras dos teus inventores, servindo de patíbulo para os inovadores, os descobridores, os gênios propulsores da evolução mundial; caí, malditas, quebrai os vossos braços, debulhai as vossas células e desaparecei no inferno do nada! Soprai, ventos do progresso! Livrai do nosso planeta as larvas desta esfinge que caiu; iluminai, sois da espiritualidade, para que o disco da morte se apague das consciências e não mais obsedie as almas com as tuas miragens enganosas!

Cruz traiçoeira, mãe de todas as cruzes, que falseaste a justiça e misericórdia de Deus, caí, e na tua queda fragorosa esmaga os Herodes, os Caifases, os Anases que cultuam os teus dons, que incensam as tuas virtudes, que endeusam o teu nome, que lutam, que trabalham, que se esforçam para ver-te de pé como atrativo ao seu domínio, como sugestão da tua força; caí, some-te, e arrasta-te para as tuas trevas com teus turiferários; desaparece com o dragão que estende seus tentáculos pela Terra toda!

Caí, madeiro infamante! Quebra os teus braços; desagrega as tuas moléculas...

A brisa serena da madrugada já se faz sentir, e os arrebóis promissores do sétimo dia despontam belos e esplendorosos nos horizontes do nosso mundo.

A cruz, emblema da morte, vai cair, para dar lugar ao Espírito, personificação da ressurreição...

CRISTIANISMO E IMORTALIDADE

“Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e Salomé compraram aromas para ir embalsamá-lo. Muito cedo, no primeiro dia da semana, foram ao túmulo, tendo já saído o Sol. E diziam entre si: Quem nos há de remover a pedra da entrada do túmulo? E olhando notaram que a pedra já estava removida; e era muito grande. Entrando no túmulo, viram um moço sentado ao lado direito, vestido de um alvo manto e ficaram atemorizadas. Ele lhes disse: Não vos atemorizeis; buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado; ele ressurgiu, não está aqui; vede o lugar onde o puseram. Mas ide dizer a seus discípulos e a Pedro que ele vai adiante de vós para a Galiléia; lá o vereis, como ele vos disse. E saindo, fugiram do túmulo porque o temor e o espanto as tinham acometido, e não disseram nada a ninguém porque estavam possuídas de medo. Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual havia expelido sete demônios. Ela foi noticiá-lo aos que haviam andado com ele, os quais estavam em lamento e choro. Estes, ouvindo dizer que Jesus estava vivo e que tinha sido visto por ela não acreditaram.”

(Marcos, XVI, 1-11.)

“No fim do Sábado, ao alvorecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e outra Maria foram ver o sepulcro. E eis que tinha havido um grande terremoto; pois um anjo do Senhor descera do Céu e, chegando-se ao sepulcro, removera a pedra e sentara-se sobre ela. A sua aparência era como relâmpago, e a sua veste branca como a neve. E os

guardas, receosos dele, temeram e ficaram como mortos. Mas o anjo disse às mulheres: Não temais; porque sei procurais a Jesus, que foi crucificado: ele não está aqui; vinde e vede o lugar onde ele jazia. Ide depressa dizer a seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos, e vai diante de vós para a Galiléia; lá o vereis. Olhai que vo-lo tenho dito. Elas deixaram apressadamente o túmulo, tomadas de medo e grande gozo e foram correndo avisar os discípulos. Eis que Jesus as encontrou e lhes disse: Salve! E elas, aproximando-se abraçaram-lhes os pés e adoraram-no.”

(Mateus, XXVIII, 1-9.)

“No primeiro dia da semana foram elas muito cedo ao túmulo, levando os aromas que haviam preparado. E acharam a pedra removida do túmulo, e, entrando ali, não acharam o corpo do Senhor Jesus. Ficando perplexas por causa disto, eis que apareceram ao lado delas dois varões com vestes resplandecentes; e como estivessem amedrontadas e olhassem para o chão, eles lhes disseram: Por que buscais entre os mortos ao que vive? Ele não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos de como ele vos falou, quando estava ainda na Galiléia, dizendo: O Filho do Homem deve ser entregue deve ser entregue às mãos dos pecadores e ser crucificado e ressuscitar ao terceiro dia. Então se lembraram das suas palavras e voltando do túmulo, contaram todas essas coisas aos onze e a todos os mais. E eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago; também as outras que estavam com elas, relataram estas coisas aos apóstolos. Estas palavras pareceram-lhes um delírio, e não acreditaram nelas. Mas Pedro, levantando-se, correu ao túmulo; abaixando-se, viu somente os panos de linho que ali ficaram; e retirou-se para casa, maravilhado do que havia acontecido.”

(Lucas, XXIV, 1-12.)

“No primeiro dia da semana Maria Madalena foi cedo ao túmulo, sendo ainda escuro, e viu a pedra removida. Correu

ela e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo a quem Jesus amava e disse-lhes: Tiraram do túmulo o Senhor e não sabemos onde o puseram. Então saíram Pedro e o outro discípulo e foram ao túmulo. Corriam ambos, mas o outro discípulo correu mais ligeiro do que Pedro, e chegou primeiro ao túmulo; e tendo-se abaixado e olhado para dentro, viu os panos de linho postos no chão, porém não entrou. Chegou Simão Pedro, que o seguia e entrou no túmulo; ele também viu os panos de linho e o lenço, que estivera sobre a cabeça de Jesus, e que não estava com os panos, mas dobrado em lugar à parte. Então entrou também o outro discípulo, que tinha chegado primeiro ao túmulo, e viu e creu; porque ainda não compreendiam a Escritura, que era necessário ressuscitar ele dentre os mortos. E voltaram os discípulos para casa.

Maria, porém, estava junto à entrada do túmulo, chorando. E enquanto chorava, abaixou-se e olhou para dentro do túmulo, e viu dois anjos com vestes brancas, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés. Eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? A quem procuras? Respondeu ela: Porque tiraram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. Tendo dito isto, virou-se para trás e viu a Jesus em pé, mas sem saber que era ele. Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela supondo ser ele o jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria! Ela virando-se disse em hebraico: Raboni! (que quer dizer Mestre). Disse-lhe Jesus: Não me toques, porque ainda não subi ao Pai, mas vai a meus irmãos e dize-lhes que subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus. Maria Madalena foi contar aos discípulos: Vi o Senhor, e ele disse-me estas coisas.”

(João, XX, 1-18.)

O Cristianismo é a religião da imortalidade. Sem esta não se compreende a missão de Jesus, não se pode absolutamente compreender seu pensamento íntimo.

Em Jesus não se vêem só palavras, mas também os exemplos, e fatos que alicerçam a sua doutrina.

Estes trechos dos Evangelhos provam exuberantemente nossa afirmação.

Já perguntamos: que seria do Cristianismo sem as aparições de Jesus?

Será possível que a incomparável doutrina que ele fundou tivesse por epílogo a morte?

Neste caso, teriam razão aqueles que não crêem no além-túmulo.

Mas, não é assim; a imortalidade resplandece da sua palavra, que é luz a nos iluminar o futuro!

A perda irreparável do Mestre consternava o coração de seus discípulos, quando as potestades superiores rasgam o véu da morte e aparecem a Madalena a lhe desvendar os mistérios da vida do além em sua pujança!

Seguindo esta aparição, manifesta-se também o recém-morto, que demonstrando assim o prosseguimento da sua existência, recomenda à sua mediadora, dar conta aos seus discípulos daquela manifestação, para que também eles assim fizessem, porque, como já havia dito, “o discípulo deve ser como o Mestre”.

A ressurreição é a vida, e a vida se manifesta no homem e ao homem.

Jesus é a vida porque se manifesta vivo aos homens, para que os homens compreendam que o túmulo não é o fim: Jesus é a ressurreição.

O Espírito vive, insistamos, e a morte não é mais que uma transformação para um estado melhor.

DEMONSTRAÇÃO DA IMORTALIDADE A PESCA MARAVILHOSA

“Depois Jesus tornou a manifestar-se aos discípulos na Praia de Tiberíades; e manifestou-se deste modo: Simão Pedro, Tomé chamado Dídimo, Natanael que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e outros dois de seus discípulos estavam juntos: Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Disseram-lhe os outros: Também nós vamos contigo. Saíram e entraram na barca e naquela noite nada apanharam. Mas ao romper do dia, estava Jesus na praia; todavia os discípulos não sabiam que era ele. Perguntou-lhe Jesus: Moços, apanhastes algum peixe? Responderam-lhe: Não. Disse-lhes ele: Lançai a rede à direita da barca, e achareis. Lançaram-na, pois, e já não podiam puxá-la por causa do grande número de peixes. O discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor. Simão Pedro, quando ouviu que era o Senhor, tomou a sua veste (porque se achava despido) e lançou-se ao mar; mas os outros discípulos vieram na barquinha, puxando a rede com os peixes; porque estavam afastados da terra somente duzentos cúbitos. Ao saltarem em terra viram ali algumas brasas e um peixe posto em cima delas e pão. Disse-lhes Jesus: Trazei alguns dos peixes que acabastes de apanhar. Simão Pedro entrou na barca e puxou a rede a terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes, e, apesar de serem tantos, não se rompeu a rede. Disse-lhes Jesus: Vinde almoçar. Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? Pois sabiam que era o Senhor. Jesus aproximou-se e, tomando o pão, deu-lhes, e do mesmo modo o peixe.

“Era esta a terceira vez que Jesus se manifestava aos seus discípulos, depois de ressurgir dos mortos.”

(*João, XXI, 1-14.*)

Para melhor gravar na alma de seus discípulos a realidade absoluta da sobrevivência, Jesus, o Mestre e Senhor, não se satisfaz com as provas que já lhes havia dado da vida do além; reiterou essas provas com outros tantos fatos inequívocos e peremptórios, que representam o quanto pode o Espírito desintegrado do seu corpo mortal e na sua existência real de vida eterna.

A “pesca maravilhosa”, a ação que o Mestre exerceu sobre seus seguidores, os atos que lhes apresentou, ao partir o pão, ao distribuir os peixes, enfim, repetindo caracteristicamente o que já havia feito, quando com eles vivia em sua manifestação corporal, aparecendo, comunicando-se, reatando relações com os entes que lhe eram caros, Jesus, não só lhes quis dar uma prova do seu amor, como também salientar que a aparição e comunicação dos Espíritos representa a lei providencial para que o homem compreenda em que consiste a vida e o que é a morte.

Parece claro e lógico que, se fosse condenada por Deus a comunicação entre ambos os mundos – o visível e o invisível – Jesus, o Mestre por excelência, o representante, o enviado do Supremo Senhor, o executor de Suas leis, não teria sancionado com o exemplo essa lei que rege ambos os mundos.

Se é crime exercer esse ministério, como julgam erroneamente os corifeus das religiões sacerdotais, Jesus é criminoso, infrator da lei, em vez de cumpridor da mesma!

E será crível que o Mestre, que se nos apresentou como o exemplo vivo da verdade, ele que se afirmou o caminho, a verdade e a vida, e que disse não passar da lei um til sem que tudo fosse cumprido, infringisse a lei com essas aparições e manifestações?

As aparições do Cristo autorizam forçosamente as aparições dos “mortos”, e conseqüentemente, as suas comunicações conosco.

Paulo, que é doutor nesta matéria, diz: *Se os mortos não ressuscitam, Cristo também não ressuscitou, e é vã a nossa fé.*

Ressurreição quer dizer “aparição, manifestação, comunicação”, palavras que traduzidas em fatos, se acham estreitamente ligadas. E assim como os apóstolos se inteiraram da ressurreição do Cristo entretendo com ele relações de amizade e simpatia, os verdadeiros cristãos, que *sabem que a vida em sua realidade é una e que a existência terrestre não é mais que uma fase da vida real*, também se inteiram da ressurreição dos “mortos” comunicando-se com eles!

Se é pecado, se é crime entreter relações com os que se passaram para o além, ipso facto não pode deixar de haver pecado nas comunicações do Cristo e nas dos santos, cujas narrativas enchem as páginas da História.

A INCREDULIDADE E A REALIDADE DO ESPÍRITO

“Tomé, chamado Dídimo, um dos doze, não estava com eles, quando veio Jesus. Disseram-lhe os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele respondeu: Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos e não puser a minha mão no seu lado, de modo algum hei de crer.

“Oito dias depois estavam outra vez ali reunidos seus discípulos e Tomé com eles. Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se em pé no meio deles e disse: Paz seja convosco. Em seguida disse a Tomé: chega aqui o teu dedo e olha as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente. Respondeu Tomé: Senhor meu e Deus meu! Disse-lhe Jesus: Creste porque me viste? Bem-aventurados os que não viram e creram.”

(João, XX, 24-29.)

O amor de Jesus excede a todo o entendimento humano. Na sua abnegação e no desejo que mantinha de fazer crentes sinceros, não mediu as exigências do apóstolo Tomé, que disse só acreditaria na sua ressurreição ou sobrevivência se o visse e o examinasse.

E Jesus, completamente materializado, torna-se visível e tangível ao seu discípulo, satisfazendo assim os imperiosos desejos que ele tinha de alicerçar sua fé sobre provas positivas. Ensinou mais o Mestre: que essa fé não era negada a quem quer que fosse, e aqueles que acreditavam sem ver já se achavam amadurecidos na crença, pois que já haviam observado fenômenos, não tendo mais necessidade de provas positivas; por isso mesmo eram bem-aventurados.

Como se verifica, o modo de proceder de Jesus está em completo antagonismo com o dos sacerdotes das múltiplas igrejas esparsas pelo mundo.

Enquanto estes exigem uma fé cega nos seus dogmas, Jesus procura demonstrar a verdade com fatos palpáveis.

O Mestre não exige a escravidão da razão, o abastardamento do sentimento, antes respeita e proclama o livre-arbítrio de cada um, atributo este concedido à criatura para seu progresso moral, científico e religioso.

Consentindo Jesus que o seu apóstolo o examinasse para poder crer na ressurreição, preveniu também a todos, por certa forma, que o Consolador, o Espírito da Verdade, que ele enviaria em nome do Pai, reproduziria a sua doutrina não só com palavras, mas com fatos da mesma natureza por ele produzidos. A religião não consiste só em palavras e fatos.

“Assim como eu fiz, fazei vós também, disse o divino Mestre a seus discípulos, porque eu fiz para vos dar o exemplo.”

Em suas pregações dizia sempre Jesus aos que o seguiam: “Aquele que crê em mim, rios de água viva manarão de seu ventre”, aludindo assim ao Espírito que deveria ser dado a todos que o seguissem.

Sem comunicação não há Revelação, e sem Revelação o homem material, ignorante, orgulhoso, egoísta, não poderia ocupar-se com assuntos que se referem à sua vida espiritual; retardaria o seu progresso e sua felicidade.

Assim como não pode haver fraternidade e paz sem religião, não pode também haver religião sem comunhão espiritual.

O APÓSTOLO PAULO

O BRADO DA IMORTALIDADE

“Saulo, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos de Jesus, dirigiu-se ao sumo sacerdote e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que fossem daquela seita, tanto homens como mulheres, os levasse presos a Jerusalém. Caminhando ele, ao aproximar-se de Damasco, subitamente resplandeceu em redor dele uma luz do céu; e caindo em terra, ouviu uma voz dizer-lhe: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? Respondeu ele: Eu sou Jesus a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade e dir-te-ão o que te é necessário fazer. Os homens que viajavam com ele pararam emudecidos, ouvindo a voz, mas sem ver a ninguém. Levantou-se Saulo da terra e, abrindo os olhos, nada via; e guiando-o pela mão, conduziram-no a Damasco, e esteve três dias sem ver, e não comeu nem bebeu.

Ora, havia em Damasco um discípulo chamado Ananias, e disse-lhe o Senhor em visão: Ananias! Respondeu ele: Eis-me aqui, Senhor. E o Senhor ordenou-lhe: Levanta-te e vai à rua que se chama Direita e procura na casa de Judas a um homem de Tarso, chamado Saulo; pois ele está orando e tem visto um homem por nome Ananias, entrar e impor-lhe as mãos para recuperar a vista. Mas Ananias respondeu: Senhor, eu tenho ouvido a muitos, a cerca deste homem, quantos males fez aos teus santos em Jerusalém; e aqui tem autoridade dos principais sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome. Mas o Senhor disse-lhe: Vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome perante os gentios e os reis, bem como perante os filhos de Israel; pois

eu lhe mostrarei quanto lhe é necessário padecer pelo meu nome. Partiu Ananias e entrou na casa, e, impondo-lhe as mãos, disse: Saulo, irmão, o Senhor Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, enviou-me para que recuperes a vista e fique cheio do Espírito Santo. Logo lhe caíram dos olhos umas como que escamas, e recuperou a vista; e levantando-se, foi batizado; e depois de tomar alimento, ficou fortalecido. Demorou-se alguns dias com os discípulos, que estavam em Damasco; e logo nas Sinagogas proclamava que Jesus era filho de Deus. Pasmavam todos os que o escutavam e diziam: não é este o que perseguia em Jerusalém aos que invocavam esse nome e que tinha vindo para cá para os levar presos aos principais sacerdotes? Porém, Saulo muito mais se fortalecia e confundia os judeus que habitavam em Damasco, provando que Jesus era o Cristo.”

(Ato dos Apóstolos, IX, 1-22.)

Paulo é o mais belo rebento da árvore do Cristianismo.

Dentre todos os grandes na fé, que se distinguiram pela sua dedicação e amor à causa de Jesus, Paulo é o Espírito cuja luz ultrapassa a todos os anseios da caridade, é a sabedoria que excede a todas as ciências, é o prodígio de todos os prodígios, é a coragem, a energia que afronta todas as grandezas, é o gênio inigualável de todos os tempos.

Só de um Espírito se sabe, que a humanidade reverencia, admira, adora e está em esfera superior a do apóstolo das gentes: Nosso Senhor Jesus Cristo.

Dotado de grande saber, iluminado por uma inteligência singular, revestido de um critério extraordinário, o mestre dos gentios teve a felicidade invejável de ser convertido à verdade pelo Espírito de Jesus Cristo, que fez dele o seu vaso de honra, para que levasse às gentes a palavra da redenção!

A conversão de Paulo é o fato mais culminante da vida do Cristianismo.

O brado de Damasco: Saulo, Saulo, eu sou Jesus! *Duro te é recalcitrar contra o agulhão:* é o brado da imortalidade

e comunhão espírita, que se repete, hoje, pelo mundo todo chamando os homens ao caminho, à verdade, à vida!

Todos os discípulos de Jesus receberam o ensino oral da divina doutrina durante a encarnação do Messias; só Paulo o recebeu depois da desencarnação do nazareno.

Todos presenciaram, testemunharam mil prodígios que o embaixador de Deus produzira como prova da sua missão.

Somente Paulo foi testemunha de um prodígio que o fez arrostar todas as ameaças, todos os perigos, toda a perseguição: a aparição do Filho de Deus!

Todos receberam conselhos, dádivas, promessas; ora era o pedaço do pão, ora o vinho, ora os peixes, ora os milagres, ora a doutrina, ora o auxílio pecuniário; Paulo recebeu o próprio Espírito do Mestre, que o assistia, como Elías repousava sobre Eliseu.

Por isso foi ele o maior de todos, por isso ele é o maior de todos: *já não sou mais eu quem vive, mas o Cristo é que vive em mim; já não sou mais eu quem fala e quem age, mas o Cristo é que fala e age em mim*, dizia o grande missionário.

Paulo é o *primus inter pares* dos porta-vozes do Cristianismo; o seu desapego das mundanas glórias e dos vis interesses terrenos realça-se de modo frisante nas páginas do Novo Testamento: “Nunca fui pesado a quem quer que seja; para minha subsistência, e para auxiliar os que me são próximos, estes braços me serviram.”

Paulo era tecelão, fabricava ou manipulava tendas de campanha.

Não houve dominador nem domínio com fortaleza para separar o apóstolo do seu Mestre querido: “Quem me separará do amor de Cristo Jesus? A saúde, a enfermidade, a abundância, a miséria, as potestades, a vida, a morte? Nada me separará do amor do Cristo.”

Conhecedor de todos os “mistérios”, de todo o motivo da vida e da morte, nas suas memoráveis Epístolas ressaltam, como chispas luminosas, a sobrevivência humana, a comu-

nicação espírita, a reencarnação, a evolução para a perfeição, para a salvação final de todos os seres vivos, na vida eterna e bem-aventurada do “Deus desconhecido” que ele anunciava a judeus e gentios.

Revestido de admirável humildade, era, entretanto, dotado de um gênio inflexível: nem as feras o apavoravam! Ferido na face pelo sumo sacerdote Ananias, no Sinédrio, não pode conter-se ante afronta: “Deus te ferirá, parede branqueada! Tu estás aí sentado para me julgar segundo a lei, e contra a lei mandas que eu seja ferido?”

No Adriático, é ainda Paulo com a sua coragem cristã, que afronta a tempestade, embora prisioneiro que era, e salva a tripulação do desânimo e do naufrágio!

Na Ilha de Malta, uma víbora morde-lhe a mão e os indígenas exclamam: “Este homem é verdadeiramente homicida, foi salvo do mar, mas a justiça não o deixou viver!”

Mas o mediador de Jesus Cristo sacode o reptil no fogo, continua com a calma que lhe era habitual; e vendo novamente os gentios que o doutor do apostolado cristão era invulnerável ao veneno, proclamaram-no deus.

Paulo é verdadeiramente admirável: antigamente seus lenços, seus aventais, curavam os doentes, hoje, só o seu nome ergue o nosso espírito abatido por mundanas lides!

Salve, apóstolo venturoso, roga a teu Mestre por mim e ampara-me com o poder da tua fé e a luz da tua sabedoria!

A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO

“Ora, estava doente um homem chamado Lázaro, de Betânia, da aldeia de Maria e sua irmã Marta. Maria, cujo irmão Lázaro se achava doente, era a que ungira o Senhor com perfume e lhe enxugara os pés com seus cabelos. Mandaram, pois, as irmãs de Lázaro dizer a Jesus: Senhor, aquele que amas, está doente. Ao saber disto, disse Jesus: Esta doença não é para morte, mas para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado. Ora, Jesus estimava a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro. Tendo sabido, pois, que este estava doente, demorou-se ainda dois dias no lugar onde se achava. Então passado isto, disse aos discípulos: Voltemos para a Judéia. Perguntaram estes: Mestre, agora mesmo os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá? Respondeu Jesus: Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas se alguém andar de noite, tropeça, porque a luz não está nele. Assim falou e depois disse: Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou despertá-lo do sono. Disseram-lhe então os discípulos: Senhor, se dorme, ficará bom. Ora, Jesus tinha falado da morte de Lázaro; mas eles supunham que falasse do repouso do sono. Disse-lhes, pois, Jesus abertamente: Lázaro morreu; e por vossa causa folgo de não me achar lá, para que creais; mas vamos ter com ele. Então Tomé, chamado Dídimo, disse aos seus condiscípulos: Vamos também nós para morrermos com ele.

Chegando Jesus, achou que estava Lázaro no túmulo havia já quatro dias. Ora, Betânia distava de Jerusalém cerca de quinze estádios. Muitos dos judeus tinham vindo ter com Marta e Maria, para as consolar pela morte de seu irmão. Marta, quando soube que vinha Jesus, foi encontrá-lo; Maria,

porém, ficou sentada em casa.. Disse, então, Marta a Jesus: Senhor, se tivesses estado aqui, não teria morrido o meu irmão. E mesmo agora sei que tudo o que pedires a Deus, Deus to dará. Respondeu-lhe Jesus: teu irmão há de ressuscitar. Sei, replicou Marta, que ele há de ressuscitar na ressurreição, no último dia. Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; o que crê em mim, ainda que esteja morto viverá; e todo o que vive e crê em mim, nunca, jamais morrerá; crês nisto? Sim, Senhor, respondeu ela; eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo. E tendo dito isto, foi ela chamar a Maria, sua irmã, e lhe disse em particular. Aí está o Mestre e te chama. E ela ouvindo isto, levantou-se depressa e foi ter com ele (pois Jesus não havia ainda entrado na aldeia, mas permanecia no lugar onde Marta o encontrara). Os judeus, que estavam com Maria em casa e a consolavam, vendo-a levantar-se depressa e sair, seguiram-na pensando que ela ia ao túmulo para ali chorar. Quando Maria chegou no lugar onde estava Jesus, ao vê-lo, lançou-se-lhe aos pés dizendo: Senhor, se tivesses estado aqui, não teria morrido meu irmão. Jesus vendo-a chorar e chorarem também os judeus que a acompanhavam, perturbou-se e perguntou: Onde o puseste? Eles lhe responderam: Senhor, vem e vê. Jesus chorou. Os judeus, então diziam: Vede como ele o amava! Mas alguns deles diziam: Não podia este homem, que abriu os olhos ao cego, fazer que este não morresse? Jesus, gemendo outra vez em si mesmo, foi ao túmulo; este era uma gruta, a cuja entrada estava posta uma pedra. Jesus disse: Tirai a pedra. Disse-lhe Marta, irmã do morto: Senhor, ele já cheira mal, porque está morto há quatro dias. Respondeu-lhe Jesus: Não te disse eu que, se creres verás a glória de Deus? Tiraram então a pedra. E Jesus, levantando os olhos, disse: Pai, graças te dou que me ouviste. Eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa dessa multidão que me cerca, para que creiam que tu me enviaste. Tendo assim falado, clamou em alta voz: Lázaro, sai para fora! Saiu aquele que estivera morto, ligados os pés e as mãos com faixas, e envolto o seu rosto num lenço. Disse Jesus: desatai-o e deixai-o ir.

“Muitos dos judeus que vieram Ter com Maria e viram o que fizera Jesus, creram nele. Alguns deles, porém, foram ter com os fariseus, e lhes contaram o que Jesus tinha feito.”
(João, XI, 1-46.)

Esta narrativa, de uma simplicidade verdadeiramente singular, retrata uma das belíssimas cenas do Cristianismo, seja em seu aspecto religioso e moral, seja em sua modalidade científica e filosófica.

Por ela se descobre logo a morte sob os seus dois aspectos: físico e psíquico.

Aquelas afirmações características de Jesus, ora dizendo: *Lázaro dorme* (não morreu) mas eu vou *despertá-lo*, ao lado desta outra: *Lázaro morreu*, despertam imediatamente a idéia de duas mortes: a *morte corporal* e a *morte espiritual*.

Com efeito, lendo-se, com toda atenção o trecho evangélico, e pondo lado a lado o modo de ver de Jesus e o modo de ver do evangelista, compreendemos imediatamente que o caso de Lázaro não passa de um caso psíquico, fenômeno cataléptico, que tanto pode durar duas horas, como quatro ou cinco dias. Destes casos a Medicina não conhece perfeitamente as causas. A catalepsia apresenta todas as aparências da morte: rigidez, insensibilidade, perda de inteligência, aspecto cadavérico, etc.

Essa “moléstia” era muito comum na Judéia, onde os enterramentos eram imediatos.

Vemos, por exemplo, no capítulo V, versículo 5 e seguintes de Atos dos Apóstolos, que tendo Ananias e sua mulher Safira retido parte da importância de uma propriedade que venderam e deveria ser entregue aos apóstolos, só pelo fato de Pedro repreendê-los severamente, caíram ambos *mortos e em menos de três horas foram enterrados*.

Nestes dois exemplos vemos não se tratar de morte real, mas de simples casos de síncope ou letargia.

Assim foi, certamente, o que aconteceu a Lázaro.

Vitimado por uma letargia, imediatamente fizeram-no enterrar, permanecendo no túmulo durante a crise cataléptica.

Jesus, conhecendo a natureza de seu amigo Lázaro e as crises a que ele estava sujeito; dotado ainda, o Mestre, como era, dessa vista dupla, ou clarividência, que transpõe distâncias e não conhece barreiras, verificou que Lázaro não fora atacado de uma enfermidade física, mas que a sua moléstia era toda de ordem psíquica, como se observa nos casos de sonambulismo, catalepsia, letargia. Foi isto que o fez demorar quatro dias para chegar a Betânia. Ele tinha certeza de que não houvera ruptura dos laços fluídicos que ligam o Espírito ao corpo.

E tanto é assim, que o despertou com voz alta e imperiosa: *Lázaro, sai para fora*, operando a ressurreição do seu amigo. Como verão depois os leitores, empregam o termo *ressurreição* na sua significação restrita.

Esclarecida, pois a natureza da morte de Lázaro: *morte psíquica*, procuremos conhecer o fator indispensável dessa morte e suas causas.

A morte psíquica (não encontramos outra expressão mais adequada), é ocasionada sempre por uma modificação molecular que tira temporariamente as transmissões de relação que existe entre o corpo e o Espírito. Uma grande super excitação, ou preocupação do Espírito, interrompe essas relações, mais ou menos como ocorre no momento do sono. Neste caso, o Espírito não pensa mais no corpo e produz-se a insensibilidade. Vemos também certos casos nos quais, mesmo em vigília, ignoramos o que se passa em nosso corpo. No ardor do combate, o militar não sabe se está ferido.

A *morte psíquica* é, pois, uma exteriorização do Espírito, exteriorização essa de graus variados, que vai desde a simples sugestão ao desdobramento da personalidade. Nesses casos, o indivíduo é sempre um *indivíduo psíquico*, cuja faculdade deve ser bem empregada e desenvolvida para não haver prejuízo coletivo.

Lázaro, membro principal daquela família de Betânia, e que tinha certa afinidade com Jesus, não podia deixar de ser um indivíduo-psíquico, mas que não cultivava suas faculdades e vivia alheio as coisas espirituais. O Evangelho não nos fala nesse homem senão quando narra a sua *ressurreição*, o que quer dizer que ele era como quem não existisse, era um *morto* que ali vivia tratando de outros lazes estranhos aos que enobrecem a alma e exaltam o coração. A sua materialidade se mostrou tão acentuada que chegou a morrer, embora não houvesse separação entre alma e corpo. E assim permaneceu quatro dias, e mais permaneceria se Jesus não viesse *ressuscitá-lo*, pois a sua “morte aparente” tomou feições tão nítidas de “morte real” que chegaram a levá-lo para o túmulo, o que fez sua irmã Marta pensar que “já cheirava mal”.

A morte psíquica pode-se, pois, traduzir como desaparecimento do Espírito no corpo assim como a morte física é o desaparecimento do corpo.

Com a ressurreição operou-se o “milagre” do aparecimento, do ressurgimento do Espírito no corpo e, conseqüentemente a ressurreição (reaparição do corpo), depois de removida a pedra e dada a ordem imperiosa por Jesus para que Lázaro saísse do túmulo.

Encarando a questão pelo lado científico, observamos uma bela cura de catalepsia operada com o auxílio do magnetismo, de que Jesus era o maior de todos os representantes. Aliás, em todas as suas curas não adotava outro processo. Quem passar uma vista de olhos sobre as curas operadas pelo grande Mestre, verá que nenhum outro processo foi por ele empregado, senão a imposição de mãos e a palavra; ao parálítico ele disse: “Toma o teu leito e caminha”; ao cego disse: “Vê”; ao surdo: “Ouve”, e assim por diante.

Está a ciência de hoje muito mais adiantada que a de dois mil anos atrás, principalmente a Medicina? Estamos a apostar que mesmo com o auxílio dos soros e das transfusões, os

grandes esculápios do nosso país e do estrangeiro não são capazes de ressuscitar os Lázaros que caminham todos os dias para os túmulos!

A propósito deste esclarecimento sobre a ressurreição de Lázaro, parece oportuno passar para estas páginas o modo de ver dos Espíritos, exarado em *A Gênese Segundo o Espiritismo* sobre as Ressurreições.

Tratando das “ressurreições” da filha de Jairo e do filho da viúva de Naim, narrados nos Evangelhos, eles dizem: “O fato da volta à vida corporal de um indivíduo realmente morto, seria contrário as leis da Natureza. Ora, não é necessário recorrer a essa derrogação para explicar as ressurreições operadas pelo Cristo.

“Em certos estados patológicos, quando o Espírito não está mais no corpo, e o perispírito apenas a ele adere por alguns pontos, o corpo tem todas as aparências da morte e afirma-se uma verdade absoluta, dizendo que a vida está por um fio. Este estado pode durar mais ou menos tempo; certas partes do corpo podem mesmo entrar em decomposição sem que a vida esteja definitivamente extinta. Enquanto se não romper o último fio, o Espírito pode, quer por uma ação energética da sua própria vontade, quer por um *influxo fluídico estranho, igualmente poderoso*, ser de novo chamado ao corpo. Assim se explicam certos prolongamentos da vida contra toda a probabilidade, e certas supostas ressurreições. É a planta que brota de novo muitas vezes por uma só das suas radículas; mas, desde que as últimas moléculas do corpo carnal, ou este último, fique em estado de corrupção irreparável, a volta à vida é impossível”.

Fica assim bem entendida a ressurreição de Lázaro, sob o ponto de vista científico.

Vitimado ou não por uma catalepsia, ou por outra moléstia qualquer, o fato é que a morte era aparente e não real; não

se havia rompido o último fio, o perispírito ainda se achava ligado ao corpo por alguns pontos. Jesus, com seu grande poder, supriu as deficiências do paciente e fê-lo voltar à vida corpórea, reconstituindo-lhe o organismo afetado.

Encaremos agora o caso pelo lado religioso.

Sendo o objeto principal de Jesus dignificar a sua doutrina com fatos emocionantes que influíssem no cérebro e no coração de seus discípulos, não quis excluir da sua tarefa na Terra, as curas, por saber que são elas que mais influem na conversão de infieis. E durante toda a sua peregrinação no mundo, onde quer que encontrasse um enfermo por curar, um paralítico deitado, um hidrópico em ofegante dispnéia, um cego, um surdo, um mudo, um leproso, com um aceno de suas divinas mãos, com uma palavra ungida de misericórdia, com um olhar envolto de amor e de bondade, destruía aqueles males, restaurando a saúde ao paciente.

As curas de Jesus tomam um grande capítulo dos Evangelhos. Poder-se-ia com elas escrever um livro, cujos ditames concorreriam, sem dúvida, para fazer sarar muitos enfermos que, sem fé e sem consciência dos salutareos efeitos das forças superiores da Natureza, quando bem aplicadas, fariam desaparecer muitos males que afligem infelizes enfermos, que debalde imploram a saúde que a Ciência acadêmica não dá, porque esta absolutamente separada do espírito do Cristianismo.

Não se diga, porém que essas curas se fizeram exclusivamente sob a direção de Jesus, ou que foi Jesus o único que a fez, em virtude da sua divindade miraculosa.

Em todos os tempos e em todos os países as curas espíritas têm sido objeto de meditação e admiração. E o próprio Jesus, quando organizou o seu Colégio Apostólico e enviou os apóstolos, dois a dois, a pregarem o Evangelho, uma das principais coisas que lhes recomendou foi: “Curai os enfermos,

ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demônios; de graça recebestes, de graça daí". (Mateus, X, 8).

Não vem ao caso mais citações, que não cabem nesta breve dissertação.

Conclui-se que, seja sob o ponto de vista científico, seja sob o ponto de vista religioso, a ressurreição de Lázaro é uma das grandes lições que o moço nazareno nos legou; é indispensável, portanto, que a estudemos atenciosamente.

Mais duas palavras e terminaremos.

Ressurreição é termo que pode ser empregado sob o ponto de vista material e espiritual.

Quando dizemos que tal indivíduo "ressuscitou", afirmamos que ele reapareceu, porque "ressuscitar" quer dizer "reaparecer".

Esse reaparecimento se pode dar em corpo carnal ou em Espírito. Por exemplo: Lázaro "ressuscitou", reapareceu com seu corpo carnal, que todos já julgavam morto. Mas os "mortos" também ressuscitam em *corpo espiritual*. Foi assim que Moisés e Elias ressuscitaram no Tabor, assim Samuel ressuscitou no Endor, assim Jesus Cristo ressuscitou em Jerusalém e circunvizinhanças. Destes morreram os corpos carnis, mas eles ressuscitaram em seus corpos espirituais.

A imortalidade não é apanágio do corpo material, mas sim do corpo fluídico, celeste, espiritual.

A ressurreição de Lázaro foi uma manifestação física do poder de Jesus; a ressurreição de Jesus foi uma graça psíquica da sabedoria divina.

CONCLUSÃO

As várias edições desta obra demonstram a sua boa aceitação, a atenção que lhe têm dispensado estudiosos e espíritos de boa vontade.

É sinal de que este livro, representando o Espírito do Cristianismo, longe de constituir uma obra de princípios dogmáticos, ou de um credo personalista, guia o neófito no estudo dos Evangelhos, não só sob o ponto de vista religioso, como também moral, filosófico e científico.

De fato, não é possível separar a religião desses outros fatores da elevação humana: Moral, Filosofia, Ciência, assim como não podemos compreendê-la sem os fundamentos sólidos, objetivos e subjetivos da imortalidade. Convém repetir, pois, o que ficou exarado nas edições anteriores.

A imortalidade para nós é tudo. É por ela que o mundo gira, os pássaros cantam, as feras rugem, os homens se movimentam e a luz se faz. A imortalidade é a vida, e a religião está na vida para poder estar em Deus.

De que valeria o conjunto das magníficas parábolas do Mestre sem a imortalidade, sem a certeza da sobrevivência para aquisição da felicidade prometida.

De que valeriam seus imaginosos ensinamentos, envoltos em tanta doçura e humildade, seus apelos constantes de amor ao próximo, de amor a Deus, de desprendimento das coisas da Terra, de paciência nas provas, de indulgência para com os que nos ferem, de perdão, de constante exercício para a perfeição, sem a sobrevivência, sem a imortalidade?

Das parábolas de Jesus e seus ensinamentos ressaltam as chispas de fogo que formam a eterna chama que ilumina a nossa vida imortal. Não constituem unicamente um apelo à caridade, mas

antes uma demonstração da fé que dá a esperança, e da esperança que nos incita a trabalhar pelo nosso progresso, para sermos os próprios arquitetos da nossa existência futura, seja neste mundo ou em mundos extraterrestres, para os quais devemos voltar as nossas vistas.

O escopo das reedições desse livro é, pois, espiritualizar o homem, levá-lo à posse de si mesmo, entoar em seu íntimo um hino à imortalidade, fazer repercutir em sua alma as sublimes estrofes do ressuscitado, os seus incessantes convites para que o sigamos, as suas reiteradas afirmativas de uma vida infinita, através dos mundo que constituem as moradas da casa de Deus e do tempo sem ampulheta e sem ponteiros, para aqueles que já se certificaram de que a vida é sucessão contínua de progresso para a perfeição, e que, quanto mais perfeitos são os Espíritos, maiores são as suas faculdades para estudarem os enigmas do Universo, as maravilhas da Criação.

Não há morte, não há fim; há passagem de um estado de inferioridade para um estado de superioridade, gradativa, sem hiatos, sem abismos, sem saltos bruscos, porque, na Natureza, seres e coisas obedecem a uma mesma lei de Relatividade, lei justa e eqüitativa promulgada nos conselhos de Deus! Toda criação goza dessa graça, todos os seres dela vivem e se alimentam, nela crescem, progridem, tornam-se adultos no entendimento, e, emergindo do instinto, flutuam no oceano luminoso da inteligência onde cantam a sua gloriosa epifania.

Permita o Supremo Senhor que esta despreziosa obra leve aos lares em que entrar, a paz, a esperança e a fé; que seja ela, para os que a compulsarem um fardo leve, um jugo suave, onde possam encontrar arrimo, orientação para uma vida nova, um consolo a mitigar dores ocultas, uma porta aberta para a verdade, para o amor, para a felicidade!

Jesus Cristo nos auxilie para que alcancemos com facilidade a graça prometida!

OUTRAS OBRAS DO AUTOR QUANDO ENCARNADO

Cairbar Schutel

O BATISMO

O BATISMO

Com a vinda de Jesus, o batismo de João (imersão na água) e outros rituais ainda praticados, perderam seu valor. O autor, neste sucinto trabalho, esclarece, à luz da razão, que essas "práticas" não representam o pensamento de nosso querido Mestre Jesus.

CÓDIGO 05002 - 40 PÁGINAS
FORMATO: 10,5X15CM

CAIRBAR SCHUTEL

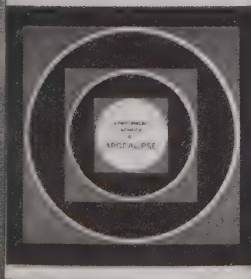


O ESPÍRITO DO CRISTIANISMO

O autor enfatiza a intenção de concorrer para que a **idéia religiosa** se estreite cada vez mais com a **idéia da imortalidade**, para que o Evangelho mereça um lugar de destaque no nosso coração e aí possa o Espírito de Jesus Cristo erigir sua cátedra.

CÓDIGO 05020 - 336 PÁGINAS

CAIRBAR SCHUTEL



INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE

É o livro das predições, que narra em suas linhas gerais, aquilo que havia de suceder no mundo religioso.

CÓDIGO 05028 - 112 PÁGINAS

PRECES ESPÍRITAS

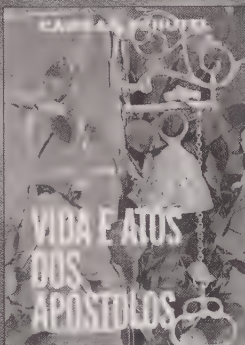
Cairbar Schutel

PRECES ESPÍRITAS

"A principal qualidade da prece é ser clara, simples, concisa, sem fraseologia inútil nem luxo de epítetos, que não passam de enfeites europeus".

CÓDIGO 05044 - 96 PÁGINAS

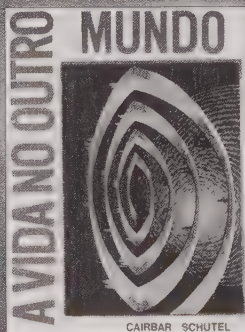
FORMATO: 10,5X15CM



VIDA E ATOS DOS APÓSTOLOS

Trata-se de uma compilação de "Atos dos Apóstolos", comentada e ampliada pelo autor com dados históricos obtidos sobre a vida dos Apóstolos e sua ação.

CÓDIGO 05054 - 288 PÁGINAS



A VIDA NO OUTRO MUNDO

No Mundo Espiritual: "Os rios são gloriosos, tão perfeitamente puros e incorruptos, que dentro deles, podemos andar, sentar na água e senti-la, cobrir-nos e dela sairmos refrescados..."

CÓDIGO 05055 - 160 PÁGINAS

Demais obras: Cartas a Esmo; Conferências Radiofônicas; O Diabo e a Igreja; Espiritismo e Protestantismo; Fatos Espíritos e as Forças X - Espiritismo e Materialismo; Gênese da Alma; Médiuns e Mediunidades.

CARO LEITOR

Maneira simples de você ficar bem informado sobre as conquistas do Espiritismo no Brasil e fora dele. Assine o jornal **O Clarim** e a **Revista Internacional de Espiritismo**. O que mais você tira destas duas publicações é o conteúdo doutrinário.

* * * * *

Se não encontrar nas livrarias o livro espírita de sua preferência, peça-o diretamente através do Serviço de Reembolso Postal, pelo Fax (0XX16) 282-1647, home page: <http://www.oclarim.com.br> ou através do e-mail: oclarim@oclarim.com.br

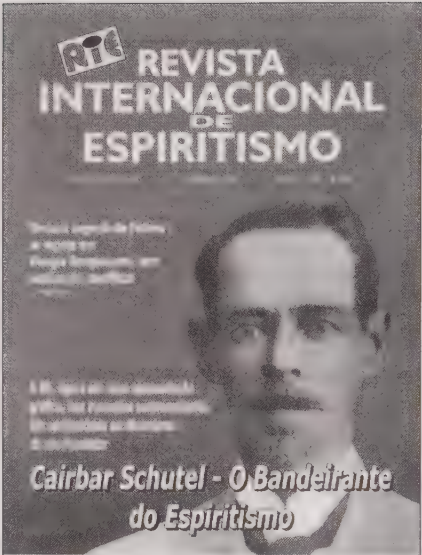
* * * * *

Também fornecemos gratuitamente, desde que solicitado, o catálogo dos livros por nós editados.

* * * * *

CASA EDITORA O CLARIM
Rua Rui Barbosa, 1070 — CEP 15990-000
— MATÃO - SP

Fique bem informado sobre o Espiritismo no Brasil e no Exterior.





O CLARIM

ORGÃO MENSAL DE DIVULGAÇÃO DA DOUTRINA ESPIRITA

— Página 7 —

“Com perseverança, colherá o fruto dos seus trabalhos. A alegria que experimentarás vendo a Doutrina propagar-se e ser bem compreendida, ser-lhe-á uma recompensa, cujo inteiro valor talvez venha a reconhecer mais no futuro que no presente.”



Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo



Dr. Edgar Curi em Vitória no Brasil

Atividade desenvolvida no município de Vitória, Espírito Santo, em 1997, sob a orientação do Dr. Edgar Curi, Codificador do Espiritismo.

UNDA MISTÉRIO

Tempo de oração
Sem a presença física
Apenas a presença espiritual
A comunicação com o mundo espiritual
A comunicação com o mundo espiritual
A comunicação com o mundo espiritual
A comunicação com o mundo espiritual

Torne-se assinante destes dois periódicos mensais.

e dele se tornou um dos maiores propagandistas. O seu trabalho logo começou a aparecer: Fundou em 15 de julho de 1905 o Centro Espírita Amantes da Pobreza. A 15 de agosto desse mesmo ano, lançou à luz da publicidade "O Clarim", em formato pequeno, que logo se ampliou, atingindo sua tiragem de 10.000 exemplares nos últimos anos. Além disso fazia propaganda da doutrina por meio de boletins e panfletos, fazendo ainda conferências nas cidades circunvizinhas. Sua atividade não parou. Assim foi que a 15 de fevereiro de 1925 fundou a "Revista Internacional de Espiritismo", dedicada aos estudos anímicos e espíritas. Tanto "O Clarim" como a Revista Internacional de Espiritismo continuam sendo editados mensalmente. Seu trabalho não se resumiu nessas duas publicações. Apareceram de sua brilhante pena os seguintes livros: Espiritismo e Protestantismo, 09/1911; História e Fenômenos Psíquicos, 12/1911; O Diabo e a Igreja, 12/1914; Médiuns e Mediunidades, 08/1923; Gênese da Alma, 09/1924; Materialismo e Espiritismo, 12/1925; Fatos Espíritas e as Forças X..., 05/1926; Parábolas e Ensinos de Jesus, 01/1928; O Espírito do Cristianismo, 02/1930; A Vida no Outro Mundo, 10/1932; Vida e Atos dos Apóstolos, 02/1933 e Conferências Radiofônicas, 09/1937.

Cairbar não dava só a sua inteligência em proveito do seu próximo. Oferecia o seu coração socorrendo os pobres e os enfermos com grande dedicação.

Nota da Editora: No livro Cairbar Schutel – O Bandeirante do Espiritismo (Edições "O Clarim") o caro leitor encontrará amplos dados biográficos do autor desta obra.

Parábolas e Ensinos de Jesus

“De fato, não é possível separar a *Religião* desses outros fatores da elevação humana: *Moral, Filosofia, Ciência*, assim como não podemos compreendê-la sem os fundamentos sólidos, objetivos e subjetivos da *Imortalidade*”. Assim se expressa Cairbar Schutel na *Conclusão* deste livro.

Editada pela primeira vez em janeiro de 1928, portanto há mais de 90 anos, esta obra, em suas sucessivas edições, continua despertando enorme interesse nos milhares de leitores que encontram em suas páginas, escritas de maneira clara e objetiva, o entendimento racional no que diz respeito à interpretação das *Parábolas e Ensinos de Jesus*, à luz da Doutrina Espírita.

757-AAQ-722



757-AAQ-722

ISBN 85-7357-006-7



9 788573 570069